

**BOLETIM DA  
BIBLIOTECA GERAL  
DA UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA**

**VOL. 46/47 (2015/2016)**



(Página deixada propositadamente em branco)

# Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

VOL. 46/47 (2015/2016)



COIMBRA, 2017

## **FICHA TÉCNICA**

### **DIRETOR**

José Augusto Cardoso Bernardes

### **COORDENADORA**

Iuliana Filimon Barros Gonçalves

### **EQUIPA EDITORIAL**

A. E. Maia do Amaral (BGUC – aemaia@bg.uc.pt)

Ana Maria Eva Miguéis (SIBUC – evamigueis@sib.uc.pt)

Isabel João Vaz Ramires (BGUC – iramires@bg.uc.pt)

Iuliana Filimon Barros Gonçalves (BGUC – ifilimon@bg.uc.pt)

José Augusto Cardoso Bernardes (FLUC, BGUC – augusto@ci.uc.pt)

Maria de Fátima Moura Carvalho (BGUC – fmoura@bg.uc.pt)

Maria Luísa de Sousa Machado (BGUC – lmachado@bg.uc.pt)

### **SECRETARIADO DA REDAÇÃO**

Jaqueline Neves, BGUC

### **PROPRIEDADE**

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

### **MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA**

Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Largo da Porta Férrea

3000-447 Coimbra

E-mail: boletim@bg.uc.pt

URL: <http://www.uc.pt/bguc/>

### **EDIÇÃO**

Imprensa da Universidade de Coimbra

E-mail: [imprensauc@ci.uc.pt](mailto:imprensauc@ci.uc.pt)

URL: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

### **INFOGRAFIA**

Imprensa da Universidade de Coimbra

**ISSN 0870-0273 (impresso)**

**ISSN 1647-8436 (em linha)**

**DEPÓSITO LEGAL 431919/17**

**DOI DA REVISTA 10.14195/1647-8436**

**PERIODICIDADE** Anual

Os artigos são da inteira responsabilidade dos seus autores.

© Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e Imprensa da Universidade de Coimbra

# Sumário

Estatuto Editorial .....	7
--------------------------	---

## NOTA DE APRESENTAÇÃO

A Biblioteca Geral como parte (essencial) da Universidade <i>José Augusto Cardoso Bernardes</i> .....	11
--	----

## ARTIGOS

Breves palavras sobre o <i>Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra</i> <i>Iuliana Filimon Barros Gonçalves</i> .....	17
Uma Universidade que se renova <i>Fernando Taveira da Fonseca</i> .....	29
O edifício da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (1936-1956) <i>João Pedro Cardoso Gomes da Costa</i> .....	49
A Casa da Livraria da Universidade de Coimbra ao tempo de D. João V <i>Pedro Miguel Ferrão</i> .....	63
Livros e Bibliotecas: encontros (in)dispensáveis no processo de aprendizagem? <i>Madalena Alarcão</i> .....	73
Joaquim de Carvalho: O <i>clerc</i> Universitário <i>Paulo Archer de Carvalho</i> .....	83
O fundo António de Lima Fragoso na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra <i>Isabel João Ramires, Sandra Nogueira</i> .....	103
Eis Bocage... <i>Daniel Pires</i> .....	135
Variantes de um poema juvenil de Mário de Sá-Carneiro <i>A. E. Maia do Amaral</i> .....	143

Libraries: the uncomfortable need to select <i>José Augusto Cardoso Bernardes</i> .....	153
Missão de formação na Biblioteca da Universidade Pedagógica de Cracóvia <i>Ana Eva Miguéis</i> .....	157

## VIDA DA BIBLIOTECA

Atividades culturais 2015-2016.....	169
-------------------------------------	-----

## ANEXOS

Sumários do <i>Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra</i> , Vol. I (1914) - vol. III (1916), e do <i>Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra</i> , Vol. IV (1917) - vol. XLV (2014).....	189
Catálogo dos Manuscritos e dos Impressos Musicais do Fundo António de Lima Fragoso.....	225
Catálogos de exposições bibliográficas	
“Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto : o livro do deslumbramento .....	265
Vida e obra de T. S. Eliot (1888-1965) .....	275
Bocage (1765-1805) : 250 anos do seu nascimento .....	283
VI Centenário da Tomada de Ceuta em 21 de Agosto de 1415 .....	291
Fernando Pessoa (1888-1935) : os rostos plurais .....	297
William Shakespeare (1564-1616).....	305
Mário de Sá-Carneiro (1890-1916).....	319
Gravuras de Coimbra .....	331
400 anos da morte de Miguel de Cervantes (1547-1616).....	337
A Conimbriga Urbe ad Orbem – De Coimbra para o Mundo.....	347

# Estatuto Editorial

## 1. Âmbito e objetivo do *Boletim*

O *Boletim* tem como principal objetivo o estudo e a divulgação dos fundos documentais da Biblioteca Geral e de todas as bibliotecas da Universidade de Coimbra.

Encontra-se aberto a toda a comunidade científica para a publicação de trabalhos no âmbito da Biblioteconomia e da Cultura, dando preferência aos que tenham por objeto acervos existentes na Universidade ou com eles relacionados.

Colaborarão na revista, por convite e/ou sob proposta de submissão, com artigos originais, resenhas, notícias ou outro tipo de trabalhos, especialistas em ciências da informação e da documentação e outros investigadores de reconhecida idoneidade e mérito.

Com uma periodicidade anual, o *Boletim* é publicado em versão impressa e em versão eletrónica. O formato eletrónico pode ser acedido na plataforma *Impactum* da UC-Digitalis ([https://digitalis.uc.pt/content/uc\\_impactum](https://digitalis.uc.pt/content/uc_impactum)).

## 2. Informações para os Autores

### **Seleção dos artigos**

Os artigos propostos não devem ter sido publicados anteriormente, nem estar em processo de avaliação por outro editor.

Os artigos propostos para publicação serão submetidos à apreciação da Comissão Editorial que, se entender necessário, poderá

recorrer, para avaliação, a outros especialistas de reconhecido mérito, cabendo à Direção da revista a decisão de publicação.

### **Direitos de autor**

No caso de os autores incluírem nos seus artigos qualquer material que envolva a autorização de terceiros, é da responsabilidade do autor obter a respetiva autorização escrita, assumindo os eventuais encargos que daí possam derivar.

Ao aceitarem publicar um artigo no *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, os autores cedem à Biblioteca Geral o direito de o publicar, em formato impresso e/ou em formato digital, em qualquer momento e por tempo indeterminado, e sem quaisquer contrapartidas.

### **Apresentação dos artigos**

As propostas dos artigos para publicação devem ser acompanhadas do texto completo, título do artigo, na língua do artigo e em inglês, nome(s) do(s) autor(es) e respetivo(s) endereço(s) de e-mail, indicação da afiliação institucional, resumo (máximo 800 palavras), em português e em inglês, palavras-chave (4-6), em português e em inglês.

Os documentos devem ser entregues em formato digital (CD, PenDrive, DVD, E-mail ou serviços online de transferência de ficheiros), em formato Word, com os textos e as figuras (ilustrações, fotos, gráficos, tabelas etc.) gravados em ficheiros individuais, com indicação, no texto, do local exato onde devem ser inseridas as figuras, bem como as respetivas legendas.

### **Formatação**

Dimensões da página:

Mancha útil: 115 mm (largura) por 195 mm (altura), margem superior 25 mm, margem inferior 20 mm, margem interna 25 mm, margem externa 20 mm.

**Texto:**

Título: tipo de letra Myriad pro ou Arial, tamanho da letra 11,5 pt, espaçamento entre linhas 17,5 pt, alinhamento justificado;

Texto principal: Myriad pro ou Arial 10 pt, espaçamento entre linhas 16,36 pt, alinhamento justificado, início de parágrafo 5 mm;

Citações: Myriad pro ou Arial 10,5 pt itálico, alinhamento justificado, recuo à esquerda 10 mm;

Notas de rodapé: Myriad pro ou Arial 9 pt, espaçamento entre linhas 11 pt, alinhamento justificado;

Referências bibliográficas: Myriad pro ou Arial 9 pt, espaçamento entre linhas 13 pt, alinhamento justificado.

**Material gráfico e ilustrações:**

Formato TIFF com 300 dpi de resolução;

Idealmente, as imagens terão 115 mm de largura com altura proporcional ou 195 mm de altura com largura proporcional para o formato 160 x 230 mm da página.

**Referências bibliográficas:**

A bibliografia deverá constar no final de cada artigo.

As referências e as citações bibliográficas devem ser elaboradas de acordo com uma das seguintes normas:

Norma NP 405

Norma APA (American Psychological Association)

Para mais informações, aceder aos exemplos elaborados pela Imprensa da Universidade de Coimbra:

NP 405: [https://www.uc.pt/imprensa\\_uc/Autores/np405](https://www.uc.pt/imprensa_uc/Autores/np405)

Norma APA: [https://www.uc.pt/imprensa\\_uc/Autores/apa](https://www.uc.pt/imprensa_uc/Autores/apa)

(Página deixada propositadamente em branco)

## A Biblioteca Geral como parte (essencial) da Universidade

A Biblioteca Geral é parte da Universidade, cumprindo-lhe assumir, na medida das suas possibilidades, a estratégia que esta define e aprova nos seus órgãos de governo.

Enquanto biblioteca patrimonial e universitária, deve enriquecer, preservar e divulgar, o melhor possível, o acervo que se encontra à sua guarda. É isso que fazem as boas bibliotecas do mundo, de forma dinâmica (e não já apenas passiva), recorrendo a todos os meios que têm ao seu alcance, desde os mais convencionais aos mais avançados do ponto de vista tecnológico.

Mas a Biblioteca Geral serve a Universidade no seu todo e, nessa medida, deve estar muito atenta aos seus utilizadores diretos (estudantes, professores e investigadores), criando as melhores condições para atender às suas necessidades e expectativas, envolvendo aspetos logísticos e facilitando o acesso aos documentos.

De uma Biblioteca como a nossa, à qual é apontada uma existência de mais de 500 anos, espera-se sempre mais. Espera-se nomeadamente que ela se afirme não apenas como simples equipamento, no plano em que se encontram muitos outros, mas também como instância de reflexão.

É sabido que a Universidade deve ser vista para além da simples adição das faculdades que a integram. Nessa medida, considerando as suas limitações humanas, logísticas e financeiras, a Biblioteca Geral vem procurando estimular e facilitar a circulação e a interpenetração

de saberes. São múltiplos e variados os documentos que guarda e disponibiliza, atraindo interessados de muitas faculdades, que aqui se encontram e aprendem a conhecer-se, a respeitar-se e a colaborar mais entre si. Na Biblioteca se organizam exposições e decorrem colóquios que, por vezes, não encontram espaço fácil nas diferentes Escolas e Departamentos da Universidade. Ainda recentemente, por exemplo, a Biblioteca Geral organizou exposições documentais sobre a China, o Japão e o território de Macau, abrangendo zonas de conhecimento que não se encontram diretamente cobertas por nenhuma unidade orgânica.

Isto significa designadamente que a Biblioteca quer contribuir para que a Universidade se pense não apenas como mera adição de saberes especializados mas como a *soma transformada* de saberes que deve ser. Mas tem consciência plena de que também lhe cabe pensar-se a si própria, de modo a poder cumprir cada vez mais e melhor as suas funções e a enfrentar os novos desafios que se lhe colocam.

O *Boletim* da Biblioteca, cuja publicação agora se retoma, espera-se que com periodicidade mais regular, inscreve-se nesta exata preocupação.

Desde a sua fundação e ao longo de uma já longa história, que recobre várias designações, a publicação serviu essencialmente para acolher o pensamento dos bibliotecários que serviram a Universidade<sup>1</sup>. Quem um dia quiser abeirar-se do pensamento biblioteconómico

---

1 O *Boletim* assume-se como herdeiro do *Archivo bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, que veio pela primeira vez a lume em janeiro de 1901, com uma periodicidade mensal, e que se manteve, sem interrupções, até maio de 1913. Logo em janeiro de 1914, viria a público com uma designação ligeiramente diferente, *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Da periodicidade mensal passar-se-ia depois, em 1917, à periodicidade anual (irregular) e de novo com uma alteração de pormenor no título (*Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*), até 1997. Mantendo o mesmo título, a publicação reaparece em 2010, apenas em formato eletrónico, com dois números publicados (2010 e 2014). A partir do presente volume, a designação será *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*.

produzido em Portugal não pode, por isso, deixar de compulsar as coleções do nosso *Boletim*.

Apesar de todas as transformações ocorridas ao longo do último século, esse desígnio não perdeu atualidade nem pertinência. Ao contrário do que pode pensar-se, as bibliotecas nunca foram espaços de acomodação. Pelo contrário: basta olhar para o conjunto de transformações que nelas teve lugar nas três últimas décadas para nos apercebermos da importância dos dilemas que os bibliotecários tiveram que enfrentar e resolver. E não me refiro apenas à vertente tecnológica. Essa é e vai continuar a ser da maior importância, exigindo um constante esforço de adaptação mas também de escrutínio e prudência.

Mas há que acrescentar as mudanças de atitude que se operaram a dois outros níveis: nos utilizadores da Biblioteca (que nela esperam encontrar cada vez mais facilidades e ajudas) e nos próprios bibliotecários: se antes um bibliotecário se distinguia sobretudo pela familiaridade com os livros e pela cultura que daí resultava, justamente admirada pelos leitores que, quase sempre confinados a um saber especializado, não podiam deixar de se surpreender com quem lidava com a vastidão enciclopédica das estantes, o bibliotecário de hoje é, ele próprio também, um protagonista do saber. Não lhe basta deter um conhecimento técnico exigente, metuculoso e transversal. É necessário apurá-lo constantemente. O desafio maior que se lhe coloca, porém, situa-se no plano dos comportamentos. Ao contrário do que sucedia até há poucos anos, o investigador que hoje chega às bibliotecas constitui o reflexo das muitas mudanças que ocorreram na Academia e na Sociedade em geral. Há evidentemente perfis que se mantêm. Em regra, porém, o pesquisador que hoje se dirige ao nosso catálogo vem mais apressado, menos predisposto para a descoberta e menos possuído pela curiosidade alargada de antigamente.

Julgando interpretar corretamente a orientação dos tempos, o *Boletim* que agora se volta a publicar não é apenas de carácter técnico. Embora nele se publiquem ainda estudos dessa natureza, optámos por trazer também a lume alguns contributos relativos à missão que hoje cabe às bibliotecas universitárias. Nele têm lugar, desde logo, textos sobre bibliotecas antigas. Na Universidade em geral e nas bibliotecas de forma muito particular, os desafios do presente beneficiam muito do conhecimento esclarecido do passado. Num outro plano, dele constam também a descrição e análise de alguns acervos recentemente incorporados nas bibliotecas da Universidade de Coimbra. Ao contrário do que antes sucedia, as bibliotecas não podem limitar-se a tratar os materiais que acolhem. Têm que dar notícia da sua existência de todas as formas. Neste *Boletim* se acolhem ainda textos que resultam diretamente de exposições e outras iniciativas levadas a efeito na própria Biblioteca. A ideia de que a vida de uma biblioteca se limita à disponibilização de livros numa sala silenciosa está longe de corresponder à realidade. Para além de cumprirem essa e muitas outras missões, os bibliotecários trabalham incessantemente para atrair a atenção dos seus públicos. Nesse sentido, organizam mostras temáticas a propósito de efemérides e congressos, promovem sessões regulares para mostrar e explicar os seus tesouros e correspondem às muitas solicitações que lhe chegam da comunidade académica. Nesse sentido, a Sala do Catálogo, a Sala de São Pedro e o piso intermédio da Biblioteca Joanina constituem o espelho de uma dinâmica que constitui o reflexo honesto do que julgamos ser a nossa obrigação.

Por fim, este número duplo contém ainda um conjunto mais abrangente de reflexões que dizem respeito à Biblioteca e à Universidade sobretudo pensadas à luz da sua história.

A nossa vontade, a nossa aposta é que o presente número possa vir a assinalar uma recuperação duradoura. Não sabemos se tal será possível. Se o não for, não será por falta de vontade ou por economia de esforços.

Pelo contrário: tal como antes sucedia e hoje ocorre ainda com mais premência, as bibliotecas necessitam de ter voz e de a fazer ouvir.

**José Augusto Cardoso Bernardes**  
*(Diretor da Biblioteca Geral)*

(Página deixada propositadamente em branco)

# Breves palavras sobre o *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*

Iuliana Filimon Barros Gonçalves<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo dá conta da atividade do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra* que, 100 anos volvidos sobre a sua existência, muda de título para *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. São apresentados sucintamente os seus Diretores ao longo do tempo, bem como a evolução das ideias que presidiram às opções editoriais e escolha dos conteúdos.

## PALAVRAS-CHAVE

Universidade de Coimbra. Biblioteca Geral, publicações.

## ABSTRACT

This article reports on the activity of the *Bulletin of the Library of the University of Coimbra* that, after 100 years of existence, changes its title to *Bulletin of the General Library of the University of Coimbra*. Its Editorial Directors along the time are briefly presented, as well as the evolution of the ideas that determined the editorial options and the choice of contents.

## KEYWORDS

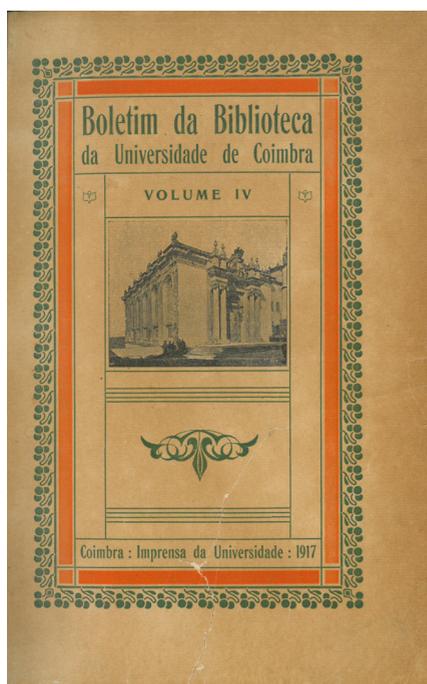
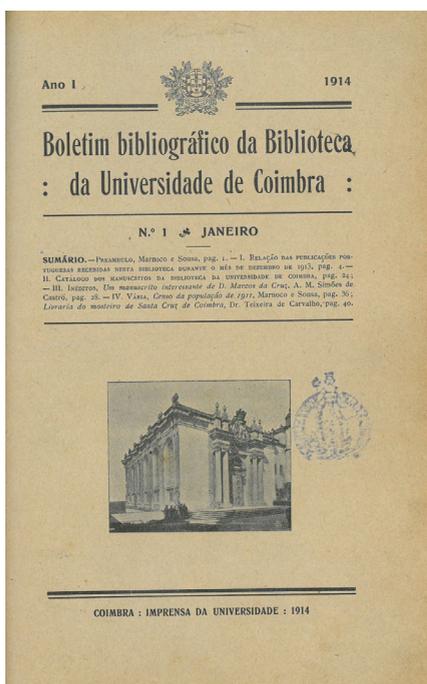
University of Coimbra. General Library, publications.

---

1 Bibliotecária da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – ifilimon@bg.uc.pt

Passados 100 anos sobre a sua existência, o *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra* muda de título, a partir do presente volume, para *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*.

A designação de «Biblioteca da Universidade» ocorre oficialmente pela primeira vez no reinado de D. Maria I, na Carta Régia de 9 de outubro de 1777 de nomeação do seu responsável, António Ribeiro dos Santos, quando a velha «Livraria»<sup>2</sup> já estava em pleno funcionamento na sua nova «Casa», a Biblioteca Joanina.



Com a criação, ao longo do tempo, de inúmeras bibliotecas especializadas, praticamente em todas as Faculdades e Departamentos, a Biblioteca da Universidade adquiriu um caráter centralizador

2 O mais antigo documento conhecido que se refere à «Livraria do Estudo» é uma Ata de 17 de fevereiro de 1513 (PT/AUC/Livro 1 dos Livros da Universidade de Lisboa de 1506 a 1526 / Tomo 1, fl. 118. Cota AUC: IV-1-ªD-1-1-1), quando a Universidade estava sediada em Lisboa, antes da sua transferência definitiva para Coimbra (1537).

e coordenador<sup>3</sup> dessas bibliotecas. Embora tenha mudado de nome para Biblioteca Central<sup>4</sup> em 1901 e, em 1918, para Biblioteca Geral<sup>5</sup>, inaugurando nova sede em 1962, o seu *Boletim* continuou com o mesmo título até hoje, quando foi decidido desfazer o «equivoco» ligado ao seu nome.

Após uma periodicidade irregular e uma interrupção entre 1998 e 2009, e depois de os volumes 44 (2010) e 45 (2014) terem sido editados apenas em formato eletrónico, a partir do volume 46/47 (2015/2016) o *Boletim* vai ser publicado anualmente e nos dois formatos, impresso e eletrónico, sendo este último disponível na plataforma Impactum da UC-Digitalis ( [https://digitalis.uc.pt/content/uc\\_impactum](https://digitalis.uc.pt/content/uc_impactum) ).

Sob a orientação do Diretor<sup>6</sup> da Biblioteca Geral e com um renovado Conselho Editorial, o *Boletim* pretende seguir o rumo traçado pelos ilustres antecessores, com a mesma qualidade que teve ao longo dos seus últimos 100 anos. Tem como principal objetivo o estudo e a divulgação dos fundos documentais da Biblioteca, bem como a valorização das suas atividades técnicas e culturais. Encontra-se aberto a toda a comunidade científica para a publicação de trabalhos no âmbito da Biblioteconomia e da Cultura, dando, no entanto, preferência aos que tenham por objeto acervos existentes na Biblioteca Geral ou com ela relacionados.

- 
- 3 Oficialmente, o papel de coordenadora dos serviços comuns e de difusora dos recursos próprios e das outras bibliotecas da Universidade foi atribuído à Biblioteca Geral por Decreto de 1901 e reforçado através do Regulamento aprovado pelo Senado em 1997. Desempenhou-o até 2007, quando foi criado o Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra (SIBUC).
  - 4 A designação de *Biblioteca Central* surge oficialmente, pela primeira vez, na al. 2 do artº 161º do Decreto nº 4 da Reforma dos Estatutos da Universidade de Coimbra, publicado no *Diário do Governo*. 294 (24 de dezembro de 1901).
  - 5 O documento mais antigo conhecido em que aparece esta designação é o *Mapa do Movimento da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra no ano de 1918*, publicado no vol. 5 (1918), p. 221, do *Boletim*.
  - 6 A designação de «Diretor», dada ao Professor nomeado para dirigir a Biblioteca, fica oficializada pelo Decreto de 24 de Dezembro de 1901 da Reforma dos Estudos da Universidade de Coimbra.

Chegada a hora desta mudança consideramos ser de interesse apontar alguns dos momentos mais marcantes da sua vida, reflexos da vida da própria Biblioteca.

O *Boletim* nasceu em janeiro de 1914 pelas mãos do então diretor da Biblioteca, José Ferreira Marnoco e Sousa (1913-1916), com o título *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*.

Vinha substituir o *Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra*<sup>7</sup>, em que «... durante quasi treze anos, sob a direcção inteligente e prestigiosa do prof. Mendes dos Remédios e com a cooperação erudita do Sr. Dr. Simões de Castro, se propôs publicar o catálogo das obras recebidas nesta Biblioteca, o catálogo dos manuscritos nela existentes, e os inéditos de algum valor histórico»<sup>8</sup>. Por sua vez, esta publicação já tinha tido um primeiro «ensaio» no *Archivo Bibliographico*<sup>9</sup> editado pela Imprensa da Universidade entre 1877 e 1878.

A nova publicação surgiu para obedecer a uma exigência legal datada de 4 de setembro de 1913, visando o controlo das publicações nacionais recebidas pelas bibliotecas beneficiárias por imposição da Lei da Imprensa de 11 de abril de 1907. Neste sentido, cada biblioteca era obrigada a enviar, ao então Inspetor das Bibliotecas Eruditas e Arquivos, a relação de todas as obras entradas mensalmente. Para dar cumprimento a esta exigência, num ofício enviado à Biblioteca, o Inspetor indicava a Biblioteca do Porto como modelo a seguir na organização das referências bibliográficas. Citamos do *Preâmbulo* do primeiro número do *Boletim Bibliográfico*:

«A Lei de 12 de abril de 1907 determinou que se enviasse um exemplar de todas as publicações não só às bibliotecas públicas de Lisboa e Pôrto,

7 Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra. Coimbra : Imprensa da Universidade, Vol. 1, nº 1 (jan. 1901) – vol. 13, nº 5 (maio 1913).

8 SOUSA, José Ferreira Marnoco e – Preâmbulo. *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Vol. 1, nº 1 (jan. 1914), p. 3.

9 Archivo Bibliographico. Coimbra : Imprensa da Universidade, Nº 1 (1877) – nº 21 (1878).

*mas também à das Universidade de Coimbra (artigo 34º). O decreto com força de lei de 28 de outubro de 1910 conservou este benefício à Biblioteca da Universidade de Coimbra (artt. 8º e 9º).*

*O Governo actual, no louvável intuito de tornar efectivas estas disposições, preceituou no decreto de 4 de setembro de 1913 que as referidas bibliotecas enviassem ao Inspector das Bibliotecas Eruditas e Arquivos relação mensal de todas as obras nelas entradas por imposição do decreto de 28 de outubro de 1910, a fim de que, feita a comunicação de todas as transgressões ao respectivo delegado do Procurador da República, se procedesse nos termos da lei (artt. 4º e 5º). Para dar cumprimento a esta exigência legal, a Biblioteca do Pôrto iniciou a publicação de um boletim mensal contendo aquela relação, organizada segundo critérios sistemáticos, dignos de serem imitados. Por isso, o Inspector das Bibliotecas e Arquivos chamou, em ofício de 9 de dezembro de 1913, a nossa atenção para esta publicação, como sendo aquela que deveria ser tomada por modelo para dar satisfação aos preceitos legais.*

*E assim aparece este boletim, em que daremos notícia de todas as publicações portuguesas entradas na Biblioteca da Universidade de Coimbra, em virtude da lei da imprensa.»<sup>10</sup>*

Divergindo da publicação anterior no sentido de não inserir a relação das obras estrangeiras adquiridas por compra ou oferta, o novo *Boletim* propôs-se continuar a linha traçada por aquela, a sua organização ficando assim definida no *Preâmbulo* já mencionado:

*«E assim este boletim conterà as seguintes secções:*

- I. Relação das publicações portuguesas, recebidas na Biblioteca.*
- II. Catálogo dos manuscritos existentes na Biblioteca (continuação da publicação iniciada no Arquivo Bibliográfico).*
- III. Inéditos.*

10 SOUSA, José Ferreira Marnoco e – *Preâmbulo. Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Vol. 1, nº 1 (jan. 1914), p. 1-3.

IV. *Vária* (Artigos sôbre raridades bibliográficas, assuntos históricos e questões da vida económica e social).»

A decisão da não inclusão da lista das obras estrangeiras fica revogada por Marnoco e Sousa em 1915, com a seguinte justificação: «... o conhecimento da relação dessas obras, muito avolumada pelo serviço das trocas internacionais, tem grande interesse para os leitores.»<sup>11</sup>

A Marnoco e Sousa se deve também o início da publicação, na secção *Vária*, das estatísticas do movimento da Biblioteca. Assim, no nº 9 do vol. 1, apresenta, relativamente ao ano letivo de 1913/1914, informações mensais acerca das obras adquiridas por compra, oferta e a Lei da Imprensa, da frequência da Biblioteca e do número de obras consultadas. A estatística de Marnoco e Sousa tem um particular interesse, não somente por ser a primeira publicada no *Boletim* mas também porque regista a frequência da Biblioteca por sexo masculino, por sexo feminino e por visitante, e o número das obras consultadas, por áreas do conhecimento. Interessante ainda é o facto de acrescentar um estudo comparativo com os anos anteriores, recuando até 1905.

Com o falecimento de Marnoco e Sousa, à frente do *Boletim* ficou Augusto Joaquim Alves dos Santos, diretor da Biblioteca entre 1916-1924.

Logo na *Advertência* do primeiro fascículo que dirigiu, além das secções já estabelecidas, Alves dos Santos anuncia a criação de uma nova secção de «*Trabalhos originais sôbre ciência, arte, educação e literatura (baseados em publicações entradas na Biblioteca)*», afirmando que «... para conseguimento dêste fim, carecemos do auxílio e da cooperação dos nossos colegas no magistério; mas temos fé em que a tal

---

11 SOUSA, José Ferreira Marnoco e – Preâmbulo. *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Vol. 2, nº 1 (jan. 1915), p. (1).

*nenhum se recusará, tam manifestas são as vantagens que daí provirão para o ensino público e para o prestígio da nossa Universidade.»*<sup>12</sup>

Na mesma *Advertência* assume a continuação da publicação das estatísticas do movimento da Biblioteca iniciada por Marnoco e Sousa. Com efeito, na secção *Vária* do vol. 3, nº 4/6 (abr./jun. 1916), apresenta uma estatística numérica e gráfica amplamente comentada relativamente ao 1º semestre de 1916. Para além dos parâmetros abordados por Marnoco e Sousa, acrescenta outros como as obras consultadas por Faculdades, e a frequência diurna e a frequência noturna, embora os dados relativos a esta última sejam prometidos para a próxima estatística. Tal não vai acontecer até à estatística referente aos anos de 1935 a 1938, publicada no vol. 14 (1938) sob a direcção de Providência e Costa, quando o Serviço Noturno ficou finalmente estabilizado por Decreto em 1935<sup>13</sup>, embora haja notícias da sua prática desde, pelo menos, o *Regulamento* de 1873. Relativamente às obras consultadas, na estatística do 1º semestre de 1917, Alves dos Santos aplica a classificação dos assuntos em conformidade com o *Novo Catálogo Metódico* de 1916, elaborado pela Biblioteca e publicado no vol. 3, nº 4/6 do *Boletim*. Este instrumento de trabalho vinha substituir o *Catálogo Metódico de 1900*, da mesma autoria e adotado oficialmente pelas bibliotecas eruditas em 1911, mas que já não correspondia às exigências da ciência moderna e da reforma dos estudos superiores realizada entretanto pela República.

Alves dos Santos prosseguiu os esforços do seu antecessor para a sistematização das referências bibliográficas, impulsionou a organização e o desenvolvimento dos catálogos e deu início à elaboração e à publicação, no *Boletim*, a partir do vol. 4, nº 7/12 (1917), do *Catálogo*

---

12 SANTOS, Alves dos – *Advertência. Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Vol. 3, nº 2/3 (fev./mar. 1916), p. 39-40.

13 Dec-Lei nº 23.894, de 23 de maio de 1934, regulado pelo Artº 43 do Dec-Lei 26.115 de 23 de novembro de 1935.

das *Dissertações da Universidade de Coimbra*, organizado por ordem cronológica. A partir do vol. 7, nº 1/12 (1922), iniciou a publicação do *Catálogo dos Reservados*, conforme previsto no artigo 1º do *Regulamento da Biblioteca de 1919*<sup>14</sup>.

Com o vol. 4, n. 1/6 (jan./jun. 1917) Alves dos Santos mudou o título da publicação para *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, deixando cair a palavra «bibliográfico», embora o título corrente impresso na margem superior de cada página tenha continuado como *Boletim Bibliográfico* até ao vol. 6 (1919/1921). E assim se manteve até hoje. Não houve nenhuma explicação pela mudança mas parece óbvio que o novo título foi considerado mais adequado, uma vez que o *Boletim* começou a exceder a sua função inicial de fornecer predominantemente referências bibliográficas. Nas suas páginas começaram a trazer o contributo de variadas áreas do conhecimento ilustres professores da Universidade de Coimbra como Carolina Michaelis de Vasconcelos, Luciano Pereira da Silva, Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, José Caeiro da Mata e Rodolfo Guimarães.

Após a morte de Alves dos Santos, em janeiro de 1924, a coordenação do *Boletim* foi assegurada por José Ernesto Marques Donato, diretor interino até à nomeação, em janeiro de 1927, de Joaquim de Carvalho como Diretor da Biblioteca, função que exerceu até agosto de 1931. Seguiram-se João da Providência e Costa (interino 1932-1934, efetivo 1934-1936 e 1938-1940), Damião Peres (1940-1944), Manuel Lopes de Almeida (1945-1970), César Pegado (interino 1962?- 1971), Guilherme Braga da Cruz (1971-1977), Luís de Albuquerque (1978-1987), Aníbal Pinto de Castro (1988-2004), Carlos Fiolhais (2004-2011), José Augusto Cardoso Bernardes (a partir de 2011).

Sob a direção de João da Providência e Costa promoveu-se uma série de ações «... com o fim de tornar a *Biblioteca Geral da Universidade*

---

14 Regulamento da Biblioteca. *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Vol. 6, nº 1/12 (1921), p. 323-331; e também no Diário do Governo. I Série. 222 (31 outubro de 1919)

*centro vivo de actividade espiritual e, paralelamente ou consequentemente, fazer crescer o número dos seus leitores, interessando-os em novos aspectos da literatura ou da vida cultural, criando novas curiosidades de espírito na comunidade e associando a Biblioteca ao renascimento material e mental da Nação...*»<sup>15</sup> Assim, foram realizadas exposições bibliográficas de revistas científicas e literárias estrangeiras, de obras de grandes escritores nacionais e estrangeiros, e das últimas aquisições da Biblioteca, com a publicação, no *Boletim*, dos respetivos catálogos. O *Catálogo das Revistas Nacionais e Estrangeiras Recebidas nas principais Bibliotecas de Coimbra* e o *Catálogo dos Livros de Medicina dos Sécs. XV e XVI expostos por ocasião do III Congresso internacional de História das Ciências* de 1934 foram publicados como Suplementos ao vol. 11 (1934) do *Boletim*.

No mesmo sentido, foram realizadas, ao longo do ano académico de 1934/1935, uma série de conferências e cursos de extensão universitária, de cultura nacional e estrangeira. Estas «lições» iriam ser publicadas em seis volumes independentes, de 1935 a 1937, como Suplementos aos volumes 12 e 13 do *Boletim*. A sua edição seria da responsabilidade da Biblioteca Geral, em consequência da extinção, por Salazar, em 1934, da Imprensa da Universidade.

A atividade editorial desempenhada pela Biblioteca Geral, lado a lado com as Faculdades de Letras, de Direito, de Medicina, de Farmácia e de Ciências prolongar-se-ia até 2009, quando foi inteiramente reencaminhada para a Imprensa, que tinha sido reativada em finais do século XX. Durante esse período, além das suas produções próprias (o *Boletim da Biblioteca*, os *Sumários das Publicações Periódicas Portuguesas*, as coleções *Catálogos e Bibliografias* e *Divulgação Bibliográfica*, o *Catálogo de Manuscritos*, o *Catálogo da Coleção de Miscelâneas*, etc.), a Biblioteca Geral assegurou a publicação de centenas de obras. Para darmos alguns exemplos, mencionamos a *Revista da Universidade de*

15 COSTA, João da Providência e – Duas palavras de apresentação. *Boletim da Biblioteca da Universidade. Suplemento ao vol. XII*. Vol. 1 (1935), p. [V].

Coimbra, parte da *Monumenta Henricina* e a série *Acta Universitatis Conimbrigensis*. Muito se deve neste sentido a Manuel Lopes de Almeida, diretor da Biblioteca de 1945 a 1970. Também a ele se deve a abertura do novo edifício (1962), a renovação do quadro do pessoal, a incorporação das bibliotecas do Visconde da Trindade e de Pedro de Moura e Sá, e a publicação do *Catálogo dos Reservados*, este último no vol. 79 (1970) da *Acta Universitatis Conimbrigensis*.

Após Lopes de Almeida, a obra editorial da Biblioteca Geral foi continuada por Guilherme Braga da Cruz (1971-1977), Luís de Albuquerque (1978-1987) e Aníbal Pinto de Castro (1988-2004).

No que concerne ao *Boletim da Biblioteca*, no amplo *Relatório* enviado ao Diretor-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes em 12 de Janeiro de 1967, citado por Guilherme Braga da Cruz no *Relatório respeitante ao ano de 1971*, chama-se a atenção para a importância de que o *Boletim* se reveste para os investigadores nacionais e estrangeiros, e para a permuta internacional com outras publicações, tendo em vista o enriquecimento dos fundos:

«... é um repositório de estudos bibliográficos do mais alto nível a que os investigadores nacionais e estrangeiros recorrem amiúde. Além disso, e a título subsidiário, têm-se-lhe aditado Suplementos que, como é óbvio, não deveriam ser incluídos no contexto do próprio *Boletim*, pois o carácter das suas matérias ou a unidade que os mesmos constituem exigem a adopção de tal solução, sob pena dessas obras correrem o grave risco de sofrer qualquer diminuição como resultado da sua apresentação gráfica. Por seu turno, as *Separatas*, do *Boletim* destinam-se a retribuir, de alguma forma, as gentilezas dos seus colaboradores que, obsequiosamente e sem mais encargos para a publicação, lhe cedem os seus trabalhos. Infelizmente, a insuficiência da verba orçamentada não permite a sua publicação com aquela regularidade que era para desejar, pois o *Boletim*, as suas *separatas* e os seus suplementos, além de fornecerem preciosos elementos para os investigadores, constituem obras de larga difusão

*e de permuta internacional, frequentemente solicitados pelas grandes Bibliotecas do mundo.»*<sup>16</sup>

Durante as direções de Luís de Albuquerque e de Aníbal Pinto de Castro houve uma grande preocupação com o enriquecimento dos fundos da Biblioteca Geral, de que se dá notícia, embora sucinta, nos *Relatórios* publicados nos volumes 41 (1992), 42 (1994) e 43 (1997) do *Boletim*, bem como com a modernização dos serviços, para o que contribuíram os primeiros esforços para a informatização da catalogação das espécies. A aquisição, em 1995, do primeiro sistema integrado de gestão bibliográfica iria contribuir para a criação do Catálogo Coletivo, que associou todas as bibliotecas da Universidade de Coimbra. O volume 45 (2014) do *Boletim*, já sob a direção de José Augusto Cardoso Bernardes, foi totalmente dedicado ao assunto da automatização dos tratamentos técnicos e do acesso à informação bibliográfica. Em 2007, foi elaborado um novo *Regulamento* para a Biblioteca Geral, mais adaptado aos novos contextos de funcionamento da Universidade e das suas Unidades de Extensão Cultural e de Apoio à Formação. Encontra-se publicado no vol. 44 (2010) do *Boletim*, sob a direção de Carlos Fiolhais.

Nos últimos anos, verifica-se uma intensa atividade cultural da Biblioteca, também impulsionada pelas comemorações, em 2013, dos 500 anos da sua existência. Além de exposições bibliográficas regulares, conferências, colóquios, lançamentos de livros (algumas destas atividades sendo mencionadas na secção *Vida da Biblioteca* do presente volume do *Boletim*), foi organizado, em 2014, um Congresso Internacional dedicado ao tema *A Biblioteca da Universidade: permanência e metamorfoses*.

---

16 Relatório respeitante ao ano de 1971. *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Vol. 30 (1973), p. 404.

Até à presente data foram publicados 45 volumes do *Boletim* e dez Suplementos, dos quais destacamos o do vol. 21 (1953) dedicado ao *Índice ideográfico de O Conimbricense*, e o suplemento ao vol. 23 (1958) contendo o *Guia Bibliográfica do Dicionário Bibliográfico de Inocêncio Francisco da Silva*.

Relativamente aos conteúdos do *Boletim*, não é nossa intenção analisar aqui todos os assuntos tratados, nem aludir aos seus muitos autores. Este trabalho merece uma abordagem mais aprofundada, a implementar numa próxima oportunidade.

Sublinhamos apenas que, para além da publicação de vários *Catálogos*, alguns dos quais foram acima mencionados, de *Relatórios de Atividades*, que tanto nos informam acerca da vida da Biblioteca sob todos os seus aspetos (aquisições, leitura, atividades técnicas e culturais, preocupações com o pessoal, com os espaços nos depósitos e com a conservação das espécies, etc.), e de trabalhos puramente técnicos como, a título ilustrativo, as *Regras de Colocação de Monografias*, as *Regras de Alfabetação*, as traduções para português de normas da IFLA, tal como as várias edições da *ISBD (M)* e da *ISBD (S)*, e da *ISBD (G)* ou dos *Princípios para a Aplicação das ISBDs à Descrição de Partes Componentes* de 1988, foram publicados nas páginas do *Boletim* inúmeros estudos, maioritariamente centrados nos acervos da Biblioteca. Cerca de uma centena desses artigos foi também objeto de edição em Separatas.

Para os interessados, disponibilizamos, desde já, em **ANEXO**, os *Sumários* de todos os volumes publicados até 2014.

# Uma Universidade que se renova

Fernando Taveira da Fonseca<sup>1</sup>

## RESUMO

O percurso biográfico de D. Francisco de Lemos está intimamente ligado à Universidade num dos seus momentos cruciais. Tendo feito toda a sua formação académica em Coimbra, antes de 1772, ele irá desempenhar um papel principal na preparação e na implantação da reforma universitária que nesse ano se formaliza através dos novos Estatutos. A reforma assenta numa base institucional e económica que, em grande parte, permanece; mas opera uma revolução nos conteúdos e nos métodos de ensino. Tentaremos aqui, em síntese, traçar um quadro que englobe estas duas realidades que mutuamente se iluminam.

## PALAVRAS-CHAVE

Francisco de Lemos (1735-1822); Universidade de Coimbra, quadro institucional, reforma.

## ABSTRACT

The life story of D. Francisco de Lemos is intertwined with a crucial moment in the history of the University of Coimbra. Having completed there his academic education before 1772, he would play a major role in the preparation and the implementation of the university reform whose inception was the granting of the new statutes, in September of that year. The reform was based on previous institutional and economic grounds which underwent almost no change; but it operated a revolution in the curricula and the teaching methods. We will try here to draw a summary picture which encompasses these two realities that illuminate each other.

---

1 Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Centro de História da Sociedade e da Cultura da FLUC – fertaveira@gmail.com

**KEYWORDS**

Francisco de Lemos (1735-1822); University of Coimbra, institutional framework, reform.

O percurso biográfico de Francisco de Lemos Faria Pereira Coutinho está intimamente ligado à universidade de Coimbra: nela ingressou ainda adolescente (matriculou-se em Instituta, o primeiro ano dos estudos de Direito, a 23 de Janeiro de 1748, meses antes de completar treze anos de idade); concluiu o seu percurso estudantil passados seis anos, tomando o grau de doutor em Cânones (24 de Outubro de 1754), pouco depois de perfazer os dezanove, já como freire professor da Ordem de S. Bento de Avis e colegial – depois de ter sido porcionista - do Colégio dos Militares, do qual foi reitor de 1762 a 1766; candidato ao professorado universitário, entrou em concurso para a cadeira de Sexto das Decretais (6 de Março de 1765), tentativa infrutífera, uma vez que já se preparava, esvaziando a universidade dos seus quadros docentes, a reforma de 1772. Foi, contudo, a partir de 1770 que mais intimamente cruzou o seu destino com o da *alma mater* conimbricense: nomeado reitor em Maio desse ano, trabalhou directamente nos planos da reforma, juntamente com o seu irmão e mentor João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, na qualidade de membro da Junta de Providência Literária (que elaborou os novos Estatutos depois de ter redigido o *Compêndio Histórico -1771*, um texto crítico da realidade universitária anterior mas já também programático) e protagonizou, no terreno, a “nova fundação”, agora na qualidade de reformador-reitor, em estreito diálogo com o poder central, organizando, construindo, e finalmente fazendo a apologia (com a sua *Relação Geral do Estado da Universidade*, em 1777) da obra que ajudara a criar, num momento em que a desgraça política do principal artífice, o Marquês de Pombal, ameaçava também a sua feitura. Voltará em 1799 ao reitorado, depois de o ter deixado em

1779 para assumir exclusivamente as funções de bispo-conde de Coimbra, exercendo o novo mandato até pouco antes do seu falecimento, ocorrido em 16 de Abril de 1822<sup>2</sup>.

É desta universidade que se pretende traçar um perfil que atenda às linhas essenciais que a definem: situando-nos no momento em que se opera formalmente uma viragem substancial - o dia 29 de Setembro de 1772, no qual foram solenemente apresentados pelo Marquês de Pombal a todo o corpo universitário os novos *Estatutos* - olharemos para o antes e o depois, no intuito de perscrutar as suas características estruturais, as continuidades e as mudanças.

### “... pera bom governo, e conservação da Republica Christam”

Se em todas as comunidades “bem ordenadas” se deve procurar o serviço de Deus, “nesta Universidade ha pera isto mayor obrigação” uma vez que nela se ensina não apenas “sua santa doutrina” como igualmente “as mais sciencias necessarias pera bom governo, e conservação da republica Christam”<sup>3</sup>. Esta afirmação com que abrem os *Estatutos* que mais longamente vigoraram na universidade de Coimbra (os de 1597, denominados *Estatutos Velhos*) denota a clara consciência da dimensão social e política da universidade. Já em 1559, D. Sebastião se decidira a continuar a obra começada por seu avô, D. João III, de dar novos estatutos à escola conimbricense “por ser de tanto serviço de Nosso Senhor e bem dos meus reynos e senhorios”<sup>4</sup>.

---

2 Os dados biográficos aqui apresentados foram colhidos em: TEIXEIRA, António José – Apontamentos para a biografia de D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho. *O Instituto*. 2ª série, vol. 37 (1889-1890), p. 1-16; RODRIGUES, Manuel Augusto – *Biblioteca e bens de D. Francisco de Lemos e da Mitra de Coimbra*. Coimbra : Arquivo da Universidade de Coimbra, 1984. Introdução, p. V-XII.

3 *Estatutos da Universidade de Coimbra (1654)*. Coimbra : por ordem da Universidade, 1987. liv. I, tít. I, p. 1.

4 *Estatutos da Universidade de Coimbra (1559)*. Coimbra : Universidade de Coimbra, 1965. p. 10.

De forma bem mais explícita, passados dois séculos, D. Francisco de Lemos assinala que “não se deve olhar para a Universidade como um corpo isolado e concentrado em si mesmo, como ordinariamente se faz; mas sim como um corpo formado no seio do Estado para, por meio dos sábios que cria, difundir a Luz da Sabedoria por todas as partes da Monarquia; para vivificar e animar todos os Ramos da Administração Publica; e para promover a felicidade dos homens”<sup>5</sup>. Na mesma linha de pensamento - e seguramente com inspiração do mesmo autor - os *Estatutos* de 1772 vinculam que os “Supremos Poderes, Espiritual e Temporal” concederam às universidades a prerrogativa de conferir graus com o “único fim” de “se governarem, e regerem por eles, no provimento das Dignidades, Benefícios, Ministérios, e Empregos, que pela sua maior gravidade e importância só se costumam conferir aos que com elles se acham Graduados, na suposição de serem estes os mais sábios, e idóneos para bem servirem à Igreja e ao Estado”<sup>6</sup>. Fica assim claramente expressa a natureza instrumental da universidade, embora não menos a eminência das suas funções (preparar para o alto serviço da Igreja e do Estado) e o poder de que goza ao formular um juízo decisivo das capacidades dos que aspiram as esse alto serviço.

Daqui derivam as suas características essenciais: o elenco dos saberes que ministra; a sua organização orientada para esse múnus fundamental de ensinar e qualificar, implicando quer o exercício de um poder interno organizador, quer a exigência de financiamento; o seu relacionamento com os outros poderes, principalmente o poder régio. E ao exercer a sua função, constitui-se como lugar central de muitos percursos biográficos, pólo de uma procura social que se mede pela intensidade de uma corrente que simultaneamente a demanda e que dela flui, mensurável pelas matrículas e pelas graduações.

---

5 LEMOS, Francisco de – *Relação Geral do Estado da Universidade (1777)*. Coimbra : Por Ordem da Universidade, 1980. p. 232.

6 *Estatutos da Universidade de Coimbra (1772)*. liv. I, tit. IV, cap. VI, p. 192.

## Uma estrutura poliédrica

Ao situarmo-nos no ponto de viragem que atrás referimos, a reforma de 1772, lançaremos primeiramente um olhar retrospectivo (com particular atenção ao século XVIII) para, em seguida, nos darmos conta das principais mudanças operadas.

A estrutura da universidade organiza-se à volta da sua função central - ensinar, avaliar e graduar, envolvendo “lentes” e “ouvintes” - e inclui funções subsidiárias que poderemos resumidamente sintetizar com as designações de fazenda, justiça e serviços: o todo é enquadrado pelo exercício da autoridade na sua dupla vertente interna e externa. Exploremos brevemente cada um destes aspectos.

O elenco dos saberes ministrados - aquilo que a expressão coeva designava de ‘ciências’ - é o comum a muitas outras universidades da Época Moderna: Teologia, Direito Canónico, Direito Civil e Medicina. Se atentarmos nos níveis de frequência das respectivas faculdades, é clara a predominância jurídica (à volta de 87% entre 1577 e 1772) com primazia para o Direito Canónico (72%), aumentada em cada momento de novo surto positivo de matrículas (a partir de 1670 e no meio da década de 1720). Cânones era um curso ambivalente - para o serviço eclesiástico e para o serviço régio - e, de acordo com um testemunho, em 1752, da Mesa da Consciência e ordens à qual competia, a nível do governo central, a gestão dos assuntos universitários - decididamente mais acessível que o de Direito Civil. Medicina era uma opção menos cotada, a última das ciências, muitas vezes designada, até nos seus textos fundamentais, não como ciência mas como arte (uma pequena obra que acompanhava todo o percurso dos estudantes médicos era precisamente a *Ars Medicinalis* - ou *Tekne Iatrikê* - de Galeno). A Teologia, com ser um estudo preferencial dos regulares que forneciam também a quase totalidade do corpo de professores, tinha uma amplitude que ultrapassava o contingente de matriculados nesta faculdade (5,6% do total entre 1577 e 1772).

Ensinava-se também em muitos dos colégios pertencentes às ordens religiosas e militares (e que chegaram a ser cerca de duas dezenas) até níveis que incluíam a formatura: os estudantes incorporavam-se depois na universidade, que validava os estudos assim realizados, para obter os graus de licenciado e de doutor ou mestre.

Situação peculiar era a dos estudos literários e da Filosofia, conduzindo igualmente às graduações de bacharel, licenciado e mestre, aos quais superintendiam, desde 1555, os Jesuítas. Fundado o Colégio das Artes, em 1548, sob a batuta de Mestre André de Gouveia, com larga autonomia e um elenco prestigiado de professores, na sua maioria humanistas reputados e experientes que aquele mestre trouxera consigo de Bordéus, a morte prematura do Principal e as suspeitas de heresia lançadas contra alguns dos professores levaram D. João III a confiar a direcção do Colégio e a organização dos estudos à recém-fundada Companhia de Jesus. Permaneceu, contudo, a Faculdade de Artes como parte intrínseca da universidade: o registo dos actos e da colação dos graus, assim como dos vexames (favores ou louvores atribuídos aos bacharéis em Artes como complemento da sua avaliação final) era efectuado, como o das faculdades maiores, pelo Secretário da universidade, nos mesmos livros de registo.

Ensinar e avaliar era o múnus dos professores, proprietários das cadeiras, rigorosamente escalonadas pela respectiva dignidade e pelo nível de remuneração que cabia a cada uma delas. A grande divisão fazia-se entre cadeiras grandes e pequenas (cátedras e catedrilhas), mas, no seu conjunto, constituíam degraus sucessivos que cada lente deveria percorrer até chegar ao topo, a cadeira de Prima, designação comum a todas as faculdades que derivava da hora matutina a que era leccionada, logo seguida em dignidade pela de Véspera, ocupando o centro da tarde. As outras cadeiras grandes tomavam já a designação das matérias nelas leccionadas: Escoto e Escritura Grande, em Teologia; Decreto, Sexto [das Decretais] e Clementinas,

em Cânones; Digesto Velho e Três Livros do Código, em Leis; Avicena e Anatomia em Medicina. Das catedrilhas, que repetiam, passando-as rapidamente, matérias das cadeiras grandes, importa, contudo, salientar as de Instituta (com base nas Instituições de Justiniano) que constituíam o curso preparatório, no primeiro ano, de todos os matriculados em Direito (Canónico ou Civil).

O corpo docente, no que concerne aos proprietários, não era, assim, muito amplo (rondaria as três dezenas). Mas completava-se pelos condutários, professores sem propriedade de cadeira que já eram, contudo, “filhos da folha” (entenda-se, folha de ordenados) recebendo um estipêndio anual módico e que uma provisão de 1730 declara como substitutos preferenciais, nas ausências dos lentes proprietários; e pelos opositores, os doutorados que orbitavam a universidade e entravam em concurso quando eram declaradas vacaturas, quase sempre enquadrados institucionalmente (exceptuava-se Medicina), seja nas casas religiosas, seja nos colégios, chamados seculares, de S. Pedro e de S. Paulo. Integrando colegiais e porcionistas (estes últimos oriundos das mais gradas famílias de nobres titulares), os colégios seculares eram comunidades sujeitas também a uma regra e autogovernadas, de acesso extremamente selectivo, trampolim não apenas para a carreira docente universitária - os colegiais vieram a constituir o grosso do professorado nas faculdades jurídicas - mas igualmente para as dignidades eclesiásticas e os cargos da governação.

O acesso ao corpo docente, sobretudo nos momentos iniciais da implantação em Coimbra protagonizados por D. João III, dependeu grandemente do convite do monarca que escolheu nomes consagrados para as cadeiras de maior responsabilidade; regulamentaram-se logo a seguir, contudo, os procedimentos concursais, desde a declaração de vacatura, a cargo do Reitor, às provas públicas a prestar - lições de ponto (na base de um tema escolhido com vinte e quatro horas de antecedência) e ostentações (espécie de improviso sobre um tema comum escolhido no próprio dia, e em três dias

sucessivos) - os quais foram sobretudo aplicados para preencher lugares de início de carreira. Na verdade, quando vagavam cadeiras do topo, o procedimento mais comum era o ascenso, a deslocação um degrau acima de todos os que se encontravam nas cadeiras inferiores: preenchido o último lugar da escala com um condutário, se o houvesse, só quando tal não era possível se abria nova vaga.

Até 1654 foi reconhecido aos estudantes o direito de votar nos concursos para provimento das cadeiras, com votos diferenciados consoante o seu adiantamento nos estudos (exarados em quadradinhos de papel que os escrutinadores iam enfiando numa agulha, fazendo-os 'entrar em linha de conta'). Uma provisão régia de 25 de Abril desse ano retirou-lhes essa prerrogativa. Simultaneamente, deslocava-se o centro de decisão: os votos dos estudantes foram substituídos por pareceres ou votos consultivos individuais do Reitor, Cancelário e lentes de Prima e Véspera das faculdades; ficava vedado, por isso, o procedimento anterior de dar posse imediata (sujeita embora a confirmação régia) ao candidato mais votado. Aumentava assim decisivamente a interferência do poder régio num dos pontos mais sensíveis da vida universitária como era a constituição do seu corpo docente.

Dos pareceres enviados pelos vogais que chegaram até nós colige-se o perfil ideal do professor: a capacidade científica, expressa no poder de memorização capaz de mobilizar para a eficácia argumentativa um vasto leque de conhecimentos e de autoridades, a facilidade de expressão e comunicação, a aplicação ao estudo, os dotes naturais de inteligência e clareza.

Precedida, por vezes, de uma longa espera (no período que vai de 1700 a 1771, o intervalo entre a obtenção do grau de doutor e a propriedade de uma cátedra foi, em média, de 27 anos para os Teólogos, 14 a 15 anos para os juristas e 4 para os médicos), a actividade docente, segundo as faculdades, tinha duração variável e desfechos distintos: mais longa para os lentes de Medicina (26 anos, em média),

muito mais curta para os de Teologia (cerca de 14 anos), os quais, regra geral, se confinavam à carreira universitária; de 12 a 17 anos para os lentes juristas, neste caso por força da sua passagem para outros cargos, desde a Relação do Porto aos tribunais superiores da Corte, o que, sendo encarado como normal, fazia da sua passagem pela docência uma etapa intermédia e da Universidade uma reserva de qualidade. Esta possibilidade de promoção era um dos elementos importantes do sistema de compensações dos professores, que incluía, para todos, os ordenados, as propinas recebidas nos actos e graus (importante parcela que, nas faculdades jurídicas, em muitos casos excedia largamente o valor daqueles); e, para alguns, o acesso a benefícios eclesiásticos de apresentação da Universidade (canonicatos magistrals e doutorais na maioria das dioceses do Reino), a possibilidade de obtenção de tenças para familiares chegados e as prestações em cereais (trigo e cevada). Além disso, porém (e, porventura, mais que tudo), a dignidade, simbolizada pelas precedências nas manifestações cerimoniais e que a jubilação (em princípio, depois de vinte anos de actividade docente em cadeira grande), quando ocorria, redobrava.

No outro pólo da relação pedagógica estavam os estudantes. O seu contingente, conhecido desde que há registo regular de matrículas (1577) foi sucessivamente aumentando, como que por patamares (número médio anual de matriculados de 1016 entre 1577-1669; de 1639, entre 1670-1717; e de 2766, entre 1718-1770) mas com oscilações importantes nas quais se reflectem diversas conjunturas: um tempo de “revolução educativa” que percorre toda a Europa e aqui se assinala também, nas décadas finais do século XVI e iniciais do século XVII, bem visível no acelerar das matrículas em Coimbra (que só a grande peste da passagem do século interrompe) e, concomitantemente, na numerosa nação portuguesa de Salamanca; um tempo de dificuldades, no qual à crise do século XVII (o ponto de viragem

andaria por 1620), que afecta quase toda a Europa universitária, se juntam a diminuição da actividade económica, o aperto fiscal do último período da monarquia dual e os constrangimentos da guerra, depois de 1640. A paz de 1668 permite o ressurgir imediato da matrícula que sofre nova inflexão com a outra guerra (a da sucessão de Espanha), para subir a valores nunca antes atingidos a partir do final da segunda década de setecentos. Neste aumento teve influência notável a corrente de “brasileiros” - filhos de colonos e de colonizadores - engrossada pelas disponibilidades que a mineração do ouro começava a proporcionar.

É que a atracção de Coimbra - ou, se quisermos, a procura social de qualificações universitárias, sobretudo nos domínios do Direito, como já vimos - é generalizada. A cartografia da origem dos graduados cobre todo o território do continente, em estreita correlação com a densidade populacional, abrange as ilhas da Madeira e dos Açores, mas sobretudo o Brasil onde aos pólos primitivos - Baía, Pernambuco e Rio de Janeiro, por força dos colégios jesuítas aí implantados - se junta, nas primeiras décadas de setecentos, a região de Minas Gerais.

Em termos sociais, encontramos idêntica abrangência: desde os filhos dos “grandes” que formam o contingente dos porcionistas de S. Pedro e S. Paulo, como vimos, até aos “pobres” (que prestam serviços a outros estudantes, professores ou comunidades da cidade) e aos filhos de oficiais mecânicos; de permeio um conjunto de categorias que apontam para estratos médio-altos do espectro social: nobres locais, letrados, homens de negócio, lavradores, militares (perfazendo cerca de 78% de uma amostra representativa de pais de bacharéis juristas).

Os cursos são longos: oito anos de oito meses (as matrículas de Outubro e de Maio delimitavam o ciclo lectivo) para os estudantes juristas - seis anos até obter o grau de bacharel e mais dois para alcançar a formatura, a porta de saída para a vida prática. Para teólogos e médicos mais longo ainda, se tivermos em conta que

uns e outros teriam que fazer o curso de Artes, podendo, no quarto ano, o chamado ano de intrância, frequentar a faculdade da sua escolha da parte da manhã, continuando, pela tarde, o estudo da Filosofia.

Se bem que nem todos permaneçam na cidade depois de se matricularem (há momentos, depois da instauração das matrículas incertas, em 1660, em que se pode falar de frequência itinerante), constituem um grupo específico que o traje identifica e o nível cultural põe em destaque, jovem e desenraizado do meio familiar, criando uma cultura própria com rituais de iniciação e solidariedades regionais, de que encontramos ecos abundantes nos textos jocosos do *Palito Métrico* ou nos relatos de esporádicos episódios de violência que opõem os estudantes entre si e, por vezes, à população da cidade. Não obstante, misturam-se com ela - vivem em casas e quartos arrendados - usufruem dos serviços de amas, lavadeiras e moços de recados, frequentam o barbeiro, as estalagens ou as lojas dos conserveiros; e é entre a população da cidade que os estudantes médicos encontram os fiadores que apresentam para poderem receber os seus partidos, bolsas de estudo reservadas aos que de entre eles pudessem atestar a sua condição de cristãos-velhos.

O seu ritmo de vida é pautado pelas lições, de segunda a sábado, com o descanso semanal da quinta-feira (o assueto, excepto se na semana houvesse festa de guarda) e do domingo, seguindo o ciclo da luz (a lição de Prima era às sete e meia até à Páscoa e daí por diante às seis e meia); os dias de préstito (a que todos os membros da universidade tinham de acorrer *sub poena praestiti iuramenti*, daí o seu nome) eram também dias sem lições embora neles pudesse haver actos e colação de graus. De véspera de Natal à Epifania e de Ramos à Pascoela era tempo de férias como o eram os meses de Agosto e Setembro. Os estudantes viviam em Coimbra o tempo da mocidade (a maioria dos juristas cursava, entre os 18 e os 25 anos de idade, médicos e teólogos seriam um pouco mais velhos). Se “a matrícula

fazia do homem um estudante”<sup>7</sup>, o estudo dava-lhe a possibilidade de exercer os cargos de letras, alcançando-o, por vezes aos mais elevados lugares do governo da República.

Como dissemos acima, à volta desta função central que define a universidade, organizam-se outras funções e serviços. Desde logo, a que tem a ver com o privilégio do foro académico que eximia os membros da comunidade universitária dos tribunais ordinários, nas causas cíveis e crimes, postulando assim que a instituição dispusesse de órgãos judiciais próprios, a que presidia o Conservador mas em estreita articulação com o Reitor. O recurso deste tribunal ia directamente para a Casa da Suplicação, o que diz da sua importância. Oficiais subalternos (escrivães, solicitadores, contador e distribuidor, advogados), uma pequena força policial (o meirinho e dez homens da vara) e o carcereiro completavam o aparelho judicial punitivo universitário.

Mais complexo era o mecanismo que geria a fazenda. O financiamento da Escola tinha por base a gestão largamente autónoma de um conjunto de rendas, constituídas basicamente por dízimos e direitos senhoriais (foros e rações), generosamente atribuídas por D. João III com conivência do poder eclesiástico, e cuja cobrança era feita pelo sistema de contrato: os rendeiros comprometiam-se a um pagamento anual fixo e em datas pré-estabelecidas a troco de recolherem para si os rendimentos devidos à Universidade; o prebendeiro, cumulativamente, arrematava a massa global e, para além disso, exercia funções de tesoureiro, por exemplo, pagando os ordenados a professores e oficiais.

---

7 OLIVEIRA, António de – O quotidiano da Academia. In *História da Universidade em Portugal*. Coimbra : Universidade de Coimbra ; Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1997. vol. I, tomo II, p. 619-692. Um estudo fundamental para a compreensão deste tema.

O ritmo dos contratos era quadrienal, mas a falência dos dois últimos prebendeiros (1716 e 1720) levou a que se eliminasse este elo intermédio. Esta resolução que fez subir, de imediato, os montantes arrecadados, implicou uma mais directa intervenção do corpo administrativo: a Mesa da Fazenda, constituída por quatro professores de cadeiras grandes, um por cada faculdade (emanação do Conselho de Deputados, que incluía outros cinco elementos não lentes, mas pelo menos bacharéis), pela qual passam os mais variados assuntos da administração económica ordinária; os escrivães (da fazenda, da receita e da despesa, dos contos), os agentes e sacadores e também os mordomos, olheiros da Universidade, espalhados por diversos pontos do país, zelando pelos interesses dela; e, sobretudo, o síndico, oficial que encarnava a personalidade jurídica da instituição no que respeitava à fazenda, privilégios e jurisdição, consultando e informando, requerendo, chamando a atenção para irregularidades, protagonizando, em grande parte, a complexa operação da arrematação das rendas. O contencioso, neste domínio, estava a cargo do ouvidor, uma vez que a fazenda universitária era equiparada à fazenda real, podendo proceder contra os seus devedores por via executiva.

Uma boa parte dos serviços destinava-se também ao apoio material: carniceiros e picadeiros, assim como recoveiros com quem se celebravam contratos para o fornecimento de carne e peixe respectivamente (tabelando preços, estabelecendo a regularidade do abastecimento e condições de preferência) ou o transporte de bens e valores, com percursos, prazos e custos definidos; ou às funções culturais e cerimoniais (capelães, moços da capela, cirieiro, músicos); às necessárias operações de vigilância e manutenção (contínuos, guardas da universidade, da livraria e do cartório, relojoeiro, carpinteiro, pedreiro).

Mas importa não esquecer o apoio directo à actividade docente: os bedéis vigiam a assiduidade dos lentes (as faltas destes são-lhes descontadas no ordenado), são arautos e andadores que anunciam

exames e actos académicos e levam a casa dos lentes as conclusões que não se ser debatidas, registam o tempo cursado pelos estudantes, entregam aos lentes as propinas que eles pagam; e o secretário que regista, em livros próprios, matrículas, provas de curso, actos e graus, passa certidões de frequência e cartas de curso.

O governo da Universidade é eminentemente colegial: ao Conselho de Conselheiros - do qual estão excluídos os professores - cabe tratar “as cousas que toçao às cadeiras e lições e bom regimento dellas” (*Estatutos*, 1559), mormente a substituição dos lentes quando se prevê uma ausência mais prolongada, e a penalização das faltas não justificadas nos “conselhos de multas”; já o Conselho de Deputados superintende nos assuntos de administração económica (na prática era substituído nas suas competências pela Mesa da Fazenda, a que já aludimos); juntos, conselheiros e deputados, formavam o Claustro, que elegia oficiais para os senhorios da Universidade, debatia os assuntos graves para Roma ou os que se houvessem de tratar com o monarca; o Claustro Pleno, no qual residia todo o poder e autoridade da Universidade, era constituído pelo conjunto dos professores, pelos conselheiros e deputados, pelo chanceler, conservador e síndico e tratava dos negócios mais relevantes (gastos grandes e obras custosas, modificação dos Estatutos, conflitos com a cidade, recebimentos reais, entre outros).

Preside aos conselhos o Reitor que convoca, propõe os assuntos a tratar, tem voto de qualidade e é interlocutor privilegiado com o Protector, o monarca: escolhido por este a partir de uma lista tríplice enviada pela Universidade (a partir de 1722 desaparece esta prática) ocupa uma posição intermédia como *longa manus* do poder central e como cabeça de toda a Universidade, a quem compete também uma intervenção directa nos exames e concursos (manda calar argumentantes e opositores quando lhe parece), guarda os relógios de areia que medem o tempo, vigia a prática pedagógica dos professores e

o comportamento dos estudantes, assina os editos de vacatura das cadeiras e é sede última do poder jurisdicional da Universidade.

## A nova fundação

Como já vimos, o momento simbólico no qual se realizou a Reforma da Universidade de Coimbra, ocorreu a 29 de Setembro de 1772: na tarde desse dia, o Marquês de Pombal, Visitador e Lugar-Tenente do rei, apresentou a todo o corpo da Universidade “o novo Estatuto, escrito em letra de mam”<sup>8</sup>. Os reformadores haviam apontado, como causa primeira do atraso de que acusavam a Escola, o texto estatutário pelo qual ela se regia até então – na substância, o promulgado em 1597 – os chamados *Estatutos Velhos*, como pode facilmente comprovar-se pela leitura do *Compêndio Histórico do Estado da Universidade de Coimbra*, elaborado, em 1771, pela Junta de Providência Literária. Toda a diatribe aí vazada contra os Jesuítas não é mais do que o desenvolvimento de um silogismo: os Jesuítas haviam sido os autores dos anteriores *Estatutos*; sendo eles moralmente desqualificados (todo o apêndice à terceira parte do *Compêndio* é uma longa demonstração desta premissa) a norma por eles criada era substancialmente dolosa e, por isso, devia ser revogada. Pombal não hesita mesmo em afirmar, na correspondência que manteve com D. Francisco de Lemos, que os juramentos feitos pelos monarcas anteriores, na sua qualidade de protectores da Universidade, pelo qual se obrigavam a guardar os estatutos, privilégios, liberdades, usos e costumes da Escola lhes haviam sido “extorquidos com sacrílego atrevimento e igual ignorância”<sup>9</sup>. Ao texto normativo agora promulgado era, por isso, atribuída uma

8 VASCONCELOS, António de – *Escritos Vários Relativos à Universidade Dionisiana*. Reedição preparada por Manuel Augusto Rodrigues. Coimbra : Arquivo da Universidade de Coimbra, 1987. p. 348.

9 BRAGA, Teófilo Braga – *Historia da Universidade de Coimbra*. Lisboa : Academia Real das Ciências, 1892-1902. Tomo 3 (1898), p. 441.

natureza essencialmente regeneradora, nele se consubstanciando a essência da “nova fundação”.

Não oferece dúvida, porém, que a Reforma da Universidade de Coimbra tem de ser encarada como um processo ainda longo que teve os seus inícios, décadas antes, em tentativas frustradas, em debates científicos, em medidas administrativas que o foram preparando. Lembremos apenas a vontade de reforma da faculdade de Medicina, bem expressa na intenção de D. João V de convidar o célebre professor da universidade de Leiden (entre 1710 e 1735 aproximadamente), Hermann Boerhaave, para o magistério coimbrão ou nas opiniões formuladas pelos diversos membros do júri acerca dos opositores que entraram em concurso para a cadeira de Anatomia, em 1739, abrindo um debate acerca da modernização do ensino da Medicina que renasce na década de cinquenta; o contributo – nem sempre isento de polémica – trazido pelos escritos de Ribeiro Sanches, de Jacob de Castro Sarmiento, de Luís António de Verney, entre outros; o estrangulamento - a que já nos referimos - de que foi objecto o corpo dos professores, visível a partir da década de cinquenta do século XVIII, quando diversos concursos (1751, para Teologia, 1759 para Leis, 1765 para Cânones) não tiveram, com uma única excepção, qualquer consequência a nível de recrutamento ou de promoção de docentes e os que estavam no activo viram a sua carreira paralisada. Sem esquecermos que, mesmo entre aqueles que mais duramente eram criticados pelo seu imobilismo, se encontram sinais anunciadores de adesão às novas concepções científicas. Na verdade, para Décio Ruivo Martins, o edital do Reitor do Colégio das Artes de 1746, tantas vezes invocado como emblema da posição retrógrada dos Jesuítas, deverá ser antes interpretado de outra maneira: a proibição de aderir às doutrinas de Descartes, Gassendo ou Newton “formalizada em termos tão vigorosos permite supor [...] que a sua redacção e inclusão naquele documento só se justificava porque, na realidade, os temas da Filosofia Moderna, e particularmente da Filosofia newtoniana, já

constituíam objecto de análise nas aulas daquele Colégio, embora não oficialmente”. E corrobora a sua asserção mencionando o *Elenchus Quaestionum*, redigido em 1754 e extensivo a todos os colégios da Companhia da província portuguesa: um dos seus aspectos mais significativos traduzia-se “na perspectiva moderna proposta para o ensino das matérias relacionadas com a Física”<sup>10</sup>.

A Reforma trouxe, como grande novidade, a criação das duas novas faculdades de Matemática (a Matemática era antes estudada como cadeira isolada) e Filosofia, assim introduzindo no elenco dos estudos superiores as ciências exactas e as ciências da natureza: conjuntamente com a Medicina, agora também remodelada nos seus fundamentos, passaram a constituir as chamadas Faculdades Naturais. Tanto como - ou talvez mais do que - esta inclusão de novos conteúdos é o carácter propedêutico de que estes saberes se irão revestir também para as faculdades de Direito e de Teologia. Aos estudantes que pretendessem ingressar nestas últimas era exigido que estudassem “privativamente o Primeiro Anno do Curso Mathematico”, no qual eram leccionados os Elementos de Geometria (que “são a Lógica, praticada com a maior perfeição que he possível ao entendimento humano”) “como subsidio importante ao aproveitamento que devem ter nas respectivas faculdades”<sup>11</sup>; para os que pretendessem seguir Direito, era-lhes necessária também a frequência da cadeira de História Natural. Saberes propedêuticos e, como tais, dimensionadores da *forma mentis* que se queria implantar na universidade recriada.

A par dos conteúdos, uma profunda revolução no método e no que respeita às funções dos professores. Quanto ao método, os termos com que explicitamente ele é definido condensam-se na expressão sintético-compendiário-demonstrativo. Assim se opunha ao prati-

---

10 MARTINS, Décio Ruivo – As ciências físico-matemáticas em Portugal e a Reforma Pombalina. In *O Marquês de Pombal e a Universidade*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 2000. p. 198-199.

11 *Estatutos da Universidade (1772)*. liv. III, parte II, tít. II, cap. I.

cado anteriormente, que era textual, analítico, cíclico e cumulativo. Pretendia-se agora introduzir a progressão gradativa do mais simples ao mais complexo (nas matérias e nas cadeiras, rigorosamente escalonadas ao longo dos anos do curso, sucessivamente, em introdutórias, sintéticas e analíticas); substituir os antigos textos – repositórios de temas, problemas, soluções e autoridades (tais como as compilações legislativas, as sumas, os escritos galénicos, os comentários) – por compêndios nos quais se expusessem os fundamentos de uma ciência que progressivamente se iam desvendando e desenvolvendo; abolir a forma tradicional de leccionação – a *lectio* e o ditado, dando origem à apostila – acerca de temas soltos colhidos nos textos, durante um ciclo de quatro anos, por um sistema contínuo e constantemente exploratório dos conhecimentos adquiridos pelos estudantes (revisões da matéria no final de cada aula, exercícios semanais e mensais, exames anuais), de onde derivava um particular cuidado em verificar a sua assiduidade: cada estudante ocupava um lugar fixo, numerado (ainda hoje podemos ver esta disposição em alguns anfiteatros então construídos) para que o professor, que deveria conhecer a cada aluno nominalmente, verificasse de imediato e anotasse as ausências; o Reitor poderia vigiar o andamento das aulas desde as tribunas que abriam sobre os gerais, ligadas por um corredor propositadamente aberto para esse efeito. Novidade que aparece pela primeira vez na história da universidade era a possibilidade de retenção no mesmo ano se o nível de aprendizagem não fosse satisfatório. Na avaliação, as disputas, o método por excelência do período anterior, foram substituídas por interrogatórios conduzidos pelo método socrático.

Os cursos foram reduzidos na sua duração (adoptou-se o modelo de cinco anos para a obtenção da qualificação necessária ao exercício da ciência professada e de mais um ano para a obtenção dos graus de licenciado e doutor), mas os requisitos de acesso aos estudos universitários tornaram-se muito mais exigentes (a nível da idade mínima, da preparação científica e da idoneidade moral), numa linha

de ‘malthusianismo ilustrado’ visando limitar o que se pensava ser o excessivo número de estudantes. A estes foi exigido ainda um contributo substancial para obviar aos custos da sua formação. O sistema anterior protelava para a realização dos exames e para a tomada dos graus o pagamento de propinas (no momento da matrícula, o emolumento era mínimo, dez réis) que iam directamente para os professores e oficiais intervenientes; agora deslocava-se a despesa: não se pagavam propinas nos actos, mas a matrícula implicava o pagamento de 12.800 réis, em cada ano e em duas prestações anuais (o substancial aumento de ordenados dos lentes promulgado pelo Marquês derivou, em grande parte da incorporação das anteriores propinas). Se compararmos as despesas de um e outro destes sistemas é evidente o enorme aumento de encargos que então se verificou.

Foi instaurada uma nova dinâmica nas congregações dos professores, antes apenas dedicadas a aspectos administrativos: eram agora em cada uma das Faculdades (havendo também uma congregação conjunta das três Faculdades Naturais), algo que se assemelhava a academias internas às quais continuava a competir a organização formal das tarefas docentes e de avaliação, mas principalmente a superintendência em tudo o que dizia respeito ao domínio científico; aos docentes, libertos da administração económica, uma vez que a Mesa da Fazenda foi substituída por uma Junta da Fazenda composta por colegiais de S. Pedro, S. Paulo e do Colégio dos Militares, é incumbida também a responsabilidade de serem “inventores” e de irem incorporando nas suas lições os avanços da ciência, próprios ou alheios, e de organizarem para a disciplina de que fossem responsáveis o respectivo compêndio. Não deixa de haver, por isso, uma certa contradição entre a rigorosa, pormenorizada e impositiva regulamentação dos curricula, da ordem e conteúdo das cadeiras e esta, também obrigatória, abertura à novidade.

O carácter demonstrativo do novo método e o perfil definido para os professores tiveram uma dupla consequência prática. Pri-

meiro, na reformulação do corpo docente: para além dos lentes – os titulares e os substitutos permanentes, na sua grande maioria recrutados por nomeação depois de afastados quase todos os que haviam servido antes da Reforma – vamos encontrar preparadores e demonstradores, os primeiros executando tarefas laboratoriais ou de manipulação e elaboração de peças museológicas, os segundos prestando um auxílio directo nas aulas pela ilustração prática das prelecções dos lentes, muitas vezes como primeiro patamar da carreira docente. Mas, fundamentalmente, as componentes de observação e de experimentação, postulavam a existência de estabelecimentos específicos onde elas pudessem ser eficazmente postas em prática. Assim é que, para os estudos médicos, se determinou a construção do Hospital, do Teatro Anatómico e do Dispensatório Farmacêutico; para a Faculdade de Matemática, a do Observatório Astronómico; para a de Filosofia, a dos Gabinetes de História Natural e de Física Experimental, do Laboratório Químico e do Jardim Botânico.

Era, com efeito, uma nova Universidade que nascia, sobre um alicerce administrativo que se manteve em grande parte inalterado mas com uma ampliação logística notável (de que convém não esquecer a incorporação, em 1774, das rendas que haviam sido dos Jesuítas) e uma reforma científica e pedagógica que se aproxima de uma revolução. Se a formulação normativa era indispensável como suporte, a implantação prática exigia uma convicção sólida e um esforço continuado e pertinaz. Protagonista maior em todo este processo, como referíamos ao princípio, foi D. Francisco de Lemos cuja memória nunca será demais enaltecer.

# O edifício da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (1936-1956)

João Pedro Cardoso Gomes da Costa<sup>1</sup>

## RESUMO

Este texto foi escrito como um contributo para a monografia *Os Livros em sua ordem. Coimbra : Imprensa da Universidade, 2014*, comemorativo dos 500 anos da Biblioteca da Universidade de Coimbra, e cobre o período relativo à construção do novo edifício da Biblioteca Geral. Como foi muito adaptado para aquela edição, republica-se aqui na sua versão original.

## PALAVRAS-CHAVE

Universidade de Coimbra. Biblioteca Geral, edifício;  
Universidade de Coimbra. Biblioteca Geral, história.

## ABSTRACT

This text was written as a contribution to the 500<sup>th</sup> anniversary book *Os Livros em sua ordem. Coimbra : Imprensa da Universidade, 2014*, and covers the period of time relating to the construction of the new building of the General Library of the University of Coimbra. Since it was severely adapted for that purpose, it is now reprinted in its original version.

## KEYWORDS

University of Coimbra. The General Library, building;  
University of Coimbra. The General Library, history.

---

1 Aluno de Mestrado, Universidade de Coimbra

Em 1934, e após uma solicitação do Senado da Universidade de Coimbra feita como resposta à recente decisão governamental da criação de uma cidade universitária em Lisboa, foi nomeada a primeira comissão de obras que ficou responsável por delinear o projeto geral da remodelação da Cidade Universitária de Coimbra. Em 1936, foi apresentado o relatório desta comissão onde pela primeira vez foi feita a proposta para a transformação do então edifício da Faculdade de Letras em Biblioteca Central, posteriormente designada por Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Rosmaninho, 2002).

No entanto, o trabalho da primeira comissão depressa cairia no esquecimento e, em 1939, foi nomeada uma segunda comissão com o mesmo objetivo da primeira. A segunda Comissão de Obras considerou inicialmente que o edifício da Faculdade de Letras deveria manter a sua utilização, sendo que à Biblioteca Geral estaria destinado um edifício novo construído de raiz (Rosmaninho, 1996).



A Biblioteca Geral nos anos sessenta.

Seria uma visita a Coimbra do Ministro das Obras Públicas, Duarte Pacheco, em 25 de fevereiro de 1940, a pôr um ponto final na questão. Foi recuperada a solução proposta pela Primeira Comissão de Obras da Cidade Universitária de Coimbra e o edifício da Faculdade de Letras tinha agora o aval definitivo para ser transformado em Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Rosmaninho, 2002).

Em 1941, foi nomeada a Comissão Administrativa para as Obras da Cidade Universitária de Coimbra, ou CAPOCUC, que teria o papel de avançar com as intenções, projetar e realizar a remodelação da Cidade Universitária de Coimbra. Um ano depois, surgiu o primeiro ensaio de conjunto pela mão do arquiteto-chefe da CAPOCUC, Cottinelli Telmo, onde estava prevista a transformação do edifício da Faculdade de Letras em Biblioteca Geral.

A ideia de Cottinelli fica demonstrada numa carta que enviou posteriormente ao Ministro das Obras Públicas, quando refere que “a fachada principal deste edifício [Faculdade de Letras] – para falar só no pior – é considerada unanimemente má, pelo que será completamente demolida e substituída por outra, sóbria e condigna do aspeto arquitetónico que queremos imprimir à nova Cidade Universitária. (...) É preciso lembrarmo-nos que ele [o edifício] nasceu para “teatro dos estudantes” e que, melhor do que o foi para uma Faculdade de Letras, a sala de espetáculos foi, no atual projeto de biblioteca, aproveitada para uma grande sala de leitura” (citado por Rosmaninho, 2002:398).

Tomada a decisão a favor da remodelação, era preciso concretizar. E foi nesse sentido que, em 12 de março de 1942, o diretor da Biblioteca Geral, Damião Peres, apresentou o programa do que considerou os “Elementos essenciais para a futura instalação da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra”. Deste programa fazem parte, para além de uma série de pontos dedicados a espaços públicos, de serviço, técnicos e administrativos, uma “sala de leitura geral com capacidade para trezentos leitores” e um depósito de revistas, jornais e livros,

“com a capacidade total para 500 mil volumes”. Estes dois pontos tornam perceptível a escala do que se pretendia. Seis meses depois foi apresentada a proposta da CAPOCUC, sobre a forma de anteprojeto, cuja elaboração “foi orientada no sentido de satisfazer o programa e não ultrapassar a verba prevista para a obra”, que mereceria, mais tarde, a aprovação “sem reparos” do diretor da Biblioteca Geral (AUC, CUC 2010-267).

Depois das necessárias alterações feitas ao anteprojeto, o projeto foi submetido à aprovação do Ministério das Obras Públicas em 5 de junho de 1944 (AUC, CUC 2009-163).

Alberto Pessoa foi o arquiteto escolhido para desenvolver o projeto da transformação do edifício, ainda que “estritamente dirigido por Cottinelli” (Rosmaninho, 2002:682). Diplomado em 1943, já desde o ano anterior colaborava na Comissão Administrativa do Plano de Obras da Praça do Império e da Zona de Belém, em Lisboa, da qual Cottinelli era o arquiteto-chefe. Esta terá sido, provavelmente, a razão de acompanhar Cottinelli no caminho para a CAPOCUC. Além do projeto de arquitetura, foi o autor do projeto do mobiliário para a Biblioteca Geral e fez a inspeção das obras durante a sua execução (AUC, CUC 2010-267).

Em 16 de junho de 1944, o projeto para adaptação do edifício da Faculdade de Letras a Biblioteca Geral foi aprovado por despacho do Ministro das Obras Públicas. Pela memória descritiva entende-se que pouco foi modificado relativamente ao anteprojeto apresentado em 1942. Este projeto previa uma área total de construção de 8878,51m<sup>2</sup> para uma área útil de 5217,11m<sup>2</sup> (AUC, CUC 2009-163).

A análise dos elementos escritos do projeto aprovado em 1944 faz crer que não houve, da parte de quem concebeu a transformação do edifício, qualquer intenção de correr riscos no planeamento da obra. Além de não se poder omitir o facto de que os preços destas soluções eram convidativos no mercado da altura, também é importante referir que os materiais escolhidos eram de uso comum, já

tendo dado provas das suas capacidades e qualidades. Naturalmente que este tipo de abordagem conservadora traz grandes benefícios em termos de durabilidade, o que se veio a confirmar.

Ainda que a aprovação do projeto date de meados de 1944, já desde o início do ano que se davam passos importantes no sentido da execução da obra. Em sessão da CAPOCUC de 3 de janeiro, foi aprovada a conveniência da execução das obras da fachada posterior em simultâneo com as obras de construção do Arquivo da Universidade de Coimbra, edifício contíguo à referida fachada e que se encontrava em construção. Nesse sentido, foi enviada uma apresentação ao Ministério das Obras Públicas onde também foi sugerida a dispensa das legalidades formais de maneira a que o contrato da obra da fachada posterior fosse entregue à firma A. Maia Lda., que desde 1942 estava responsável pela construção do Arquivo, antes que as obras deste último tomassem “grande desenvolvimento”, uma vez que seriam necessárias obras de demolição e construção na fachada posterior da então Faculdade de Letras, com vista à junção física dos dois edifícios. A execução dos trabalhos foi então adjudicada à firma atrás referida pelo valor de 103.907\$00 (AUC, CUC 2009-163; CUC 2010-267).

Em maio de 1944, seria a vez das obras de transformação das fachadas laterais serem adjudicadas diretamente ao mesmo empreiteiro por 300.000\$00. Em agosto, começaram os trabalhos. A fachada escolhida para início das obras foi a fachada lateral direita, a poente (AUC, CUC 2010-267).

Em meados de 1945, concluíram-se as obras da fachada posterior, seguida do fim da transformação da fachada lateral direita, em setembro. Mas a 21 de dezembro foi dada a ordem para a interrupção das obras na fachada lateral esquerda, a nascente. A indicação tinha vindo da Faculdade de Letras, que assim considerou evitar o prejuízo dos serviços da Faculdade. É que enquanto o edifício da nova Faculdade de Letras não estivesse pronto (viria a ser inaugurado em

1951), as aulas e os serviços continuavam a funcionar na Faculdade de Letras de Silva Pinto, o que foi uma das principais causas da demora do processo da transformação em Biblioteca Geral. Foi considerado que a interrupção deveria durar “até ao início das férias grandes” seguintes. A obra seria finalmente concluída em dezembro do mesmo ano (AUC, CUC 2010-267).

Foi preciso esperar até meados de 1950 para haver desenvolvimentos merecedores de referência no processo da transformação da Faculdade de Letras em Biblioteca Geral. Em 2 de maio, foi aprovado, pelo Ministro das Obras Públicas o “projeto de alterações da fachada principal da Biblioteca Central [Biblioteca Geral]”. O projeto que nesse dia foi aprovado era na realidade uma segunda versão, uma remodelação da fachada apresentada no projeto geral do edifício de 1944, vendo agora a austeridade do desenho anterior ser amenizada. A melhor explicação possível do que motivou e se passou nesta alteração é a memória descritiva assinada pelo seu autor, o arquiteto Alberto Pessoa, da qual se retiram os pontos essenciais:

“Tendo sido alterada a Fachada Principal da Faculdade de Letras [...] tornou-se necessário ajustar a Fachada Principal da Biblioteca Central de modo a equilibrá-la com a da Faculdade de Letras [o novo edifício da Faculdade de Letras já estava, nesta altura em fase de conclusão].

Nesta ordem de ideias, foi alterado o perfil das pilastras (agora mais estreitas e salientes) alterando a estereotomia, acertadas as alturas dos vãos e, finalmente, enriquecidos os portões dando-lhes maior volume (altura sobretudo) e enquadrando-os em pórticos de cantaria.

Para maior equilíbrio e ligação da base do edifício condenada a ser cega (salvo os portões) propõe-se a execução de seis baixos-relevos (ou melhor desenhos gravados na pedra com pequenos ressaltos), três de cada lado das entradas” (AUC, CUC 2008-100).

Os baixos-relevos presentes na fachada principal da Biblioteca Geral e os dois grupos escultóricos existentes nos cunhais desta têm

também um objetivo e representam um papel. Segundo Rosmaninho (2002:729) “o Estado Novo pediu à escultura que enobrecesse o espaço público, que amenizasse as fachadas e que transmitisse um paradigma ideológico. Na Cidade Universitária de Coimbra, ela constitui o toque final na grande composição arquitetónica”, afirmando também a “sujeição da escultura à arquitetura”.

Biologia, Física, Matemática, Lógica, Gramática e Ética. Estes são os temas representados nos seis baixos-relevos existentes na fachada principal da Biblioteca Geral (aqui ordenados mediante a sua colocação na fachada, da esquerda para a direita). Em conjunto representam a *totalidade do saber*. Os temas foram escolhidos pelo então diretor da Biblioteca Geral, Lopes de Almeida. Foram encomendados ao escultor Duarte Angélico e a versão final foi esculpida em pedra de Outil, tendo cada relevo 3m<sup>2</sup>. Foram assentados durante o ano de 1951. Já os grupos escultóricos existentes nos dois cunhais da fachada principal foram da autoria do escultor António Duarte em pedra de Lioz. Cada um dos conjuntos contém três figuras para uma altura total de 3,50m. O escultor trabalhou oficialmente nestes grupos escultóricos entre 1944 e 1950, sendo que o seu assentamento foi feito nos primeiros meses de 1951. Sobre o seu significado, nada mais há do que interpretações uma vez que os documentos da CAPOCUC não são indicativos, chegando mesmo a referi-los simplesmente como os “dois grupos escultóricos da Fachada da Biblioteca Geral” (AUC, CAPOCUC 282; CAPOCUC 379).

Apesar de Cottinelli já não estar presente (faleceu em 18 de setembro de 1948), os seus princípios e as suas orientações para a Cidade Universitária de Coimbra mantiveram-se intactos na Fachada Principal da Biblioteca Geral. Apesar de ter sido Pessoa o seu autor, esta fachada faz crer que é da responsabilidade de Cottinelli. Hoje sabe-se que estaria para breve o fim da monumentalidade de Alberto Pessoa e que este, certamente por motivos de força maior, concretizou pela última vez a visão de Cottinelli. O desejo de grandeza e

de monumentalidade que só a simetria poderia satisfazer está aqui perfeitamente explícito. A fachada principal é o único elemento totalmente politizado de toda a transformação em Biblioteca Geral. Aqui esteve exclusivamente em causa o seu papel no conjunto da Cidade Universitária, na sua monumentalidade e no seu significado. Para Cottinelli seria, muito provavelmente, o único ponto de interesse da transformação. Fator que viria a revelar-se benéfico na conceção do seu interior.

Relativamente à construção da fachada principal, a abertura das propostas a concurso para a execução da obra foi feita em 2 de junho de 1950. A proposta vencedora foi a da firma Sociedade de Construções do Centro Lda. Propôs concluir a obra no prazo previsto de 250 dias por um valor de 685.000\$00. Sem sobressaltos, a construção da fachada ficou concluída antes de meados de Abril de 1951.

A 23 de junho de 1952, Alberto Pessoa enviou à CAPOCUC o “projeto da Biblioteca Geral revisto e modificado”. Este projeto era o fruto das alterações sugeridas ao longo dos últimos seis anos, desde a aprovação do projeto, em 1944. O principal motivo destas alterações foi a intervenção do diretor da Biblioteca Geral, que não hesitava em sugerir modificações quando pensava serem para melhorar o funcionamento da Biblioteca (AUC, CUC 2010-267). Esta revisão do projeto, apesar de contar com as indicações do diretor, já denota a presença e o génio de Alberto Pessoa.

Nesta altura já estava pronto o novo edifício da Faculdade de Letras, no qual as aulas começariam em outubro de 1952. Assim, o trabalho de revisão do projeto era a peça que faltava para se avançar com a última etapa da construção: o interior.

O concurso para a “execução das obras de arranjo interno e cobertura de todo o edifício da Biblioteca Geral” foi publicado em 13 de novembro de 1952, estabelecendo como base de licitação 4.210.000\$00 e um prazo de execução de 540 dias. As propostas foram abertas em 29 de novembro de 1952 e a vencedora foi a da firma *A. Maia*

*Lda.*, empresa com sede em Coimbra e que já tinha feito as obras de transformação das fachadas posterior e laterais. Venceu com uma proposta onde apresentava uma solução de substituição da estrutura de Betão Armado por uma de Betão Pré-esforçado. Esta solução permitiu-lhes apresentar a proposta de menor valor: 3.836.000\$00 para os 540 dias previstos (AUC, CAPOCUC 334 I).

Em janeiro de 1953 começou a mudança de livros para outros locais, o primeiro passo com vista às extensas obras que se avizinham. Nesse mesmo mês, a obra foi consignada ao empreiteiro. O começo estava para breve (AUC, CAPOCUC 334 I).

O mapa do Plano de trabalhos das “obras de arranjo interno e cobertura de todo o edifício da Biblioteca Geral” ficou completo em julho de 1954, mas as obras continuaram. A consciência de que o prazo para a conclusão das obras não seria cumprido já existia há algum tempo e, por essa razão, a 8 de junho de 1954 tinha sido dada autorização para a que as obras fossem prolongadas até 31 de dezembro do mesmo. Este prazo também não seria cumprido (AUC, CAPOCUC 334 I).

Várias razões são responsáveis pelo atraso no andamento dos trabalhos, das quais se vão referir as mais importantes pela sua complexidade ou pelo maior tempo que demoraram a ser solucionadas. Durante as obras foram feitas inúmeras alterações aos planos e ao projeto inicial motivadas por situações imprevistas surgidas com o começo das demolições, como a instabilidade do existente. Isto fez com que o ritmo das demolições tivesse de abrandar para não pôr em risco a estrutura a conservar. Os imprevistos em obra motivaram ainda um outro tipo de atraso, uma vez que o empreiteiro era o primeiro a deparar-se com as situações, que depois comunicava à CAPOCUC, por quem eram revistas e apresentadas as soluções. Apesar dos registos indicarem que houve sempre uma grande colaboração entre os intervenientes para a resolução deste tipo de situações, os meios de comunicação em 1954 não eram tão rápidos

como os de hoje e o facto de o poder decisório estar na delegação da CAPOCUC de Lisboa também não ajudava à celeridade do processo. Outras alterações ao projeto inicial foram motivadas por sugestões do diretor da Biblioteca Geral. A mudança da biblioteca de S. Pedro, existente dentro do edifício, foi também motivo de atraso na obra. Em setembro de 1953, o empreiteiro pediu à CAPOCUC que lhes fosse desbloqueada a situação desta biblioteca, sobre a qual o reitor da Universidade de Coimbra tinha deixado indicações expressas para não ser tocada. Só em fevereiro de 1955 se mudaram os livros e as obras foram desbloqueadas (AUC, CAPOCUC 334 I).

As obras de arranjo interno e da cobertura tiveram o seu fim oficial em julho de 1955, mas depois desta data ainda foram feitos alguns acabamentos de menor importância. O custo total da obra era, até agosto de 1956, de 10.721.776\$00 (AUC, CAPOCUC 7A).

A cerimónia oficial de inauguração do edifício da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra decorreu a 29 de maio de 1956, cerimónia partilhada com a inauguração da Faculdade de Medicina. O Estado fez-se representar pelos ministros das Obras Públicas, Eduardo de Arantes e Oliveira, e da Educação, Francisco de Paula Leite Pinto. Em representação da Universidade de Coimbra estiveram o seu reitor, Maximino Correia, e o diretor da Biblioteca Geral, Manuel Lopes de Almeida. Presente na mesa de honra esteve ainda o diretor da Faculdade de Medicina, Augusto Vaz Serra (Discursos, 1956).

Em 19 de março de 1962, a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra foi aberta ao público.

O caso da Biblioteca Geral é diferente de todos os outros edifícios na Alta, podendo mesmo ser considerado um projeto híbrido, já que tantas foram as fontes e as alterações que sofreu. Nasceu como a transformação de um edifício que já havia nascido em cima de alicerces destinados a outro fim.

Durante a década de 1940 podem ser identificados dois campos distintos no desenvolvimento do projeto. No primeiro campo inclui-

-se a excessiva, ainda que conseguida, preocupação em adaptar as fachadas à monumentalidade pretendida para o espaço exterior do conjunto universitário, onde a fachada principal é o expoente máximo sendo mesmo a única parte do edifício feita de raiz. No segundo campo está o enorme trabalho em adaptar um edifício a funções diferentes das que tinha na época, que por sua vez não eram as mesmas para as quais tinham sido lançadas as bases do mesmo edifício. Era enorme o desafio de fazer cumprir em obra alheia o programa de um edifício que, para todos os efeitos, teria de responder às necessidades como se de um novo se tratasse. Era necessário um edifício que dignificasse uma instituição do valor e importância da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

É de notar que a adaptação do interior do edifício foi feita em processos aparentemente autónomos dos que desenvolveram as fachadas, não havendo um estudo conjunto. A única relação direta entre exterior e interior no projeto de adaptação foi o rebaixamento do piso de entrada para o nível da Porta Férrea, feito para regularizar o terreno exterior e com isso aumentar a monumentalidade do conjunto universitário e do seu eixo principal, compreendido entre a Praça de D. Dinis e o Largo da Porta Férrea.

Parece claro que esta “autonomia” foi benéfica para o desenho do interior que assim ficou livre dos rígidos parâmetros monumentais do exterior. De facto, a conceção do interior começou por ser uma simples adaptação do existente às necessidades e funções futuras mas facilmente ultrapassou o meramente aceitável: A distribuição interior, aparentemente labiríntica, é na realidade relativamente simples quando percorrida. A divisão entre espaços de acesso ao público e as áreas técnicas foi muito bem pensada. Todas as áreas públicas são abertas e com boa iluminação natural, estando facilmente acessíveis. A grande Sala de Leitura, acompanhada da sua galeria, é o ponto mais agradável e confortável de todo o edifício. Apesar da sua grande escala é acolhedora, e assim seria suposto

pois é aqui que os estudiosos passam grandes temporadas. As zonas de armazenamento de livros estão distribuídas em volta da sala de Leitura, o que facilita o acesso e a disponibilização das espécies. A criação de pisos intermédios para depósitos de livros, apesar de não ser original, assentou perfeitamente num edifício cujos limites exteriores estavam definidos à partida.

Mas a análise do edifício não pode ficar pelo óbvio, os 20 anos de processos que o envolvem obrigam a ir mais além. De facto, o longo processo de desenvolvimento do edifício, desde as primeiras intenções de 1936 à sua inauguração em 1956, compreende o espaço temporal no qual se deu a principal mudança no caminho da arquitetura portuguesa do séc. XX: o fim da arquitetura de Estado – e consequente fim do monumental – e o ressurgimento do modernismo. O edifício da Biblioteca Geral faz prova, talvez como nenhum outro, dessa passagem.

O tempo de seguir ideias gastas e parâmetros gerais tinha-se transformado num tempo de ideias novas, fruto da originalidade, do gosto e das vivências de cada um. As obras para servir o Estado foram substituídas por outras concebidas para servir o ser humano.

Foi exatamente isso que se passou no processo da adaptação da Faculdade de Letras em Biblioteca Geral. Um arquiteto subalterno evoluiu para um arquiteto interventivo e de ideias próprias e o início monumental abriu caminho a um final protomodernista.

O modernismo representa mais uma mistura na hibridez do edifício, mas a ligação com as restantes acontece de uma maneira quase perfeita, dando-lhe a simplicidade e a objetividade tão típicas do modernismo, aumentando exponencialmente a qualidade da vivência do edifício. Transforma o interior do edifício num conjunto sereno e unificado. Um conjunto de situações e pormenores que interagem e que se complementam.

Os apontamentos modernistas mostram que a intervenção de Alberto Pessoa na transformação do edifício da Faculdade de Letras

em Biblioteca Geral foi muito além das competências que inicialmente lhe foram atribuídas. Conseguiu deixar a sua marca num edifício para o qual deveria apenas adaptar as vontades e necessidades de outros a uma obra que também ela própria era de outro.

No processo de idealização, conceção e construção da Biblioteca Geral, considera-se haver dois pontos fundamentais a reter:

O primeiro é a evidente conotação política e a consequente arquitetura monumental que calculou, controlou e monopolizou todo o espaço envolvente e as fachadas do edifício, tendo como máximo enfoque a monumentalíssima fachada principal voltada para o também monumental Largo da Porta Férrea.

O segundo é a grande vitória de Alberto Pessoa ao conseguir unir uma “manta de retalhos” que já vinha do neoclassicismo do séc. XIX e início do séc. XX, pelo monumentalismo dos anos de 1940 e assistiu ao ressurgimento do modernismo em Portugal. Além disto, há a acrescentar a influência do grande número de pessoas de várias áreas e responsabilidades que intervieram e deixaram a sua ideia no projeto e na execução.

Pessoa juntou tudo e transformou a antiga Faculdade de Letras num edifício digno e eficaz, onde todas as necessidades foram supridas e as foi suprimindo durante as décadas seguintes. Criou um edifício detentor de uma simplicidade organizacional marcante, tanto nas zonas de acesso público como nas zonas técnicas (nestas últimas é de salientar o enorme respeito pela escala humana) onde a vivência apela ao regresso do visitante.

## Bibliografia

Inauguração dos Edifícios da Biblioteca Geral e da Faculdade de Medicina construídos pela Comissão de Obras da Cidade Universitária de Coimbra : discursos. Coimbra, 1956. Separata de: Anuário da Universidade de Coimbra, 1955-1956.

ROSMANINHO, Nuno – O Princípio de uma “revolução urbanística” no Estado Novo : os primeiros programas da Cidade Universitária de Coimbra. Coimbra : Minerva, 1996.

## Dissertações e trabalhos académicos

ROSMANINHO, Nuno – O poder da arte : o Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra. Coimbra : [s.n.], 2002. Dissertação de Doutoramento em História Contemporânea – versão em CD-ROM.

## Documentos manuscritos e dactilografados - Arquivo da Universidade de Coimbra

Processos/ Maços (catálogo – cota – assunto):

CAPOCUC – 7A – Texto e imagem – informação geral.

CAPOCUC - 282 – [edifício BGUC] Baixos-relevos, 1950-1951.

CAPOCUC – 334 I e II – [edifício BGUC] Empreitada de arranjo externo e cobertura, 1952-1955.

CAPOCUC - 379 – Faculdade de Medicina: obras de arte.

CUC 2008 - 100 – [edifício BGUC] Projeto nova fachada principal, 1950.

CUC 2009 - 163 – [edifício BGUC] Projeto - texto, 1944.

CUC 2010 - 267 – [edifício BGUC] Biblioteca Central (fachadas), 1942-1955.

# A Casa da Livraria da Universidade de Coimbra ao tempo de D. João V

Pedro Miguel Ferrão<sup>1</sup>

## RESUMO

A biblioteca universitária conimbricense seria transferida para um novo edifício, construído de raiz entre 1717 e 1728, por iniciativa do rei D. João V. Este elegante projecto arquitectónico seria transfigurado no seu interior com uma das mais sumptuosas e eloquentes decorações barrocas em talha dourada, enriquecida pela representação de *chinoiseries* e ainda pelas pinturas dos seus tectos em *trompe l'oeil*, a qual se tornaria, segundo palavras do erudito conde Raczinski, *la bibliothèque la plus richement ornée que j'aie jamais visitée*.

Com efeito, na Casa da Livraria reside, de forma indelével, o espírito da esclarecida acção mecenática do *Magnânimo* – consagrada mais tarde na nomenclatura adoptada que a passará a designar por *Biblioteca Joanina* –, lugar privilegiado em que Arte, Cultura e Ciência se conjugam em perfeita harmonia. Autêntico *Palácio do Saber*, o seu aparatoso cenário traduz uma autêntica cosmovisão do Homem e da Cultura Barroca do séc. XVIII.

## PALAVRAS-CHAVE

Barroco; Biblioteca; *Chinoiseries*; D. João V; *Trompe l'oeil*; Universidade de Coimbra; Biblioteca Joanina.

## ABSTRACT

The library of the University of Coimbra was transferred to a new building constructed under the reign of D. João V, between 1717 and 1728. This ele-

---

1 Conservador do Museu Nacional de Machado de Castro – pedroferrao@mnmc.dgpc.pt

gant architectural project was provided in its interior with one of the most sumptuous and eloquent baroque decorations in gilded carving, enriched by the representation of *Chinoiseries* and by the painting of its ceilings in *trompe l'oeil*, becoming, per the scholar Count Raczinski, *la bibliothèque la plus richement ornée que j'aie jamais visitée*.

Indeed, the Library House holds indelibly the spirit of the enlightened patronage of the *Magnânimo* – its name was later consecrated in the adopted nomenclature as the *Joanina Library* –, being a privileged place where Art, Culture and Science combine themselves in perfect harmony. An authentic Palace of Wisdom, its spectacular scenery translates into an authentic cosmos vision of Man and the Baroque Culture of the 18th century.

### KEYWORDS

Baroque; Library; *Chinoiseries*; D. João V; *Trompe l'oeil*; University of Coimbra. Joanina Library.



Fachada da Biblioteca Joanina



Interior da Biblioteca Joanina

No séc. XVIII, a biblioteca universitária conimbricense seria transferida para um novo edifício, construído de raiz por iniciativa de D. João V. Vários foram os motivos que contribuíram para a renovação da Casa da Livraria. Desde logo, as obras de remodelação da ala escolar dos *Gerais* – projectadas nos finais do séc. XVII e concluídas nos começos do século seguinte, por iniciativa do Reitor D. Nuno da Silva Teles I – adicionaram novos problemas ao espaço que lhe tinha sido destinado. Com efeito, os fundos bibliográficos encontravam-se acondicionados numa sala situada no átrio dos *Gerais*, como se pode ainda confirmar pelo medalhão que ostenta sobre o portal. Ao mexer na antiga construção arquitectónica, afectaram parte da estrutura desta sala, obrigando à transferência em 1705 dos livros para o piso superior, onde se encontrava localizado o cartório.

Esta situação tornou-se insustentável, pelo que, em 1716, o novo reitor – D. Nuno da Silva Teles, o segundo deste nome – redige uma

carta a D. João V esclarecendo que a Universidade não possuía instalações condignas para albergar os fundos bibliográficos, como determinavam os seus estatutos, pedindo que autorizasse a procurar um local adequado para realizar obras de adaptação. A resposta do monarca – enviada a 31 de Outubro desse mesmo ano – confirma não só as pretensões do reitor, como autoriza ainda a construção de um edifício próprio no espaço universitário. Ao mesmo tempo, a missiva real ordena a compra da biblioteca pessoal do Dr. Francisco Barreto, enriquecendo, deste modo, o seu acervo bibliográfico.

Assim, o plano de requalificação encontra-se em desenvolvimento e passa agora por encontrar uma nova área no recinto universitário. A escolha recairá numa parcela contígua à Capela de S. Miguel, local onde se encontravam as ruínas do antigo cárcere palatino de finais do séc. XIV, ao tempo de D. João I. Trata-se de um terreno desnivelado que prolongará o anterior terreiro universitário.

Preparado o terreno alguns meses antes, o arranque da obra acontece, na presença do reitor, no dia 17 de Julho de 1717, concluída apenas em 1728. Durante os onze anos em que decorrerá este empreendimento, mestres-de-obras, canteiros, entalhadores, pintores, latoeiros, carpinteiros, marceneiros, vidraceiros e outros artífices vão conferindo forma a um projecto que se consubstancia numa das mais sumptuosas e elegantes arquitecturas do período barroco, e que seria, segundo palavras do erudito conde Raczkinski, *la bibliothèque la plus richement ornée que j'aie jamais visitée*.

Um dos enigmas que o edifício encerra reporta-se ao nome do arquitecto que o projectou. De facto, os documentos remanescentes são extremamente minuciosos sobre contratos, pagamentos e outras incidências da obra, mas totalmente omissos quanto a esta questão, revelando apenas o nome de João Carvalho Ferreira, mestre-de-obras da Universidade, que seria substituído por Gaspar Ferreira – empreiteiro contratado inicialmente para a realização das estantes – devido a dificuldades na interpretação da planta e na supervisão

da obra. É provável que o autor do projecto seja o escultor francês Claude Laprade, tendo em consideração as semelhanças formais da disposição interior da biblioteca com a sua obra escultórica deixada nos *Gerais* (entre 1699-1702), assim como o trabalho das estantes com algumas estruturas retabulares executadas no mesmo período para igrejas da capital.

Delineada tendo em consideração o desnível do terreno em que se implanta – com o acesso exterior sul a ser efectuado pelas escadas de Minerva, uma obra construída a partir de 1724 por Gaspar Ferreira – a Casa da Livraria projecta um sóbrio e sólido paralelepípedo, dividido em três andares. O primeiro integra as preexistências do séc. XIV com a função de depósito, enquanto o intermédio se destinava a albergar os gabinetes dos docentes, ao mesmo tempo que cumpria a função de suporte do andar nobre. Este abria-se sobre o pátio universitário, projectado para acondicionar o espólio bibliográfico e para a sua consulta pública.

A fachada sul é animada por duas séries de seis janelas pequenas de vão quadrangular, ao nível do piso intermédio e superior, sobrepujadas por igual número de altas janelas com arco de volta perfeita. São rematadas por saliente cornija misulada e coroadas por pares de urnas ovadas. A face oeste é rasgada por três janelas cegas de vão semi-circular, tendo outras mais pequenas e de formato rectangular no seu alinhamento vertical. A fachada virada a norte é formada por quatro janelas e mantém-se original, dado que as restantes fachadas e vãos das janelas foram delimitadas com pedra lioz, numa intervenção efectuada na 1ª metade do séc. XX pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, subvertendo a leitura inicial do edifício.

Na fachada principal sobressai o imponente portal traçando um arco de triunfo, apoiado em mísulas terminais bastante decoradas, e ladeado por dupla e grandiosa colunata jónica, sobrepujado pelo volumoso brasão de armas de D. João V. Aqui se inicia o percurso de um eloquente discurso produzido por esta *biblioteca-falante*, singu-

lar e coerente programa de arte, ciência e cultura. Como manifesto disso gravaram-se, ao nível do entablamento, os seguintes caracteres latinos: *Hanc avgvsta dedit libris collimbria sedem, vt capvt exornet bibliotheca svvm* (“Esta é a sede que a Augusta Coimbra deu aos livros, para que a biblioteca lhe coroe a frente”). A porta de madeira ostenta uma tarja em latão com uma inscrição latina: *Lvsidae, hanc vobis sapientia condiditarcem: dvctores libri; miles et arma labor* (“Lusos, este é o caminho que vos aponta a sabedoria: por capitães os livros; por soldados e armas o trabalho”).

Palavra e imagem integram-se e reforçam-se de uma forma ainda mais visível no sumptuoso ambiente interior da biblioteca. A unidade do espaço é-lhe conferida pela inteligente articulação entre as suas distintas partes, estabelecida por diferentes desenhos dos pavimentos em pedra; pela grandiosa estrutura e decoração das estantes – elegante obra de *chinoiserie* concebida em quarenta meses (1723-27) pelo pintor Manuel da Silva, reproduzindo exóticas paisagens ao gosto oriental; das pinturas em *trompe l’oeil* dos tectos, encomendadas em 1723 à dupla lisboeta Vicente Nunes e António Simões Ribeiro, ou ainda pela sobrecarga de outros ornamentos em talha dourada e pelo mobiliário, como os seis bufetes de leitura executados, entre 1725-27, em preciosas e exóticas madeiras brasileiras pelo italiano Francesco Realdino.

O esquema do interior é simples: um comprido rectângulo subdividido em três salas rectangulares que comunicam entre si através de arcos de volta perfeita, repetindo a composição do portal nobre. Esta sequência de arcos comunicantes vai traçar uma linha axial que nos conduz até à última sala, dirigida ao retrato de D. João V, pintura atribuída a Domenico Duprá (cerca de 1725).

No interior da porta de entrada nova tarja em latão remete para o código discursivo e imagético da biblioteca, afirmando que *Pandvtr cvntis excvlta palatia libris: hvc ades; avtores consvle, doctvs eris. Haec tibi pro stvdiis et lex et norma teneta est: mens legat, obsevet sedvla;*

*penna notet* (“A todos se franqueiam estes palácios, de livros adornados. Entra aqui, consulta os autores e serás douto. No teu estudo, esta lei e norma deve ser observada: a mente leia, medite com zelo, a pena anote”).

Com a notação de cor verde e dedicada aos cursos de Medicina e de Matemática, de acordo com as insígnias que ostentam os medalhões sobre as portas, o ambiente da primeira sala prossegue o discurso simbólico nas pinturas que se acomodam nos tectos e nas sancas. Ao centro preside a figura da Sabedoria sob a forma de uma formosa mulher, representando aqui a própria Biblioteca (autenticada pela inscrição *Biblioteca Imago*) rodeada de pequenos anjos, com a legenda *Felices ornent haec instrumenta libellos* (“Estas estantes ornamento os livrinhos, felizes”), ao mesmo tempo que recebe o conhecimento dos quatro continentes da Terra, representados pelas alegorias de África, Ásia, Europa e América.

A sala seguinte, com as estantes de cor vermelha e consagrada às faculdades de Cânones e de Leis, é preenchida no tecto com a imagem da própria Universidade (com a legenda *Universitas*), novamente rodeada de *putti* que transportam outra tarja, reproduzindo um verso das *Éclogas* de Virgílio: *Clavdite iam rivos pverti sat, prata bibervnt* (“Fechai, meninos, as regas, que os prados já beberam bastante”). Na sanca aparecem alegorias que personificam as qualidades que se devem possuir para alcançar a sabedoria: *honra*, *virtude*, *fortuna* e *fama*. Nos medalhões representam-se efigies de poetas latinos: Virgílio, Ovídio, Séneca e Cícero, uma consagração da imortal cultura clássica.

Finalmente, na última sala – de cor negra e marcada pelos símbolos universitários da Teologia e da Retórica (Artes) –, o tecto retrata a própria Sapiência (com a legenda *Enciclopedia*) recebendo a síntese do saber transmitido pelos diversos cursos universitários, pois só com estas fontes de conhecimento poderemos alcançar as verdades do mundo. Essa mensagem é reforçada por um excerto retirado da

Eneida de Virgílio: *Dabitvr tellvris operta svbire avricomos siqvís de cerpserit arbot fetvs virg aened* (“Só é permitido penetrar nas secretas entranhas da terra, se alguém colher da árvore os ramos de ouro”).

Assim, cada alegoria universitária feminina aparece, uma vez mais, na sanca do tecto: a *Sacra Pagina* representa a Teologia e os Cânones, mostrando a seguinte legenda: *En nobis theologiam et canones ad domvs* (“Aqui temos a Teologia e Cânones na sua morada”); *Astraea*, figurada pelas Leis com uma fita onde se inscreve a citação de Séneca: *Caelestivm terra astraea relinqvit* (“A Justiça deixou a morada dos deuses pela terra”); a *Natura* (Ciências da Natureza) explicitada por dois letreiros, o primeiro, retirado dos *Remedia Amoris*, e aludindo à Medicina, *Temporibvs medicina valet* (“A Medicina permanece ao longo dos tempos”); a outra, referência à Matemática e à Filosofia, *Mathematica et Philosophia caelvm et terram circvivi sola* (“Com a Matemática e a Filosofia, apenas, percorri céus e terra”). Por fim, alude-se a *Ars* (Artes), com as palavras *Omnes grammaticos q rhetoras q moneo* (“Exorto todos os gramáticos e retóricos”), e Música, onde uma fita mostra a legenda *Musica obletat et allicit* (“A música deleita e seduz”).

Contudo, a apoteose desta relação dialéctica é alcançada pelo discurso de elogio ao rei, que se inscreve numa cartela sob a elaborada estrutura cenográfica do retrato de D. João V:

Regia, qvam cernis, specvlvm tibi praestat imago: in specvlo totvm, qvod capit avla, vides.

Qvae qve avgvsta patent, ioannes ordine qvintvs condidit, aeternvm principe vivat opvs.

(“O retrato régio que contemplas está na tua frente como um espelho: nesse espelho vês tudo o que este palácio contém. E tudo o que de majestoso ostenta realizou-o João Quinto. Viva eterna a obra juntamente com o príncipe”).

O impacto das imagens sai reforçado pela presença dos vários discursos em latim, traduzindo e ampliando a experiência sensorial e racional, que, a cada momento, se revela na *morada da sabedoria*.

Com efeito, na Casa da Livraria reside, de forma indelével, o espírito da esclarecida acção mecenática de D. João V – consagrado mais tarde na nomenclatura adoptada que a passará a designar por *Biblioteca Joanina* –, lugar privilegiado em que a Arte, Cultura e Ciência se conjugam em perfeita harmonia. Autêntico *Palácio do Saber*, o seu aparatoso cenário traduz uma certa cosmovisão do Homem e da Cultura Barroca do séc. XVIII.

## Bibliografia

- ALMEIDA, Manuel Lopes de – *Artes e Ofícios em documentos da Universidade : Séc. XVIII (1701-1726)*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1971.
- ALMEIDA, Manuel Lopes de – *Artes e Ofícios em documentos da Universidade : Séc. XVIII (1726-1753)*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1974.
- AMARAL, A. E. Maia do, coord. – *Os livros em sua ordem : para a história da Biblioteca Geral da Universidade (antes de 1513-2013)*. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. ISBN 978-989-26-0893-8.
- BANDEIRA, José Ramos – *Universidade de Coimbra. Edifícios do Corpo Central e Casa dos Melos*. Coimbra : Casa do Castelo Editora, 1943. vol. 1.
- BORGES, Nelson Correia – Do Barroco ao Rococó. In *Historia da Arte em Portugal*. Lisboa : Publicações Alfa, 1986. vol. 9.
- CARVALHO, A. Ayres de – *D. João V e a Arte do seu Tempo*. Mafra, 1960-1962. 2 vol.
- CASTRO, Aníbal Pinto de – A Livraria da Universidade. *Historia da Universidade em Portugal*. Coimbra : Universidade de Coimbra ; Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1997. vol. 2 (1537-1771).
- FERRÃO, Pedro – A construção da Casa da Livraria da Universidade de Coimbra. *Actas do Colóquio A Universidade e a Arte. 1290-1990* [separata]. Coimbra : Instituto de Historia da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993.
- FEYO, Florêncio Mago Barreto – *Memoria Histórica e Descritiva acerca da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1857.
- FIGUEIREDO, A. C. Borges de – *Coimbra Antiga e Moderna*. Lisboa, 1886.
- GONÇALVES, A. Nogueira ; CORREIA, Vergílio – *Inventario Artístico de Portugal. Cidade de Coimbra*. Lisboa : Academia Nacional de Belas Artes, 1947.
- MADAHIL, A. da Rocha – Biblioteca da Universidade de Coimbra. *Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira*. Lisboa/Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, [s/d]. vol. 4.

- PIMENTEL, António Filipe – O gosto oriental na obra das estantes da Casa da Livraria da Universidade de Coimbra. *Portugal e Espanha entre a Europa e Além-mar*. Coimbra : Instituto de Historia da Arte/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1988.
- PIMENTEL, António Filipe – Bibliotecas. *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. Lisboa : Editorial Presença, 1989.
- PIMENTEL, António Filipe – Uma empresa esclarecida: a Biblioteca Joanina. *Revista Monumentos*. Lisboa : Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais. Nº 8 (Mar. 1998).
- PIMENTEL, António Filipe – A Biblioteca da Universidade e os seus espaços. *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.
- SMITH, Robert C. – *A Talha em Portugal*. Lisboa : Livros Horizonte, 1962.
- TEIXEIRA, António José – A Livraria da Universidade. *O Instituto*. Coimbra. S. 2, vol. 37 (1890).

## Fontes Manuscritas

Arquivo da Universidade de Coimbra [A.U.C]:

*Obras. Construção da Biblioteca Joanina*, Caixas 13 a16 [A.U.C. – Dep. IV, S. 1ªE., Est. 1, Tab. 1]

*Obras. Construção da Biblioteca Joanina*. Caixas 1 a 5 [A.U.C. – Dep. IV, S. 1ªE., Est. 1, Tab. 2]

*Obras. Construção da Biblioteca Joanina. Registo da Receita e Despesa*. Vols. 8 a 16 [A.U.C. – Dep. IV, S. 1ªE., Est. 1, Tab. 2]

*Receita e Despesa*, anos de 1716-1728, Livros 21 a 24 [A.U.C. – Dep. IV, S. 1ªE., Est. 12, Tab. 3]

## Sites

<http://www.bibliotecajoanina.uc.pt>

# Livros e Bibliotecas: encontros (in)dispensáveis no processo de aprendizagem?<sup>1</sup>

Madalena Alarcão<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo foca-se na importância dos livros, e de uma leitura reflexiva, no processo de aprendizagem e na qualidade da formação do estudante universitário.

Interroga-se sobre como pode a Universidade estimular caminhos de aprendizagem em que os estudantes sentem necessidade de ler livros e de frequentar bibliotecas. Se os docentes podem, nesta matéria, ser importantes modeladores do comportamento dos estudantes, também os bibliotecários, enquanto “curadores de informação” e “conselheiros de procedimentos” têm um papel muito relevante na promoção de sessões de consulta de bases de dados e utilização de sistemas de referência e escrita científica.

## PALAVRAS-CHAVE

Bibliotecas; Livros; Ensino Superior; Processo de ensino-aprendizagem.

## ABSTRACT

This article focuses on the relevance of books, and reflexive reading, for the learning process and the excellence of university students.

- 
- 1 Texto apresentado por ocasião do lançamento do livro *A Biblioteca da Universidade de Coimbra: permanência e metamorfoses*. BGUC, Sala de São Pedro, 10 de dezembro de 2015.
  - 2 Professora Associada da Faculdade de Psicologia e de Educação, Vice-Reitora da Universidade de Coimbra.

We raise some questions about how the University can stimulate ways of learning in which students feel the need to read books and attend libraries. Although the teaching staff can be an important role model for students, librarians, being “information curators” and “procedure advisors”, play a very important role in promoting some courses about how to use bibliographic databases and know the scientific writing style.

#### **KEYWORDS**

Libraries; Books; Higher Education; Teaching-learning process.

O livro que hoje se apresenta traz à estampa a reflexão que aconteceu, há cerca de dois anos, no auditório da reitoria, a propósito dos 500 anos da Biblioteca da Universidade de Coimbra.

*A Biblioteca da Universidade: Permanência e metamorfoses* (2015), editado pela Imprensa da Universidade de Coimbra, constitui-se como um excelente pretexto para (re)ler e refletir sobre o papel das bibliotecas universitárias, nomeadamente sobre a biblioteca da Universidade de Coimbra, o seu passado, presente e futuro. Na pessoa dos coordenadores da obra, Professor Doutor José Cardoso Bernardes, Dr<sup>a</sup> Ana Migueis e Dr<sup>a</sup> Carla Ferreira, cumprimento todos os autores, agradecendo-lhes as horas de leitura, aprendizagem e reflexão que me proporcionaram. Sendo vários e diversos os contributos, umas vezes ecos de experiências mais intimistas, outras de saberes mais técnicos ou de reflexões mais teóricas, este é um livro que podemos ler de trás para a frente, da frente para trás, do meio para o fim ou para o princípio, interpolando visões ou insistindo na mesma temática. Dá-nos uma liberdade de leitura que não só aprecio como se ajustou muito bem ao ritmo com que o li, entrecortado por diversos outros compromissos. Mas a minha presença, hoje, aqui, tem, a pedido do Professor Cardoso Bernardes, uma outra intenção. A de estimular algum diálogo e alguma reflexão sobre a forma como, pedagogicamente, podemos tornar a leitura uma atividade indispensável no processo de aprendizagem e de construção do saber.

A atração pelos livros e pelas histórias é uma constante na vida das crianças pequenas. Para muitas, essa sedução aumenta quando percebem o poder que a leitura lhes proporciona: não só lhes abre novos horizontes como lhes permite fazer algo que, até aí, apenas aos adultos estava reservado. Por certo, todos nós assistimos já ao orgulho da criança que começa a ser capaz de ler, assim como ao prazer que experimenta quando se torna capaz de devorar umas páginas atrás das outras. Há, no entanto, crianças que seguem um caminho diferente, deixando de lado os livros e a leitura. Quando procuramos perceber o que se passa, descobrimos que, geralmente, vivem em contextos desprovidos de livros e de hábitos de leitura e que tiveram experiências verdadeiramente desastrosas no início da sua escolaridade. Em vez de iniciarem um caminho de conquista de conhecimento e de apetência pela aprendizagem, experimentaram situações recorrentes de (maior ou menor) insucesso que as afastaram dos livros e da leitura como forma de não se confrontarem com as suas próprias dificuldades.

Nos nossos dias, começamos, desde muito cedo, a tornar difícil a aproximação das crianças à leitura porque as envolvemos numa sobreestimulação que é pouco compatível com o tempo e a calma que a leitura exige. Estamos a aproximar-nos do natal, um período em que todas as crianças devem poder experimentar a alegria de receber presentes. Mas, em muitas, muitas casas, as prendas sucedem-se a um ritmo que obriga a criança a saltar de um para outro objeto sem ter tempo para disfrutar de cada um deles. Na fúria de descobrir novidades, os livros, mesmo quando são também oferecidos, ficam esquecidos porque desfolhá-los, e descobrir os seus segredos, não é compatível com a agitação e com o ruído que se instala nesses momentos. E quem fala de natal, fala de festas de anos. Se evoco esta experiência pessoal, mas que, imagino, deve ser partilhada por muitos dos presentes, é porque me parece que devemos ter cuidado em não curto-circuitar um apelo quase natural da criança pelo livro

e pela descoberta de conhecimento. Já pensaram nas muitas vezes em que as crianças nos puxam para feiras de livros e nos pedem que compremos alguns? Já pensaram na quantidade de “porquês” com que nos questionam quando são pequenas?

Esta curiosidade e abertura ao conhecimento são, por vezes, cerceadas por experiências escolares menos positivas. Dizemos, frequentemente, que é na escola primária que “se lançam os dados” e é verdade que podem iniciar-se, aí, carreiras de insucesso. Permitam-me que partilhe uma pequena história. Na década de 90, do século passado, numa escola primária da periferia de Coimbra, não mais distante do que 5 km relativamente ao centro da cidade, havia um conjunto de crianças sinalizadas como tendo dificuldades de aprendizagem. Isso ditou um pedido de intervenção psicossocial no contexto da qual se combinou a assistência e gravação de parte de uma aula. A professora escolheu como atividade o “reconto” que consistia na reprodução de uma pequena história que tinha sido lida na aula anterior e relativamente à qual os alunos, do 4º ano, tinham tido que, em casa, fazer uma cópia e explorar o significado de algumas palavras. Uma das crianças sinalizadas foi negativamente avaliada no reconto porque, em determinada passagem da história, não utilizou a mesmíssima ordem no relato da história, ainda que isso não alterasse em nada o teor da mesma nem a sequência dos factos. Esta era uma criança que “chorava porque não conseguia progredir na escola”. Tinha já prometido ir “a pé a Fátima” se conseguisse passar de ano. Reprovou e, no ano seguinte, numa outra escola, deixou a “fila dos burros” para passar a ser o melhor aluno do seu ano. O ensino básico e secundário, mesmo quando são marcados por boas experiências de aprendizagem, não criam nem valorizam, na maior parte das vezes, o contacto e a exploração do livro como fonte de informação nem a utilização da biblioteca (presencial ou virtual) como uma rotina na vida do aluno. Depois de uma curta experiência em que Vitorino de Magalhães Godinho substituiu os manuais escolares

por textos de apoio quando foi Ministro da Educação dos 2º e 3º Governos provisórios pós 25 de abril, a escola voltou à filosofia do manual escolar. A fonte de informação adicional, para a realização de alguns (poucos) trabalhos é, vulgarmente, a *wikipédia* e a utilização dos textos copiados da *internet* muito raramente merece uma leitura crítica por parte do professor.

Quando chega à universidade, o estudante não aprendeu a viver a biblioteca como o “centro da vida intelectual” da sua escola, muito menos como “centro dinâmico de informação”. E, no entanto, os estudantes, pelo menos os da Universidade de Coimbra (UC), reclamam, da sua universidade, um maior tempo de funcionamento das bibliotecas, considerando que não têm horários compatíveis com as suas necessidades de estudo. É verdade que as usam, com muita frequência, como salas de estudo, sem que se sirvam dos livros ou das revistas que nelas se acolhem. No ano de 2014, entre empréstimos e devoluções, movimentaram-se nas bibliotecas da UC 178.734 obras, sendo que até 15 de outubro de 2015 o movimento foi de 137.272 obras. Estes dados integram públicos diversos, pelo que não são todos estudantes. Se fossem, teríamos, provavelmente, uma média de 7 livros requisitados, por estudante. Mesmo considerando que, hoje em dia, há um acesso facilitado a diversas referências, seja porque estão em *open acces*, seja porque estão em bases de dados a que temos acesso enquanto comunidade académica, seja porque há material bibliográfico que é disponibilizado pelos docentes como material de apoio, este não é um número muito interessante.

Faz então sentido que nos interroguemos sobre se a UC estimula caminhos de aprendizagem em que os estudantes sentem necessidade de ler livros e de frequentar bibliotecas, presencial e/ou virtualmente. A UC tem mais de 23 mil estudantes: entre eles haverá os que estudam apenas os *power-point* usados pelos docentes e os apontamentos feitos por colegas; haverá os que consultam alguma da bibliografia sugerida; há os que leem os manuais aconselhados

e há os que trabalham sobre fontes bibliográficas diversas, entre as quais livros e artigos. Mas é verdade que podemos, e devemos, ajudar a construir percursos mais ricos e mais exigentes, logo desde a licenciatura.

São várias as vozes, neste livro, que sublinham a importância que as bibliotecas universitárias, e os bibliotecários, podem ter na forma como os seus utilizadores acedem e processam a informação que elas acolhem. O bibliotecário é apresentado como um mediador, como “um curador da informação”, como alguém que “aconselha e ajuda os estudantes a construírem autonomamente as suas pesquisas”. Como um “conselheiro sobre procedimentos, qualidade, rigor, relevância e ética da informação”. Os testemunhos de alunos de doutoramento trazidos por Maria José Fernandes Carvalho são disso exemplo. Embora existam já ações de formação promovidas pelas nossas bibliotecas, considero que seria fundamental que todos os estudantes da UC fossem obrigados a frequentar sessões sobre consulta de bases de dados, utilização de sistemas de referênciação e de escrita científica.

Estes podem ser conteúdos que a Universidade disponibiliza presencialmente e/ou a distância. Mas considero que deviam ser de frequência obrigatória. Há algum receio, na universidade, em afirmar-se a obrigatoriedade de certas aprendizagens, considerando que ao estudante universitário deve ser dada total autonomia para decidir o que quer fazer do seu percurso académico. Prezo muito a autonomia e a liberdade mas há experiências que são fundamentais para que a escolha seja, realmente, efetiva. Dificilmente se escolhe na ignorância e, já vimos, o secundário não permite (quase) nenhum contacto com este tipo de conteúdos pelo que a opção por não frequentar ações como as que referi é um pouco como afirmar que não se gosta de um determinado alimento que nunca se experimentou. É possível introduzir este tipo de conteúdos em algumas unidades curriculares. Há diversos docentes que o fazem. Mas considero que estes

conteúdos deveriam ser abordados de forma transversal ao ciclo de estudos que o estudante frequenta, apresentados e debatidos por bibliotecários e por docentes com particular experiência nestas temáticas. Mais do que uma vez, pelo menos nas licenciaturas, pelo que seria útil que houvesse níveis diferenciados de tratamento destes assuntos. A possibilidade de, no 3º ciclo, haver algumas horas de tutoria, assumidas por aqueles profissionais e, também, por editores de revistas seria uma possibilidade muito interessante e útil, não apenas para estudantes, mas também para os seus orientadores e para os próprios bibliotecários. Estes seriam espaços de aprendizagens variadas, e ricas, pelas trocas de informação, pela necessidade de partilha de referenciais teóricos e de esclarecimento de conceitos, pela descoberta de conexões anteriormente impensadas.

A análise crítica das fontes, assim como a análise crítica do conhecimento veiculado em diversas obras é um tipo de aprendizagem e de exercício que a universidade devia cultivar de forma mais sistemática. De novo desde os primeiros anos. O ensino universitário tem-se aproximado, perigosamente, de um ensino liceal. Nas aulas apresenta-se e explica-se aquilo que os estudantes deviam ter lido em casa, deixando de haver tempo para trabalhar sobre a informação base, para questioná-la, para articulá-la com outras informações, estabelecendo conexões que podem não ser tão imediatas mas que são fundamentais para a construção do conhecimento. Nas aulas, é necessário ter tempo para suscitar dúvidas, para experimentar aplicações de conhecimentos com os quais o estudante já contactou, para suscitar debate. Só assim os estudantes se apropriam do conhecimento necessário para responderem aos (novos) desafios que o mercado de trabalho lhes coloca. Só assim conseguem envolver-se na construção de conhecimento avançado. Esta análise crítica implicaria aprender a avaliar a fiabilidade dos dados e a justeza das conclusões. Implicaria aprender a colocar problemas e a decidir sobre modelos e estratégias de recolha e tratamento de dados. Implicaria

aprender a analisar e a discutir esses dados bem como a difundir o conhecimento. Estaremos de acordo que nem todas as temáticas nem todas as etapas de aprendizagem se ajustam a este modelo. Mas é por isso que um ciclo de estudos não tem apenas duas ou três unidades curriculares, antes se esperando que os docentes reflitam não só sobre as competências de aprendizagem que a sua disciplina pode e deve proporcionar mas que se articulem entre si para clarificar como é que o conjunto de unidades curriculares contribui para as aprendizagens e as competências que se espera que o curso proporcione. Um ensino que assuma de forma consistente este tipo de posicionamento é muito exigente: para os docentes e, sobretudo, para os estudantes. Mas esse é/deve ser o desafio do ensino universitário.

Com um entendimento deste tipo acerca do que podem ser as horas de contacto, a leitura de livros e de artigos torna-se fundamental. E há estudantes que esperam que o ensino universitário tenha esse enquadramento: por isso solicitam, já nos anos finais, bibliografia para começar a ler antes de iniciar o estágio ou a dissertação; por isso se queixam, logo desde a licenciatura, de professores que não disponibilizam a bibliografia no início do semestre. Muitos dos colegas sabem que tenho lido centenas de fichas de unidade curricular (FUCs). Verifico que uma das capacidades que ainda não ativámos plenamente é a da definição clara dos resultados esperados da aprendizagem, das competências que esperamos que os estudantes atinjam no final da unidade curricular, os *learning outcomes* cuja importância Bolonha defendeu. Mas esse exercício é muito importante para que fique mais claro o caminho que professores e estudantes devem fazer, para que fiquem mais claras as estratégias de avaliação a utilizar e a forma como elas podem ser usadas pelos estudantes para a autorregulação da sua aprendizagem, se conhecida atempadamente a sua correção. Para que fique mais claro o sentido e as conexões entre os conteúdos programáticos que foram definidos. A definição dos resultados esperados da aprendizagem, antes

de definidos os conteúdos programáticos, permite ainda uma outra interação que é hoje muito relevante – o diálogo com a comunidade, nomeadamente com empresas e outros potenciais empregadores. A Universidade não deve formatar a sua oferta formativa ao mercado de trabalho. Mas deve dialogar ativamente com as diversas áreas de aplicação do saber porque é nesse diálogo que também afina o conhecimento que produz e que encontra novas questões para investigar e novos problemas para resolver.

Mas voltando aos livros e às bibliotecas. Nas centenas de fichas de unidade curricular que tenho lido, tenho encontrado algumas em que uma das primeiras referências bibliográficas são os apontamentos do professor e/ou os *slides* das aulas (nomeadamente em FUCs de 2º ciclo). Apontamentos não são livros didáticos. Se um professor considera que essa é uma referência, podemos esperar que a generalidade dos estudantes procure outras? O número de referências já do século XXI é, com muita frequência, extremamente diminuto, apesar da enorme produção científica que tem marcado os últimos anos. Acredito que seja por falta de espaço, mas não tenho encontrado qualquer distinção entre bibliografia fundamental e complementar. Pode considerar-se que essa divisão não faz sentido. No entanto, particularmente num 1º ciclo, em que fica muita coisa por aprender mas em que o estudante deve ficar com recursos para explorar mais tarde, penso que ela seria útil.

Tenho-me focado, essencialmente, na direção professo-aluno. Mas o processo de ensino aprendizagem é não só bidirecional como recursivo. Há, por isso, muitas oportunidades para que os estudantes possam também partilhar leituras, ou outros materiais (p.e. filmes, documentários, ensaios, artigos de opinião), com colegas e docentes. Assim se enriquecem as aprendizagens e assim se reforça a reciprocidade que alimenta o envolvimento e fortalece a motivação. Na Universidade de Coimbra, no nosso sistema de gestão académica – *Nónio* -, temos um recurso que estimula vários tipos de trocas, en-

tre as quais a informação e comunicação sobre artigos e livros cuja leitura pode ser proveitosa. Falo dos fóruns. Há cursos em que são utilizados. Mas no universo da UC, a sua utilização é reduzidíssima, correspondendo a cerca de 1-2% das edições criadas num determinado ano em cada Faculdade/Departamento, exceção feita para o departamento de Eng<sup>a</sup> informática e mais um ou outro da Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Numa universidade global, com mais de setecentos e vinte e cinco anos de história e de produção de conhecimento, os livros e as bibliotecas são companheiros indispensáveis do dia-a-dia dos docentes e dos estudantes.

# Joaquim de Carvalho: o *clerc* universitário<sup>1</sup>

Paulo Archer de Carvalho<sup>2</sup>

## RESUMO

Professor, bibliotecário, bibliólogo, editor universitário, Joaquim de Carvalho (1892-1958) é investigador e autor pioneiro, entre nós, de uma historiografia cultural de matriz filosófica e da história das ideias, tal como a esboçaram Windelband e Dilthey no ocaso e na transição do século XIX e se praticara, com Collingwood, na primeira metade do século XX.

No fulcro dessa longa duração que sinaliza afinal a viragem para a agonia eurocêntrica e durante a qual a intelectualidade europeia mais se cindiu sobre o seu próprio estatuto – arguição cuja peça-chave é o célebre manifesto polémico *La Trahison des clercs*, de Julian Benda – Joaquim de Carvalho

---

1 O presente artigo remete sistematicamente para CARVALHO, Paulo Archer de – *Uma autobiografia da razão : A matriz da historiografia cultural de Joaquim de Carvalho*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 2015, do qual, em grande medida, adapta e circunscreve a parte final do I cap.; e remete, nalguma informação adicional, para *Cartas de Joaquim de Carvalho para Alfredo Pimenta: 1922-1936*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2016; e também para «Joaquim de Carvalho: da memória judaica ao esquecimento da Shoah». In *Judeus Portugueses no Mundo: Pensamento, Medicina e Cultura*. (Actas do Colóquio internacional). Universidade do Minho, 2014.

Para uma visão sinóptica do historiador da Cultura, cf. a nossa entrada «Joaquim de Carvalho». In *Dicionário dos historiadores Portugueses desde a fundação da Academia Real de História até 1974*, ee: <http://dichp.bnportugal.pt/index.htm>. A indicação bibliográfica da *Obra completa* (OC) de Joaquim de Carvalho, remete para a edição de Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1978-1997, VIII+I vols., organização e introduções a cargo de José Vitoriano Pina Martins.

O autor escreve de acordo com a ortografia portuguesa; e em desacordo, portanto, com o ilógico Acordo que a descaracteriza e a impede de (se) pensar.

2 Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX – Universidade de Coimbra - CEIS20-UC – pauloarcher33@yahoo.com.br

patenteou o paradigma do *clerc* secular: Ou, se quisermos, do universitário que, avançando na *episteme* espinosiana, apenas se subjeta à sua própria consciência e que, à maneira kantiana, da sua livre ética da responsabilidade transforma em dever deontológico.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Joaquim de Carvalho (1892-1958); Universidade de Coimbra; Resistência intelectual ao salazarismo; História da Cultura.

### **ABSTRACT**

Professor, librarian, bibliologist and academic publisher, Joaquim de Carvalho (1892-1958) was a pioneer researcher and author of a cultural historiography of philosophical matrix and of the history of ideas, as outlined by Windelband and Dilthey at the end of the 19<sup>th</sup> century and practiced by Collingwood in the first half of the 20<sup>th</sup> century.

At the fulcrum of this long period of time that marked the turning point to the Eurocentric agony and during which the European intelligentsia was most divided in its own status – an argument whose key piece is the famous controversial manifesto *La Trahison des clercs* by Julian Benda – Joaquim de Carvalho has patented the paradigm of the secular *clerc*: or, if we put it that way, the scholar who, advancing in Spinoza's *episteme*, only obeys to his own consciousness that, in the Kantian way, and according to his free ethics of responsibility, transforms it into a deontological obligation.

### **KEYWORDS**

Joaquim de Carvalho (1892-1958); University of Coimbra; Intellectual resistance to Salazarism; History of Culture.

Na primeira meia centúria de vida das Faculdades de Letras, fundadas pela República em Lisboa e Coimbra (1911) e episodicamente no Porto (1919-1930), Joaquim de Carvalho ressalta como figura central do ensino e da investigação historiográfica da Filosofia em conexão com as fontes da História das ideias, só sendo possível cotejar, parcialmente, no plano lógico-filosófico, ensaístico ou psicológico, com Vieira de Almeida, Edmundo Curvelo, Sílvio Lima ou, talvez, com Delfim Santos, que não exploram contudo análogas vias metodológicas. Como melhor o releu Miguel Baptista Pereira, num número evocativo

da revista *Biblos* (LVI, 1980: 7-8), destruída já a procela autoritária, essa espécie de contra-revolução permanente, assentada a densa poeira do esquecimento e os fumos tóxicos que a temporalidade paradoxalmente arrasta e dissipa, o figueirense “agiganta-se no campo da produção universitária” do séc. XX, ao propor-se desvendar “a linguagem histórica que falamos” e ao evidenciar os “traços ainda ocultos da história cultural portuguesa”.

Convalidações de idêntico teor, procedentes dos vários cantos do imaginário xadrez no qual as ideias (feitas peças, corpos e gente) se jogam, assegurar-lhe-iam um lugar único no complexo cultural português. Muito embora ideológica e politicamente situado nos antípodas, mas irmanado, com Paulo Merêa, na refutação do teor positivista e «objectivista» que hegemonizara a cultura universitária coimbrã, o jurista catedrático L. Cabral de Moncada, amigo e admirador de Carvalho, neste viu “o maior historiador da cultura portuguesa na sua expressão histórico-filosófica e filosófico-literária deste século” (*Para a História da Filosofia em Portugal no século XX*, 1960: 9). E um outro analista, mais atento então à coeva produção ibérica, achava na polígrafa inquirição da cultura portuguesa promovida pelo mestre universitário, apenas paralelo, na conjuntura historiográfica castelhana e peninsular, na obra oitocentista do cantábrico Menéndez y Pelayo (*Miscelânea de Homenagem a Joaquim de Carvalho*, 1960: 346).

Embora a comum aspiração arqueológica e reconstitutiva de uma distinta mas irmanada tradição científica e cultural ibérica, o reconhecimento da determinante influência no estudo da *Historia de los heterodoxos españoles*, ou a insistência na investigação das fontes filosóficas autóctones, o pudessem indiciar, é certo que o casticismo concêntrico de Pelayo não se inscreve na generosa genealogia republicana, cosmopolita e liberal de Joaquim de Carvalho. Tanto mais que este afastava o sentido valorativo eminentemente pessoal e unitarista de Menéndez y Pelayo (*OC*, V: 212), assente num visão não *iberista* mas *espanholista*, redutora da multipolaridade cultural

ibérica e aniquiladora do dualismo político no qual historicamente se cristalizara.

A analogia evidencia contudo o esforço incansável, ao um tempo, sistematizador e dispersivo, do investigador português. E o modo como, com passos seguros, o mestre alicerçou uma história das ideias, da qual foi bem o pioneiro representante no campo cultural (Fernando Catroga, «Joaquim de Carvalho e a História», *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 42, 1994: 391-398), não apenas por ter explorado uma *história dos conceitos*, no sentido de certo modo académico, filológico e erudito, tal como fora explorado pela historiografia alemã, mas por ter proposto, nalguns passos, uma *história por conceitos*, da qual, exemplos maiores, a prospecção arqueológica em solo pátrio da ideia do republicanismo e o seu projecto nunca cumprido – tolhido pela própria morte – de uma *História da Liberdade*, representariam certamente o acume.

Ora, o seu maior mérito, enquanto historiador, foi o de ter destacado a intrínseca temporalidade do ente histórico, cujos actos e pensamentos só poderiam ser lidos à luz da totalidade das vivências, superando assim o velho programa metafísico e teleológico que ao Ser Ihe assinalava um destino, porquanto os próprios *ricorsi* se encarregariam de Ihe desmentir qualquer providencial caminho ou descaminho nos *corsi* históricos. E daí ter superado, com Dilthey, a aporia kantiana na “concepção do homem como ser racional de estrutura constante e idêntica” (OC, VIII: 19). Construtor de uma obra historiográfica densa, de grande coerência e solidez interna, pela meticulosa verificação dos pressupostos, pela certificação dos corolários e pela aferição das conclusões e, por isso, de intrínseca mestria deontológica, que assinala entre nós a passagem da escrita profissional da *história-narrativa*, por vezes por ele ainda praticada na década de 30 nalgumas laudas, à *história-problemática*, que o seduzirá cada vez mais, na construção poliédrica da historiografia da qual, como especialista algum do seu tempo, foi o artífice entre nós.

Não será estranho, por isso, que Joaquim de Carvalho – jogando nos palcos díspares de uma cronologia muito vasta, grosso modo, dos séculos XV e XVI ao século XIX e mesmo aos inícios do século XX, coloque a historiografia crítica da filosofia e da cultura e nela, inclusive, das ciências, num patamar de exigência não antes conhecido – releia-se a sua *Antheriana*, ou a sua extraordinária introdução ao Livro I da *Ética* de Espinosa, por se fundar num trabalho minucioso, que nunca torturou as fontes para lhes exigir confissões que não poderiam dar, e por desenvolver uma escrupulosa verificação a que o seu profundo saber filosófico, a mais-valia do historiador cultural, conferia nova densidade e possibilidades hermenêuticas.

Figuração exacta é aquela, hoje melhor perceptível, do *clerc* universitário, também, no modo como rebateu ao longo da vida, quer, na juventude, as tentações hegemónicas do jacobinismo radical, quer, na maturidade, as visões redutoras do partidarismo ou, noutra vertente, a clericalização, o *espírito de cruzada* e a «renacionalização» do vigiado programa cultural que a Universidade crescentemente veicularia a partir de 1928-32; quer, sobretudo, como contestou a ulterior autocracia policial do Estado Novo – uma eternidade (como se lhe assemelhara) que não se dissipara quando os ventos libertadores e democráticos e a destruição do nazifascismo na Europa central e ocidental esbarrarem, por questões que não interessam aqui mas que decerto relevam duma história europeia insuficientemente indagada, com a intransponível cordilheira dos Pirenéus.

Por isso, Carvalho não se dobrará aos ditames do ditador, seu colega mais velho nas bancadas jurídicas, por mais que Salazar, passo a passo e ciente do enorme capital de liberdade ideativa que Carvalho entesourara e sabiamente redistribuía, lhe vá roubando muito: em primeiro lugar, e como veremos em particular, a direcção da Biblioteca Geral (que acumulava com o secretariado editorial de *O Instituto* de Coimbra) e a responsabilidade de edição da *Revista da Universidade*; depois, a administração e direcção da Imprensa da Universidade,

extinta por decretais em 29-VIII-1934, onde criou notáveis colecções, quer de edições críticas de fontes – mormente nos corpos *Scriptores rerum lusitanorum*, incluídas as *Crónicas*; *Biblioteca dos escritores portugueses*; *Subsídios para a história da arte portuguesa*; *Documentos para a história da expansão ultramarina dos Portugueses*; *Biblioteca do século XVIII*; *Biblioteca luso-brasileira de história da Medicina*; ou ainda *Arquivo de História e Bibliografia* (1923-1926), editado postumamente em 1976; quer, no senso mais preciso, especializando a divulgação dos clássicos da filosofia política e, em geral, da literatura ético-filosófica (*Biblioteca Democrática*; *Filósofos e Moralistas e Vária*), experiência frutuosa continuada depois na *Biblioteca Filosófica* da Atlântida, editando e estimulando excelentes traduções portuguesas, algumas das quais assinadas por António Sérgio ou Vieira de Almeida, dalguns dos textos capitais de Kant, Montaigne, Descartes, Leibniz, Renouvier, Meumann, Croce, entre outros.

Mas, ao mesmo tempo, abria páginas e páginas de ensaios a novos autores portugueses, como Sílvio Lima, Adolfo Casais Monteiro, Agostinho da Silva, João Gaspar Simões, Newton de Macedo, Cruz Malpique, Saavedra Machado ou até João Ameal, o que lhe custará neste acaso, de resto, acirrada crítica do campo democrático, mormente aquela que o ex-presencista Albano Nogueira lhe endereçou, acusando-o de abrigar os arautos do nacionalismo. O que originou a contra-resposta enérgica de Carvalho, nas páginas do lisboeta *Diário Liberal* que então co-dirigia (com Mário de Azevedo Gomes e Hernâni Cidade, entre outros), exprobando todos aqueles que supusessem que a defesa da cultura passaria tão-só pela defesa de uma visão sectária e redutora, *eius, sua*, ou mesmo pela partidarização do largo campo do espectro cultural.

Em todos os passos da vida profissional e da carreira académica, Joaquim de Carvalho foi intensamente um universitário: inscrito em Direito em Outubro de 1909 será bacharel por essa Faculdade (3-X-1914) e, depois, acumulando os dois cursos, desde 1911, licenciar-se-á com

máxima distinção em Letras (19-X-1916), doutorando-se em Filosofia com dezanove valores (14-II-1917), teve o primeiro despacho como 2.º assistente em 12-VIII-1916 e como professor ordinário em 5-XI-1919, ministrando um leque de cadeiras que incidiam sobre História da Filosofia Antiga, História da Filosofia Medieval, História da Filosofia Moderna, Moral, que serão as suas de referência, além de Pedagogia e de História da Educação, que regeu na Escola Normal Superior e depois na mesma Faculdade de Letras.

Muito jovem, desde 1918, director da *Revista da Universidade de Coimbra*, do Instituto de Filosofia (1926), do Laboratório de Psicologia Experimental (1938) e, de 1921 até à sua extinção, em 1930, da referida Escola Normal Superior, foi membro da comissão de reforma do Ensino secundário (em 1929), director da Biblioteca Geral da Universidade (de 1926 até 1931), administrador da Imprensa da Universidade desde 30 de Julho de 1921 até à sua extinção política, em Agosto de 1934, e depois, director da Biblioteca da Faculdade de Letras (despacho de 8-VIII-1934), o que poderíamos entender como compensação não compensada da dupla expulsão da direcção da Imprensa e da BGUC, Joaquim de Carvalho posteriormente seria conduzido a um dos cargos, com menor grau de autonomia e de decisão editorial e, sobretudo, menor visibilidade na cena política universitária e de responsabilidade cultural no quadro do país, de direcção das colecções *Universitatis Conimbrigensis Studia ac Regesta* e *Acta Universitatis Conimbrigensis*.

Por várias vezes secretário da Faculdade (desde 20-V-1921) reconduzido depois em 25-III-1940, nunca logrará contudo a direcção da sua Faculdade por claro embargo político exterior, apesar de ser internamente proposto. E nos anos 50, num pós-guerra afinal apaziguador para o Estado Novo, incapaz de fazer frente à nova revoada (após aquela, depuradora, dos anos 30) da «reconquista» nacionalista na universidade, perde posições internas quando, nos *fora* internacionais, mormente os que falam as línguas hispânicas e francesa, mais é

reconhecido – em Abril de 1954 é proposto doutor *honoris causa* pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Salamanca, que aceitará, e também as Universidades de Montpellier (França) e do Brasil (Rio de Janeiro) lhe dedicaram idêntica distinção honorífica.

Membro do Instituto Internacional de Filosofia, assumiria em 1927 o significativo cargo de secretário (*chairman*) da Societas Spinoziana, por indicação pessoal de Léon Brunschvicg, o filósofo Judeofrancês que fundara este instituto internacional em 1897 e no qual Carvalho ingressa logo após se doutorar, em 1917. A forte atracção, muito explícita nos escritos de juventude, pela cultura científica e filosófica dos filhos de Israel e a sua difusão oblíqua à agenda ocidental da cultura europeia, conduzi-lo-á à dupla investigação das chamadas raízes espirituais do espinosismo – a persistente e desconcertante heterodoxia de um filósofo que, na sua fundada visão, «pensava por dentro em português» – e levá-lo-á a assumir relevante papel, sobretudo nas décadas de 1920-30, nesta Sociedade (Vereniging Het Spinoza), de Haia, impelindo-o a ingressar, como admite com justificado orgulho num relatório oficial preparado para a FLUC, no “círculo restrito de historiadores do espinosismo, de Israel e da mentalidade europeia do século XVII” (cf. OC, V: 37).

A convite de Carl Gebhardt, o maior especialista do filósofo duplamente expulso, editará então no *Chronicon Spinozanum* relevante material original, tal como «Espinoza perante a consciência portuguesa contemporânea» (Haia, vol. V, 1927); e no mesmo congresso desse ano da Societas, de 23-25 de Fevereiro, celebrando a inauguração da Domus Spinoziana, apresentou a tese, debatida com Durmin-Borkowsky, com o próprio C. Gebhardt e com A. Ravá, da ascendência portuguesa (da Vidigueira) da família Spinoza – tese que suscitou uma revoada polémica e a impugnação da precedente tese hispanista –, simpósio no qual esteve em risco de não participar dado o duplo pronunciamento republicano revolucionário no início desse mês e a dificuldade de obter vistos em Portugal

Republicano, democrata, liberal, próximo do programa dialógico seareiro (do qual seria uma espécie de correspondente de mérito, em Coimbra), desenganou-se, após a breve experiência na década de 20, de qualquer pretensão de protagonismo na política activa, conquanto até 1923 fosse efémero dirigente regional do Partido Republicano da Reconstituição Nacional, liderado por Álvaro de Castro e Sá Cardoso – que, no entanto, cooptarão António Sérgio para Ministro da Instrução, em seu detrimento. Antissectário, o republicano idealista aproximara-se de Castro em finais 1919, sabe-se hoje melhor, na sequência da luta travada por si e pela corporação universitária contra a discricionária extinção da recém-criada Faculdade de Letras e contra aquele que a decretara, o efémero ministro democrático da Instrução pública, Leonardo Coimbra, apoiado num *factotum*, por ele inventado, o bacharel Joaquim Coelho de Carvalho, reitor nomeado pelo governo e desrespeitado pela corporação universitária, figura que no conjuntural gozo do presbitério da nova religiosidade civil deambulava, como escreveu o figueirense num libelo extraordinário (*A Minha Resposta*, 1919), “de guarda à porta férrea, arqui episcopalmente” e gostava que o venerassem “como prelado universitário” (OC, VII: 4-9).

A proposta de aliança táctica ditou a efémera militância política de Carvalho. Refractário às legiões de formigas, o braço armado das falanges afonsistas, seu braço legal, adversário cada vez mais activo da violência política, da dissipação do erário público e da desordem cívica, defensor das liberdades públicas e dos privados direitos de propriedade (também intelectual), antigo simpatizante de António José de Almeida no qual continuará a admirar a “dignidade política” e a quem evocará como marco da história tribunícia e hábil reformista, conquanto bastasse “a reforma do ensino superior para conferir ao estadista a gratidão pública” (cf. OC, VIII: 223-224), Joaquim de Carvalho acabará assim por apoiar Álvaro de Castro e Sá Cardoso e ingressar no PRRN, a partir de 1920. Mas não acompanhará a posterior

deriva nem ingressará no Partido Nacionalista quando reconstituintes e liberais na nova formação se fundirem em 1923.

Essa experiência vacinara-o contra qualquer ilusão prática. Desquita-se da Loja coimbrã Revolta, da maçonaria irregular, em 1924, embora continuasse a protestar, depois, já no interior da ditadura «nacional-seminarista», que para ele nunca chegará a expirar, pela instauração de uma República livre e democrática. Como registará numa epístola a Jaime Lopes Dias, em 1933, o neto de camponeses livres sempre regressará à terra da liberdade: “preso a princípios morais e políticos, não compreendo vida pública digna sem um parlamento, e seria para mim a maior honra da minha vida, aquela em que um dia, por eleição livre, eu pudesse no Parlamento traduzir, em palavras e actos, a voz obreira dos camponeses que me geraram”.

Do afastamento da política activa resultaria, pela positiva, a possibilidade prática de desenvolver os inúmeros projectos do trabalho teórico em que se envolveu: “Por mim, obstinadamente continuarei na mesma rota, cada vez me interessando menos a acção política, e cada vez mais atraído para a acção obscura e impessoal de trabalhar para amanhã”. Trabalhar para o futuro, numa universidade vigilante e punitiva e na opacidade cultural da década de 30, época em que escreve provavelmente a carta não datada ao poeta conterrâneo e amigo João de Barros, implicava “acarinhar e formar uma rodazinha de rapazes, com uma concepção grave da vida, direi quase de protestantes ou kantianos” (OC, VIII: 134).

Protestantes ou kantianos, leia-se melhor: treinado intelectualmente no confronto das ideias e educado, por dever e gosto do ofício escolar, na velha *disputatio* aristotélico-tomista, o mestre de filosofia abraçara a divisa nietzschiana, o *ofício dos filósofos é protestar*. Entende-se melhor, assim, o significado derradeiro de uma obra multimoda, quanto poliédrica, cuja complexidade de intersecção dos diversos campos analíticos (História, Filosofia, Cultura) ficou bem patenteada mais recentemente no acervo de comunicações apresen-

tadas ao *Colóquio Internacional Joaquim de Carvalho* (Coimbra, 2014), e cujo signo é o de o labor do clérigo – neste sentido, o seu paciente trabalho de autêntico *beneditino* foi bem assinalado por Jaime Cortesão – que anota úteis e sistemáticas reflexões sobre deontologia pedagógica e ética universitária; ou se deixa influir por comentários firmes a anacrónicos regulamentos e praxes. “Quer queiramos, quer não”, escreve com grande lucidez ainda em 1933, “começa a rodear-nos o crepúsculo, e para não nos volvermos cegos e anacrónicos carecemos harmonizar as formas docentes com o sentido da nossa época”, replicando à crescente especialização e verticalização dos saberes e à queda do referente horizontal das ideias gerais, “coisas fáceis para nós, professores da Universidade de Coimbra, porque recebemos uma herança, que não se improvisa: a experiência histórica. Aprendemos através da nossa existência multissecular a distinguir o rito caduco do ídolo indestronável (...) sabemos que as reformas passam e só permanece o amor da ciência e do ensino, e por o sabermos é que não admitimos hierarquias no nosso seio e nos congratulamos sempre com a vinda dos que nos continuam e excedem” (OC, V: 186).

Compreende-se pois o modo como, entre os pares, o reconhecimento dos seus méritos invulgares cedo assomou. Os sinais são amplos. Desde logo, para o que particularmente interessa aqui, na indigitação para director da Biblioteca Geral, aos trinta e poucos anos de idade. Através dos ofícios da BGUC – socorremo-nos da informação escrita disponibilizada por cortesia do actual vice-director da instituição, Dr. António Eugénio Maia Amaral – pode seguir-se a sua actividade administrativa, não muito diferente da dos seus predecessores, Porém, a sua continuidade será posta em causa pelo decreto 15.465, que estipulava o respectivo exercício “durante as horas regulamentares de serviço”. Joaquim de Carvalho, com uma agenda profissional mais do que assoberbada que lhe inibia o cumprimento de horários fixos na Biblioteca, apressou-se a pedir a demissão, em 16 de maio de 1928, mas o pedido obteve parecer

negativo da Direcção-Geral e nesse sentido foi despachado pelo Ministro da Instrução Pública, tendo retomado o demissionário as suas funções a 1 de Julho, no próprio dia em que teve conhecimento do indeferimento. Mas entre a documentação da Biblioteca Geral nada se encontrou ainda que esclareça o processo da sua exoneração do cargo, em 1931. Não existe ofício algum dirigido ao Reitor sobre o assunto, porque o decreto de exoneração, de 7 de Agosto, o apanhou de férias. Da parte do governo, a forma de conseguir esta exoneração foi ardilosa: mudou-se a forma de nomeação dos Directores (por escolha do Ministro da Instrução Pública dentre dois professores da Faculdade de Letras, em comissão por dois anos) e, *ipso facto*, extinguia-se o lugar de Director efectivo (art.º 1.º do decreto 20.180 de 7 de Agosto - *Diário do Governo*, I série, n.º 182, 7-VIII-1931: 1832).

Mas o que por entre os trâmites burocráticos se camufla é a real motivação política para tal decisão. Ora, tratava-se de claro um processo de saneamento político correlato e indiciador, como hoje se sabe, do que seria a posterior extinção da Imprensa da Universidade e que por várias vezes se esboçara no conselho dos ministros do ditador – etapas ambas de uma estratégia de isolamento, não só do artífice intelectual, mas mormente do seu enorme influxo intelectual, por via daquela que foi, durante a sua direcção, a mais influente editora da literatura científica e cultural do país.

Alfredo Pimenta, assaz próximo do Ministro da Instrução, Gustavo Cordeiro Ramos, irá narrar a Carvalho, na primeira pessoa e reportando-se à melhor fonte do caso, com a maior probabilidade a do próprio ministro, com o qual mantinha as melhores relações pessoais, os dados de uma “história que pode servir-lhe para apreciar os homens”. Seguindo o seu relato, “quando foi da greve académica que se deu como estimulada pelo meu amigo, no Conselho de Ministros, propôs-se a sua demissão de Administrador da Imprensa, mascarada com a dissolução da Imprensa. O Gustavo Ramos, alegando

o prestígio da Imprensa e o seu prestígio pessoal e administrativo opôs-se terminantemente. Dias depois, como se voltasse a insistir no caso, o Gustavo Ramos decidiu demiti-lo de Director da Biblioteca”. Reputado ou imputado como o mentor da greve académica de 1931, Carvalho passou a ter como *outro* inimigo de estimação, no próprio conselho de Ministros e além da consabida acrimónia do «ânimo do César», o titular da Justiça, Manuel Rodrigues Júnior – antigo correligionário de Carvalho, na extinta República parlamentar, no Partido dos reconstituintes e que entretanto se bandeara para as doçuras inquisitoriais da Situação. Por isso se entende que Carvalho bem identifique todos os contornos da trama, quando em 1933 escrever a Pimenta, “reservo para uma cavaqueira, em Lisboa, a explicação profunda da atitude do *homem da justiça*. Surpreendeu-me em todo o caso, porque aqui, foi um momento nessa saleta que por minha mão – a pedido dele, claro – fez a sua entrada na política, acompanhando o Álvaro de Castro, etc. etc.” (*Cartas de Joaquim de Carvalho a Alfredo Pimenta*, 2016: 219).

Contornos que Pimenta não deixa de esmiuçar, ao afastar pessoalmente Cordeiro Ramos, com o qual Carvalho também estabelece cordiais relações profissionais e lhe é credor até de certas atenções, de qualquer responsabilidade objectiva no caso: “Quando foi da amnistia, como o Ramos, antes de a votar, desejasse saber quem era beneficiado, o Manuel Rodrigues observou -lhe: é singular que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> esteja com isso, quando não foi capaz de tirar a casa do administrador da Imprensa da Universidade, tendo ele instigado a greve. Ao que o Gustavo Ramos respondeu que o não fizera porque não deveria fazê-lo” («Cartas de Alfredo Pimenta para Joaquim de Carvalho», *Revista de História das Ideias*, 9, t. II, 1987: 994).

O papel mais visível e influente do bibliófilo, ocorreu não tanto enquanto bibliotecário mas enquanto editor universitário e científico, mormente na administração da Imprensa da Universidade. Como editor e copioso comentador, destacou-se na promoção e edição

crítica das obras arcanas – muitos materiais e fontes para a história cultural, científica e técnica do país e da Península, entre os quais, para a própria História da Universidade de Coimbra, como são os casos das resenhas de autoria de Francisco Carneiro de Figueiroa ou de Francisco Leitão Ferreira. E, sobretudo, investindo no estudo minucioso dos *curricula* da escola universitária medieval e moderna e mesmo na dissecação da anatomia simbólica dos seus regulamentos e rituais. Essa aspiração a um permanente desafio, a um *sapere aude*, melhor transparece nos seus textos de estudo ou de homenagem académica a colegas e antigos mestres: o ideal cosmopolita, o *ter mundo*, é uma das determinações fundamentais da sua consciência. De um pedagogo do início do século XVIII, Martinho de Mendonça, e das suas viagens europeias escreverá este trecho exemplar: “Podendo ter sido, pela inteligência, pelo bom senso e até pela posição social, um renovador da cultura, como Jacob de Castro Sarmiento, um crítico como Verney ou um mentor do ensino público como Ribeiro Sanches; o seu regresso granjeou-lhe apenas uma admiração fácil e provinciana” (OC, VII: 7).

É essa recusa liminar da provinciana autocontemplação e da pequena bajulação e é esse *ter mundo*, rumo a uma kantiana e idealizada cosmopolis, que o impelem a assumir, face a um interlocutor, a orientação determinante que inculcou, enquanto director, na «sua» Imprensa da Universidade: “Fui apenas o *regisseur*, preparando a arena para os outros fazerem as habilidades. Este era o meu dever. Se quiser saber a minha atitude e sua fundamentação leia o que Renan diz no *Avenir de la science* sobre a função das pequenas tipografias sábias. Aí verá a explicitação filosófica – ou se quiser outra razão, pense nos humanistas do séc. XVI, *doublés* de artistas ou artífices, que ao imprimir diziam consigo *sic etiam do ceo*”. Ainda por palavras suas, “foi uma forma de ensino a que eu fiz: respeito pela inteligência alheia; cuidado na inversão dos papéis: ardor no desejo de mostrar que o nosso País é civilizado, e como tal não entoa uma única melodia, mas

é um coral de vozes diversas; que sobre todos há a Pátria comum, que nenhum exprime na sua essência própria, e todos concorrem para a dignificarem; que à fidelidade àquilo de sempre cumpre dar lugar à inovação juvenil e à heterodoxia solitária; que era dever que o nosso País concorresse com os demais com os grandes corpos – Escritores Portugueses – Cronistas, etc. – que todos os grandes países possuem, etc. Sei, como ninguém, onde estão os defeitos; mas esses defeitos, pense bem, são os da grei e sobretudo relevantes das carências e dos lapsos da nossa cultura actual” (*Cartas de Joaquim de Carvalho a Alfredo Pimenta* [129]: 251).

Mais universitário do que «intelectual», mormente a partir de meados da década de 1930, na época da agitação polémica dos grandes manifestos de e sobre os intelectuais em torno da *Trahison des clercs* (1927), de Benda, Carvalho não descurara a intervenção cívica, particularmente activa na República e nos primeiros anos da ditadura em resistência à consolidação daquilo que designava *nacionalseminarismo*, afinal o nacional-situacionismo que deparara nas universidades com terreno propício para medrar e uma legião disponível e acrítica de servidores, mais ou menos previamente inscritos no partido antipartidos, mais ou menos colaboracionistas, e até algum *capo* para a execução programática. Campo, lembre-se (neste nosso tempo, no qual as palavras se banalizam na indiferença), lavrado pela repressão e censura e semeado pela promoção política, o favor e o favor, e pela propaganda intensiva.

Contra ventos e marés, objectivaria o desiderato de criar aí sólida escola de investigação filosófica, dentro e fora da universidade, activamente apoiando o movimento das universidades livres, contra vulgatas obedientes das filosofias de Escola, mas também um pouco à revelia da matriz maçónica da qual já se afastara formalmente, concatenando o seu mais amplo, constante e coerente combate cultural, como plataforma de estudo livre, reflexão, debate e difusão de ideias na exemplaridade de um clima universitário empenhado na

construção metodológica da filosofia alicerçada num “estilo de ensino livre”, como o caracterizaria o filósofo e psicólogo Sílvio Lima, aquele que foi, com Eduardo Lourenço, um dos seus mais reconhecidos e corajosos discípulos – precisamente por impugnarem o poder podre da repressão social e intelectual e reivindicarem uma epistemologia da liberdade. Um outro colega, o psicólogo Émile Planchard, que não foi seu directo discípulo, sobre ele deixou um valioso inédito (1990), por nós publicado em 2015:

«No princípio de 1937, a guerra de Espanha não tendo ainda acabado, chegava por mar a Portugal, com destino final em Coimbra, um jovem professor belga enviado pelo Reitor da Universidade de Lovaina que respondia a uma solicitação do governo português que procurava um especialista em ciências da educação (...) Depois de uma rápida volta pela velha e pitoresca cidade, o director da Faculdade [Eugénio de Castro], pediu ao motorista para me levar à casa do Prof. Joaquim de Carvalho que morava, naquela altura, na rua da Ilha, próxima da Universidade, onde ensinava, além das cadeiras de filosofia, a história Pedagógica, destinada, em princípio aos professores do ensino secundário e aos médicos escolares e da qual era director. Teria, eu próprio, de me encarregar da Psicologia escolar, da Pedagogia e da Didáctica gerais. (...) Logo, e por intuição discerni em Joaquim de Carvalho uma pessoa distinta e amável e um colega muito erudito [como] se escrevia e publicava na universidade congénere de Lovaina, no campo filosófico, e não imaginava eu, naquela altura que a minha estadia na cidade do Mondego duraria mais de um meio século e que prematuramente o ilustre mestre morreria em 1958. A casa onde ele vivia então estava a cem metros da sua Faculdade. Ainda o vejo chegar, a passos lentos, ao labor docente, a chover ou não chover, com o seu guarda-chuva na mão e um livro na outra. Ele vivia a maior parte do tempo fechado em casa, numa solidão monástica ou a dar aulas ou a investigar nas bibliotecas. Era, malgrado as suas absorventes tarefas intelectuais, um pai de família

muito dedicado, tendo horror ao trabalho de grupo, e os seus [dez] filhos nunca foram para ele um entrave às suas actividades intelectuais. Saía pouco, amante do silêncio e da meditação. Expressava-se com clareza e precisão, tanto na palavra como na escrita. Tinha culto da perfeição e da sobriedade, e nas suas obras, se manifestavam claramente estas qualidades. Sempre fiel às suas ideias e aos seus ideais aceitava sempre a discussão com a maior cortesia».

A *solidão monástica*, relevava afinal de um outro aspecto – o da autonomia moral, o *sollen* de qualquer sujeito epistémico. Não admira, pelo que se referiu, que Carvalho cada vez mais se distanciasse – e se os sinais são os mais claros a partir de 1935, tornam-se quase normativos já na década de 40 – daquilo a que denominava a *mentalidade sala-dos-capelos*, correlata, do modo ciente ou insciente, de uma mentalidade teológica que ao estudo dos factos opunha argúcia e “fogo de vista”. Assumir esta atitude acarretava porém o risco do anátema da própria corporação universitária, pois se situava no plano resvaladiço de crescente incomodidade, à medida que imposta a ditadura, silêncios cúmplices e militantes invadiam as universidades.

Se fora ferido a vários golpes, na década de 30, e se a partir de finais dos anos 40 se desvincula das cerimónias protocolares e recusa comparecer na sala dos Capelos a não ser no estrito cumprimento do serviço de exames; na década de 50, está cômico na nova “crise que há-de vir e se aproxima com mais terribilidade do que se imagina”, no “período veloz de Contra-Reforma e de confessionalismo que estamos vivendo”, entra em rota de colisão com a secção de filosofia e a Faculdade, onde sempre se lhe impugnou a direcção, personificada na ascendente tutela de Miranda Barbosa.

Próximo da morte, numa das páginas soltas ou ditadas ao seu filho Joaquim, e que intitulava *Memórias*, talvez material preparatório do livro não escrito, dá conta do desalento: “1956. A Universidade sob o sol-posto. O ensino e o amor ao estudo decaíram; em seu lugar surgiram os discursos, os cursos de férias e outras manifestações

em que o saber real era substituído pelo ornamento verbal e pelo fingimento. Como a ignorância puxa ignorância, o resultado, aos trinta anos de sol-posto, foi a desconfiança e o repúdio pelo saber exacto. Foi sintomático, em Coimbra, o desprezo da Psicologia, obra do Miranda Barbosa”. Ao perder a *vis* secularizadora do saber, o trilho da independência recíproca que desobrigasse a livre investigação científica e cultural dos preceitos e preconceitos de uma teologia anacrónica – pré-conciliar, note-se, não muito distante daquela, tomista, que a Deus lhe impunha preceitos e preconceitos demasiado humanos, como com subtilidade, antes de Nietzsche, já Espinosa notara –, derruía o veio da *libertas philosophandi*, fundamentação última para e de qualquer investigação. Daí que, na sua perspectiva, “o ambiente tornou-se clerical. Não era só o número de padres e de freiras, com seus hábitos; era sobretudo a transformação da mentalidade. O silêncio dos corredores, a postura obediente, as reverências aos professores, a sensação da existência de uma fiscalização sempre presente, o anonimato espiritual, a indiferença por tudo o que cá fora se discute e apaixona. Seminário e convento”.

Admita-se a desilusão face ao projecto acalentado para uma universidade secularizada destinada à formação de espíritos e de cidadãos livres e não, como ocorria por imperativo ditatorial, para moldar súbditos: “Nesse ambiente a formação da mocidade não podia deixar de gerar seres mutilados e insignificantes. Do lado da ditadura, obediência: o prof. Providência na inauguração do curso de férias sintetizou tudo quanto disse – que esta era a «Universidade de Camões e Salazar» (...). Tudo assentava na ideia de que a descrença é antipatriótica e antissocial – e que a crença católica é a alma do patriotismo português”. Bem vistas as coisas, sob o invólucro científico renovado, em particular na Faculdade de Letras, na normatividade e no discurso universitários subsistiam cânones teológicos que a sobrevida dos ritos institucionais reforçava na semiótica clara de uma universidade confessional.

Não se pode esquecer que em grande parte a nova Faculdade, em 1911, fora herdeira e legatária da extinta Faculdade de Teologia, e logo os seus iniciais mestres mais relevantes ou influentes eram ex-teólogos, com a exceção maior de Carolina Michaëllis, em cuja obra o jovem discípulo apreendera a crítica moderna conjugada com “a sedução perene dos grandes monumentos eruditos do século XVIII” (OC, V: 160). Em estertor de frequência, prestes a implodir à entrada do novo século, os mais destacados mestres teólogos começaram a orientar os seus cursos e investigações no sentido dos estudos históricos: o padre António de Vasconcelos (1860-1941), doutor em 1886, autor de vasta obra, primeiro teológica, depois desenvolvida na investigação gramática e finalmente em temas biográficos e da história da universidade, da qual é, depois de Carneiro de Figueiroa no século XVIII, o grande cultor; no sentido da História e Filologia, Joaquim Mendes dos Remédios (1867-1932), um dos patronos de Joaquim de Carvalho, doutorado em 1895, hebraísta e historiador da literatura, fundador da *Revista da Universidade*. Outros mesmo, a despeito de uma violenta conversão ao novo credo positivista e republicano, como Alves dos Santos (1866-1924), o outro patrono de Carvalho que introduz em Coimbra e no país a Psicologia experimental, na prática em obediência a um programa fisiométrico paredes meias com o eugenismo triunfante, não deixaram de ser expositores os mais escolásticos, o discípulo o escreveu, como que a sugerir que, tal como as rãs nos charcos ou mariposas em *frores*, também as metamorfoses da intolerância são larvares.

Por outras palavras, fora este mesmo o sentido preciso que o combate cultural que Joaquim de Carvalho, o *clerc* secular e universitário, protagonizou no interior de uma corporação ensimesmada: internacionalizar, *europizar*, difundir, estudar, uma velha cultura cujas rotineiras abordagens metodológicas, demasiado subservientes à matriz historicista e filológica ou reféns da fonte literária ou *literarizada*, perdiam eficácia face à renovação historiográfica da cultura

(com novos instrumentos conceptuais, tais como as problemáticas, as mundividências, os complexos culturais, as atitudes intelectuais, as conjunturas, a analogia) que ele próprio propunha. E indo nesse sentido, nada mais dramático, para o *ter mundo* de Joaquim de Carvalho, do que a carência de uma filosofia livre, medrada no viveiro do confronto e da *contradictio*; e a ausência (ou recalçamento) de práticas culturais e sociais de uma enraizada cultura filosófica democrática ou, até, de uma cultura cidadã da política, modo de dizer, de uma cultura política da cidadania, o ar libertador que espíritos livres requerem para respirar (Espinosa, *Tractatus Theologico-Politicus*, XI).

# O fundo António de Lima Fragoso na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Isabel João Ramires<sup>1</sup>

Sandra Nogueira<sup>2</sup>

## RESUMO

António de Lima Fragoso, pianista e compositor, morreu aos 21 anos deixando uma expressiva obra musical que, apesar de naturalmente incompleta, é considerada cultural e historicamente relevante e de elevado valor artístico musical. Com o apontamento de alguns dados crono-biográficos de António Fragoso, apresenta-se uma descrição do Fundo doado à BGUC em 2014 pela família, que compreende o espólio musical e literário do compositor, incluindo correspondência, já devidamente organizado e incorporado no acervo musical e musicológico da BGUC.

## PALAVRAS-CHAVE

António de Lima Fragoso (1897-1918). Músico português, arquivo privado, espólio musical.

## ABSTRACT

António de Lima Fragoso, Portuguese pianist and composer, died at the age of 21 leaving an expressive musical work of high musical value which,

---

1 Bibliotecária da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – iramires@bg.uc.pt

2 Documentalista e arquivista do Centro de Documentação e Informação da Cena Lusófona (Coimbra), entre 2009 e 2015. Colaboradora da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra no tratamento do Fundo António de Lima Fragoso. smbar@hotmail.com

although unfinished, is considered an important moment in the history of Portuguese music. With biographical data referring to António Fragoso, this article provides a description of the family archive donated to BGUC by his family in 2014, in particular of the composer's personal papers, including his musical works and correspondence, properly organised and incorporated into the BGUC's manuscript and musical Fund.

#### **KEYWORDS**

António de Lima Fragoso (1897-1918). Portuguese musician, private archive, musical archive.

### 1.

A 21 de maio de 2014, na Biblioteca Joanina, foi assinado o protocolo de doação do espólio musical e literário de António de Lima Fragoso à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC), pela Associação António Fragoso e a Família Fragoso Martins Soares, numa cerimónia presidida pelo Reitor da Universidade, Professor Doutor João Gabriel Silva, com a presença do Diretor da Biblioteca Geral, Professor Doutor José Augusto Cardoso Bernardes e da Vice-Reitora Professora Doutora Clara Almeida Santos.

O Fundo António de Lima Fragoso, em que sobressai o conjunto dos manuscritos musicais e as primeiras edições das obras do jovem compositor, morto precocemente aos 21 anos, em 1918, assume particular importância para a história da música portuguesa e a história do ensino da música em Portugal no Século XX. Este Fundo constitui um testemunho vívido das dinâmicas educativas, artístico-cultural e social, numa época convulsiva que se revelou fulcral para o País e o Mundo – os anos das mudanças decorrentes da implantação do regime republicano em Portugal, no contexto da Grande Guerra. O génio musical, a originalidade e a tragédia pessoais, pelos quais António Fragoso adquiriu um lugar próprio no panorama musical português, tornam este arquivo verdadeiramente excepcional.

## 2.

António de Lima Fragoso, nasceu na Pocariça (Concelho de Cantanhede), em 17 de junho de 1897, sendo filho primogénito de Viriato de Sá Fragoso (1872-1945), bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, contador judicial da Comarca de Cantanhede, e Maria Isabel de Sá Lima Fragoso, ambos naturais daquela localidade. Cresceu numa família tradicional alargada, com fortes hábitos conviviais e de lazer. O teatro, a música e a leitura, faziam parte do seu quotidiano, sobretudo em épocas de férias, quando a família e os amigos se reuniam e organizavam bailes, saraus, récitas teatrais e pequenos concertos, abertos à comunidade local, em que cada um participava conforme os seus talentos. No amplo círculo da família Lima Fragoso, grande parte dos membros possuía formação académica superior ou artística, os homens, e formação artística algumas mulheres. Neste meio, António Fragoso foi, desde cedo, estimulado a desenvolver as suas capacidades literárias e musicais.

Na infância, iniciou a aprendizagem da música com António dos Santos Tovim, seu tio, médico em Cantanhede e melómano<sup>3</sup>.

Entre 1907 e 1910, no Porto, António Fragoso frequentou as aulas privadas de Piano do prestigiado professor, pianista, compositor e crítico musical, Ernesto Maia<sup>4</sup>. Em 1909 e 1910, participou nas audições públicas dos alunos daquele professor, no Salão do Cen-

---

3 António dos Santos Tovim, tio de António Fragoso pelo casamento com D. Henriqueta de Sá Lima, irmã de Maria Isabel de Sá Lima Fragoso, formado em Medicina pela Universidade de Coimbra, dedicava os tempos livres ao teatro e à música. A. Soares, atribui-lhe a autoria do *passe-calle* «Boas vindas» que fazia parte do repertório da Estudantina (Tuna) Académica de Coimbra, em 1895 (cf. Soares (1958 ago. 1), p. 492).

4 Ernesto Maia foi, no final do século XIX, um dos precursores da reforma do ensino da música em Portugal que teve lugar em 1901. Defensor da criação de um Conservatório de Música na cidade do Porto, fez parte do grupo de fundadores desta escola, inaugurada no ano letivo de 1917-1918.

tro Comercial do Porto, com interpretações de piano de obras de Mendelssohn e Godard<sup>5</sup>.

Não obstante as suas capacidades artístico-musicais e o seu interesse, cada vez maior, pelos assuntos de música, concluído o curso geral dos Liceus, António Fragoso matriculou-se, em outubro de 1912, no Curso Superior de Comércio do Instituto Industrial e Comercial do Porto.

As suas primeiras composições datam provavelmente desta época: embora não subsistam os originais manuscritos, deduz-se que a peça intitulada “Cantigas da nossa terra” foi interpretada pela primeira vez a 1 de janeiro de 1913, por senhoras da Pocariça, a quem o compositor a consagrou, conforme a dedicatória «Às Senhoras que primeiro a cantaram em 1 de Janeiro de 1913», na edição das *Toadas da minha aldeia*<sup>6</sup>.

Outra das suas criações foi uma valsa, para piano: *Ingénua*. Conforme testemunho documental<sup>7</sup>, esta terá inclusivamente sido das primeiras obras que o compositor tentou publicar<sup>8</sup>.

---

5 Cf. ROSA (2010) p.119.

6 Cf. FRAGOSO, A. (1916). *Toadas da minha aldeia, canções a uma e duas vozes* (p. 4). Lisboa: Valentim de Carvalho.

7 Conserva-se no Fundo o desenho original de uma capa com o título *Ingénua, valsa para piano*, Porto, MXCXIII, a tinta-da-china e a tinta vermelha sobre cartolina, assinado e datado por Jorge da Cruz Jorge. Conforme António Fragoso, carta, 9 março 1913, a Jorge da Cruz Jorge, disponível no Fundo, a capa destinar-se-ia à impressão de uma partitura. A peça musical com este título, de que existem no Fundo dois manuscritos, um dos quais inacabado, mantém-se inédita.

8 Leonardo Jorge menciona que António Fragoso, na viagem a Lisboa, teria obtido do editor de música Valentim de Carvalho a promessa de publicação das suas peças, *aludindo às Toadas*, projeto que não se concretizou (cf. JORGE (1968) p. 27). Talvez uma das peças então propostas para publicação tenha sido esta valsa.



Fig. 1: Partitura de uma das primeiras composições de António de Fragoso, *Ingenua*, valsa (1913).

Entre os grandes impulsionadores e apoiantes da sua carreira artística, António Fragoso contou com Jorge da Cruz Jorge (1890-1966?)<sup>9</sup>, amigo próximo, apesar da diferença de idades, a quem se deve o testemunho direto da criatividade precoce do compositor.

<sup>9</sup> Jorge da Cruz Jorge (1890-1966?), licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, advogado em Cantanhede, colaborador do jornal *Correio de Cantanhede*, artista plástico e ator amador. Em 1918, ingressou na Escola de Oficiais Milicianos, mudando-se para Lisboa (Cf. FRAGOSO, V.S. (s. d.) pp. 176-177). Leonardo Jorge atribui a J. da Cruz Jorge a iniciativa da estreia absoluta da composição de António Fragoso «Cantigas da nossa terra», pelas senhoras da Pocariça (cf. JORGE (1968) pp. 26).

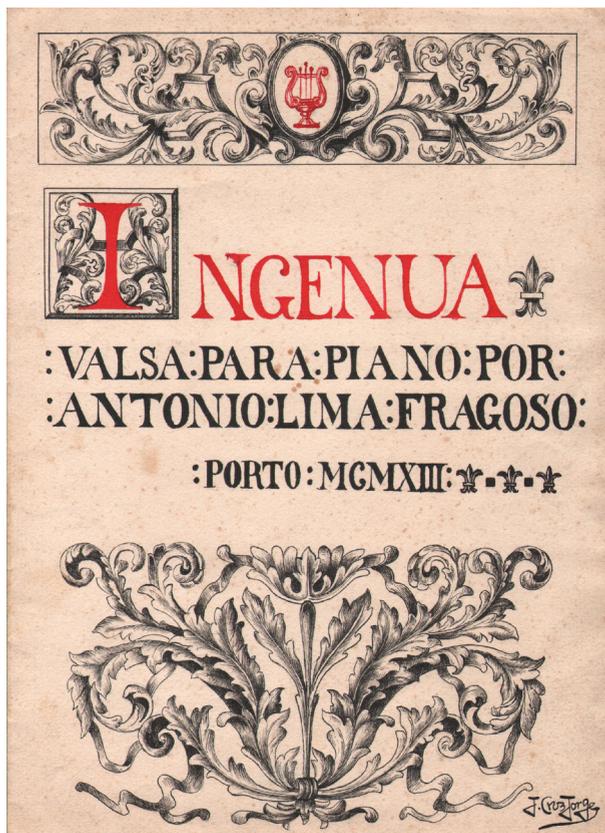


Fig. 2: Desenho da capa para a publicação da valsa *Ingénua*, que não chegou a ser editada.

Um rascunho a lápis da valsa *Ingénua*, inacabado, encontra-se nas folhas finais de um caderno que contém uma cópia, muito cuidada, de *Composições* para piano, permitindo supor terem sido produzidas na mesma época, 1913.

Datam destes anos do Porto os primeiros ensaios literários de António Fragoso que se conservam, por vezes ilustrados com esforçados desenhos à pena, a tinta-da-china e a carvão<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> Veja-se, por exemplo, António Fragoso, *Narração dum passeio à beira dum rio, Pocarica*, 2-10-1909, original autógrafa, ilustrado, dedicado pelo autor ao pai, «no dia do seu aniversário», disponível no Fundo.

No segundo período do ano letivo de 1913-1914, em março, António Fragoso desistiu do curso comercial<sup>11</sup>, e, vendo reconhecida a sua vocação artístico-musical, concorreu – com o incentivo e o total apoio dos seus pais e outros familiares<sup>12</sup> e sob a proteção do seu tio e padrinho, Professor Doutor José d’Oliveira Lima<sup>13</sup> – a pensionista do Estado no estrangeiro, prestando provas pianísticas<sup>14</sup>.

Apesar do insucesso no concurso, António Fragoso instalou-se em Lisboa, preparando-se para ingressar na Escola de Música do Conservatório Nacional.

Durante a sua formação musical, residiu temporariamente em Caxias e depois em Lisboa, primeiro na Rua Rodrigo da Fonseca, e, seguidamente, na Avenida Duque de Ávila, em casa de seu tio materno e encarregado de educação, Pedro de Sá Lima.

Embora rodeado pelos tios e pelos primos, o estudante não descurou o estreito relacionamento com os pais e os irmãos e, durante a sua permanência em Lisboa, procurou mantê-los a par de todas as suas atividades escolares, artísticas e lúdicas, das suas expetativas e

---

11 Cf. FRAGOSO, V. S. (1997) pp. 179.

12 Sobre o apoio familiar à carreira musical de António Fragoso e a reação do adolescente aos estímulos para prosseguir a sua vocação, veja-se António Fragoso, carta, 28-8-913, ao pai, e carta, maio 2014, ao pai e ao padrinho, originais disponíveis no Fundo.

13 José de Oliveira Lima (1875-1950), professor catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, de que foi Vice-Reitor, médico higienista e pedagogo, fundou e dirigiu naquela cidade um inovador e modelar estabelecimento de ensino para alunos em regime de internato e externato – o Instituto Moderno do Porto (1914-1918). Participaram na criação deste colégio, na sua direção e na docência, Viriato de Sá Fragoso e o seu irmão, o padre Carlos de Sá Fragoso (1876-1948), Bispo de Meliapor (Índia) e professor de Filosofia. José de Oliveira Lima, que se distinguiu pelo cultivo das artes (teatro, pintura, fotografia e música), desempenhou um papel fundamental na formação e orientação vocacional de António Fragoso.

14 Tratava-se do concurso de admissão ao pensionato em países estrangeiros para o estudo de arte musical, cujos prazo de abertura e conteúdo das provas foram publicados no “Programa do concurso para pensionista do Estado no estrangeiro na classe de contraponto, fuga e composição”, *Diário do Governo*, n.º 250, de 20 de outubro de 1913. Sobre a prestação de António Fragoso, veja-se ROSA (2010) p.123.

dos seus projetos, das suas relações académicas, das suas dificuldades e dos seus êxitos, através de correspondência assídua<sup>15</sup>. O envio regular de notícias era também uma exigência paterna.

No final de 1913, António Fragoso encontrava-se inscrito no Instituto Luso-Germânico, um colégio feminino de Lisboa<sup>16</sup>. Segundo a explicação que ele próprio deu, foi o Professor Tomás Borba<sup>17</sup> que o matriculou naquele colégio como seu aluno<sup>18</sup>.

Entretanto, passou a receber lições privadas de piano, do professor pianista Marcos Garin<sup>19</sup> e de Rudimentos, de Mariana Angélica Tremoulet da Silva Castro<sup>20</sup>.

Em maio de 1914, apresentou as suas composições – «Canções» (das *Toadas da minha aldeia*), *Mazurcas*, *Coro dos peregrinos* e dois Prelúdios (*Prelúdios românticos*) – a Marcos Garin, que as mostrou a Tomás Borba. As apreciações dos Professores entusiasmaram-no, considerando-as um grande elogio e um incentivo à criação de música para que se sentia vocacionado.

---

15 O conjunto dos originais de cartas e outros manuscritos de António Fragoso que se conservam no Fundo António de Lima Fragoso constitui uma das principais fontes para o conhecimento da personalidade e do percurso artístico do pianista compositor, para além de se terem revelado fundamentais para os processos de reconhecimento da sua escrita e de organização do seu espólio. A generalidade destas fontes está já estudada e exposta por Margarida Prates. Veja-se especialmente o capítulo «Contributos do acervo epistolar na redação de uma nova biografia» (PRATES (2014) p. 12-16).

16 Cf. ROSA (2014) p.119.

17 Tomás Borba (1867-1950), padre e compositor, professor de Harmonia e de História da Música do Conservatório Nacional de Lisboa.

18 Cf. António Fragoso, carta, [maio de 1914], [Lisboa], ao pai e ao padrinho, em que menciona, a propósito das inscrições para os exames do Conservatório, que o “Senhor Borba” o matriculou no Colégio Luso-Germânico como seu aluno.

19 Marcos Garin (1875-1955), professor da Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa e da Academia de Amadores de Música.

20 Cf. ROSA (2014) p.119.

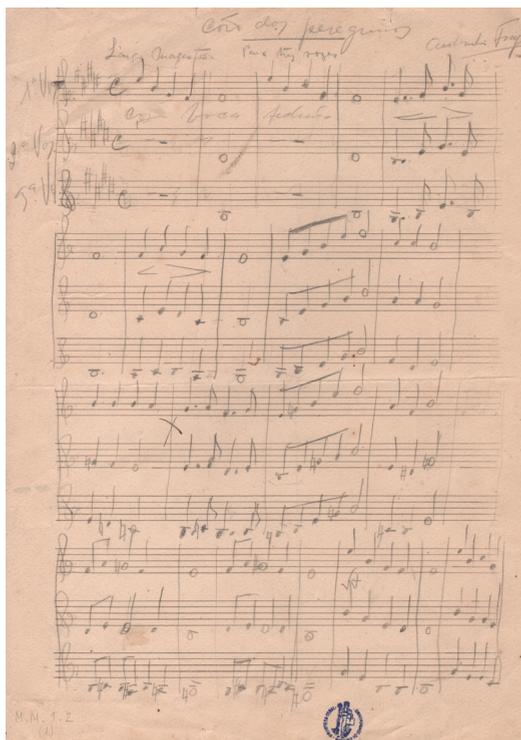


Fig. 3: Manuscrito da partitura da peça *Coro dos Peregrinos*, para três vozes, «com boca fechada» (1914?).

No final do mesmo mês, numa audição de alunos de Marcos Garin, interpretou ao piano um *Prelúdio* de Rachmaninov e *Masques* de Debussy tendo merecido algum destaque<sup>21</sup>.

Em julho de 1914, apresentou-se como aluno externo aos exames dos dois primeiros anos de Rudimentos e dos três primeiros anos do curso geral de Piano, que concluiu com êxito.

No ano letivo de 1914-1915, inscreveu-se como aluno interno do Conservatório no 1º ano de Harmonia e no 4º ano de Piano. Em fevereiro de 2015, no exame do 4.º ano de Piano, ficou classificado entre os alunos com extraordinárias aptidões artísticas e o provei-

21 Cf. «A Festa dos alunos do Professor de piano sr. Marcos Garin no “Salão da Ilustração Portuguesa”», *Ilustração Portuguesa*, 2.ª Série, 433 (8 jun. 1914) 734 e também ROSA (2014) p.119.

tamento de «Muito Bom»<sup>22</sup>. Neste mesmo ano concluiu os 4º e 5º anos do curso geral de Piano.

A partir de então, participou mais frequentemente em apresentações e audições públicas, essencialmente de âmbito formativo, obtendo os aplausos e os elogios do público, dos professores e dos críticos, na imprensa generalista e especializada<sup>23</sup>.

As obras *7 Prelúdios, Petite suite* – que terá apresentado a Ruy Coelho (1889-1986) a propósito de uma eventual orquestração –, e *Sonata*, para piano, e *Consolation*, para canto e piano, são exemplos da intensa produção musical discente de António Fragoso, nos anos de 1914-1915.

Em todo o percurso escolar, António Fragoso distinguiu-se não só pelo talento como pianista-compositor, como pelo seu carácter, entusiasmo, criatividade e originalidade artísticas e dedicação à música, como testemunham os condiscípulos, Francine Benoît (1894-1990), António Fernando Cabral (1900-1976), Fernando de Sousa Botelho Leitão e Lourenço Varela Cid Júnior (1898-1987), os mestres, Marcos Garin, Tomás Borba, Luís de Freitas Branco (1890-1955), Rui Coelho, Alexandre Rey Colaço (1854-1928), entre outros, e os críticos encarregues da cobertura das atividades musicais na imprensa, como, por exemplo, Adriano Merêa (1865-1933), Alfredo Pinto (Sacavém) (1874-1945) e Oliva Guerra (1898-1982).

Em março de 1916, António Fragoso acompanhou ao piano duas condiscípulas que interpretaram *Lieder* de R. Schumann (1810-1856) num concerto no Conservatório de Lisboa<sup>24</sup> e a 16 de maio de 1916, incentivado por alguns dos seus mestres e pelos condiscípulos e amigos, realizou a primeira audição pública exclusivamente preen-

22 Cf. ROSA (2014) p. 123.

23 Sobre as peças interpretadas no concerto na Academia de Amadores de Música, a 30 de março de 1915 e a receção pública das atuações, vd. no Fundo, os Programas respetivos e, entre muitos outros, os recortes dos jornais *O Século* (1 abr. 1915), e de *A Arte Musical*, 17:392 (15 abr. 1915) p. 61.

24 Cf. ROSA (2014) p. 123.

chida com as suas próprias obras<sup>25</sup>, na Academia dos Amadores de Música, com uma excelente receção<sup>26</sup>. Ainda em maio, em nova edição de alunos no Conservatório, acompanhou ao piano uma aluna que também interpretou a canção *Consolation*. No mês seguinte, voltou a participar no concerto de alunos de Marcos Garin no Salão da *Ilustração Portuguesa*, com uma interpretação de Bach-Saint-Saëns<sup>27</sup>. No final do Verão, apresentou-se em concerto, no Casino da Curia, e estreou uma parte do seu *Trio* para violino, violoncelo e piano<sup>28</sup>.

Datam deste ano as suas composições *Canção e dança portuguesas*, para piano, e *Suite para violino e piano* ou *Suite romantique*<sup>29</sup>.

Datará igualmente de 1916, a edição pela Casa Valentim de Carvalho das *Toadas da minha aldeia, melodias para piano e voz*, a primeira das duas obras que António Fragoso publicou em vida<sup>30</sup>.

---

25 Cf. António Fragoso, carta ao pai, [sem data, 22 de março de 1916], disponível no Fundo.

26 Vd. D. Modesto (Adriano Merêa). Academia dos Amadores de Música: audição de composições de António Fragoso. *O Dia* (17 maio 1916), disponível no Fundo em transcrição manuscrita. Informação da publicação na transcrição.

27 Cf. ROSA (2014) p.123-124.

28 Cf. JORGE (1968) p. 38.

29 Não se conserva no Fundo uma partitura manuscrita com o título *Suite romantique*, mas sim um manuscrito da parte de violino de uma *Suite para violino e piano*. Com base nos *Programas* de concertos promovidos na época pelo compositor em que consta a *Suite romantique*, para violino e piano, e em cartas de António Fragoso a familiares, existentes no Espólio, presume-se que se trata da mesma obra. A peça foi também publicada com o título *Suite romantique*, com revisão de Álvaro Cassuto, em FRAGOSO, A. (1971). *António Fragoso: obras póstumas* (vol. 3 pp. 3-25). Lisboa: [Valentim de Carvalho].

30 Data da edição atribuída com base na dedicatória autógrafa do compositor a seus pais e a seus irmãos, firmada a 16 de maio de 1916 na capa do exemplar conservado no Fundo.

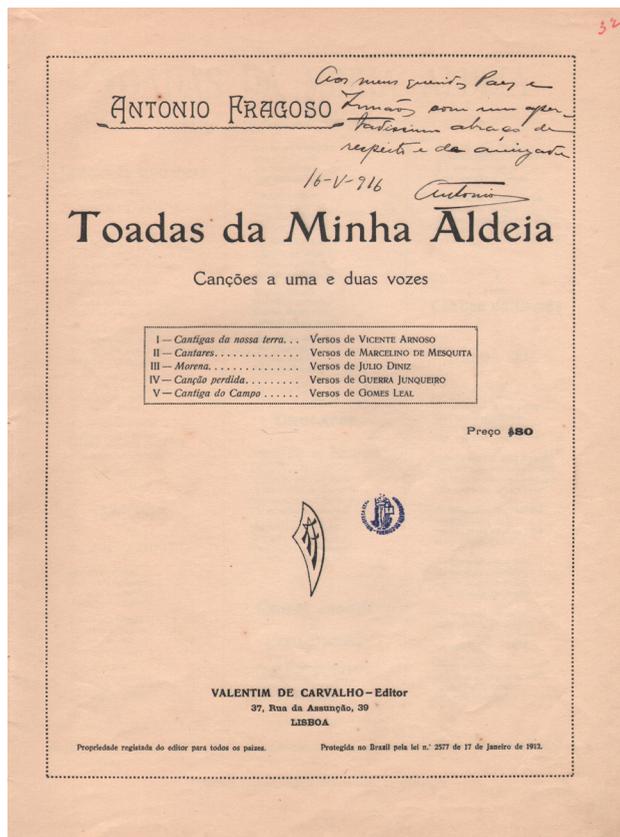


Fig. 4: Dedicatória autógrafa de António Fragoso, datada de 1916, na página de rosto da partitua *Toadas da minha aldeia: canções a uma e duas vozes*.

Durante o ano letivo de 1916-1917, António Fragoso ter-se-á exercitado mais arduamente como intérprete pianístico, tendo obtido no final do ano excelentes notas nos exames de Piano e Acompanhamento para além de um prémio de interpretação<sup>31</sup>. As classificações obtidas contrastam porém com os resultados a Harmonia, como já havia acontecido no ano anterior<sup>32</sup>. Como compositor, durante este

31 Cf. ROSA (2014) p. 124; o autor referencia também, no início do ano letivo de 1917-18, a atividade de António Fragoso como monitor do 1.º ano de piano na classe de Marcos Garin e o prémio pecuniário que o pianista recebeu «pela sua participação em agrupamentos de música de câmara».

32 Cf. António Fragoso, carta de 23 jul. 1917, [Lisboa?] ao pai, disponível no Fundo.

período escreveu *Lieder*, para voz feminina, sobre poemas do poeta francês Paul Verlaine (1844-1896), e composições para pequenos conjuntos de instrumentos. Em março de 1917, António Fragoso preparava uma composição para orquestra de cordas, com harpas<sup>33</sup> e, provavelmente, a peça *Pensées extatiques*, para piano, que ficou inacabada.

Por esta altura, o jovem compositor passou a firmar os seus trabalhos e as suas cartas com uma nova assinatura, o que é relevante para a datação e identificação dos seus manuscritos<sup>34</sup>.

A 18 de abril de 1917, António Fragoso apresentou no concerto realizado por ocasião da comemoração do 10.º aniversário da fundação da Academia de Ciências de Portugal<sup>35</sup>, o seu *Trio* para violino, violoncelo e piano. Autocrítico, em carta, de 25 de abril, confessou ao pai não estar satisfeito com a atuação, que não correu bem, não obstante os elogios recebidos<sup>36</sup>. No mesmo concerto interpretou duas peças para piano, de Luís de Freitas Branco, que lhe agradeceu a atuação e a boa vontade demonstradas e o elogiou pelo manifesto talento<sup>37</sup>.

---

33 Cf. António Fragoso, carta de março 1917, Lisboa, ao irmão Carlos, também disponível no Fundo.

34 António Fragoso comunica a alteração de assinatura em carta, sem data, que dirige a seu pai, provavelmente enviada entre 2 e 12 de junho de 1917. No final de uma partitura musical, datada de maio de 1917, de que se conserva apenas a folha final, contendo os últimos compassos, podem ver-se vários exercícios de assinatura para a fixação da nova grafia.

35 Academia científica e literária fundada em 1907-1908 por um grupo republicano encabeçado por Teófilo Braga (1843-1924) e Tomás Cabreira (1865-1918), com o propósito de fomentar e divulgar os estudos científicos, históricos e literários, em concurso com a Academia Real das Ciências de Lisboa. Nos primeiros anos da República, após a aprovação dos seus estatutos, a Academia de Ciências de Portugal funcionou como órgão consultivo do Governo. A instituição extinguiu-se em 1925-1926.

36 Sobre a participação de António Fragoso na Sessão, veja-se o certificado da Academia de Ciências de Portugal, datado 8 jul. 1917, em transcrição manuscrita, com lapso no nome da Academia, e também carta anteriormente mencionada, disponíveis no Fundo.

37 Cf. Luís de Freitas Branco, carta, de 19 de abril de 1917, a António Fragoso, disponível no Fundo.

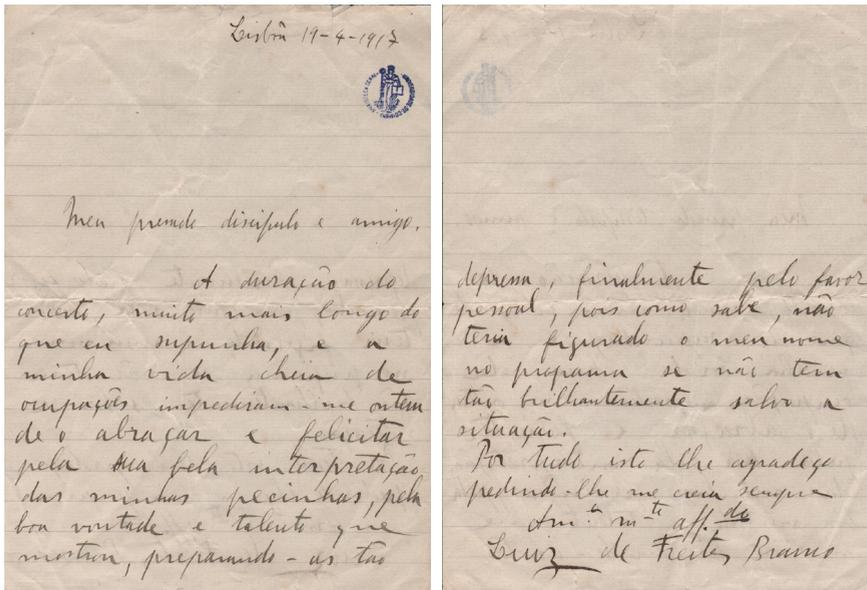


Fig. 5: Carta de Luís de Freitas Branco ao «discípulo e amigo» António Fragoso, Lisboa, 19-4-1917.

A 20 de maio de 1917, na audição de alunos de Marcos Garin, duas condiscípulas de António Fragoso interpretaram os andamentos «Ária» e «Gavotte» das suas *Três peças do Século XVIII* para piano, e, a 27 de maio, Vasco Garin interpretou o «Minuete», tendo assim estreado a segunda e última das suas obra que ele próprio publicou<sup>38</sup>.

38 FRAGOSO, A (1917). *Três peças do século XVIII: para piano*. Lisboa, Valentim de Carvalho. Dois dos três exemplares da partitura existentes no Fundo ostentam dedicatórias autógrafas, datadas de abril de 1917.

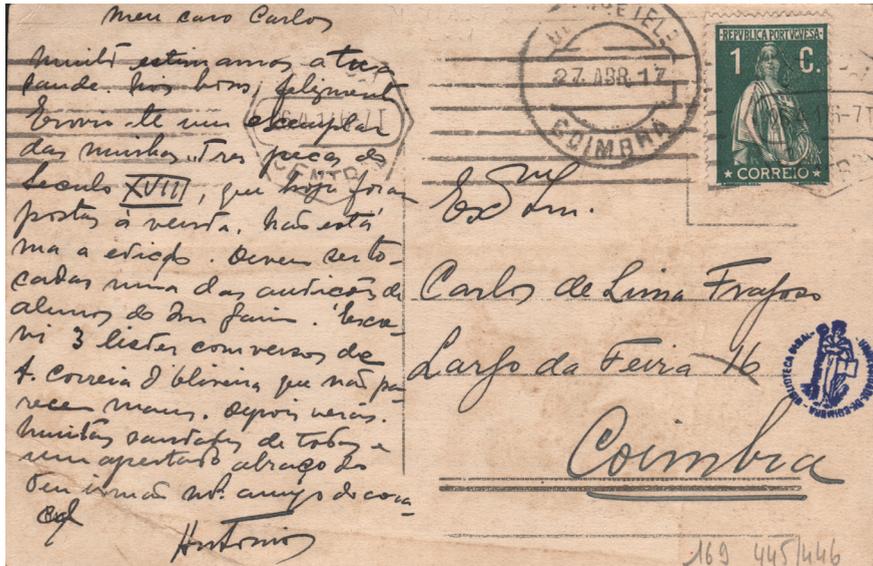


Fig. 6: António Fragoso em bilhete-postal, 27 abr. 1917, Lisboa, anuncia ao irmão a edição das *Três peças do Século XVIII*.

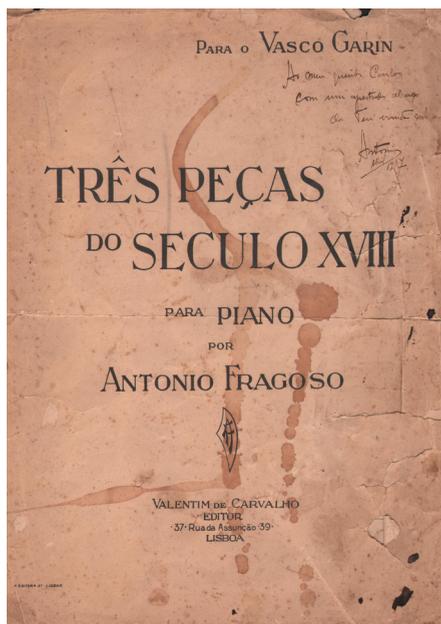


Fig. 7: Capa do exemplar da partitura oferecido por António Fragoso ao irmão, com dedicatória autógrafa datada de 1917.

A 2 de junho de 1917, António Fragoso promoveu um Sarau Musical na Academia de Amadores de Música, em honra de António Fernando Cabral que, na ocasião, foi presenteado com um violino. Novamente foram interpretadas peças de António Fragoso<sup>39</sup>, que também proferiu o discurso de homenagem ao violinista. Ainda em 1917, escreveu as peças *Poèmes saturniens*, sobre versos de Paul Verlaine, para canto e piano, e o *Nocturno em Re b maior*, dedicado ao mestre Luís de Freitas Branco, entre outras.

Nas férias de verão de 1917, António Fragoso e Fernando Cabral realizaram uma digressão por várias estâncias de férias, em termas e praias do Centro e Norte do país, apresentando-se em concertos cujos programas incluíam a interpretação de compositores contemporâneos, nacionais e estrangeiros, e as suas próprias composições<sup>40</sup>. O produto da venda dos bilhetes de ingresso para assistir aos concertos reverteria, pelo menos em parte, para os dois jovens músicos.



39 Veja-se o Convite [para o] Sarau Musical promovido por António Fragoso, sábado, 2 de junho de 1917 [no] Salão da Academia de Amadores de Musica, impresso em Lisboa, Minerva do Comercio, 1917, que contém o Programa.

40 Entre outra documentação alusiva à digressão, conserva-se no Fundo um pequeno bloco de apontamentos de António Fragoso, com o título *Despesas e receita da tournée artística de António F. Cabral e A. Lima Fragoso*, agosto e setembro de 1917.

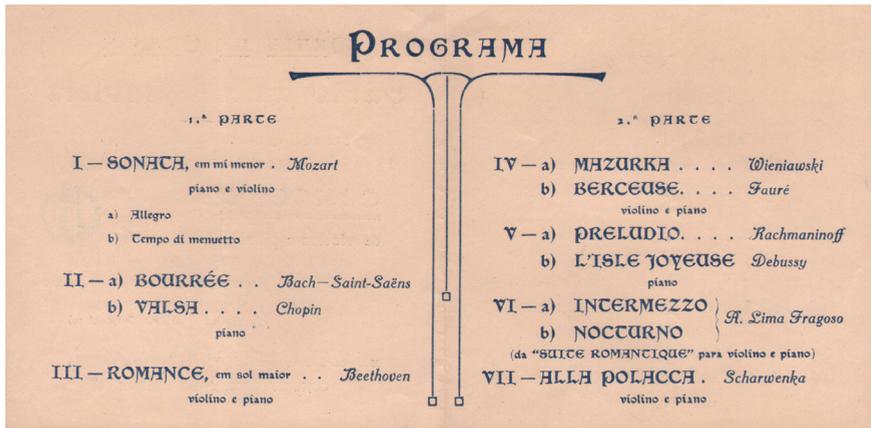


Fig. 8: Programa de concerto por Fernando Cabral (violino) e António Fragoso (piano), Granja, verão de 1917.

O primeiro período do ano letivo de 1917-1918 foi perturbado pela instabilidade política, – o golpe de Estado chefiado por Sidónio Pais, a 8 de dezembro de 1917, e a queda do Governo de Afonso Costa. António Fragoso já em Lisboa, no regresso das férias de Natal passadas como habitualmente na calma e bucólica aldeia da Pocariça, dá conta da sua atenção a esses acontecimentos políticos, a par da animada vida artístico cultural lisboeta, de que destacou as atuações dos *Balletts Russes* (no Teatro de São Carlos e no Coliseu dos Recreios, em dezembro de 1917), e os concertos de orquestras sinfónicas e de música de câmara. Na mesma carta exprime a sua admiração pela cidade de Paris, «o sonho dourado de todos os artistas...»<sup>41</sup>.

Em julho de 1918, António Fragoso concluiu o terceiro ano do Curso Superior de Piano com a classificação máxima, regressando à Pocariça.

Neste ano de 1918 compôs o *Hino da catequese*, para a diocese do Porto, e um *Cântico para depois da catequese*, as únicas duas peças

41 Cf. António Fragoso, minuta de carta, [s. d.], a uma “boa amiga”, provavelmente dirigida a Francine Benoît, no início de 1918, que se conserva no Fundo.

de cariz religioso do seu reportório, possivelmente produzidas por encomenda. É também deste ano o *Nocturno para orquestra*, com parte de harpa<sup>42</sup>.

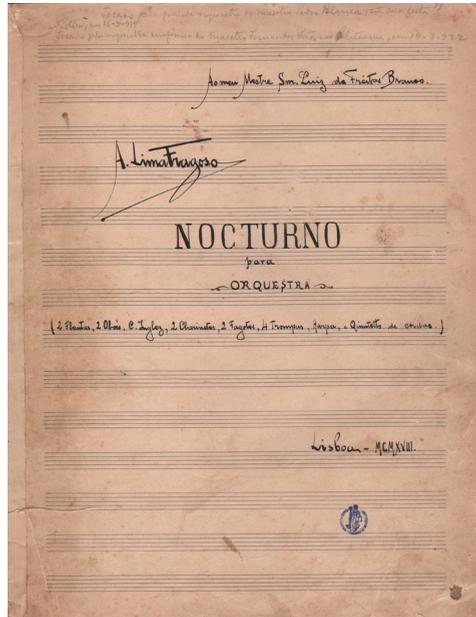


Fig. 9: Página de rosto do *Nocturno para orquestra*, por António Fragoso, Lisboa, 1918.

Durante o mês de Agosto, repetiu com Fernando Cabral os concertos em estâncias termais, e estudou piano, especialmente Liszt, com o intuito de ir a concurso, pretendendo provavelmente obter o estatuto de pensionista do estado no estrangeiro.

Conforme comunicação de Marcos Garin, as *Três peças do século XVIII* passaram a integrar o programa de estudos do curso de piano do Conservatório Nacional<sup>43</sup>.

42 A estreia absoluta desta peça aconteceu postumamente, em março de 1919, em Lisboa, no Teatro S. Luís, sob a direção do Maestro Pedro Blanch (cf. VASCONCELOS (1968).

43 Cf. António Fragoso, carta, 13 agosto 1918, Pocariça, ao Professor Marcos Garin, agradecendo-lhe ter incluído as suas *Três peças do século VIII* no programa do Curso de Piano de Conservatório.

Ainda durante as férias de Verão, iniciou uma colaboração com o jornal *Correio de Cantanhede*, onde publicou vários ensaios epistolares<sup>44</sup>, sendo o último, publicado a 3 de outubro, sobre a Música Portuguesa, em resposta a um artigo do maestro e compositor Rui Coelho a propósito da reforma do ensino musical no Conservatório Nacional.

António Fragoso morreu no termo do verão de 1918, a 13 de outubro, vítima da pandemia de gripe pneumónica que devastou o mundo no final da Grande Guerra. No espaço de uma semana, Viriato de Sá Fragoso e Maria Isabel Lima Fragoso, perderam quatro dos seus cinco filhos – António, Maria do Céu (n.1899), Carlos (n.1900) e Maria Isabel (n.1903). Na casa da família, na Pocariça morreram ainda, no mesmo período, três parentes: a tia Corina Guerreiro de Oliveira Lima, Joana da Conceição Soares (n.1891) e Elisa Augusta Soares de Lima (n. 1905).

A morte de António Fragoso teve um grande e duradouro impacto na imprensa, quer pela profunda tragédia que o atingiu e à sua família, quer, igualmente, pela comoção causada pelo desaparecimento de um talento musical único, intérprete exímio e compositor, em pleno desabrochar. Nas notícias publicadas sobressai o sentimento de se estar perante uma perda de valor inestimável para a música e a cultura nacionais<sup>45</sup>.

Quer pela dedicação e persistência da família, quer pelo interesse que sempre foi capaz de suscitar, a produção musical de António Fragoso obteve assinalável impacto, como comprova a inclusão de obras do compositor nos programas de estudos de Piano do Conservatório Nacional. Postumamente surgiram edições de grande parte da sua obra, destacando-se a publicação, em 1923, pela editora musical Valentim de Carvalho, de uma compilação de *Composições para piano*, em dois volumes, com prefácio de Adriano Merêa, consideradas por

---

44 Com base em nota no final do artigo publicado a 3 de outubro de 1918, presume-se que o autor pretendia compilar estes textos num volume que intitularia *Cartas a Maria*, cuja edição se encontra em preparação.

45 Cf. por exemplo RIBEIRO (1918 nov. 15) p. 5.

alguns das mais interessantes páginas da música portuguesa para piano, da época<sup>46</sup>.

No cinquentenário da morte do compositor, em 1968, na Pocariza, frente à casa da família, foi descerrado o busto de António Fragoso. A Fundação Calouste Gulbenkian editou, na série C da coleção *Portugaliae Musica*, o *Nocturno*, para orquestra, por António Fragoso, com revisão de J. Croner de Vasconcelos.



Fig. 10: Recorte do jornal *A Capital* com artigo de Francine Benoit, «No cinquentenário da morte de António Fragoso».

46 Vd., por exemplo, HINSON & ROBERTS (2014) p. 394.

Em 1971, a Editora Musical Valentim de Carvalho procurou fazer uma edição da obra completa de António Fragoso, a partir dos manuscritos originais e cópias avulsas. Esta edição, coordenada por Maria Luísa Garin de Meneses, com o apoio de Maria Fernanda de Sá Fragoso, foi patrocinada pelo Instituto de Alta Cultura<sup>47</sup>.

A música de António Fragoso foi também objeto de diversas edições de registos sonoros, desde a década de 1920, em disco vinil gravado em Londres, até à atualidade, em suportes multimídia.

Desde 2009, a Fundação António Fragoso vem realizando um importante trabalho de divulgação da obra fragosiana promovendo o seu estudo e publicação, orquestração de obras musicais e edição dos textos literários inéditos de António Fragoso, o registo sonoro de interpretações das suas peças, e concertos, entre outras atividades na área artístico musical.



Fig. 11: Retrato de António Fragoso (1918).

47 A publicação, em três volumes, inclui: 1) *Sonata em Mi Menor para piano*, com revisão da Prof<sup>a</sup> Florinda Santos; 2) *Canções do sol poente e Poèmes saturniens*, com revisão do Prof. Fernando Lopes-Graça; 3) *Suite romantique*, com revisão do Dr. Alvaro Cassuto; *Trio em Dó sustenido menor, para violino, violoncelo e piano: opus 2*, com revisão do Prof. Filipe Pires; *Allegro da Sonata (inacabada), em Ré maior, para violino e piano: opus 3*, revista pelo Prof. Artur Santos com a colaboração da Prof. Lídia de Carvalho.

Com o ingresso do Fundo António de Lima Fragoso no seu acervo, a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, já detentora de um património musical histórico de grande qualidade, variedade e extensão, dos séculos XVI a XVIII, pretende salvaguardar mais um importante espólio musical do século XX<sup>48</sup> e promover a sua divulgação, proporcionando aos investigadores, aos músicos e ao público especializado o acesso a um valioso e reconhecido património artístico-cultural, a nível nacional e internacional. Com o trabalho de descrição, preservação e disponibilização pública do Fundo António de Lima Fragoso, a BGUC procurou contribuir para assegurar e aprofundar a memória identitária pessoal do músico e local e o património musical português.

### 3.

#### FUNDO ANTÓNIO DE LIMA FRAGOSO

**Código de Referência:** PT/BGUC/ALF

**Título atribuído:** Fundo António de Lima Fragoso

---

48 No fundo musical e musicológico da BGUC, dos séculos XIX e XX, para além de espécies avulsas e pequenas coleções de manuscritos e impressos musicais de proveniências diversas, destacam-se quatro importantes acervos: o Fundo musical Francisco Lopes Lima de Macedo Júnior (c.1859-1939), organista da capela da Universidade de Coimbra, cargo que ocupou pela morte do seu pai, o músico Francisco Lopes Lima de Macedo. Este Fundo, doado à BGUC em 1942 pelos herdeiros, encontra-se parcialmente inventariado e catalogado; o Espólio musical Manuel Faria, constituído pelos manuscritos das partituras da maior parte das obras do cónego Manuel Faria (1916-1983), doado à BGUC por seu irmão Dr. Francisco Faria, em 1983, que se encontra integralmente referenciado, ao nível da peça, no catálogo coletivo das bibliotecas da Universidade de Coimbra; o Fundo musicológico e musical Tenente Manuel Joaquim (1894-1986), adquirido pela BGUC em 1994, constituído por um vasto acervo bibliográfico, musicológico e museológico e pelo arquivo pessoal do musicólogo. Este Fundo, parcialmente inventariado, aguarda tratamento; o Fundo musical e musicológico Maria Augusta Barbosa (1912-2012), que compreende a biblioteca especializada e o arquivo pessoal da musicóloga, fundadora dos estudos superiores universitários musicológicos em Portugal, doado à BGUC pela própria, em 2002. Deste acervo a biblioteca dispõe do inventário da Biblioteca e de uma descrição sumária da composição do arquivo.

**Datas de produção:** 1909-2014

**Nível de descrição:** Fundo

**Dimensão e suporte:** 8 cx. (ca. 485 docs.) ; 1,20 m lineares

**Nome do(s) produtor(es):** António de Lima Fragoso; Família Fragoso Martins Soares; Associação António Fragoso

**Fonte imediata de aquisição ou transferência:**

O Fundo António de Lima Fragoso foi incorporado na BGUC segundo o termo de doação assinado em cerimónia protocolar na Biblioteca Joanina a 21 de maio de 2014. A documentação deu entrada na Biblioteca Geral da Universidade a 14 de julho do mesmo ano, tendo sido entregue pelo Dr. Eduardo Fragoso Martins Soares, presidente da Associação António Fragoso, na casa de família e sede da Associação António Fragoso, na Pocariça, aos bibliotecários António Eugénio Maia do Amaral, diretor adjunto da BGUC, e Isabel João Ramires.

**História custodial e arquivística:**

Após a morte de António Fragoso, o seu espólio musical foi reunido e conservado por seu pai, Dr. Viriato de Sá Fragoso, numa compilação de impressos musicais e partituras manuscritas, originais ou cópias, encadernados juntos num volume com capas de cartão marmoreado e lombada em pele, com autor e título gravados a ferros dourados na lombada. O conteúdo, com dupla numeração – das folhas, a lápis color vermelho, do punho do compilador, e dos documentos, a lápis de carvão, de mão não identificada – originalmente composto por 45 itens (257 f.), apresentava-se desmembrado e com saltos na numeração, evidenciando a falta de, pelo menos, 10 itens: docs. 17 a 22 (f.103 a 135); doc. 24 (f.141-164); doc. 27 (f.173-182); doc. 30 (f.188-189);

(f.210-219); doc. 38 (f.222-227)<sup>49</sup>. Aparentemente, os manuscritos foram ordenados segundo o critério cronológico. Para além deste volume, ou «Livro dos originais», a família procurou coligir todos os manuscritos originais, cópias manuscritas e primeiras edições da obra musical de António Fragoso, reunindo mais 37 manuscritos musicais e alguns impressos, avulsos, «anexos ao Livro dos originais». A família conservou também os manuscritos literários, correspondência, materiais efémeros e recortes de impressos e outra documentação, produzidos ou reunidos por António Fragoso ou relativos à sua vida artística. Depois da morte de Viriato Fragoso, em 1945, Maria Fernanda Fragoso Martins Soares (1916-2000), única irmã sobrevivente de António Fragoso, deu continuidade à coleção recolhendo documentação variada relacionadas com a divulgação da obra do compositor e da promoção da sua memória e a sua receção pública, produzida essencialmente por ocasião dos aniversários do nascimento ou da morte do músico ou decorrentes da organização das efemérides. A partir do ano 2009 até a data da doação, a Associação António Fragoso, presidida por Eduardo Fragoso Martins Soares, foi acumulando diversos materiais produzidos no âmbito da sua atividade de divulgação da obra do compositor. Com exceção dos materiais mais recentes, dos registos sonoros e multimídia, e das duas monografias, os documentos encontravam-se dentro de envelopes numerados previamente à transferência para a BGUC.

Desde a entrada na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, o tratamento técnico e a divulgação do Fundo António de Lima Fragoso foram considerados prioritários. O projeto de tratamento do Fundo,

---

49 Não se conseguiram identificar os itens em falta. Margarida Prates, na sua dissertação *O espólio do compositor António Fragoso (1897-1918): análise do fundo musical e transcrição de sete manuscritos inéditos para piano*, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 2014, p. 148, faz corresponder às ff.188-189v. do volume de Viriato Fragoso, a obra *Canção e Dansa portuguesas, para piano*, manuscrito a tinta, com assinatura de Jorge da Cruz Jorge, firmada na Pocariça a 10 de Outubro de 1916, constituída pelas peças, *Canção*, devagar e expressivo; e *Dansa* [sic], muito alegre. Estes manuscritos não se encontraram no espólio recebido.

tendo como objetivos a sua organização, descrição e disponibilização pública e o acondicionamento nas condições mais adequadas à sua preservação, teve início em novembro de 2015, encontrando-se em fase de conclusão no final de 2016.

Na fase inicial do projeto, procedeu-se à identificação e inventariação da totalidade das espécies, respeitando a sequência original, atribuída pelo detentor, conferindo-se uma numeração complementada pela letra “a” a cerca de 60 documentos originalmente sem numeração. Corrigiram-se alguns lapsos e incorreções relativamente à descrição constante do Inventário da Associação António Fragoso que acompanhava o Fundo, nomeadamente quanto à falta das f. 188-189 do volume compilado por Viriato de Sá Fragoso e ao número de fotografias, entre outros.

### **Âmbito e conteúdo:**

O Fundo é fundamentalmente constituído pelo espólio musical compreendendo as partituras e, ou, partes cavas manuscritas originais e transcrições autógrafas ou de terceiros, das obras de António Fragoso, em parte inéditas, e pelas primeiras edições das partituras publicadas em vida do autor, incluindo exemplares duplicados, alguns com dedicatórias autógrafas; do Fundo fazem também parte as edições póstumas de obras de António Fragoso. No conjunto de Música incluem-se impressões ou fotocópias de três arranjos e/ou orquestrações póstumos, inéditos. Do ponto de vista da categoria musical, o espólio inclui composições para coro *a capella*, coro com acompanhamento, canto e piano, música para orquestra, música de câmara para orquestra (pequenos grupos de instrumentos), música para instrumento solo (piano, violino e violoncelo) e música religiosa, predominando largamente as peças para piano. De grande parte das peças, essencialmente produzidas em contexto escolar, estão disponíveis as diferentes variantes do processo genético documental, desde apontamentos musicais, estudos e rascunhos a lápis, origi-

nais e cópias autógrafas e cópias muito cuidadas, provavelmente de outras mãos.

O Fundo compreende o espólio literário de António Fragoso, incluindo manuscritos literários e académicos, nas suas variantes documentais genéticas, e correspondência; cadernos de apontamentos; materiais efémeros, como programas de concertos, etc.; e recortes de jornais, documentação alusiva à vida académica e artística, ou decorrente de atividades relacionadas com a produzida e/ou produzida e reunida por António Fragoso e pela família.

Nesta série documental ressalta a correspondência – mais de uma centena e meia de originais de cartas e bilhetes-postais de António Fragoso aos pais, aos irmãos, aos tios, aos professores e aos amigos, ou recebidos, destacando-se as cartas dirigidas ao pai e aos irmãos António e Maria do Céu. O núcleo epistolar é muito revelador do importante papel formativo das cartas no processo educativo dos jovens na época. Também relevante, um conjunto de trabalhos académicos e ensaios epistolares, escritos principalmente no verão de 1918, com os títulos: “Um grande artista”, “O carnaval de Schumann”, “O tesouro da Sé”, “O novo violonista” e “Música portuguesa”, entre outros, em que António Fragoso, dirigindo-se a “uma amiga”, destinatária provavelmente fictícia, disserta sobre variados assuntos artístico-musicais. Acompanham esta documentação quatro retratos de António Fragoso (incluindo reprodução de cópia de retrato a sanguínea) e uma fotografia de grupo (13 out. 1968).

Para além do espólio musical e literário do compositor, produzido ou reunido essencialmente entre 1909 e 1918, o Fundo contém uma extensa coleção de carácter memorial – recortes de imprensa, transcrições manuscritas de artigos de jornais e numerosos materiais efémeros, como programas de concertos, convites e correspondência alusiva às edições e transmissão de música de António Fragoso – muito completa e representativa da divulgação da obra de António

Fragoso e da sua receção desde a morte do compositor à atualidade, produzida entre 1918 e 2013, com particular incidência épocas de efemérides. O conjunto inclui o original autógrafo de um poema de António Cândido de Oliveira dedicado a António Fragoso.

O Fundo contém, em anexo, duas monografias, um disco vinil e 10 registos multimédia.

### **Sistema de organização:**

O Fundo encontra-se organizado nas seguintes séries:

Música (1913-1971)

1.1. Coleção de impressos e manuscritos musicais de António Fragoso, compilados por Viriato de Sá Fragoso

1.2. Música manuscrita: partituras manuscritas e cópias autógrafas e de terceiros

1.3. Música impressa: obras de António Fragoso

1.4. Orquestrações e arranjos póstumos (impressões e fotocópias).

Manuscritos

2.1. Coleção de manuscritos, cadernos de apontamentos, correspondência, etc., de António Fragoso, retratos, materiais efémeros e recortes de imprensa, relativos à sua vida e atividades, produzidos ou reunidos entre 1908 e 1919

2.2. Memória: coleção de impressos, recortes de imprensa, efémera e correspondência relativos à vida e à obra de António Fragoso e decorrentes de atividades promovidas para a sua divulgação, produzidos ou reunidos entre novembro 1919 e 2008.

Em anexo: materiais audiovisuais.

Em anexo: monografias.

Na primeira subsérie musical manteve-se a ordem atribuída pelo compilador, segundo o tipo de documento (impressos e manuscritos), estando os manuscritos aparentemente ordenados por data de composição. Na segunda subsérie de Música ordenaram-se as peças

por efetivo instrumental. Todas as outras subséries seguem a ordem cronológica de produção. Os documentos aos quais não foi possível atribuir uma data precisa, encontram-se no final do período de datação estimado. Aqueles a que não foi possível atribuir qualquer data, encontram-se no final da respetiva série.

**Idioma:** Português e Francês.

**Características físicas:**

Suporte material muitas vezes manchado, fragilizado e deteriorado pela acidez do papel e o manuseamento, com vincos de dobragens e pequenos rasgões, eventualmente manchado de humidade com prejuízo da leitura; necessitando de restauro em alguns casos.

Todos os documentos encontram-se individualmente acondicionados em pastas de papel *acid-free*. Os manuscritos musicais, para além de inseridos em capilhas *acid-free*, estão protegidos em pastas de cartolina.

**Instrumentos de descrição:**

Inventário ao nível do documento.

Catálogo online das bibliotecas da Universidade de Coimbra, disponível em: <http://webopac.sib.uc.pt/search~S17>, descrição ao nível do documento.

Catálogo dos manuscritos e impressos musicais, publicado no **ANEXO** do *Boletim*.

**Condições de acesso:**

O Fundo António de Lima Fragoso encontra-se totalmente disponível, podendo ser consultado na Sala de Leitura de Reservados da Biblioteca Geral, no horário de abertura dos serviços, mediante marcação prévia.

**Condições de reprodução:**

A reprodução de documentos encontra-se sujeita a algumas restrições tendo em conta o estado de conservação ou o fim a que se destina a reprodução. A reprodução de documentos está sujeita às normas que regulam os direitos de propriedade e a sua utilização para efeitos de publicação está sujeita a autorização da Direção da BGUC.

**Cotas atuais:**

UCBG ALF M.M. / M.I. / Ms.

**Nota do arquivista:**

O tratamento do fundo – higienização, carimbagem, inventariação, organização, descrição e acondicionamento da documentação – executado por Sandra Nogueira, com orientação técnica e revisão de Isabel João Ramires, decorreu entre novembro de 2015 e junho de 2016. Agradece-se ao Professor Doutor Paulo Estudante, Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a valiosa orientação científico-musicológica. Na descrição do Fundo, em particular da série Musical e da catalogação dos manuscritos e impressos musicais, a dissertação de Mestrado apresentada à FLUC por Margarida Prates (2014) *O espólio do compositor António Fragoso (1897-1918): análise do fundo musical e transcrição de sete manuscritos inéditos para piano*. Coimbra, 2014, e a publicação dirigida por P. F. de Castro (2010). *António Fragoso e o seu tempo: livro de actas do Colóquio Internacional*. Lisboa: Associação António Fragoso, em especial os contributos de Paulo Ferreira de Castro e Adriana Latino, Joaquim Carmelo Rosa, Eduardo Fragoso Martins Soares e José Campos, consideram-se obras de referência.

**Regras e convenções: ISAD(G)**

ISAD(G) : Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística : adoptada pelo Comité de

Normas de Descrição, Estocolmo (Suécia), 19-22 de Setembro de 1999. Conselho Internacional

de Arquivos ; trad. Grupo de Trabalho para a Normalização da Descrição em Arquivo. 2ª ed.

Lisboa : Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, 2002

### Fontes

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. Biblioteca Geral. *Fundo António de Lima Fragoso*. 1909-2014. PT/BGUC/ALF M.M./M.I/Ms.

### Bibliografia

BORBA, T. e GRAÇA, F. L. (1996). *Dicionário de Música* (2ª edição, 3ª tiragem). Vol. 1. Porto: Mário Figueirinhas Ed.

CASTRO, P. F. de. (2010). António Fragoso: uma «figura de culto» da música portuguesa. In P. F. de Castro (Ed.), *António Fragoso e o seu tempo: livro de actas do Colóquio Internacional* (pp. 81-94). Lisboa: Associação António Fragoso.

CASTRO, P. F. de e LATINO, A. (2010). António Fragoso (1897-1918): lista de obras musicais publicadas. In P. F. de Castro (Ed.), *António Fragoso e o seu tempo: livro de actas do Colóquio Internacional* (pp. 213-216). Lisboa: Associação António Fragoso

CASTRO, P. F. de e LATINO, A. (2010). Cronologia. In P. F. de Castro (Ed.), *António Fragoso e o seu tempo: livro de actas do Colóquio Internacional* (pp. 11-18). Lisboa: Associação António Fragoso

FERNANDES, C. (2010). Fragoso, António de Lima. In Salwa Castelo Branco (Ed.), *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX* (Vol. II, pp. 517-518). Lisboa: Círculo de Leitores; Temas e Debates.

A FESTA (1914 jun. 8) dos alunos do professor de Piano sr. Marcos Garin no «Salão da Ilustração Portuguesa». *Ilustração Portuguesa*. 2.ª Série (433) p. 734.

FRAGOSO, V. S. (1997). *A Freguesia da Pocariça do Concelho de Cantanhede: apontamentos para a sua história*. 2.ª ed. [S. l.]: [s. n.]

GRAÇA, F. L. (1971). Advertência. In FRAGOSO, A., *Canções do sol poente; Poèmes saturniens* (p. [3]). Lisboa: Instituto de Alta Cultura.

HINSON, M. e ROBERTS, W. (2014). *Guide to the pianist's repertoire* (4th ed.) (p. 314). Bloomington & Indianápolis: Indiana University Press.

- JORGE, L. (1968), *António Fragoso: um génio feito saudade*. Rio de Janeiro: [s.n.]. Edição patrocinada pela Caixa Beneficente dos Filhos do Concelho de Cantanhede.
- MERÊA, P. (1923). António Fragoso. In FRAGOSO, A., *Composições para piano* (pp. 3-4). Lisboa: Valentim de Carvalho.
- MERÊA, P. (1943). *Crónicas musicais* (pp. 223-226). Barcelos: Oficinas Gráficas da Companhia Editora do Minho.
- PRATES, M. (2014). *O espólio do compositor António Fragoso (1897-1918): análise do fundo musical e transcrição de sete manuscritos inéditos para piano* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/27564>.
- RIBEIRO, M. S. (1918 nov. 15). Músicos: António de Lima Fragoso. *A Música*. A.1 (2).
- ROSA, J. C. (2010). O percurso académico-musical de António Fragoso. In P. F. de Castro (Ed.), *António Fragoso e o seu tempo: livro de actas do Colóquio Internacional* (pp.113-127). Lisboa: Associação António Fragoso.
- SOARES, A. (1958 ago. 1). Regentes e reportório da Tuna: algumas notas para a história da Academia de Coimbra. *Rua Larga*. (16) p. 492.
- SOARES, E. F. M. e CAMPOS, J. (2010). António de Lima Fragoso: recordações de família. In P. F. de Castro, *António Fragoso e o seu tempo: livro de actas do Colóquio Internacional* (pp. 65-80). Lisboa: Associação António Fragoso.
- VASCONCELOS, J. C. (1968). Prefácio. In FRAGOSO, A., *Nocturno* (pp. [5-6]). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

(Página deixada propositadamente em branco)

# Eis Bocage...

Daniel Pires<sup>1</sup>

## RESUMO

Este pequeno texto pretende assinalar a realização pela Biblioteca Geral da Universidade de duas exposições acerca de Bocage: uma nos 250 anos do seu nascimento (Sala do Catálogo, 28 de abril a 29 de maio de 2015) e outra na Biblioteca Joanina (23 de janeiro a 4 de março 2017), pensada para um público internacional.

## PALAVRAS-CHAVE

Bocage (1765-1805); Universidade de Coimbra. Biblioteca Geral, exposições.

## ABSTRACT

This short text on Bocage stands as a memento for two exhibitions: one celebrating the 250<sup>th</sup> anniversary of his birth, displayed in the Catalogue room of the General Library (April 28<sup>th</sup>-May 29<sup>th</sup> 2015) and the other organized for an international audience on display in Joanina Library, between January 23<sup>th</sup> and March 4<sup>th</sup> 2017.

## KEYWORDS

Bocage (1765-1805); University of Coimbra. General Library, exhibitions.

Manuel Maria Barbosa du Bocage nasceu na então vila de Setúbal, no dia 15 de setembro de 1765, filho de uma senhora de ascendência francesa e de um jurista, membros da burguesia esclarecida.

---

1 Investigador do Centro de Estudos Bocageanos – [danielpires@netcabo.pt](mailto:danielpires@netcabo.pt)

Neto de um oficial francês que viera organizar a nossa marinha no início do século XVIII, cedo revelou a sua sensibilidade literária, incentivada por um ambiente familiar propício.

Quando completou 16 anos, sem alternativas, Bocage optou pela carreira das armas, seguindo deste modo, a tradição familiar. Depois de uma breve passagem pelo exército, matriculou-se na “Academia dos Guardas-Marinhas”, que acabara de ser fundada em Lisboa. O seu espírito antimilitarista prevaleceu e esteve na origem de uma deserção, ocorrida quando tinha dezanove anos. Uma amnistia permitiu-lhe regressar às forças armadas, sendo então enviado para Goa.

No Brasil apenas esteve alguns dias; rumou depois para o Estado da Índia. A sua estada neste território caracterizou-se por uma profunda desadaptação. Com efeito, o clima insalubre, a vaidade dos autóctones e a estreiteza cultural que aí observou conduziram-no à rejeição da sociedade de Goa, que mais se acentuou por ter sido mobilizado contra a sua vontade. Deu então livre curso à sua sátira corrosiva:

Das terras a pior tu és, ó Goa,  
Tu pareces mais ermo que cidade,  
Mas alojas em ti maior vaidade  
Que Londres, que Paris ou que Lisboa.

A crítica social foi por Bocage amplamente cultivada também como forma de combater os podres sociais, contribuindo, assim, para a reforma de uma sociedade decadente.

Enquanto se encontrou em Goa, a sua verve poética não se circunscreveu à sátira: composições de um lirismo notável e de carácter introspectivo saíram da sua pena fecunda, como por exemplo aquela em que se compara ao nosso épico:

Camões, grande Camões, quão semelhante  
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!

Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,  
Arrostar c’o sacrílego Gigante.

Promovido a tenente, Bocage foi nomeado para Damão, tendo voltado a desertar. Andarilho impenitente, conheceu a Índia e a China, sendo assolado pela fome e pela indiferença, assinaladas na sua poesia. Aportou, finalmente, a Macau, cidade onde compôs elogios e uma sátira que constitui um documento elucidativo acerca da situação sociopolítica ali existente.

De regresso a Portugal em 1790, aderiu à “Academia de Belas-Letras”, uma associação literária que pretendia retomar a acção meritória da “Arcádia Lusitana”. Um ano depois, Bocage publicou o primeiro tomo das *Rimas*, obra que constituiu uma pedrada no charco no panorama literário nacional da época, pouco fecundo no que à poesia dizia particularmente respeito.

O seu convívio com os poetas daquela academia cedo se deteriorou: estavam em causa diferenças substanciais na forma de perspectivar o mundo e a própria poesia, para além da inveja nutrida pelos seus antagonistas, que ficaram na história da nossa literatura, convocados pela pena contundente do escritor:

Preside o neto da rainha Ginga  
À corja vil, adúladora, insana.  
*Traz sujo moço amostras de chanfana,*  
*Em copos desiguais se esgota a pinga;*

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

*Rapada, amarelenta cabeleira,*  
*Vesgos olhos, que o chá e o doce engoda,*  
*Boca, que à parte esquerda se acomoda*  
*(Uns afirmam que fede, outros que cheira);*

Em 1794, ocorreu uma cisão naquela academia, registando-se a expulsão de Bocage, ou, eventualmente, a sua auto-marginalização, para gáudio dos seus inimigos, que não lhe perdoavam a sua inspiração, a sua voz peculiar e a forma depurada como compunha.

Na capital, vivenciou a boémia, frequentou os cafés, que alimentavam o ideário da Revolução Francesa, satirizou a sociedade anémica que o tolhia, desbaratou, por vezes, o seu imenso talento em ataques personalizados, para responder a outros não menos viscerais; assumiu, por outro lado, a sua sexualidade de forma inequívoca, fazendo circular, clandestinamente, composições que se encontravam à revelia da moral católica e preconceituosa:

Amar dentro do peito uma donzela,  
 Jurar-lhe pelos céus a fé mais pura,  
 Falar-lhe, conseguindo alta ventura,  
 Depois da meia-noite na janela;

Fazê-la vir abaixo, e com cautela  
 Sentir abrir a porta, que murmura;  
 Entrar pé ante pé, e com ternura  
 Apertá-la nos braços casta e bela;

A sua vida boémia e os seus panfletos clandestinos puseram-no na mira de um autocrata, o intendente-geral da polícia, Diogo Inácio de Pina Manique, que o encarcerou no Limoeiro. Valeu-lhe, então, a ampla solidariedade de várias personalidades da nobreza e da burguesia, designadamente José de Seabra da Silva, ministro do Reino, que pôs em prática uma estratégia cirúrgica para o libertar. O poeta foi, em seguida, enviado para a Inquisição, que já não detinha o poder discricionário anteriormente usufruído, e, mais tarde, para o convento de S. Bento e para o Hospício das Necessidades, tendo em consideração a necessidade, na óptica do poder, de ser “reedu-

cado”. Durou esta saga um ano, tendo recuperado, em 1798, a tão almejada liberdade, por ele omnimodamente incensada em poemas de intervenção social que punham em causa os valores serôdios do Antigo Regime:

*Liberdade querida e suspirada,  
Que o Despotismo acérrimo condena;  
Liberdade, a meus olhos mais serena  
Que o sereno clarão da madrugada!*

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

*Liberdade, onde estás? Quem te demora?  
Quem faz que o teu influxo em nós não caia).*

No ano seguinte, Bocage publicou o segundo volume das *Rimas*, a forma mais pertinente que encontrou para agradecer aos Amigos os múltiplos esforços feitos em prol da sua libertação.

Em 1800, começou a exercer o cargo de tradutor da Tipografia Calcográfica do Arco do Cego, dirigida pelo cientista José Mariano Veloso, auferindo 12.800 réis mensalmente. Pouco depois, aquela empresa foi encerrada, tendo Bocage passado por momentos agudos que se prendiam com a própria sobrevivência. Valeram-lhe, então, os correligionários da Maçonaria, porque o poder, uma vez mais, o condenou a um amargo ostracismo.

O poeta voltou a conhecer os interrogatórios inquisitoriais, em 1802, acusado de pertencer àquela organização. Porém, nada se provou, tendo o seu processo, existente na Torre do Tombo, sido arquivado.

Dois anos mais tarde, publicou o último tomo das suas *Rimas*, que dedicou à Marquesa de Alorna, escritora que também sofreu as agruras da perseguição de Pina Manique.

Bocage foi um dos maiores poetas portugueses, eventualmente o mais popular, pois continua a ser recorrente na memória colectiva do país. A crítica considera-o, a par de Camões, o sonetista mais depurado da nossa literatura, sendo paradigmáticas as suas composições líricas, cujo apuro formal é notável:

*Marília, nos teus olhos buliçosos  
Os Amores gentis seu facho acendem,  
A teus lábios voando, os ares fendem  
Terníssimos desejos sequiosos.*

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

*Olha, Marília, as flautas dos pastores  
Que bem que soam, como estão cadentes!  
(...)  
Que alegre campo! Que manhã tão clara!  
Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira  
Mais tristeza que a noite me causara.*

As fábulas que escreveu e as que traduziu de La Fontaine, considerando o seu carácter universalista e pedagógico, têm sido fonte contínua de inspiração e de formação para várias gerações. Bocage distinguiu-se ainda como tradutor do francês e, especialmente, do latim, sendo responsável pela versão portuguesa de poemas, contos e romances da autoria de, entre outros, Voltaire, Virgílio, Ovídio e Cervantes.

O último ano da sua vida caracterizou-se pelo sofrimento, provocado por um inexorável aneurisma, que, paulatinamente, lhe foi minando a saúde frágil, debilitada por um quotidiano pouco regrado e pelas sequelas provocadas pela sua detenção, em condições infra-humanas, no Limoeiro.

Faleceu, em Lisboa, no dia 21 de dezembro de 1805, aos quarenta anos, perante a comoção geral da sociedade portuguesa. Prestaram-lhe sentidas homenagens, em unísono, aqueles que lhe tinham manifestado, ao longo da vida, a sua Amizade, bem como os seus inimigos, entre outros José Agostinho de Macedo e Belchior Curvo Semedo. A literatura portuguesa perdeu um dos seus mais lídimos poetas e uma personalidade plural, que, para muitas gerações, incarnou o símbolo da irreverência, da frontalidade, da luta contra o despotismo e de um humanismo integral.

(Página deixada propositadamente em branco)

# Variantes de um poema juvenil de Mário de Sá-Carneiro

A. E. Maia do Amaral<sup>1</sup>

## RESUMO

Dá-se a conhecer o pequeno núcleo de livros de infância de Mário de Sá-Carneiro (1890-1916) conservado na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, e alguns versos neles manuscritos que se revelam como variantes inéditas do poema de juventude “Quadras para a Desconhecida”.

## PALAVRAS-CHAVE

Sá-Carneiro, Mário de (1890-1916), obra

Sá-Carneiro, Mário de (1890-1916), biblioteca

Universidade de Coimbra. Biblioteca Geral

## ABSTRACT

The General Library of the University of Coimbra holds a small set of books once in the library of the portuguese poet Mário de Sá-Carneiro (1890-1916). Some manuscript verses on one of the school books are unknown variations of “Quadras para a Desconhecida”, one of his first poems.

## KEYWORDS

Sá-Carneiro, Mário de (1890-1916), literary works

Sá-Carneiro, Mário de (1890-1916), library

University of Coimbra. General Library

---

1 Bibliotecário e Diretor-Adjunto da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – [aemaia@bg.uc.pt](mailto:aemaia@bg.uc.pt)

Em agosto de 2016, chegou às primeiras páginas dos jornais a notícia <sup>2</sup> de que a Biblioteca Geral possuía um pequeno conjunto do que então chamámos os livros de infância de Mário de Sá-Carneiro.

Encontrados por nós numa caixa sem qualquer identificação, ainda hoje não sabemos como deram entrada nesta Biblioteca <sup>3</sup>. São poucos (ver adiante), livros de estudo, de literatura infantil e menos infantil, o que condiz com a hipótese de serem parte dos que ficaram em Portugal, quando Mário foi para Paris.



**Mário de Sá-Carneiro em criança.** Reprodução de um *cliché* A. Bobone, adquirido recentemente (2016) com a primeira edição de “Céu em fogo”.

- 
- 2 Informação que, no entanto, já tínhamos incluído no capítulo sobre os espólios literários em *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra* (Coimbra : Imprensa da Universidade, 2009, p. 26) sem ter causado, então, qualquer comoção.
  - 3 Os livros de Mário de Sá-Carneiro que não foram levados para Paris acabaram na mão de colecionadores, tendo sido por essa via que a Biblioteca Nacional de Portugal adquiriu, há anos, uns “Lusíadas”, agora no seu Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea. O Doutor Ricardo Vasconcelos aventou em conversa privada (5 jun. 2017) a possibilidade deste conjunto ter sido entregue por François Castex, que lecionou em Coimbra.

A notícia chegou a tempo de chamar a atenção dos responsáveis pela edição crítica dos poemas de Sá-Carneiro, que se estava ultimando no verão desse ano. O Doutor Ricardo Vasconcelos solicitou-nos informação mais detalhada sobre as muitas anotações conservadas nos livros e todas as notas e *marginalia* lhe foram comunicadas para serem levadas em consideração nessa edição.

A BGUC também realizou nesse ano (centenário da morte) uma exposição bibliográfica onde o núcleo de livros da biblioteca infantil/juvenil do autor recebeu o devido destaque.

O facto de num deles encontrarmos tentativas para o poema *Quadras para a Desconhecida* (concluído antes de 03/09/1911 <sup>4</sup>) apenas reforça o carácter juvenil e liceal destas leituras e primeiros ensaios poéticos.

Num exemplar de uma edição escolar <sup>5</sup> de Tito Lívio, que Sá-Carneiro terá usado no Liceu Nacional de Lisboa ou Liceu do Carmo (atual Escola Secundária Veiga Beirão), existem alguns versos que virão a fazer parte do poema *Quadras para a Desconhecida*, com variantes e com uma quadra abandonada. O que pode até fazer recuar a data do poema e torná-lo num dos primeiros que se lhe pode atribuir, já que este livro foi de seu uso no 4º ano do Curso Geral dos Liceus (1903-1904).

Convenhamos que não se trata de uma descoberta que venha revolucionar a arte de Sá-Carneiro, o jovem poeta ensaiava apenas os primeiros passos nesta forma de expressão, como ensaiaria a prosa humorística no jornal “O Chinó”, no ano seguinte. Mas, terá a sua curiosidade e, por isso, quisemos deixar aqui este apontamento.

---

4 Nessa data, o poeta confia a António Sérgio, que entra como aluno do Liceu Camões no mesmo ano da sua saída, dois dos seus primeiros poemas: *Quadras para a Desconhecida* e *A Um Suicida*. (Mafalda FERRO – *António Ferro – os primeiros anos, 1895-1916*. “Blog Revista Lusofonia”. Public. 28 jan. 2015 [Consult. 23 mar. 2017]. Disponível na Internet em <https://revistalusofofia.wordpress.com/2015/01/28/antonio-ferro-os-primeiros-anos-1895-1916/>).

5 *Ab urbe condita : libri I, II, XXI, XXII : in usum scholarum : index geographicus et tres tabulae adiciuntur*. Olisipone : Ex Typographia Nationali, 1899. Cota RB-7-53.

Variantes do poema *Quadras para a Desconhecida***Versão manuscrita***(em BGUC RB-7-53)*

O minha desconhecida  
 Que formosa deves ser  
 Eu dava-te a minha vida  
 Só para te conhecer

**Versão publicada**

Ó minha desconhecida  
 Que formosa deves ser...  
 Dava toda a minha vida  
 Só para te conhecer!

Mais fresca e perfumada  
 Do que as manhãs luminosas,  
 A tua carne dourada  
 Como há-de saber a rosas!

Da minha boca de amante  
 Será o manjar preferido  
 O teu corpo esmaecido  
 Todo nu e perturbante.

A tua boca vermelha  
 Como há de saber beijar

Que bem tu me hás-de beijar  
 Com os teus lábios viçosos!  
 Os teus seios capitosos  
 Como hão-de saber amar!...

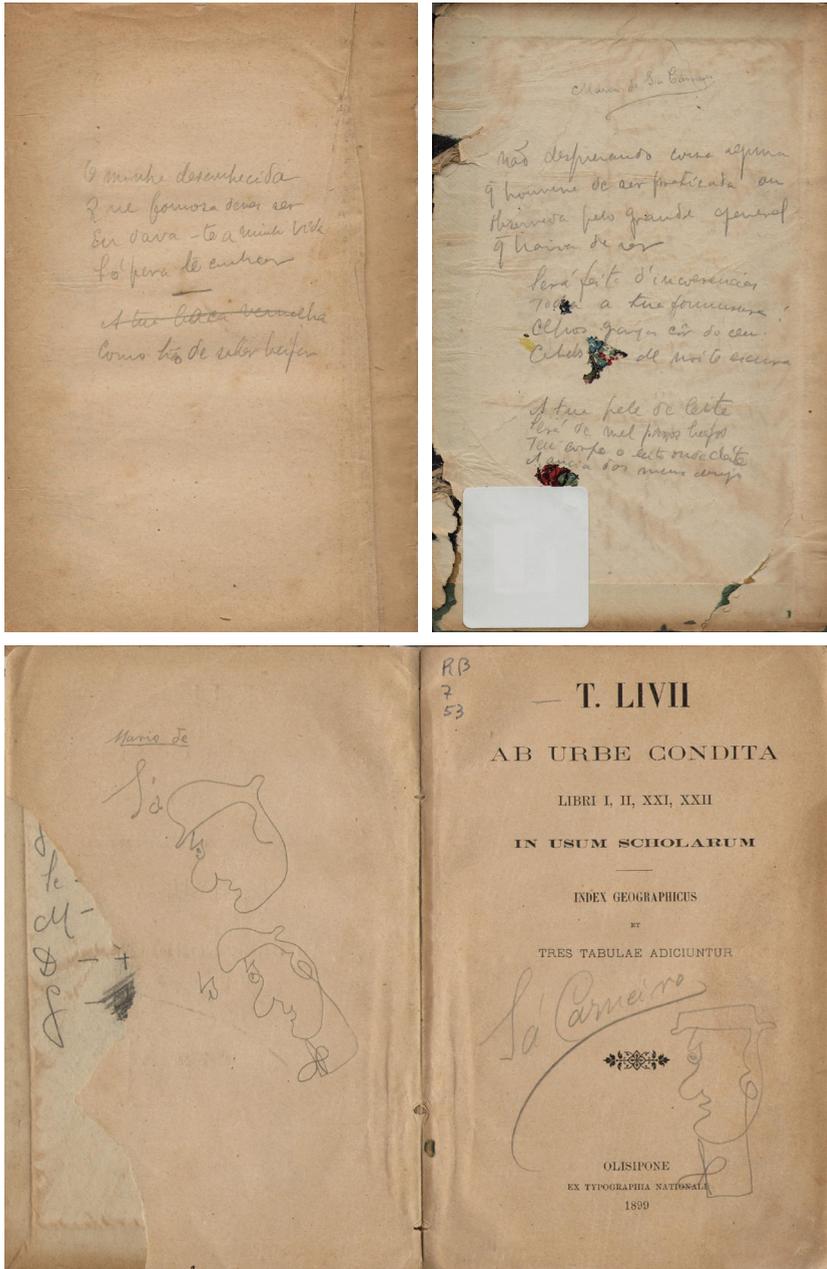
Os teus cabelos esparsos  
 Serão o manto da noite,  
 Um refúgio onde me acoite  
 Do sol dos teus olhos garços.

Será feita d'incoerencias  
 Toda a tua formosura [sic]!  
 Olhos garços côr do ceu;  
 Cabelos de noite escura

Olhos garços, cor do céu,  
 Cabelos de noite escura;  
 Será feita de incoerências  
 Toda a sua formosura...

A tua pele de leite  
 Será de mel p'ra os beijos  
 Teu corpo o leito onde deite  
 A ancia [sic] dos meus desejos

Os dias que vou vivendo  
 Tão desolados e tristes  
 É na esp'rança de que existes  
 Que os vivo... e que vou sofrendo...



Apensamos a seguir a lista (elaborada pelas colegas Maria José Otão e M. Fátima Bogalho) de todos os livros identificados como tendo pertencido a Mário de Sá-Carneiro e a que foi dada colocação nos “Reservados” da Biblioteca Geral.

## Obras que pertenceram a Mário de Sá-Carneiro:

### **LA LANDELLE, Gabriel de, 1812-1886**

A vingança do sargento : romance marítimo / G. de La Landelle ; versão de M. Pinheiro Chagas. Lisboa : Empresa da História de Portugal, 1903. 2 vol. (4 pt.) (198, [4] p., 193, [3] p., 194, [2] p., 244, [4] p.) : il. ; 19 cm. (Bibliotheca Portugueza Illustrada ; 14)

Cota RB-7-48

[Vol. 1, pt. 1-2] **Assinatura autógrafa e data no rosto: “Mario de Sá Carneiro em 12-II-04”**. - Enc. de editor, capa superior ilustrada por e inferior com o superlibros da casa editora e morada do livreiro, lombada com ornamentos e o título e volume marcados a ferros secos.

Cota RB-7-49

[Vol. 2, pt. 3-4] **Assinatura autógrafa e data no rosto: “Mario de Sá Carneiro em 12-II-04”**. - Enc. de editor, capa superior ilustrada por e inferior com o superlibros da casa editora e morada do livreiro, lombada com ornamentos e o título e volume marcados a ferros secos.

### **CHÈZE, João**

Selecta de autores franceses : prosa e poesia / por João Chèze ; acompanhada de notas por A. R. Gonçalves Vianna. Paris ; Lisboa : Guillard, Aillaud, 1897. XIV, 437 p. ; 19 cm.

Cota RB-7-50

Algumas f. soltas. - Apresenta marcas de ter sido muito manuseado. - **“Pertence a Mario de Sá Carneiro n. 121 da 3ª turma do 4º ano”**. - **Carimbo com o nome e morada: Mario de Sa Carneiro T. do Carmo N. 1 2. D.** - **Assinatura autógrafa de Mario de Sá Carneiro**. - Notas e exercícios ms. a lápis. - Na p. 155 tradução interlinear de parte do texto. - Nas p. 194 e 195 exercícios gramaticais, notas e transcrições de A. Lima a lápis. - Manchado de tinta. - Brochado em

cartão, cadernos quase soltos da encadernação, lombada em tela muito gasta.

### **MOREIRA, João M.**

Grammatica latina : ensino secundario official : 3ª, 4ª, 5ª, 6ª e 7ª classe / por João M. Moreira. Braga : Livraria Académica, 1896 (Porto : Typographia a vapor de José da Silva Mendonça). 228 [i.é 328] p. ; 21 cm.

Cota RB-7-51

Erro de foliação afetando a contagem, p. [328] num. 228. - **Vários fólhos contêm a assinatura autógrafa de Mário de Sá Carneiro. - Tem ms. na p. de antetítulo “Pertence a Mario de S. Carneiro alumno nº 121 da 3ª turma do 4º ano”.** - Brochado em cartão, no canto superior da capa tem uma etiqueta colada “Nº 24 - M. de Sá Carneiro 5º ano Lyceu de S. Domingos”; lombada em tela descolada.

### **CASTELO BRANCO, Camilo, 1825-1890**

Duas horas de leitura. 4ª ed. Lisboa : Parceria António Maria Pereira, 1903. 173 p. ; 15 cm. (Obras de Camilo Castelo Branco : Edição popular ; 15).

Cota RB-7-52

Pertenceu a Mário de Sá Carneiro. - **Assinatura autógrafa e data no rosto: “Mario de Sá Carneiro em 9-II-04”.** - Enc. de editor em tela vermelha gravada a ferros secos com o nome do autor e título da col. marcados a dourado, na lombada o título e nº gravados a negro.

### **LÍVIO, Tito, ca. 59 a.C.-17**

T. Livii Ab urbe condita libri I, II, XXI, XXII : in usum scholarum. Index geographicus et tres tabulae adiciuntur. Olisipone : Ex Typographia Nationali, 1899. 272 p., 3 mapas desdobr. : il., mapas ; 21 cm.

Contém os livros libri I, II, XXI e XXII.

Cota RB-7-53

Faltam as p. 247 a 254. - Os mapas colados no verso da f. de guarda no final. - F. iniciais soltas. - P. de rosto rasgada ofendendo parte do título. - **Pertence ms. na p. de antetítulo: “Este livro pertence a Mário de Sá Carneiro aluno nº 121 da 3ª turma do 4º ano”.** - **Carimbo com o nome e morada “Mario de Sa Carneiro. T. do Carmo N.º 1 2. D”.** - **Assinatura autógrafa de Mario de Sá Carneiro em várias p. da obra.** - **Nas p. 201 a 203 tradução interlinear do texto a lápiz negro e a tinta vermelha.** - **Anotações, desenhos (caricatura) e poema de Mário de Sá Carneiro: Contém no reto da última folha e no reto da contracapa ms. a lápiz o esboço do poema “Quadras para a desconhecida”.** - Enc. em cartão revestida a tela verde com o nome do autor grav. a negro na pasta superior, em mau estado de conservação; a pasta superior solta e sem as costuras.

### **ROUTLEDGE’S BRITISH SPELLING BOOK**

Routledge’s british spelling book : illustrated with three hundred engravings. London ; New York : George Routledge and Sons, [1865] (Woodfall & Kinder, printers, 69 to 76, Long Acre, London, W.C). 158 p. : il. ; 21 cm. (Routledge’s British Primer).

Cota RB-7-54

**Vinheta grav. no centro na contracapa tem no interior a assin. autógrafa de Mario de Sa Carneiro. - Na folha de guarda inicial uma nota ms.: “O 1º livro que se comprou para o Mario. 1895”.** - Enc. de editor em chagrin grenat, na pasta superior tem o título e o nome do livreiro inserido em moldura de triplo filete gravados a ferros secos, na lombada o título gravado a negro.

### **FOULCHÉ-DELBOSC, Raymond, 1864-1929**

Grammatica franceza : ensino secundario official / por R. Foulché-Delbosc; A.-R. Gonçalves Vianna. Paris ; Lisboa : Guillard, Aillaud & C.<sup>a</sup>, Casa Editora e de Comissão, 1899 (Guillard Aillaud & C.<sup>a</sup>). IV, 475 p. ; 18º (19 cm).

Cota RB-7-55

Faltam as p. 289-290 e 331 a 324. - F. soltas. - Acidificado e com marcas de ter sido muito consultado. - **Manual usado por Mario de Sá Carneiro em 1913. - No verso do rosto nota ms.: “Este livro pertence a Mario de Sá Carneiro aluno nº .... da .... turma do 4º ano”. - Contém no verso da p. de antetítulo ms. a lápis uma oitava do poema “Chanson de la Palisse” de Bernard de la Monnoye: “Il brillait comme un soleil, / sa chevelure était blonde, il n’eût pas eu son pareil / S’il eût été seul au monde / Il eut des talents divers / Même on assure une chose / Quand il écrivait en vers / Qu’il n’écrivait pas en prose”. - Caligrafia vária do nome próprio: Mario. - Assinatura autógrafa de Mário de Sá Carneiro. - Carimbos com as iniciais “MSC”, com o nome e a morada “Mario de Sa Carneiro - T. Do Carmo, N.º 1 2. D” e outro apenas com a morada “T. Do Carmo, N.º 1 2. D”. - Notas, apontamentos e exercícios ms. a lápis e a tinta. - Na contracapa inferior lista com os nomes dos professores e respetiva avaliação e apreciação. - Enc. de editor com capas de cartão em mau estado de conservação com a pasta superior solta, lombada em tela castanha com o N.º 6 ms. a tinta.**

(Página deixada propositadamente em branco)

# Libraries: the uncomfortable need to select<sup>1</sup>

José Augusto Cardoso Bernardes<sup>2</sup>



Ceiling detail from the Baroque Library (room 2): allegory of the University, in triumph, sitting on a cloud. In her right hand, the woman holds a sieve, signifying the need and the ability to choose.

- 1 Speech to the participants in the 4<sup>th</sup> NEICON Conference, Estoril, September 26-29, 2016, on the occasion of the Parallel Events held at the Auditorium of the University of Coimbra on the 29<sup>th</sup> of September.
- 2 Diretor of the General Library of the University of Coimbra

This afternoon you will visit our beautiful Old Library and you will have many wonders to enjoy. I just call your attention to a detail. In one of the ceilings (in the central room) you can see the representation of the University. The painter depicted a vigorous woman with a sieve in her right hand.

The woman's force is not surprising. At that time, the artists preferred strength to weakness. But the sieve can be. Remember that the sieve represents the faculty to choose, to sort the good from the bad. The message is very clear: the University is a place to make choices.

In this Library, we have 55 thousand books, all of them edited before the end of the 18th century. This means, immediately, that any reader needs orientation to choose.

But Coimbra's readers do not depend exclusively on the Old Library. As you will see, there are about 20 other libraries. Altogether, the university libraries house about 2 million documents, including medieval manuscripts, maps, and very recent books and magazines.

Contrary to what happened two decades ago, the problem now is not the lack of access to information. The greatest problem confronting us is the anguish of choosing the right information. In my opinion, this is a central challenge for the University.

That is why that vigorous and peaceful woman representing the University has never been so current. Looking at her from down here, we can admire her power. But we should especially admire her serenity. Looking at her we don't recognize a human being. Perhaps a goddess. In fact, how can we humans choose maintaining serenity?

Maybe the right choice is really exclusive to the gods and we must accept that we cannot imitate them in this precious faculty. Yesterday as today, the purpose of the University is to lead to knowledge. Perhaps even to wisdom.

How can we reach this aim? First of all, it is necessary to use the existing information in the best way possible. After all, information also needs to be sorted out. We know that not all data is information.

Yesterday as today, the libraries keep information, and not all results of good choices. They store knowledge but it comes up hidden behind information. They store wisdom but it is rarely reachable. There's no point in hiding the fact that the libraries (all the good ones around the world) are places of hesitation and choice.

After all, mankind has reached a lot of achievements and we are all marvelled by them. But they are almost all in the sense of abundance. That is not bad. Anyway, mankind has not yet managed to erase anxiety from choice. On the contrary: the more information there is, the more difficult it is to sort it out.

Therefore, libraries are excellent allegories of a University where the motto can only be the eternal search. But also, and because of that, libraries are excellent allegories of human life. An adventure made of choices: right and wrong, reversible or not. Nothing can save us from this anguish. So, more than the golden ornamentation, more than the wealth of the exotic woods or more than the imposing painting of the King, when we enter the library our eyes end up looking at that woman.

Why?

Because she has the happy serenity that we don't have anymore.

(Página deixada propositadamente em branco)

# Missão de formação na Biblioteca da Universidade Pedagógica de Cracóvia

Ana Eva Miguéis<sup>1</sup>

## RESUMO

A Universidade de Coimbra promove a mobilidade do pessoal para fins de formação, através do programa Erasmus. Dessas experiências resulta a realização de atividades de formação em instituições europeias ou em empresas localizadas num dos países participantes no Programa. No âmbito deste programa realizou-se uma missão de formação na Biblioteca Central da Universidade Pedagógica de Cracóvia (Polónia), em março de 2016. A visita em apreço surgiu após um convite desta entidade à Universidade de Coimbra, propondo uma colaboração entre as duas instituições.

No texto que se apresenta dão-se a conhecer os pontos mais significativos da visita. Num outro plano, compara-se a realidade das duas instituições. No final procede-se a uma breve análise desta formação envolvendo um conjunto de iniciativas a aplicar no local de trabalho.

## PALAVRAS-CHAVE

Mobilidade de pessoal; Bibliotecários; Formação profissional; Programa Erasmus; Bibliotecas universitárias.

---

1 Coordenadora do Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra-SIBUC  
evamigueis@sib.uc.pt  
Orcid.org/0000-0003-2869-7754

**ABSTRACT**

The University of Coimbra promotes staff mobility for training purposes through the Erasmus Program. These experiences result in training activities in the European institutions or companies located in one of the countries participating in the Program. As part of this program, a training mission set up at the Central Library of the Pedagogical University of Krakow (Poland) in March 2016. The visit resulted from an invitation made to the University of Coimbra, which included a proposal for collaboration between the two institutions.

In this text, we present the most significant aspects of the mission. At another level, we compare the reality of both institutions, as a visit of this kind and scope allows observing. Finally, we make a brief analysis of this training, taking in account a set of initiatives considered for implementation in the workplace.

**KEY-WORDS**

Non-teaching staff mobility; Librarians; Erasmus Program; University libraries.

## 1. Introdução

A Universidade de Coimbra, à semelhança de outras Universidades, promove a mobilidade dos seus profissionais para fins de ensino através do programa Erasmus. Deste modo permite a realização de atividades de formação em instituições europeias parceiras ou em empresas localizadas num dos países participantes no Programa, e contribui para o enriquecimento e valorização da experiência profissional deste pessoal.

Foi no âmbito do programa Erasmus que se realizou a missão de formação da signatária na Biblioteca Central da Universidade Pedagógica de Cracóvia (Polónia), em março de 2016. Esta visita surgiu após um convite, por parte desta entidade, às Bibliotecas da Universidade de Coimbra, com o objetivo de estabelecer uma colaboração entre as duas instituições. O programa da visita foi proposto pela Universidade Pedagógica de Cracóvia e procurava,

sobretudo, dar a conhecer a estrutura geral da biblioteca e as diferentes áreas que a compõem.

A Universidade Pedagógica de Cracóvia foi fundada em 1946 e ganhou grande prestígio entre as instituições pedagógicas do ensino superior na Polónia. Com perto de 17.000 alunos, oferece formação na área das Humanidades e das Ciências Sociais, em particular nas disciplinas de Educação, cobrindo ainda estudos em Ciências Naturais, Matemática, Física, Tecnologia e Artes. A oferta formativa abrange um vasto espectro de ciclos de estudos nas seis faculdades que a integram: Humanidades, Filologia, Pedagogia, Geografia e Biologia, Matemática, Física e Ciências Técnicas, e Artes.

## 2. Caracterização da Biblioteca Central

No seu conjunto, a Biblioteca Central da Universidade Pedagógica de Cracóvia e a rede de bibliotecas que apoiam as Faculdades e os Institutos desta Universidade constituem um dos maiores acervos de publicações científicas na cidade de Cracóvia, com mais de 700.000 volumes. A sua missão é dar resposta às necessidades dos seus utilizadores e apoiar, de forma ativa, o processo de investigação e ensino na Universidade Pedagógica, procurando ir ao encontro das expectativas e necessidades dos seus investigadores, docentes e estudantes.

Durante a estadia nesta Universidade, e ao longo de quatro dias, foram realizadas visitas a todos os departamentos que compõem a Biblioteca Central, assistidas pelos responsáveis de cada um deles, o que permitiu conhecer a estrutura, organização e os serviços prestados pela Biblioteca Central.

Neste texto, pretende-se destacar os aspetos que mais suscitaram o nosso interesse e que, de algum modo, permitem estabelecer uma comparação com as Bibliotecas da Universidade de Coimbra.

A Biblioteca Central da Universidade Pedagógica de Cracóvia utiliza, desde 1996, o sistema VIRTUA<sup>2</sup> para a gestão integrada da biblioteca. Este sistema, no seu módulo de catalogação, adotou o formato bibliográfico MARC 21 para os dados respeitantes aos diferentes tipos de documentos registados no catálogo: monografias, recursos contínuos, documentos cartográficos, documentos eletrónicos e documentos audiovisuais. É feito o controlo de autoridade para os nomes dos autores e para os cabeçalhos de assuntos, recorrendo-se à lista de encabeçamentos KABA<sup>3</sup>. Para além da catalogação, o sistema VIRTUA utiliza diversos módulos, tais como: registo das existências e catalogação de recursos contínuos (usado no Departamento de Periódicos), o de circulação de publicações para empréstimo e o módulo de pesquisa no WebOPAC.

O Departamento de Informação Científica promove a utilização das bases de dados eletrónicas. Existe um conjunto de bases de dados produzidas internamente pela biblioteca, como é o caso do próprio catálogo de existências, a base de dados “Eduktor”, que reúne mais de 54.000 registos bibliográficos de analíticos, que compreendem capítulos de livros e artigos de publicações periódicas existentes na Biblioteca Central, a “Biblioteca Pedagógica Digital” que reúne a bibliografia das publicações dos docentes e investigadores da Universidade, o Catálogo das teses de doutoramento, e a base de dados “Biografik”, que disponibiliza informação biográfica sobre as pessoas ligadas à Universidade. Existem também bases de dados disponibilizadas localmente pela biblioteca e de âmbito nacional, como é o caso do Catálogo da Biblioteca Nacional da Polónia, da Bibliografia

---

2 Ver mais informação sobre o sistema VIRTUA em <https://www.iii.com/products/vtls-virtua> [consult. 23 maio 2016].

3 A lista de encabeçamentos KABA é a principal linguagem de indexação usada nas bibliotecas polacas para a descrição de conteúdo dos documentos. Estas bibliotecas cooperam no catálogo nacional, apoiado pelo NUKAT (National Union Catalog). Mais informação em <http://centrum.nukat.edu.pl/en/about-nukat> [consult. 23 maio 2016].

Polaca de Literatura, ou da “BazTech”, base de dados bibliográfica que disponibiliza registos bibliográficos e resumos de publicações periódicas polacas da área das Engenharias, Tecnologia, Ciências e Proteção Ambiental. A par destes recursos tanto internos como nacionais, existem ainda as bases de dados de editoras internacionais, em texto integral, disponíveis através de licenças institucionais.

Este Departamento disponibiliza um serviço de referência e de apoio à pesquisa, promove atividades de formação a estudantes e investigadores e privilegia a divulgação de materiais de promoção da biblioteca, tais como guias de leituras ou programas de eventos na biblioteca, incluindo exposições regulares no edifício da biblioteca. É, igualmente, responsável pela edição e atualização da página *web* da biblioteca, apoiada no *software* “Drupal”.

O Departamento de Informática tem a seu cargo as atividades de gestão dos sistemas usados pela biblioteca. O referido Departamento implementou o sistema VIRTUA e os seus diversos módulos, incluindo o WebOPAC. A versão mais recente do catálogo foi lançada no início do ano letivo 2014/2015 e a interface foi concluída em agosto para que em setembro estivesse já em produção. Assinale-se que a biblioteca se encontra encerrada durante o mês de agosto, para férias escolares, e que, durante este período, o Departamento aumenta o seu ritmo de trabalho de modo a que os novos desenvolvimentos coincidam com o início do ano escolar sem perturbar o regular funcionamento da biblioteca.

Ainda em 2015 foi lançado o repositório da Universidade Pedagógica de Cracóvia – eRUP - que utiliza o *software open source* “DS-space”. Contém publicações científicas e outros materiais associados à atividade dos investigadores e docentes da Universidade Pedagógica, com o propósito de os recolher e divulgar, promovendo a investigação científica realizada nesta Universidade. Trata-se de um recurso recente e ainda pouco desenvolvido, como o atestam os poucos documentos depositados. Existe uma coleção temporária

de teses de doutoramento onde são depositadas os trabalhos que ainda não foram defendidos e que podem ser consultados antes da defesa. Estas teses encontram-se disponíveis para consulta apenas nos computadores da sala de leitura da Biblioteca Central. Só após a sua defesa pública é que as referidas dissertações são movidas para a coleção de teses da unidade orgânica a que pertencem.

Um dos Departamentos que me suscitou maior interesse foi o Departamento de Digitalização, criado em 2006. Até essa data, a digitalização era uma das atividades do Departamento de Informática, mas a importância assumida pela “Biblioteca Pedagógica Digital”, criada nesse mesmo ano, associada à vantagem de centralizar os recursos digitais da biblioteca, resultou na separação e autonomia desta atividade. Convém referir que o aparecimento da Biblioteca Pedagógica Digital resultou da colaboração entre a Biblioteca Central e os docentes da Universidade, que necessitavam de uma plataforma onde disponibilizar os materiais que produziam. Começou por compreender obras mais antigas, mas rapidamente começou a incluir materiais multimédia, como vídeos e hoje em dia é uma plataforma que se caracteriza por ser bastante híbrida. A Biblioteca Pedagógica Digital utiliza o “dLibra”, software produzido em 1999, que se caracteriza por ser o primeiro sistema polaco concebido para a organização de bibliotecas digitais e que foi desenvolvido pelo “Poznan Supercomputing and Networking Center”. Este sistema é usado por várias universidades polacas para a criação de bibliotecas digitais, com o intuito de promover a disponibilização alargada das publicações em formato digital, e é muito popular na Polónia.

O Departamento de Digitalização ao longo destes 10 anos de existência adquiriu uma grande prática em todas as tarefas de digitalização e encontra-se equipado com diversos *scanners* e com pessoal dedicado em exclusivo a estas tarefas.

### 3. Comparação com as Bibliotecas da Universidade de Coimbra

Do que foi registado, é possível fazer uma análise dos serviços prestados e da organização existente, e estabelecer um paralelo com a realidade das Bibliotecas da Universidade de Coimbra, e em particular, com a atividade produzida pelo Serviço Integrado das Bibliotecas (SIBUC).

No que respeita ao sistema integrado da biblioteca, este tem um funcionamento semelhante ao do Millennium. Convém referir que o VIRTUA foi adquirido em 2014 pela “Innovative”, a mesma empresa proprietária do Millennium, que é o sistema usado pelas Bibliotecas da Universidade de Coimbra. Do mesmo modo, também este *software* usa o formato bibliográfico MARC 21 para o registo dos dados das publicações no módulo de catalogação. Outro aspeto que importa registar é a durabilidade do sistema, que já se encontra em atividade há 20 anos, um período superior ao do sistema Millennium, que perpez 10 anos. Tal significa que o investimento realizado quer por uma, quer por outra instituição para a sua aquisição, implementação e formação de pessoal foi muito significativo e qualquer mudança deve ser bem equacionada.

O Departamento de Informação Científica, que corresponde ao Serviço de Referência das nossas bibliotecas, manifesta preocupação em disponibilizar e dar a conhecer as diversas bases de dados produzidas localmente, no âmbito da Biblioteca, privilegiando os recursos da Universidade Pedagógica e da língua do país, o que é idêntico à realidade da Universidade de Coimbra.

As bases de dados de editoras internacionais, com texto integral, que se encontram disponíveis através de licenças institucionais, corresponde a um procedimento semelhante ao que existe entre nós. O mesmo acontece com a integração de um conjunto de atividades mais variadas, enquanto forma de projetar a imagem da biblioteca

e da própria instituição, como é o caso da realização de exposições nas bibliotecas.

Da mesma forma, a “Biblioteca Pedagógica Digital” foi criada pela equipa da biblioteca, em colaboração com o corpo docente da Universidade Pedagógica, com a perspetiva de corresponder a um pedido que lhe foi feito. Esta circunstância permite estabelecer uma analogia com a criação das bibliotecas digitais “Pombalina” e “Impactum”, que também resultaram de uma cooperação entre o SIBUC e a Imprensa da Universidade de Coimbra, correspondendo a um propósito deste serviço para disponibilizar as obras publicadas.

Constata-se a utilização dos mesmos *softwares open source*, como é o caso do sistema de gestão de conteúdos “Drupal”, usado na plataforma “UC Digitalis” da Universidade de Coimbra e na página *web* da Biblioteca Central da Universidade Pedagógica.

Outro aspeto idêntico ao da Universidade de Coimbra, e que envolve de modo particular parte das funções assumidas pelo SIBUC, é a existência de um Departamento de Informática integrado na organização da Biblioteca Central, evidenciando a especificidade dos sistemas usados, da sua gestão corrente e dos desenvolvimentos necessários. Toda a atividade de administração e desenvolvimento do catálogo, do repositório e de outros sistemas está a cargo deste Departamento. Para o repositório é usado o DSpace, o mesmo sistema que se utiliza no Estudo Geral. Tal como no Estudo Geral, existe uma coleção temporária de teses de doutoramento ainda não defendidas e que só após a defesa pública é que são movidas para a coleção de teses da Faculdade a que pertencem. A diferença que se regista nesta situação é a de que, no caso da Universidade de Coimbra, as referidas teses não podem ser consultadas antes da defesa, ao contrário do que, como antes vimos, acontece na Universidade Pedagógica de Cracóvia.

#### 4. Propostas de melhoria a implementar

Foi ainda possível fazer uma breve apreciação dos aspetos mais positivos e dos menos positivos desta formação e apresentar algumas iniciativas a aplicar no local de trabalho. Os aspetos mais positivos prenderam-se com a preparação e organização da visita, feita de forma bem estruturada e com horários bem definidos, permitindo uma perceção de toda a estrutura da Biblioteca Central da Universidade Pedagógica de Cracóvia numa visita de poucos dias. Também o acolhimento por parte de todos os elementos envolvidos, a simpatia e proximidade com que nos receberam foi um aspeto muito positivo. A possibilidade de realizar uma apresentação sobre a organização visitante foi ainda um momento importante e que permitiu dar a conhecer as Bibliotecas da Universidade de Coimbra.

Como ponto menos positivo, regista-se a dificuldade de comunicação com alguns dos colegas envolvidos na visita, que não falavam inglês - ou não se sentiam à vontade em falar essa língua internacional - o que não permitiu, em algumas situações, um esclarecimento cabal de todas as questões colocadas.

No que respeita a iniciativas de melhoria suscitadas por esta formação, e que possam vir a ser aplicadas no local de trabalho ou nas atividades desenvolvidas, propõem-se as seguintes:

- Alterar o modelo de visitas organizadas para os colegas que nos visitam em missão Erasmus, apresentando um plano de visita mais pormenorizado a um conjunto reduzido de bibliotecas da UC, atendendo ao perfil e às expectativas expressas por cada visitante;
- Incluir uma apresentação formal sobre a instituição e o local de trabalho dos colegas que nos visitam em missão Erasmus. Trata-se de uma oportunidade única para promover uma reunião alargada com todas as bibliotecas da UC, e para fomentar a participação e a partilha de informação relacionada, de modo particular, com o trabalho realizado em instituições estrangeiras;

– Promover uma aproximação maior entre os elementos que integram as equipas de trabalho das instituições visitadas e que têm uma afinidade funcional com as atividades do SIBUC. No caso da Biblioteca Central da Universidade Pedagógica de Cracóvia, essa aproximação foi estabelecida com a equipa responsável pelos sistemas de gestão bibliográfica da biblioteca. O facto de usarem os mesmos sistemas *open source* e a disponibilidade mútua para partilhar experiências e ideias sobre o trabalho desenvolvido facilita a colaboração entre ambas as instituições. Relativamente a esta iniciativa, é oportuno dizer que estes colegas da Universidade Pedagógica, ao abrigo do Programa Erasmus, irão realizar uma visita às Bibliotecas da Universidade de Coimbra, ainda este ano.

## 5. Conclusão

Face às considerações produzidas, podemos dizer que estes programas de formação representam, em nosso entender, uma excelente oportunidade para conhecer outras realidades e outros profissionais e aprofundar relações profissionais internacionais.

Em termos pessoais não tenho dúvidas em reconhecer que esta formação contribuiu para um percurso profissional enriquecido com conhecimento e desenvolvimento de outras competências. Os desafios colocados à profissão obrigam a um esforço permanente de atualização, pois hoje mais do que num passado recente, as competências e os perfis que se exigem aos bibliotecários encontram-se em discussão intensa, envolvendo o papel que as bibliotecas universitárias podem desempenhar face às mudanças que se impõem e às resistências e limitações que as rodeiam.

Ao realizar programas de formação desta natureza, visamos identificar tendências de futuro e de suporte à manutenção e desenvolvimento das bibliotecas universitárias europeias. O esforço deve centrar-se na criação de instrumentos de trabalho que permitam

uma cooperação efetiva, na partilha de recursos e na disseminação de boas práticas, essenciais para o desenvolvimento das bibliotecas.

Em síntese, a missão de formação que se realizou junto da Biblioteca Central da Universidade de Cracóvia, no âmbito de um programa de mobilidade Erasmus revelou-se muito proveitosa contribuindo para a melhoria da atividade e dos serviços do SIBUC, ao mesmo tempo que aproximam as instituições de diferentes países. Promover o trabalho realizado pelas bibliotecas, a sua importância, a especificidade do seu conhecimento e a intervenção que devem ter nos círculos que servem, constitui uma missão que não pode ser esquecida.

(Página deixada propositadamente em branco)

## Atividades culturais 2015-2016

A Biblioteca Geral acolhe regularmente nos seus espaços diversos tipos de realizações de caráter cultural.

No decurso dos anos de 2015 e 2016, foram organizadas diversas exposições, colóquios, palestras, conferências e concertos. Tratou-se de iniciativas promovidas quer pela BGUC, quer por outras entidades dependentes da Universidade ou a ela associadas. Foram realizados na Sala do Catálogo, na Sala de S. Pedro e na Biblioteca Joanina (Piso Nobre e Piso intermédio). De entre as várias atividades realizadas neste período, destacam-se, em seguida, aquelas que se revestiram de maior relevo e impacto. Os catálogos das exposições bibliográficas encontram-se em Anexo.

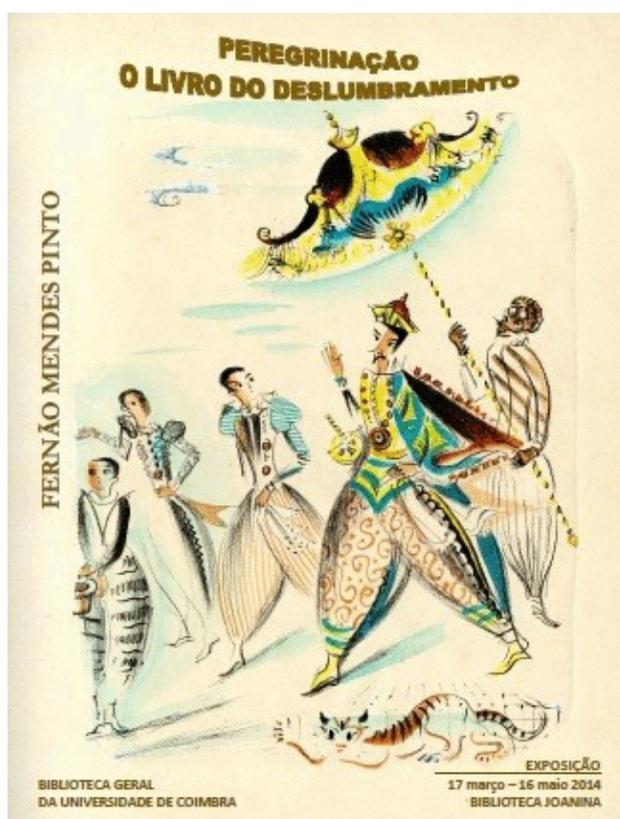
### 1. Sala do Catálogo

#### Exposições

1.1. – Exposição comemorativa do *Centenário da 1ª Grande Guerra*, realizada entre os dias 10 de novembro de 2014 e 5 de janeiro de 2015. Incluiu livros, jornais, revistas, e ainda fotografias da época pertencentes ao espólio da Biblioteca da Geral.

1.2. – Exposição *A “Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto: O Livro do Deslumbramento*, comemorando o quarto centenário da publicação desse livro singular. De entre as mais de 167 edições publicadas,

foram expostas as de texto integral, preparadas por Brito Rebelo, Jordão de Freitas, Costa Pimpão e César Pegado, Adolfo Casais Monteiro, António José Saraiva, Maria Alberta Meneres e Aníbal Pinto de Castro. Foram igualmente exibidas as versões abreviadas e adaptações de José Tavares, Aquilino Ribeiro, António Sérgio, Rodrigues Lapa, Branquinho da Fonseca, Adolfo Casais Monteiro, sucessivamente reeditadas ao longo do século XX. O Catálogo da exposição encontra-se em Anexo.



Cartaz da exposição bibliográfica *Peregrinação: O Livro do Deslumbramento*.

Esta exposição, inicialmente patente na Biblioteca Joanina, de março a junho de 2014, transitou depois para a Sala do Catálogo, onde esteve presente ao longo do mês de janeiro de 2015.

1.3. – Exposição evocativa *Vida e Obra de T. S Eliot (1888-1965)*.

Reconhecido como uma das maiores figuras da literatura inglesa, este escritor foi agraciado com diversos prémios, destacando-se o prémio Nobel de Literatura em 1948, o Hanseatic Goethe Prize (Hamburgo, 1955) e a Dante Medal (Florença, 1959). A exposição esteve patente de fevereiro a março 2015, na evocação do cinquentenário da morte do escritor. O Catálogo da exposição bibliográfica encontra-se em Anexo.

1.4. – Exposição comemorativa dos 250 anos do nascimento de Bocage, intitulada *Bocage (1765-1805): 250 anos do seu nascimento*. Foi considerado o mais importante poeta português do século XVIII e um dos maiores sonetistas líricos da literatura portuguesa, na linha de Camões e precedendo Antero de Quental. Das obras expostas destacamos as seguintes: *Elegia, que o mais ingenuo, e verdadeiro sentimento consagra à deplorável morte do illustrissimo, e excellentissimo senhor D. Jozé Thomaz de Menezes, [...]*, de 1790; *Queixumes do pastor Elmano contra a falsidade de pastora Urselina: écloga*, de 1791; *Epicedio na sentida morte do [...] Senhor D. Pedro José de Noronha, Marquez de Angeja [...]*, de 1804; *Rimas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage. Segunda edição, correctá, e aumentada*, de 1800; *Rimas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage dedicadas à amizade*, de 1802; *Poesias dedicadas à Illm<sup>a</sup>, e Exm<sup>a</sup>. Senhora Condessa de Oyenhhausen*, de 1804 e *A saudade materna : idyllio, na prematura, e chorada morte da Senhora Dona Anna Raimunda Lobo [...]*, de 1805. Esta exposição esteve patente de 28 de abril a 29 de maio de 2015. Ver o Catálogo em Anexo.

1.5. – Exposição comemorativa do *VI Centenário da Tomada de Ceuta* em 21 de agosto de 1415, de 22 de julho a 4 de setembro. O Catálogo encontra-se publicado em Anexo.

1.6. – Mostra bibliográfica intitulada *Fernando Pessoa: os rostos plurais*. Destacaram-se as obras publicadas em vida do escritor, 35

*Sonnets* e *Antinous*, ambas em 1918, *English Poems*, em 1921 e *Mensagem*, em 1934, obra premiada pelo Secretariado de Propaganda Nacional. Esteve patente de 28 de setembro a 4 dezembro na Sala do Catálogo, e na Biblioteca Joanina (Piso intermédio) de 15 de dezembro a 31 de janeiro de 2016. Catálogo em Anexo.

1.7. – Exposição documental intitulada *Biblioalimentaria*. Integrou-se no âmbito do programa da 18ª Semana Cultural, de 4 de março a 1 de maio de 2016. Incluiu um ciclo de palestras que decorreu na Sala de S. Pedro, com duas sessões: “Cozinha à Portuguesa pelas mãos de um francês: Lucas Rignaud e o património culinário português”, por João Pedro Gomes, e “A Universidade de Coimbra no cardápio da *Cosinha Portuguesa* de 1902: uma história por contar”, pela Professora Doutora Carmen Soares.



Sessão na Sala de S. Pedro no âmbito da exposição *Biblioalimentaria*: Professor Doutor José Augusto Cardoso Bernardes, Diretor da Biblioteca Geral; Professor Doutor José Pedro Paiva, Diretor da Faculdade de Letras; Clara Almeida Santos, Vice-Reitora da UC; Professora Doutora Carmen Soares.

1.8. – Exposição *William Shakespeare (1564-1616)*. A mostra beneficiou da colaboração da Professora Doutora Adriana Bebiano, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que elaborou um texto para o efeito, intitulado: “O que é que Shakespeare tem que é diferente dos outros?”. Ver o Catálogo em Anexo.

1.9. – Exposição bibliográfica e documental: *Joaquim de Carvalho*. Foi organizada pelo Departamento de Cultura da Câmara Municipal da Figueira da Foz. Retrato da vida e obra de Joaquim de Carvalho (Figueira da Foz, 10 de junho de 1892 - Coimbra, 27 de outubro de 1958). Joaquim de Carvalho foi professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde regeu cadeiras de Filosofia e de História da Cultura. Foi ainda diretor da *Revista da Universidade de Coimbra*, da Biblioteca Geral (1926-1931) e da Imprensa da Universidade.

A exposição, inaugurada no dia 13 de junho de 2016, esteve patente até ao dia 30 de agosto. No dia da inauguração, o Doutor Paulo Archer de Carvalho, do CEIS20, proporcionou uma visita guiada.

1.10. – Exposição *Mário de Sá-Carneiro (1890-1916)*, assinalando o primeiro centenário da morte do autor. Além de exemplares da sua obra (com destaque para algumas primeiras edições) e de um pequeno conjunto de bibliografia crítica, estiveram expostos a certidão de batismo redigida em Lisboa, o registo académico da passagem de Sá-Carneiro por Coimbra e a petição de matrícula no 1º ano de Direito (gentilmente cedidos, pelo Arquivo da Universidade).

Foram também exibidos alguns livros e cadernos escolares, usados pelo jovem Sá-Carneiro enquanto estudante liceal, com curiosas anotações autógrafas sobre colegas e professores. O interesse dos documentos (que hoje pertencem à Biblioteca) relaciona-se ainda com a presença de alguns versos soltos, que viriam depois a ser incorporados na sua obra publicada. Esteve patente de 12 de setembro a 28 de outubro. O Catálogo da exposição encontra-se em Anexo.

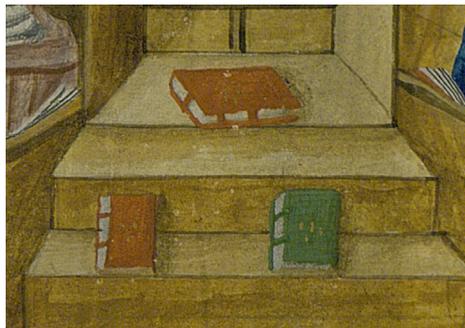


Fotografia da exposição sobre Mário de Sá-Carneiro na Sala do Catálogo.

## 2. Sala de S. Pedro

### A – Exposições

2.1. – No âmbito da 18ª Semana Cultural da Universidade de Coimbra (1 de março a 1 de maio de 2016), subordinada ao tema “O livro: no princípio era o conhecimento”, a BGUC apresentou, de 2 de março a 29 de abril, uma exposição bibliográfica ilustrativa da evolução e metamorfoses do suporte livro: *Livro/códice: do séc. XII ao XXI – Upgrading since 1150*, desde o códice em pergaminho até ao livro eletrónico.



Excerto do Manuscrito 723 que ilustrou a notícia da exposição *Livro/Códice do séc. XII ao XXI*.

Na mostra incluíam-se manuscritos, com particular destaque para um exemplar da *Bíblia atlântica*, alguns incunábulos, como a *Bíblia das 48 linhas* e a *Crónica de Nuremberga*, livros raros como a *Vita Christi* e a *Bíblia* poliglota de Alcalá. De entre o núcleo de livros impressos foi dado particular relevo aos livros ilustrados, através de diversas técnicas como a xilogravura, a gravura em cobre ou aço, ou a estampagem por meio de técnicas como *mezzotinto* e a *aquatinta*, bem como à evolução do suporte papel.

2.2. – Exposição *A Polifonia em Santa Cruz de Coimbra*. Integrou-se no âmbito do Ciclo de Conferências Ilustradas do Coro Dom Pedro de Cristo, de 2 de maio a 1 de junho. A sessão de abertura contou com a participação do Padre Pedro Miranda (que proferiu uma palestra sobre o assunto) e do Coro Dom Pedro de Cristo, que interpretou temas da autoria do compositor.

## **B – Lançamento e apresentação de obra**

– Lançamento da obra «Uma Autobiografia da Razão: A matriz filosófica da historiografia da cultura de Joaquim de Carvalho», da autoria de Paulo Archer de Carvalho, no dia 16 de junho de 2015. Contou com a apresentação do Professor Doutor Fernando Catroga.

## C – Ciclo de Sessões a “Biblioteca Geral Mostra (e Explica) o seus Tesouros”

Com o objetivo de dar a conhecer ao público alguns dos seus documentos mais preciosos, a Biblioteca levou a cabo um conjunto de sessões em 2015 que pretendiam não apenas mostrar mas também explicar as obras. As sessões tiveram uma periodicidade mensal, decorreram aos sábados de manhã e envolveram a participação de bibliotecários e de especialistas da Universidade, nas diferentes matérias a que respeitavam os documentos. Foram apresentadas as seguintes obras:

A BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE  
MOSTRA OS SEUS TESOUROS



21 Fev. – Os Lusíadas, de Luís de Camões  
(José Cardoso Bernardes)

7 Mar. – Gravura da Ilustre Cidade de Coimbra, de George Braun  
(Jorge de Alarcão)

11 Abr. – Descrição do reino das Canárias, de Leonardo Torriani  
(José Manuel Azevedo e Silva)

9 Mai. – Mensagem, de Fernando Pessoa  
(António Apolinário Lourenço)

6 Jun. – Bíblia “atlântica”  
(Saul António Gomes)

27 Jun. – Roteiro de Dom João de Castro  
(Carlos Fiolhais)

CICLO DE SESSÕES | 10H00 | SALA DE SÃO PEDRO  
ENTRADA LIVRE (ATÉ UM LIMITE DE 40 INSCRIÇÕES)



INSCRIÇÕES EM: [saopedro@bg.uc.pt](mailto:saopedro@bg.uc.pt)  
OU ATRAVÉS DO TELEFONE 239 859 848

Apoios



Cartaz do ciclo de sessões “A Biblioteca Geral da Universidade mostra (e explica) os seus tesouros”.

– No dia 21 de fevereiro, *Os Lusíadas* de Luís de Camões, obra impressa em Lisboa “em casa de Antonio Gõçaluez”, em 1572. A apresentação esteve a cargo do Professor Doutor, José Augusto Bernardes, Diretor da Biblioteca Geral;

– No dia 7 de março a *Gravura da Cidade de Coimbra* (Illustris civitatis Conimbriae in Lusitania ad flumen Illundam effigies), retirada da obra “Civitates Orbis Terrarum” de George Braun e Frans Hogenberg, publicada em Coloniae Agrippinae, cerca de 1580. A apresentação foi dirigida pelo Professor Doutor Jorge de Alarcão;



Sessão com o Professor Doutor Jorge de Alarcão sobre “A Gravura da Cidade de Coimbra”.

– No dia 11 de abril, a *Descrição do Reino das Canárias* (Alla Maesta del Re Catolico, descrittione et historia del regno de l'isole Canarie gia dette le Fortvnate con il parere delle loro fortificationi), de *Leonardo Torriani* (1560-1628). O manuscrito do final do séc. XVI foi apresentado e explicado pelo Professor Doutor José Manuel de Azevedo e Silva;

– No dia 9 de maio, a 1ª edição de *Mensagem*, obra de Fernando Pessoa (1888-1935), editada em Lisboa pela Parceria António Maria Pereira, em 1934. A apresentação esteve a cargo do Professor Doutor António Apolinário Lourenço;

– No dia 6 de junho, a *Bíblia “atlântica”*, manuscrito em pergaminho, datável do último terço do século XII. A explicação do códice esteve a cargo do Professor Doutor Saúl António Gomes (Professor da Faculdade de Letras), especialista em paleografia e diplomática;

– No dia 27 de junho, *Roteiro de D. João de Castro* (Tavoas dos lugares da costa da Índia), manuscrito do séc. XVI. A apresentação desta obra esteve a cargo do Professor Doutor Carlos Fiolhais.

Em 2016, no segundo ciclo de sessões, foram apresentadas as seguintes obras:

– No dia 5 de março, foi apresentado pela Professora Doutora Maria José Azevedo Santos o *Livro de Horas*, manuscrito iluminado do séc. XVI;



Sessão com a Professora Doutora Maria José Azevedo Santos sobre o “Livro de Horas”.

– No dia 2 de abril, foi apresentado pelo Professor Doutor José Augusto Cardoso Bernardes, *Os Lusíadas*, obra dirigida por Fernandes Costa, prefaciada por D. Antonio Mendes Bello e por Manuel Pinheiro Chagas, editada em Lisboa, por Silvestre Castanheiro, em 1898. Trata-se da edição autográfica de “Os Lusíadas”, comemorativa do Quarto Centenário do Descobrimento da Índia;

– No dia 19 de março, *O Livro de lembranças dos Planetas*, manuscrito de 1593, apresentado pelo Professor Doutor António Olaio, Diretor do Colégio das Artes e artista plástico;

– No dia 12 de março, foi apresentada e explicada pelo Doutor Jorge Paiva, Professor de Botânica do Departamento das Ciências da Vida, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra a obra *Éléments de botanique ou Méthode pour connaître les plantes* (1694), de Joseph Pitton de Tournefort (1656-1708), botânico e médico francês. Foi publicada em Paris, na “l’imprimerie Royale : [par les soins de Jean Anisson]”, em 1694.

## D – Colóquios

– Congresso “Homenagem ao Embaixador Calvet de Magalhães”, nos dias 13 e 14 de abril de 2015, promovido pelo CEIS20;

– “Jornadas Modernistas”, comemorativas do centenário da publicação da revista *Orpheu*, promovidas pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A intervenção do Professor Eduardo Lourenço, intitulada “Lourenço em Pessoa”, realizou-se na Sala de S. Pedro, com a participação do Professor José Augusto Cardoso Bernardes e a moderação do Professor António Apolinário Lourenço;



Sessão na Sala de S. Pedro no âmbito das “Jornadas Modernistas”:  
Professor Doutor Eduardo Lourenço, Professor Doutor Apolinário Lourenço,  
Professor Doutor José Augusto Cardoso Bernardes,  
Professora Doutora Ofélia Paiva Monteiro.

– Congresso “Europa, Atlântico, Mundo. Mobilidades, Crises, Dinâmicas Culturais. Pensar com Maria Manuela Tavares Ribeiro”. Tratou-se de uma homenagem prestada à referida Professora da Faculdade de Letras, nos dias 17 e 18 de fevereiro de 2016;

– Colóquio “Portugal e a Europa: 30 Anos de Integração”, numa parceria do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra - CEIS20 e do Gabinete do Parlamento Europeu em Portugal, nos dias 17 e 18 de março de 2016;

– Colóquio “40 anos da Constituição e das autonomias políticas regionais dos Açores e da Madeira”, iniciativa e coordenação científica de Isabel Valente, do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra - CEIS20. O evento contou com a presença dos Doutores Alberto João Jardim e João Bosco

Mota Amaral, dos Professores Jorge Miranda e Vital Moreira, e das deputadas ao Parlamento Europeu Cláudia Monteiro e Sofia Ribeiro, no dia 23 de maio de 2016;



Cartaz do Colóquio realizado na Sala de S. Pedro sobre autonomia regional.



Colóquio “40 anos da Constituição e das autonomias políticas regionais dos Açores e da Madeira”: Professor Doutor Jorge Miranda; Professor Doutor Manuel Lopes Porto; Professor Doutor Vital Morreira.

– “Clavis Bibliothecarum: Novas Chaves de Investigação”, foi o título da sessão de apresentação da obra “Clavis Bibliothecarum: Catálogos e Inventários de Livrarias de Instituições Religiosas em Portugal até 1834”, realizada no dia 29 junho 2016. Resultado de um vasto trabalho de investigação desenvolvido por Luana Giurgevich e Henrique Leitão entre os diversos fundos monásticos nacionais. Trata-se do mais completo levantamento de catálogos e inventários de bibliotecas de instituições religiosas realizado em Portugal, dos séculos X a XIX, descrevendo cerca de um milhar de listas de livros e várias centenas de documentos inéditos referentes ao funcionamento e vida das antigas livrarias eclesiásticas;

– No dia 18 de outubro 2016, reunião científica para assinalar o “Dia Europeu contra o Tráfico de Pessoas, instituído em 2007 pela Comissão Europeia”, com o objetivo de dar visibilidade às ações que têm vindo a ser desenvolvidas no sentido de aprofundar conhecimentos e sensibilizar os profissionais e o público em geral quanto à prevenção, combate e repressão deste tipo de criminalidade altamente organizada na Europa.

A organização desta reunião pertenceu ao Grupo de Investigação Europeísmo, Atlanticidade e Mundialização do CEIS20-UC e ao Instituto Jurídico, procurando uma abordagem de forma interdisciplinar.

## **Biblioteca Joanina**

### **A – Exposições**

– Exposição *Gravuras de Coimbra*, de 26 de março a 15 de maio de 2015, no Piso Intermédio, com o objetivo de mostrar a evolução da representação da cidade de Coimbra, desde o séc. XVI ao início do séc. XX. Ver o Catálogo em Anexo.

– Mostra bibliográfica de ilusionismo e magia, para apoio ao evento *A UC Mágica de Luís de Matos*, no âmbito do ciclo “7 séculos, 7 personalidades, 7 histórias”, no dia 30 de maio de 2015.

– De 9 de junho a 31 de agosto de 2015, no Piso intermédio esteve patente a Exposição *A Biblioteca Geral da Universidade e a “Marca do Património Europeu”*, na sequência da atribuição à Biblioteca Geral da Marca do Património Europeu.

– Exposição evocativa *400 anos da morte de Miguel de Cervantes (1547-1616)*. Esta exposição integrou um conjunto importante de obras cervantinas do séc. XVII, envolvendo também traduções para português (e outras línguas), de 5 abril a 31 de maio. Ver O Catálogo em Anexo.

– Exposição *Conimbriga Urbe ad Orbem*, de 7 julho a 30 outubro, lembrando alguns dos milhares de Irmãos e Padres que, formados ou apenas tendo passado por Coimbra, se espalharam por todo o mundo. O Catálogo da exposição bibliográfica encontra-se em Anexo.



Emblema da Companhia de Jesus retirado da obra  
“Compendio spiritual da vida christam”.

## B – Lançamento de obras

– No dia 18 de dezembro de 2015, dando continuidade ao projeto iniciado em 2014 da reprodução fac-similada de “Farmacopeias Portuguesas”, foi apresentado o “Codigo Pharmaceutico Lusitano, ou Tratado de Pharmaconomia”, no âmbito da coleção, com o patrocínio exclusivo da Bluepharma – Indústria Farmacêutica, SA. A apresentação da obra esteve a cargo do Doutor João Rui Pita.

## C – Concertos

Dentro das atividades desenvolvidas pela Vice-Reitoria da Cultura em colaboração com a BGUC, realizaram-se os seguintes concertos:

– Concerto no âmbito do projeto *Itália – Portugal – Brasil : Uma viagem sonora*, no dia 20 de fevereiro de 2015;

– Concerto de Piano e Flauta, integrado no Programa das Comemorações dos 725 anos da Universidade de Coimbra, no dia 4 de março de 2015;

– Concerto pela pianista Lícia Lucas (projeto Música no Museu), no dia 6 de março;

– Concerto pela pianista Maria Helena de Andrade (projeto Música no Museu), no dia 30 de junho de 2015;

– Concerto pela pianista Kiana Shafiei - *Músicas do Mundo: Entre a Tradição e o Modernismo*, no dia 16 de julho de 2015;

– Concerto pela pianista Licia Lucas (projeto Música no Museu), no dia 10 de setembro de 2015;

– *Onda de Silêncio – Recital de Canto e Guitarra*, com Deborah Oliveira (Canto) e Eduardo Barretto (Guitarra), no dia 16 fevereiro de 2016;

– Concerto pela pianista brasileira Ana Maria Brandão (projeto Música no Museu), no dia 30 de março de 2016;

– Concerto-Reflexão em Sexta-feira Santa, no dia 25 de março de 2016, para o Fundo Solidário (de apoio aos estudantes carenciados), organizado em colaboração com a Capelania da Universidade de Coimbra e o Instituto Missionário do Sagrado Coração – Dehonianos;

– Concerto de piano por Carlos Bianchini, no dia 13 de maio de 2016;

– Concerto pelo pianista brasileiro Diego Caetano, no dia 27 de maio 2016;

– Concerto pela pianista Ana Maria Brandão (projeto Música no Museu), no dia 9 de junho de 2016;

– Concerto pela cantora e compositora brasileira Cláudia Ramos (projeto Música no Museu), acompanhada pelo violonista, compositor e produtor musical Victor Ribeiro e o pianista Francisco Pellegrini, no dia 9 de setembro de 2016.



Flyer do concerto de Cláudia Ramos.

(Página deixada propositadamente em branco)

# Anexos

(Página deixada propositadamente em branco)

# **Sumários do *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Vol. I (1914) – vol. III (1916) e do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Vol. IV (1917) – vol. XLV (2014)**

## **Vol. I (1914)**

SOUSA, Marnoco e – Preâmbulo, p. 1-3

RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES portuguesas recebidas nesta Biblioteca durante o mês de dezembro de 1913, p. 4-23

CATÁLOGO DOS MANUSCRITOS da Biblioteca da Universidade de Coimbra, p. 24-27, 74-77, 136-139, 181-183, 227-229, 285-287, 324-325, 370-375, 422-425, 468-469, 514-518, 562-565

CASTRO, A. M. Simões de – Um manuscrito interessante de D. Marcos da Cruz, p. 28-35

SOUSA, Marnoco e – Censo da população de 1911, p. 36-39

CARVALHO, Teixeira de – Livraria do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, p. 40-52, 96-110, 148-158, 195-206, 242-254, 295-302, 384-388, 575-582

RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES portuguesas recebidas nesta Biblioteca durante o mês de janeiro de 1914, p. 53-73

CASTRO, A. M. Simões de – Vinda de El-rei D. João 3.º a Coimbra no ano de 1550, p. 78-86, 140-147, 191-194, 291-294

SILVA, Luciano Pereira da – O «Libro de álgebra» de Pedro Nunes, p. 87-95

RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES portuguesas recebidas nesta Biblioteca durante o mês de fevereiro de 1914, p. 111-135

- RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES portuguesas recebidas nesta Biblioteca durante o mês de março de 1914, p. 159-180
- SILVA, Henriques da – Dissertação de licenciatura de Direito, p. 184-190, p. 230-235, 288-290, 326-328, 378-383, 426-430, 470-472, 519-526, 566-568
- RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES portuguesas recebidas nesta Biblioteca durante o mês de abril de 1914, p. 207-226
- CASTRO, A. M. Simões de – Frontispício ornamentado de um exemplar manuscrito em pergaminho da «Chronica de D. Afonso Henriques» de Duarte Galvão, p. 236-241
- RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES portuguesas recebidas nesta Biblioteca durante o mês de maio de 1914, p. 255-284
- RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES portuguesas recebidas nesta Biblioteca durante o mês de junho de 1914, p. 303-323
- VASCONCELOS, Carolina Michaelis de – D. Francisco Manuel de Melo. Notas relativas a manuscritos da Biblioteca da Universidade de Coimbra, p. 329-346
- CASTRO, A. M. Simões de – Alguns apontamentos acerca da 2.<sup>a</sup> edição dos «Diálogos de vária história» de Pedro de Mariz, p. 347-350
- RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES portuguesas recebidas nesta Biblioteca durante o mês de julho de 1914, p. 351-369
- CARVALHO, Teixeira de – Pedro de Mariz e a Livraria da Universidade de Coimbra, p. 389-398, 438-446, 482-494, 533-542
- RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES portuguesas recebidas nesta Biblioteca durante o mês de agosto de 1914, p. 399-421
- SOUSA, Marnoco e – Estatística da Biblioteca da Universidade no ano lectivo de 1913-1914, p. 431-437
- RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES portuguesas recebidas nesta Biblioteca durante o mês de setembro de 1914, p. 447-467
- CASTRO, A. M. Simões de – A «Vita Christi» da Biblioteca da Universidade de Coimbra, p. 473-481
- RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES portuguesas recebidas nesta Biblioteca durante o mês de outubro de 1914, p. 495-513
- SILVA, Luciano Pereira da – O «Regimento do estrolábio» da Biblioteca Real de Munich, p. 527-532
- RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES portuguesas recebidas nesta Biblioteca durante o mês de novembro de 1914, p. 543-561

A GENTE DE NAÇÃO e a Inquisição de Portugal no último quartel do século  
17, p. 569-574

ÍNDICE do 1º ano, p. 583-584

ÍNDICE das Gravuras, p. 584-585

## **Vol. II (1915)**

SOUSA, Marnoco e – Preâmbulo, p. I

CATÁLOGO DOS MANUSCRITOS da Biblioteca da Universidade de Coimbra  
(continuação do vol. I), p. 1-4, 33-36, 65-68, 89-92, 117-120, 145-148, 169-  
172, 233-235, 265-268, 293-295, 325-328

SILVA, Dias da – Das prescrições de curto prazo. Dissertação de Licenciatura  
em Direito, p. 5-8, 37-47, 69-70, 93-95, 121-124, 149-151, 173-175, 197-202,  
236-241, 269-271, 296-298

MATA, Caeiro da – Os estudos de história do Direito e a obra do Sr. Dr.  
Gama Barros, p. 9-14

CARVALHO, Teixeira de – Livraria do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra  
(continuação do vol. I), p. 15-19, 48-52, 71-80, 283-292, 321-324, 350-358

VASCONCELOS, Carolina Michaelis de – D. Francisco Manuel de Melo. Notas  
relativas a manuscritos da Biblioteca da Universidade de Coimbra, p.  
20-32, 53-64

MATA, Caeiro da – Os forais de Almada, p. 81-88, 96-98, 125-126, 152-154,  
176-178, 203-205, 242-245, 272-273

CASTRO, A. M. Simões de – As constituições do bispado de Coimbra publi-  
cadas em 1521 pelo bispo conde D. Jorge de Almeida e notas biográficas  
a ele relativas, p. 99-109, 127-134, 155-162, 179-187, 206-215, 246-256,  
274-282, 303-310, 337-344

CARVALHO, Teixeira de – Um livro raro, p. 110-116, 135-144, 163-168, 188-  
196, 216-221, 257-264

SILVA, Luciano Pereira da – O «Tratado del esphera y del arte del marear»  
de Francisco Faleiro, p. 222-232

CARVALHO, Teixeira de – Livraria do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra  
(continuação do vol. I), p. 283-292, 321-324, 350-358

CARVALHO, Teixeira de – Um manuscrito de João Pedro Ribeiro «Extractos  
para servirem a ordenar-se o Glosario Latino-Lusitano e Archeologico Por-  
tuguez, contendo tãobem algũas notícias históricas», p. 299-302, 329-336

CARVALHO, Teixeira de – Notas de um escrvão do povo, p. 311-320, 345-349  
ÍNDICE do 2º ano, p. 359-360  
ÍNDICE de gravuras, p. 360  
ERROS e aditamentos, p. 361  
RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES portuguesas recebidas nesta Biblioteca no  
mês de dezembro de 1914 a dezembro de 1915, p. I-CXLVII

### Vol. III (1916)

CATÁLOGO DOS MANUSCRITOS da Biblioteca da Universidade de Coimbra  
(cont. do vol. II), p. 1-3, 45-49, 114-118, 234-240  
SILVA, Dias da – Das prescrições de curto prazo. Dissertação de Licenciatura  
em Direito (cont. do vol. II), p. 4-9, 50-57, 119-126, 241-247  
CARVALHO, Teixeira de – Um manuscrito de João Pedro Ribeiro «Extractos  
para servirem a ordenar-se o Glozario Latino-Lusitano e Archeologico  
Portuguez, contendo tãobem algũas notícias históricas» (cont. do vol.  
II), p. 10-19, 151-164, 290-298  
CASTRO, A. M. Simões de – As constituições do bispado de Coimbra publi-  
cadas em 1521 pelo bispo conde D. Jorge de Almeida e notas biográficas  
a ele relativas (cont. do vol. II), p. 20-27, 58-72, 127-133, 248-253  
GUIMARÃES, Rodolfo – A edição de 1546 do Livro de Pedro Nunes «De arte  
atque ratione navigandi», p. 28-36  
SOUSA, Marnoco e – Movimento da Biblioteca da Universidade de Coimbra  
no ano de 1915, p. 37  
SANTOS, Alves dos – Advertência, p. 39-40  
SANTOS, Alves dos – Doutor Marnoco e Sousa, p. 41-44  
CARVALHO, Teixeira de – Livraria do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra  
(cont. do vol. II), p. 73-82  
PARA A HISTÓRIA do ensino público em Portugal (um documento impor-  
tante), p. 83-113  
CARVALHO, Teixeira de – Notas de um escrvão do povo (cont. do vol. II),  
p. 134-140, 254-267  
SANTOS, Alves dos – Estatística numérica e gráfica do movimento da Bi-  
blioteca da Universidade de Coimbra no 1º semestre de 1916, p. 141-150  
SANTOS, Alves dos – Novo Catálogo Metódico da Biblioteca da Universi-  
dade de Coimbra, 165-174

- SANTOS, Alves dos – O «crescimento» da criança portuguesa (Subsídios para a constituição duma Pedologia nacional), p. 175-233
- GUIMARÃES, Rodolfo – Um opúsculo raríssimo de Pedro Nunes, p. 268-289
- SANTOS, Alves dos – Estatística do movimento da Biblioteca da Universidade de Coimbra no 2º semestre de 1916, p. 299-300
- RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES recebidas na Biblioteca no mês de dezembro de 1915 a novembro de 1916, p. I-LXXIII
- ÍNDICE do 3º ano, p. LXXV-LXXVI
- ÍNDICE das Gravuras, p. LXXVI

#### Vol. IV (1917)

- SANTOS, Alves dos – O «crescimento» da criança portuguesa (Subsídios para a constituição duma Pedologia nacional) (cont. do vol. III), p. 1-59
- CATÁLOGO DOS MANUSCRITOS da Biblioteca da Universidade de Coimbra (cont. do vol. III), p. 61-65, 143-149
- CASTRO, A. M. Simões de – As constituições do bispado de Coimbra publicadas em 1521 pelo bispo conde D. Jorge de Almeida e notas biográficas a ele relativas (cont. do vol. III), p. 66-75, 150-158
- CARVALHO, Teixeira de – Um manuscrito de João Pedro Ribeiro «Extractos para servirem a ordenar-se o Glozario Latino-Lusitano e Archeologico Portuguez, contendo tãobem algũas notícias históricas» (cont. do vol. III), p. 76-84, 169-174
- GUIMARÃES, Rodolfo – O livro de Vernier, p. 85-97, 224-255
- VERNIER, Pedro – La constrvction, l'vsage, et les proprietes dv quadrant novveav de mathematique, p. 98-121
- SILVA, Luciano Pereira da – «O Diálogo em louvor da nossa linguagem» de João de Barros, p. 122-139
- SANTOS, Alves dos – Estatística do movimento da Biblioteca da Universidade de Coimbra no 1º semestre de 1917, p. 140-142
- CASTRO, Augusto Mendes Simões de – Alguns escritos do cardeal D. Jorge da Costa, p. 159-168
- DONATO, Ernesto – Os desacatos em Portugal: o desacato da rial capela, no tempo de D. João III (À margem duma Provisão), p. 175-194
- CARVALHO, Teixeira de – Notas de um escrivão do povo (cont. do vol. III), p. 195-211

- DONATO, Ernesto – Dissertações da Universidade de Coimbra, p. 212-223
- SANTOS, Alves dos – Estatística do movimento da Biblioteca da Universidade de Coimbra no 2º semestre de 1917, p. 256-258
- RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES recebidas na Biblioteca nos meses de dezembro de 1916 a dezembro de 1917, p. I-LXIV
- ÍNDICE do 4º ano, p. LXV-LXVI
- ÍNDICE de Gravuras, p. LXVI

### **Vol. V (1918) publicado em 1920**

- CASTRO, Augusto Mendes Simões de – Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca da Universidade de Coimbra (cont. do vol. IV), p. 1-11
- CASTRO, A. M. Simões de – As constituições do bispado de Coimbra publicadas em 1521 pelo bispo conde D. Jorge de Almeida e notas biográficas a ele relativas (cont. do vol. IV), p. 12-23
- ALGUNS ESCRITOS do cardeal D. Jorge da Costa (continuação do vol. IV), p. 24-47
- DONATO, Ernesto – Manuscritos de João Pedro Ribeiro, p. 48-60
- FERREIRA, A. Aurélio da Costa – A arte de educar e a psicologia experimental, p. 61-69
- CARVALHO, Teixeira de – Um manuscrito de João Pedro Ribeiro «Extractos para servirem a ordenar-se o Glozario Latino-Lusitano e Archeologico Portuguez, contendo tãobem algũas notícias históricas» (cont. do vol. IV), p. 70-77
- OLIVEIRA, J. I. de – Um equívoco bibliográfico, p. 78-81
- DONATO, Ernesto – Catálogo das Dissertações da Universidade de Coimbra (cont. do vol. IV), p. 82-95
- CARVALHO, Teixeira de – Compromisso da Misericórdia de Coimbra, p. 96-153
- REGIMENTO DAS OBRAS da Universidade, p. 154-174
- CARVALHO, Teixeira de – Notas de Camilo Castelo Branco num livro que lhe pertenceu, p. 175-219
- SANTOS, Alves dos – Mapa do movimento da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra no ano de 1918, p. 221
- RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES recebidas na Biblioteca nos meses de janeiro a dezembro de 1918, p. I-LXXIV

ÍNDICE do 5º ano, p. LXXV-LXXVI

ÍNDICE das Gravuras, p. LXXVI

CORRIGENDA, p. LXXVI

### Vol. VI (1919-1921)

SANTOS, Alves dos – Assistência às crianças normais, de ambos os sexos, desde os 7 aos 18 anos, em perigo moral, p. 1-17

PROJECTO DE LEI sobre a reorganização do Ensino Público, p. 18-42

CASTRO, Augusto Mendes Simões de – Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca da Universidade de Coimbra (cont. do vol. V), p. 43-49

DONATO, Ernesto – Manuscritos de João Pedro Ribeiro (continuação do vol. V), p. 50-64

SILVA, Luciano Pereira da – O «Regimento do Estrolábio» da Biblioteca de Évora (cont. do vol. I), p. 65-79

UM EQUÍVOCO bibliográfico [«Relaçam feita em Consistorio secreto... sobre a vida, & Sanctidade, actos de Canonizaçam, & milagres da Beata Isabel Raynha de Portugal...»], p. 80-117

SANTOS, Alves dos – Alocução proferida pelo Presidente da Câmara Municipal de Coimbra...na comemoração do quarto centenário de Fernando de Magalhães, p. 118-120

HENRIQUES, Júlio A. – Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, p. 121-122

CARVALHO, Teixeira de – «Comédia Eufrosina», de Jorge Ferreira de Vasconcelos. Notas à margem do recente estudo do sr. Aubrey F. G. Bell, sobre a edição de 1561, p. 123-157

DONATO, Ernesto – Catálogo das Dissertações da Universidade de Coimbra (cont. do vol. V), p. 158-171

SANTOS, Alves dos – Discurso de recepção dos Marechais Joffre, Diaz e Smith Dorrien, na Câmara Municipal de Coimbra, em 15 de Abril de 1921, p. 172-174

SANTOS, Alves dos – Discurso de recepção dos delegados estrangeiros à Conferência Interparlamentar de Comércio, na Câmara Municipal de Coimbra, em 27 de Abril de 1921, p. 175-177

SANTOS, Alves dos – Subsídio de 50 contos concedido à Biblioteca, p. 178-182

UM MANUSCRITO de Manuel de Faria Severim?, p.183-189

- CARVALHO, Joaquim de – A erudição de Gomes Eannes de Zurara (Notas em torno de alguns plágios deste Cronista), p. 190-201
- MEMORIAS DOS ESTUDOS, em que se criarão os monges de S. Jeronymo, e suas mudanças desde o tempo da sua fundação em Portugal, athe o feliz reynado do Fidelissimo Sñr. Rey D. José o primeyro que Deos Guarde, p. 202-276
- CASTRO, Augusto Mendes Simões de – Notas acerca da vinda e estada de El-Rei Dom Sebastião em Coimbra no ano de 1570 e do modo como foi recebido pela Universidade, p. 277-322
- REGULAMENTO DA BIBLIOTECA, p. 323-331
- SANTOS, Alves dos – Mapa do movimento da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra no ano de 1919, p. 333
- SANTOS, Alves dos – Mapa do movimento da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra no ano de 1920, p. 335
- SANTOS, Alves dos – Mapa do movimento da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra no ano de 1921, p. 337
- ÍNDICE do vol. VI (1919-1921), p. 339-340
- ÍNDICE das Gravuras, p. 341

### **Vol. VII (1922) publicado em 1925**

- SANTOS, Alves dos – A medida em Psicologia, p. 1-25
- SANTOS, Alves dos – Laboratório de Psicologia Experimental, p. 26-41
- SANTOS, Alves dos – Catálogo dos Cimélios da nossa Biblioteca: breve conversação preambular, p. 42-48
- DONATO, Ernesto – Plano deste Catálogo [dos Cimélios], p. 50-68
- CASTRO, Augusto Mendes Simões de – Catálogo dos Manuscritos (continuação do vol. VI), p. 69-80
- DONATO, Ernesto – Manuscritos de João Pedro Ribeiro (continuação do vol. VI), p. 81-99
- SILVA, Luciano Pereira da – O «Regimiento de navegacion» de Pedro de Medina, Sevilla, 1552, p. 100-113
- CARVALHO, Joaquim de – A erudição de Gomes Eannes de Zurara (notas em torno de alguns plágios deste cronista) (cont. do vol. VI), p. 114-140
- TRANCOSO, Gonçalo Fernandes – «Regra geral pera aprender a tirar pola mão as festas mudaueis...», p. 141-182

- SILVA, Luciano Pereira da – A «Regra geral das festas mudáveis» de Gonçalo Trancoso, autor dos «Contos de proveito e exemplo», p. 183-210
- PIMENTA, Belisário – O padroado da igreja de Miranda do Corvo nos manuscritos da Biblioteca da Universidade (1735-1737), p. 211-232
- MEMORIAS DOS ESTUDOS, em que se criarão os monges de S. Jeronymo, e suas mudanças desde o tempo da sua fundação em Portugal, athe o feliz reynado do Fidelissimo Sñr. Rey D. José o primeyro que Deos Guarde (continuação), p. 233-257
- UM MANUSCRITO de João Pedro Ribeiro «Extractos para servirem a ordenar-se o Glozario Latino-Lusitano e Archeologico Portuguez...» (cont. do vol. V), p. 258-263
- DONATO, Ernesto – Vasco da Gama na Biblioteca Geral da Universidade: uma exposição bibliográfica, p. 264-285
- DONATO, Ernesto – Movimento da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: anos de 1922 a 1925, p. 286
- ÍNDICE do vol. VII (1922-1925), p. 287-288
- ÍNDICE das Gravuras, p. 288

### **Vol. VIII (1926-1927) publicado em 1928**

- CARVALHO, Joaquim de – A Livraria dum letrado do século XVI: Frei Diogo de Murça, p. 1-26
- CASTRO, Augusto Mendes Simões de – A Universidade de Coimbra e o Marquês de Pombal, p. 27-33
- COELHO, P. M. Laranjo – A Biblioteca Municipal de Castelo de Vide (História de uma Livraria), p. 34-57
- DONATO, Ernesto – Catálogo dos cimélios da nossa Biblioteca (continuação do vol. VII), p. 58-69, 368-378
- DONATO, Ernesto – Um manuscrito de João Pedro Ribeiro «Extractos para servirem a ordenar-se o Glozario Latino-Lusitano e Archeologico Portuguez...» (cont. do vol. VII), p. 70-75, 323-335
- MADAHIL, A. G. da Rocha – Os Sonetos à morte de Francisco Rodrigues Lobo, p. 76-83
- DONATO, Ernesto – Catálogo das Dissertações da Universidade de Coimbra (cont. do vol. VI), p. 84-88, 336-357

- MADAHIL, A. G. da Rocha – O Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca da Universidade (cont. do vol. VII), p. 89-130, 299-322
- DONATO, Ernesto – Manuscritos de João Pedro Ribeiro (cont. do vol. VII), p. 131-137, 360-367
- NEVES, Álvaro – Memórias biográficas de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, p. 138-154, 215-298
- RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES portuguesas e estrangeiras recebidas nesta Biblioteca, de janeiro a junho de 1927, p. 155-195
- RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES portuguesas e estrangeiras recebidas nesta Biblioteca, de julho a dezembro de 1927, p. I-CXIII
- MACEDO, Gomes de – Remonstrance faicte aux Etats Generaux des Provinces unies du Pays-Bas par l’Ambassadeur du Roy de Portugal, le XIX d’octobre 1587, p. 197-213
- GUERRA, L. de Figueiredo da – Problema bibliográfico, p. 358-359
- MADAHIL, A. G. da Rocha – Os códices de Santa Cruz de Coimbra, p. 379-420
- DONATO, Ernesto – A Livraria de João Pedro Ribeiro legada à Universidade de Coimbra em 1839, p. 421-438
- CARVALHO, Joaquim de – Catálogo dos professores de filosofia do Colégio das Artes de Coimbra e da Universidade de Évora desde 1555 a 1667, p. 439-448
- MELO, J. B. Pereira de – Notas subsidiárias para uma bibliografia portuguesa da Grande Guerra, p. 449-469
- CARVALHO, Joaquim de – Movimento da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: anos de 1926 e 1927, p. 470-471
- NOTICIÁRIO, p. 472
- ÍNDICE do vol. VIII (1927), p. 473-474
- ÍNDICE das Gravuras, p. 474
- ÍNDICE por Autores, p. 474-475

### **Vol. IX (1928) publicado em 1930**

- RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES portuguesas e estrangeiras recebidas nesta Biblioteca, de janeiro a junho de 1928, p. I-CXL
- JEANROY, A. – Un «Cancionero» inconnu à la Bibliothèqne de l’Université de Coimbra, p. 1-5

- DIAS, João Pereira – Biblioteca Matemática (Anexa à Faculdade de Ciências de Coimbra): Relatório..., p. 6-11
- NEVES, Álvaro – Memórias biográficas de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (cont. do vol. VIII), p. 12-87, 281-342
- BARBOSA, António – Dois inéditos de João Baptista Lavanha, p. 88-93
- DONATO, Ernesto – Os Vilhancicos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, p. 94-144, 384-497
- MADAHIL, A. G. da Rocha – Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca da Universidade, p. 145-180; 440-465
- DONATO, Ernesto – Um manuscrito de João Pedro Ribeiro (cont. do vol. VIII), p. 181-191, 498-505
- MADAHIL, A. G. da Rocha – Os códices de Santa Cruz de Coimbra (cont. do vol VIII), p. 192-229, 352-383
- DONATO, Ernesto – Catálogo dos cimélios da nossa Biblioteca (cont. do vol. VIII), p. 230-240
- MELO, José Brandão Pereira de – Notas subsidiárias para uma bibliografia portuguesa da Grande Guerra (cont. do vol VIII), p. 241-272; 466-497
- DONATO, Ernesto – Catálogo das Dissertações da Universidade de Coimbra (cont. do vol. VIII), p. 273-280
- DONATO, Ernesto – Manuscritos de João Pedro Ribeiro, p. 343-351
- ÍNDICE do vol. IX (1928), p. 507
- ÍNDICE de Autores, p. 508
- ÍNDICE das Gravuras, p. 508
- RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES portuguesas e estrangeiras recebidas nesta Biblioteca, de julho de 1928 a junho de 1929, p. I-CCLXIII

### **Vol. X (1932) publicado em 1933**

- RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES portuguesas e estrangeiras recebidas nesta Biblioteca, de janeiro a junho de 1929, p. I-CCIII
- LIMA, Henrique de Campos Ferreira de – Exposição bibliográfica e iconográfica comemorativa do 1.º centenário da batalha da Vila da Praia, em 11 de Agosto de 1829, p. 1-54
- MADAHIL, A. G. da Rocha – Os códices de Santa Cruz de Coimbra (cont. do vol. IX), p. 55-105

- MELO, José Brandão Pereira de – Notas subsidiárias para uma bibliografia portuguesa da Grande Guerra (cont. do vol. IX), p. 106-154
- DONATO, Ernesto – Catálogo dos cimélios da nossa Biblioteca (cont. do vol. IX), p. 155-160
- MADAHIL, A. G. da Rocha – A Biblioteca da Universidade de Coimbra e as suas marcas bibliográficas, p. 161-231
- DONATO, Ernesto – Um manuscrito de João Pedro Ribeiro (cont. do vol. IX), p. 232-239
- COSTA, Júlio Dias da – Uma tradução falsamente atribuída a Camilo, p. 240-249
- MADAHIL, A. G. da Rocha – Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca da Universidade de Coimbra (cont. do vol. IX), p. 250-308
- REGULAMENTO da Biblioteca matemática anexa à 1ª Secção da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, p. 309-324
- CASTRO, Augusto Mendes Simões de – Um folheto muito raro, p. 325-326  
«TESTAMENTO e ultima disposiçam com que faleceo o lecenceado Manoel Soares d’Oliveira...», p. 327-342
- MOVIMENTO DA BIBLIOTECA Geral da Universidade de Coimbra: anos de 1928 a 1932, p. 343-348
- ÍNDICE do vol. X (1932), p. 349
- ÍNDICE por Autores, p. 350
- ÍNDICE das Gravuras, p. 350

### **Vol. XI (1933) publicado em 1934**

- COSTA, João da Providência – Dr. J. Mendes dos Remédios (1867-1932), p. V-IX
- DONATO, Ernesto – Os «Reservados» da Biblioteca da Universidade de Coimbra, p. 1- 49
- MADAHIL, A. G. da Rocha – Os códices de Santa Cruz de Coimbra (cont. do vol. X), p. 50-96
- DONATO, Ernesto – Manuscritos de João Pedro Ribeiro (cont. do vol. X), p. 97-110; pp. 254-262
- CRUZ, António – Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca da Universidade de Coimbra (cont. do vol. X), p. 111-194
- DONATO, Ernesto – Catálogo dos cimélios da nossa Biblioteca (cont. do vol. X), p. 195-202

- CAMPOS, Agostinho de – «Menina e moça» de Bernardim Ribeiro: confronto das edições de 1554 e 1559 por Joaquim Freire. Nota Prévia, p. 203-208
- FREIRE, Joaquim – Bernardim Ribeiro, «Menina e moça»: Cotejo da ed. de 1554 com a de 1559, p. 209-222
- DONATO, Ernesto – Catálogo das Dissertações da Universidade de Coimbra (cont. do vol. IX), p. 223-227
- MELO, José Brandão Pereira de – Notas subsidiárias para uma bibliografia portuguesa da Grande Guerra (cont. do vol. X), p. 228-253
- DONATO, Ernesto – Um manuscrito de João Pedro Ribeiro (cont. do vol. IX), p. 254-262
- DONATO, Ernesto – Ex-Libris nacionais e estrangeiros. A «Colecção J. Jardim de Vilhena», p. 263-279
- MOVIMENTO DA BIBLIOTECA Geral da Universidade de Coimbra no ano de 1933, p. 280-281
- ÍNDICE do vol. XI (1933), p. 283
- ÍNDICE por Autores, p. 284
- ÍNDICE das Gravuras, p. 284
- Vol. XI (1934) – Suplementos
- CATÁLOGO DAS REVISTAS nacionais e estrangeiras recebidas nas principais bibliotecas de Coimbra, p. 5-124
- CATÁLOGO DOS LIVROS de medicina dos sécs. XV e XVI expostos por ocasião do III Congresso Internacional de História das Ciências, p. 1-64

### **Vol. XII (1934-1935) publicado em 1936**

- BRITO, A. da Rocha – «Tratado sobre a provincia D'Antre Douro e Minho e suas avonanças, copilado por Mestre Antonio fisico e çologiam morador na vila de Guimarães e natural della», p. 1-10
- MADAHIL, A. G. da Rocha – «A Visitação geral do estado espirital desta See de Coibra, de 1556», p. 11-113
- CRUZ, António – Um inédito de António Coelho Gasco sobre antiguidades de Trás-os-Montes, p. 114-119
- ANTIQUÁRIO DISCURSO dedicado ao Ill.mo e R.mo S.or D. Rodrigo da Cunha, Arcebp.º de Braga, S.or della, primas das Hespanhas, e elleito metropolitano de Lisboa, p. 120-137

- DESCRIPÇÃO BURLESCA de um imaginario aeróstato e de seus petrechos, satyra ao P.e Bartholomeu Lourenço de Gusmão, p. 138-148
- FERNÁNDEZ ALMUZARA, Eugenio – El Manuscrito 726 de la Biblioteca de la Universidad de Coimbra, o la «Historia de varios Reyes de Castilla», p. 149-165
- DONATO, Ernesto – Os «Reservados» da Biblioteca da Universidade de Coimbra (cont. do vol. XI), p. 166-177
- O CASAMENTO DE D. PEDRO II com a Princesa de Neuburg (documentos diplomáticos), p. 178-207
- MOVIMENTO da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ano de 1934, p. 208
- ÍNDICE ao vol. XII (1934-1935), p. 209
- ÍNDICE de autores, p. 209-210
- ÍNDICE de gravuras, p. 210

### **Vol. XII (1935) – Suplemento – vol. I**

- COSTA, J. da Providencia – Duas palavras de apresentação, p. V-VII
- BEAU, Albin Eduard – Antero de Quental e a ideia da morte, p. 1-23
- BRITO, A. da Rocha – O primeiro dia d’aula, a primeira casa da Faculdade, p. 24-27
- O primeiro lente, o primeiro livro de medicina, p. 28-43
  - Os primeiros alunos, p. 44-76
  - As primeiras sebatas, p. 77-78
  - O primeiro bacharel em medicina, p. 79-80
  - O primeiro licenciado na Faculdade, p. 81-93
  - O primeiro concurso para professor na Faculdade de Medicina, p. 94-103
  - O primeiro doutor, p. 104-109
  - O primeiro boticário, p. 110
  - O primeiro sangrador, p. 111-115
  - O primeiro bedel, p. 116-121
- NOTAS E DOCUMENTOS:
- Quadro do pessoal universitário, nos primeiros anos, p. 123-125
- Dom Garcia d’Almeida, nosso primeiro Reitor, p. 126
- Os cancelários, p. 127-132
- Primeira eleição de conselheiros, p. 133

- Primeira eleição de deputados, p. 133  
O primeiro conservador, p. 134-135  
Primeira reunião a que assiste Henrique de Cuellar, p. 136  
O primeiro recebedor, p. 137  
O primeiro síndico, p. 138  
Os primeiros taxadores, p. 139  
Capelão da Universidade, p. 140  
O primeiro meirinho, p. 140  
O primeiro porteiro da Universidade, p. 140-143  
Afinal a “Filantrópica” é muito velha, p. 144-146  
Votos, p. 147  
Aglhas, linhas e escrutínio secreto, p. 147  
O primeiro lente de música, p. 148  
Trombetas e charamelas, p. 149-152  
O custo da vida em Quinhentos, p. 153-156  
Briga de lentes, p. 157-158  
Francisco do Amaral, culpado, p. 159  
Acordo sobre balanças do carneiro, almotacés e preços dos barretes e luvas, p. 160  
A cidade e a Universidade, p. 160-162  
Crise de habitação, p. 163-164  
Amabilidades filipinas, p. 165  
A Câmara e a Universidade, p. 166-169  
As primeiras aposentações por velhice, invalidez e doença, p. 170-172  
PINA, Luís de – A medicina portuguesa de além-mar no século XVI, p. 173-204  
FLORES, Joaquina – Evolução do Senhor da Serra, p. 205-234  
ÍNDICE, p. 237-238

### **Vol. XII (1935) – Suplemento – vol. II**

- PIMENTA, Alfredo – A evolução dum pensamento, p. 3-32  
MOREIRA, José Carlos Martins – Política colonial, p. 33-49  
SALGUEIRO, Trindade – O enigma humano, p. 50-76  
BOLÉO, Manuel de Paiva – Língua falada, lógica e clássicos, p. 77-94  
SANTOS, Maria dos – Thomson na literatura europeia, p. 95-137

SOARES, Teixeira – Factores históricos da formação da unidade brasileira,  
p. 138-156

NAVARRO, Saul de – Rapsódia brasileira, p. 157-218

MEIRELES, Cecília – Notícia da poesia brasileira, p. 219-268

ÍNDICE, p. 269

### **Vol. XIII (1936) – Suplemento – vol. III**

NEMÉSIO, Vitorino – Relações francesas do romantismo português, p. 1-172

FERNÁNDEZ ALMUZARA, Eugênio – Relaciones de la épica de Lope de Vega  
y la de Camões, p. 173-192

QUEIRÓS, Francisco de – António Feijó e os poetas contemporâneos da  
Ribeira Lima, p. 193-259

ÍNDICE, p. 261

### **Vol. XIII (1936) – Suplemento – vol. IV**

BOLÉO, Manuel de Paiva – O bucolismo de Teócrito e de Vergílio, p. 1-99

SOARES, Teixeira – Imagens de Machado de Assis, p. 100-127

CAMPOS, Agostinho de – Estudos sobre o soneto, p. 128-211

ALBUQUERQUE, Maria Manuela Barroso Henriques da Silva de – A ode na  
Grécia, p. 212-227

ÍNDICE, p. 229

### **Vol. XIII (1936) – Suplemento – vol. V**

PEREIRA, M. Serras – Ensaio sobre a ideia de Deus, p. 3-32

TAMAGNINI, Eusébio – Alguns aspectos do problema escolar português,  
p. 33-119

FIGUEIREDO, Mário de – Princípios essenciais do Estado Novo Corporativo,  
p. 120-141

PEREIRA, M. Serras – Deus como primeira fonte e último fundamento dos  
valores éticos, p. 142-178

FLASCHE, Han – Max Scheller: alguns aspectos da sua filosofia, p. 179-198

CHAIX-RUY, Jules – Les caractères dans l'oeuvre de François Mauriac, p. 199-231

ÍNDICE, p. 233

**Vol. XIII (1936) – Suplemento – vol. VI**

- WAGNER, Max L. – Restos de latinidad en el norte de África, p. 1-37
- CAIRES, Álvaro Guimarães de – Esboço histórico da medicina dos portugueses no estrangeiro, p. 38-65
- ROSS, E. Denison – António de Gouveia, p. 66-93
- MACHADO, L. Saavedra – O pensamento inglês em Portugal na Idade Média, p. 94-123
- BOLÉO, Manuel de Paiva – O perfeito e o pretérito em português em confronto com as outras línguas românicas, p. 124-266
- ÍNDICE, p. 267

**Vol. XIII (1937)**

- DIOGO DO COUTO. Década Quinta da «Ásia»: Texte inédit, publié d'après un manuscrit de la Bibliothèque de l'Université de Leyde, p. 1-752

**Vol. XIV (1938)**

- BRANDÃO, Mário – Contribuições para a História da Universidade de Coimbra. Alguns documentos respeitantes à Universidade de Coimbra na época de D. João III, p. 1-232
- DONATO, Ernesto – Os «Reservados» da Biblioteca da Universidade de Coimbra (continuação do vol. XII), p. 233-268
- CRUZ, António – Subsídios para a História da Guerra da Aclamação, p. 269-305
- VARIA, p. 306
- ÍNDICE do vol. XIV, p. 309
- ÍNDICE por Autores, p. 309
- MOVIMENTO DA BIBLIOTECA Geral da Universidade de Coimbra: anos de 1935, 1936, 1937, 1938, p. 310-312

**Vol. XIV (1938) - Suplemento**

- DONATO, Ernesto – No 1º Centenário da morte do Mestre da Diplomática Portuguesa Doutor João Pedro Ribeiro, p. I-XIX

CRUZ, António – Breve estudo dos manuscritos de João Pedro Ribeiro, p. 1-239

ÍNDICE geral, p. 240

### **Vol. XV (1942)**

PERES, Damião – Palavras de abertura, p. V-VI

PERES, Damião – Notícia prévia, p. VII- VIII

Vida «e açoes» do grande D. Ant.º Luis de M.ez, terceyro Conde de Cantanhede, e primeyro Marquez de Marialva [UCBG Ms. 593], p. 1-158

PEGADO, César – A perda de Évora em 1663, p. 159-191

FIGUEIREDO, Carlos Proença de – Comentário político da Restauração, p. 193-209

BEAU, Albin Eduard – A ideologia imperialista do Padre António Vieira, p. 211-224

CASTRO, Luís de – Desagravo de um defensor do Reino (Um inédito de Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo), p. 225-272

IRIA JÚNIOR, Joaquim Alberto – Cartas do Governador e Capitão-mor do Algarve Henrique Correia da Silva, p. 273-300

THOMAS, Henry – Um desconhecido espécime tipográfico do impressor da primeira edição dos «Lusíadas», p. 301-316

MOVIMENTO da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: 1939, p. [317-319]

MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade: ano de 1940, p. [320]

MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade: ano de 1941, [321]

ÍNDICE ao vol. XV, p. [322]

ÍNDICE dos Autores, p. [322]

### **Vol. XVI (1944)**

PERES, Damião – Palavras de abertura, p. I-II

BRANDÃO, Mário – Alguns documentos relativos a 1580, p. 1-82

RODRIGUES, A. Gonçalves – As cartas da Freira: estudo bibliográfico, p. 83-172

VILHENA, João Jardim de – «A Martinhada», p. 173-179

- CARVALHO, Joaquim de – O livro «Contra os juízos dos astrólogos», p. 181-290
- PIMENTA, Belisário – O «Memorial» de Matias de Albuquerque, p. 291-324
- NEVES, Álvaro – Raridades bíblicas: edições incompletas, p. 325-368
- PEGADO, César – Adenda à «Martinhada», p. 369
- PERES, Damião – Relatórios, p. 371-391
- MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade: ano de 1942, p. [395]
- MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade: ano de 1943, [396]
- ÍNDICE ao vol. XVI, p. [397]
- ÍNDICE dos Autores, p. [322]

### **Vol. XVII (1947)**

- NEVES, Álvaro – Raridades bíblicas: edições incompletas (continuação do vol. 16), p. 1-82
- VILHENA, João Jardim de – Coimbra vista e apreciada pelos estrangeiros, p. 83-266
- CRUZ, Maria Lígia – Índices [... dos autores e das espécies que figuram no artigo de João Jardim de Vilhena «Coimbra vista e apreciada pelos estrangeiros»], p. 267-293
- SANTOS, Maria Amélia Machado – Bento José, professor de filosofia em Évora, p. 295-300
- BANDEIRA, José Ramos – Universidade de Coimbra, p. 301-607
- ALMEIDA, Manuel Lopes de – A propósito de «Bento José», professor de filosofia em Évora, p. 609-623
- VILHENA, João Jardim de – Uma colecção de ex-libris, p. 625-631
- RELATÓRIOS, p. 633-645
- MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ano de 1944, p. [649]
- MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ano de 1945, [650]
- MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ano de 1946, p. [651]
- ÍNDICE ao vol. XVII, p. [655]
- ÍNDICE dos Autores, p. [655]

**Vol. XVIII (1948)**

- BRASÃO, Eduardo – A missão a Roma do Bispo de Lamego, p. 1-65
- RAU, Virgínia – Inventário dos bens da Rainha da Grã-Bretanha D. Catarina de Bragança, p. 67-162
- LEITE, Serafim – «Colecção dos crimes, e decretos Pelos quaes vinte e hum Jesuitas forão mandados sahir do Estado de Gram Para, e Maranhão antes do exterminio geral de toda a Companhia de Jesus daquelle Estado com Declaração dos mesmos crimes, e resposta a elles, por Manuel Lopes de Almeida», p. 163-293
- FERREIRA, Carlos Alberto – Iluminuras, aguarelas, ornatos e desenhos à pena dos manuscritos da Biblioteca da Ajuda, p. 294-352
- RELATÓRIO, p. 353-359
- MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ano de 1947, p. [363]
- ÍNDICE ao vol. XVIII, p. [365]
- ÍNDICE dos Autores, p. [365]

**Vol. XIX (1950)**

- PIMENTA, Belisário – A Campanha de 1801 (Ligeiras considerações a propósito duns documentos), p. 1-44
- LUZ, Francisco Mendes da – Relação das rendas da coroa de Portugal feita em 1593 por Francisco Carneiro provedor de ementas da Casa dos Contos, p. 45-108
- BRITO, A. da Rocha – O vexame, p. 109-130
- ESTEVENS, Manuel Santos – Sinopse cronológica da legislação portuguesa sobre Bibliotecas e Arquivos (1796-1948), p. 131-240
- SANTOS, Mariana Amélia Machado – Manuscritos de filosofia do século XVI existentes em Lisboa, p. 241-382
- ALMEIDA, M. Lopes de – Um documento sobre a expedição de Du Clerc ao Rio de Janeiro em 1710, p. 383-391
- MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ano de 1948, p. [394]
- MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ano de 1949, p. [396]

ÍNDICE ao vol. XIX, p. [398]

ÍNDICE dos Autores, p. [398]

### **Vol. XX (1951)**

CARVALHO, Joaquim de – João Locke, «Ensaio filosófico sobre o entendimento humano», p. 1-212

RODRIGUES, A. Gonçalves – A novelística estrangeira em versão portuguesa no período pré-romântico, p. 213-294

SANTOS, Mariana Amélia Machado – Manuscritos de filosofia do século XVI existentes em Lisboa, p. 295-526

MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ano de 1950, p. [529]

MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ano de 1951, p. [531]

ÍNDICE do Volume XX, p. [533]

ÍNDICE de Autores, p. [533]

### **Vol. XXI (1953)**

LUZ, Francisco Mendes da – Livro das cidades e fortalezas da Índia, p. 1-144

CARVALHO, J. Branquinho de – As festas da canonização da Rainha Santa Isabel promovidas pela Câmara de Coimbra, p. 145-157

PEIXOTO, Jorge – Um novo incunábulo na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, p. 158-163

DIAS, Luís Fernando de Carvalho – Fr. Heitor Pinto (Novas achegas para a sua biografia), p. 164-344

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Manuel Álvares (1545-1612): um desconhecido português, professor de Medicina na Universidade de Toulouse, p. 345-393

VILHENA, João Jardim de – Coimbra vista e apreciada pelos estrangeiros, p. 394-448

ÍNDICE do Volume XXI, p. [450]

ÍNDICE dos Autores, p. [450]

MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ano de 1952, p. [451]

### **Vol. XXI (1953) - Suplemento**

LOUREIRO, José Pinto – Índice ideográfico de «O Conimbricense», p. 1-199

### **Vol. XXII (1955)**

VILHENA, João Jardim de – Coimbra vista e apreciada pelos estrangeiros, p. 1-134

CALADO, Adelino de Almeida – «Dissertação crítica sobre os Estatutos da Universidade de Coimbra [1778]», p. 135-220

SÁ, Artur Moreira de – Pedro Hispano e a crise de 1277 da Universidade de Paris, p. 221-241

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – António de Gouveia, professor de Direito em Grenoble, p. 242-341

ALMEIDA, Luís Ferrand de – Informação de Francisco Ribeiro sobre a Colónia do Sacramento, p. 342-445

COSTA, Mário Alberto Nunes – os arquivos del-rei D. António e de seus servidores, p. 446-538

MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ano de 1953, p. [539]

MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ano de 1954, p. [540]

ÍNDICE do Volume XXII, p. [541]

ÍNDICE de Autores, p. [541]

ANEXO:

[SALAZAR, António de Oliveira] – Goa e a União Indiana: [discursos], p. 1- 78

### **Vol. XXIII (1958)**

BOURDON, L. – Jeronimo Osorio et Stanislas Hosius (1565-1578), p. 1-105

BRANDÃO, Mário – Antero de Quental estudante, p. 106-416

RÉVAH, I. S. – La «Descripçam e debuxo do moesteyro de Santa Cruz de Coimbra», p. 417-420

ANTÓNIO BRÁSIO (padre) – Novos documentos para a história da Rainha Santa Isabel, p. 421-452

PIMENTA, Belisário – As cartas do Infante D. Pedro à Câmara de Coimbra (1429-1448), p. 453-532

MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ano de 1955, p. [433]

MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ano de 1956, p. [434]

ÍNDICE do Volume XXIII, p. [435]

ÍNDICE de Autores, p. [435]

### **Vol. XXIII (1958) – Suplemento**

«Diccionario bibliographico portuguez : estudos de Innocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil»: Guia bibliográfica por Ernesto Soares, p. 1-762

### **Vol. XXIV (1960)**

CALADO, Adelino de Almeida – «Livro que trata das cousas da Índia e do Japão», p. 1-138

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Documentos inéditos para a história do reinado de D. Sebastião, p. 139-272

PIMENTA, Belisário – Portalegre e a Guerra da Sucessão, p. 273-301

RIBEIRO, Mário de Sampaio – El-Rei D. João III e o Claustro da Manga do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, p. 302-337

BRÁSIO, António – Uma carta inédita de Valentim Fernandes, p. 338-358

MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ano de 1957, p. [359]

MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ano de 1958, p. [360]

MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ano de 1959, p. [361]

ÍNDICE do Volume XXIV, p. [363]

ÍNDICE dos Autores, p. [363]

**Vol. XXV (1962)**

- GONÇALVES, António Manuel – Historiografia da arte em Portugal, p. 1-64
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo – Uma Relação do reino de Portugal em 1684, p. 65-170
- RICARD, Robert - Références portugaises chez l'écrivain espagnol Jovellanos (1744- 1811), p. 171-176
- VILHENA, João Jardim de – Uma página das minhas Memórias: Amélia Janny, p. 177-187
- COSTA, Mário Alberto Nunes – Estremoz e o seu concelho nas «Memórias Paroquiais de 1758», p. 188-351
- BRITO, A. da Rocha – Velhas páginas universitárias. I. Galos e Galinhas em doutoramentos universitários de outras eras. II. A vida de um escolar em Medicina no século XVI: Lourenço Vieira, p. 352-394
- NEVES, Álvaro – Pseudónimos. Achegas para um Dicionário de Pseudónimos de escritores editados em Portugal, p. 395-409
- NOTA BIBLIOGRÁFICA ao M.I. 254, p. 410-411
- MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ano de 1960, p. [413]
- MAPA ESTATÍSTICO da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ano de 1961, p. [414]
- ÍNDICE do Volume XXV, p. [415]
- ÍNDICE dos Autores, p. [415]

**Vol. XXVI (1964)**

- MARQUES, Maria Adelaide Salvador – A Real Mesa Censória e a Cultura Nacional: aspectos da Geografia Cultural Portuguesa no século XVIII, p. 1-207
- CARVALHO, José G. Herculano de – Um Tipo Literário e Humano do Barroco, p. 208-227
- GAMA, Eurico – Catálogo dos Pergaminhos do Arquivo Municipal de Elvas, p. 228-361
- RIBEIRO, Mário de Sampaio – A «Arte de Cantollano», de autor desconhecido (R. 14 670), da Biblioteca Nacional de Madrid e a «Arte» de Juan Martinez, p. 362- [396]

ÍNDICE do Volume XXVI, p. [497]

ÍNDICE dos Autores, p. [497]

### **Vol. XXVII (1966)**

CALADO, Adelino de Almeida – Frei João Álvares: estudo textual e literário-cultural, p. 1-387

ALMEIDA, Manuel Lopes de – Subsídios para a história da Universidade de Coimbra, p. 389-539

OLIVEIRA, António de – A livraria de um teólogo do século XVI, p. 541-588

ÍNDICE do Volume XXVII, p. [589]

ÍNDICE dos Autores, p. [589]

### **Vol. XXVIII (1970)**

GAMA, Eurico – Cartas de Leite de Vasconcellos ao bibliófilo António José Torres de Carvalho, p. 1-38

OLIVEIRA, António de – A livraria de um canonista do século XVII, p. 39-82

LIMA, Jorge Hugo Pires de – Processos políticos do reinado de D. Miguel, p. 83-651

ÍNDICE do Volume XXVIII, p. [653]

ÍNDICE dos Autores, p. [653]

### **Vol. XXIX (1972)**

MANUPPELLA, GIACINTO – Bibliografia degli scritti di Max Leopold Wagner, p. 1-141

ALMEIDA, Manuel Lopes de – Artes e ofícios em documentos da Universidade, p. 143-348

VIQUEIRA, José M. – Camões y su hispanismo, p. 349-445

CUNHA, Rosalina da Silva – Subsídios para a história da conservação do peixe em Portugal, p. 446-514

ÍNDICE do Volume XIX, p. [515]

ÍNDICE dos Autores, p. [515]

**Vol. XXX (1973)**

- MADEIRA, Eugénio Tomás Mendes – Obras impressas em Portugal nos séculos XVI e XVII, p. 1-96
- SOUSA, José Manuel Motta de – O Catálogo Colectivo da Universidade de Coimbra 1967-1972, p. 97-116
- RELAÇÃO DA ENTRADA que fez o bispo do Rio de Janeiro D. Fr. António do Desterro Malheiro nesta cidade em 1747, p. 117-141
- EXPOSIÇÃO Camoniana, p. 142-320
- CRUZ, Guilherme Braga da – Homenagem ao Director-Geral cessante do Ensino Superior e das Belas-Artes Dr. João de Almeida, p. 321-330
- PEGADO, César – Relatório respeitante ao ano de 1970, p. 331-375
- CRUZ, Guilherme Braga da – Relatório respeitante ao ano de 1971, p. 377-440

**Vol. XXXI (1974)**

- AZEVEDO, Maria Antonieta Soares de – O Prior do Crato, Filipe II de Espanha e o trono de Portugal: algumas notas bibliográficas (século XVI), p. 1-54
- MENDES, Maria Teresa Pinto – Fundos especiais da Biblioteca Geral da Universidade, p. 55-88
- PEIXOTO, Jorge – ISBD (M e S): a descrição bibliográfica internacional normalizada das monografias e das publicações em série, p. 89-188
- LEMO, Maria Luísa – Secção de Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: Manuscritos 3161-3230, p. 189-256
- PERIÇÃO, Maria da Graça ; FARIA, Maria Isabel Ribeiro de – Edições quinzentistas de Damião de Góis e de André de Resende existentes na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, p. 257-328
- BIBLIOGRAFIA de Belisário Pimenta, p. 329-495

**Vol. XXXII (1975)**

- MIRANDA, José da Costa – Uma tradução portuguesa, manuscrita, inédita (século XIX) de «Esther», de Racine?, p. 1-16
- CRUZ, Maria Helena Braga da, PERIÇÃO, Maria do Rosário, CASTRO, Zília Maria Osório – Publicações periódicas portuguesas: respigo de artigos, 17-58

BARBOSA, José – Molière, p. 59-144

FARIA, Maria Isabel Ribeiro de ; PERICÃO, Maria da Graça – Índice do «Mercúrio Português», p. 145-272

MADEIRA, Eugénio Tomás Mendes – Obras impressas em Portugal nos séculos XVI e XVII, p. 273-385

### **Vol. XXXIII (1977)**

MIRANDA, José da Costa – Teatro italiano, manuscrito (século XVIII): sobre alguns textos existentes em Bibliotecas e Arquivos Portugueses, p. 1-24

FARIA, Francisco – Quatro responsórios de Natal de D. Pedro da Esperança, p. 25-68

SÁ, A. Moreira de – Livros de uso de Frei Diogo de Murça, p. 69-110

CRUZ, Lígia – O legado da biblioteca de João Pedro Ribeiro à Universidade, p. 111-154

DIAS, Luís Fernando de Carvalho – Inéditos de António Ribeiro dos Santos, p. 155-234

PERICÃO, Maria da Graça ; FARIA, Maria Isabel Ribeiro de – Inquisição, p. 235-441

### **Vol. XXXIV (1978) – 1ª parte**

FERNANDES, Raul de Matos – Jornais do Porto (1896-1925), p. 1-112

HUMPHREY, K. W. – The crisis for Academic Libraries in Southern Europe, p. 113-126

MIRANDA, José da Costa – Luigi Pulci, Durante da Gualdo e Cieco da Ferrara: apontamentos sobre a presença, em Portugal, dos seus poemas cavaleirescos, p. 127-144

GODINHO, António Matos – Medlars e Medline, p. 145-182

SOUSA, Maria Armada de Almeida e – Ser bibliotecário hoje, p. 183-188

GONÇALVES, Maria da Conceição Osório – Alguns aspectos dos custos da automatização em bibliotecas e serviços de informação, p. 189-194

MOREIRA, Alzira Teixeira Leite – O instrumento de busca ao serviço do investigador, p. 195-202

CARMO, M. de Lurdes Akola da Cunha Meira do – O índice alfabético de assuntos do Catálogo C.D.U. da Biblioteca Nacional de Lisboa, p. 203-212

- PEREIRA, Isaiás da Rosa – Livros de aniversários de Santa Maria da Alcáçova de Santarém e de Santiago de Coimbra, p. 213-240
- SUMÁRIOS das Publicações Periódicas Portuguesas: projecto de publicação, p. 241-270
- FARIA, Maria Isabel Ribeiro de – Diderot «Carta histórica e política sobre o comércio do livro», p. 271-354
- COELHO, Urbano Domingues – Regras de colocação de monografias, p. 355-376
- PEREIRA, Marcelino Rodrigues – Alguns conceitos básicos de Arquivística moderna, p. 377-407

### **Vol. XXXIV (1978) – 2ª parte**

- ALBUQUERQUE, Luís de – Um exemplo de «Cartas de serviços» da Índia, p. 1-12
- RAMALHO, Américo da Costa – Alguns aspectos da introdução do humanismo em Portugal, p. 13-34
- CASTRO, Aníbal Pinto de – António Nobre, Alberto de Oliveira e o editor França Amad : correspondência inédita, p. 35-56
- BRITO, Maria Fernanda de – Pedro Nunes na tipografia de quinhentos, p. 57-74
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli – O Morgado de Mateus, Governador de São Paulo, p. 75-140
- FARIA, Francisco Leite – Livros impressos em Portugal no século XVI existentes na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, p. 141-226
- HORCH, Rosemarie Erika – Livros quinhentistas portugueses existentes no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Brasil, p. 227-242
- MENDES, Maria Teresa Pinto – O Bibliotecário e a sua circunstância, p. 243-258
- ACHEGAS para umas regras portuguesas de alfabetação, p. 259-298
- IFLA ; RAPOSO, Maria Emília – ISBD(M), p. 299-392
- IFLA ; COSME, Carlos Dinis (trad.) ; MARTINS, Paula Maria Fernandes (introd.) – ISBD(S), p. 393-536

**Vol. XXXIV (1979) – 3.ª parte**

- ANDRADE, Maria Francisca de Oliveira ; ANDRADE, António Alberto Banha de – Subsídios para a história da aula de árabe no Convento dos Terceiros de S. Francisco, p. 1-22
- PERICÃO, Maria da Graça – A Livraria Visconde da Trindade, p. 49-70
- CUNHA, Maria de Fátima Vila Pouca e – Subsídios para a bibliografia de autores portugueses referente a Pedro Nunes, p. 71-106
- DIAS, Manuel Nunes – O sistema das capitanias do Brasil, p. 107-134
- MARIANO, Emília Henriques Gouveia da Silva – Pequena achega para conservação de documentos gráficos, p. 135-140
- PUGLIESI, Haidée Marquiasave – A «avería» nos livros de contas do Arquivo Municipal da Venezuela, p. 141-152
- FARIA, Francisco – Algumas notas sobre os manuscritos musicais da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, p. 153-164
- MELO, Ana Maria Osório Pereira de – Apostilas, p. 165-218
- VAZ, Maria Laurinda dos Reis Antunes – Catálogo da colecção de medalhas da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, p. 249-342
- CARRATO, José Ferreira – O Marquês de Pombal e a reforma dos estudos menores em Portugal, p. 343-384
- CATARINO, Maria de Lurdes – Os ex-libris portugueses da colecção João Jardim de Vilhena da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, p. 385-432
- OLIVEIRA, Maria Manuela Rodrigues Nobre – A colecção de mapas da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, p. 433-436
- LEMOS, Maria Luísa – Impressos musicais da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, p. 437-575

**Vol. XXXV (1980)**

- MOTA, A. Teixeira da – Cartas antigas da Índia existentes em Portugal (séculos XVIII, XIX e XX), p. 1-122
- MIRANDA, José da Costa – Ludovico Ariosto, «Commedie»: algumas considerações e alguns apontamentos acerca da sua presença em Portugal, p. 123-138

- CAEIRO, Francisco da Gama – Livros e livreiros franceses em Lisboa, nos fins de setecentos e no primeiro quartel do século XIX, p. 139-168
- ANDRADE, Isabel Maria Freire de – Ensaio de catalogação de ex-libris, p. 169-282
- MALDONADO, Maria Hermínia – Uma fábula burlesca de D. Francisco de Portugal, p. 283-322
- ANDRADE, Carlos Santarém – «Presença»: uma revista, um movimento, p. 323-394

### Vol. XXXVI (1981)

- COSTA, Avelino de Jesus da – Inventário dos bens e obituário de Santa Maria da Alcáçova de Santarém, p. 1-30
- MELO, Ana Maria Osório Pereira de ; SOUSA, Maria Armanda de Almeida e – Bibliografia ex-librística anexa à coleção J. J. Vilhena da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, p. 31-46
- MIRANDA, José da Costa – Torquato Tasso, «Gerusalemme liberata»: a intervenção da censura inquisitorial portuguesa, p. 47-56
- LIMA, Ebion de – Os oratorianos e a polémica da Gramática Latina no século XVIII, p. 57-72
- MOREIRA, Alzira Teixeira Leite – Publicações impressas nos séculos XVI, XVII e XVIII existentes na Biblioteca do Tribunal de Contas, p. 73-112
- SOLLA, Luiz de Castro e – A Revolta Liberal de 1828 (novos aspectos), p. 113-136
- REGRAS de alfabetação, p. 137-201
- CATÁLOGO DOS RESERVADOS da BGUC. Suplemento, p. 203-252
- MADEIRA, E. T. Mendes – Obras impressas em Portugal nos séculos XVI e XVII, p. 253-324
- ALBUQUERQUE, Luís de – Relatório de actividades, p. 325-342
- ALBUQUERQUE, Luís de – Homenagem ao Doutor Manuel Lopes de Almeida, p. 343-346
- ALBUQUERQUE, Luís de ; CASTRO, Aníbal Pinto de – Homenagem ao Doutor Braga da Cruz, p. 347-366

**Vol. XXXVII (1982)**

- SOLLA, Luiz de Castro e – O ouro do Brasil nos arquivos do século XVIII, p. 5-56
- CARITA, Rui – A Planta do Funchal de Mateus Fernandes (c. 1570), p. 57-108
- SANTOS, Maria Emília Madeira – Silva Porto e os problemas da África Portuguesa no século XIX, p. 109-132
- BARRETO, Manuel Saraiva – Uma «Ars eloquentiae» dos primórdios do humanismo em Portugal, p. 133-160
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de – Estudos bracarense: para uma bibliografia do Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, p. 161-188
- MIRANDA, José da Costa – Ecos de Torquato Tasso, «Gerusalemme liberata», na Academia dos Generosos, de Lisboa: achegas para um (lendário) conflito literário seiscentista, p. 189-200
- KHOURY, Ibrahim (trad. e notas) – As-Sufaliyya «The poem of Sofala», p. 201-332
- PEIXEIRO, Horácio Augusto ; ALVES, Luísa Maria Picciochi Azevedo – Conclusões do «Levantamento das condições gerais de conservação dos documentos gráficos do nosso património bibliográfico e documental – Apreciação estatística», p. 333-352

**Vol. XXVIII (1983)**

- COSTA, Avelino de Jesus da – A Biblioteca e o Tesouro da Sé de Coimbra nos séculos XI a XVI, p. 1-220
- FERNANDES, Rogério – Luís da Silva Mousinho de Albuquerque e as Reformas do Ensino em 1835-1936, p. 221-304
- LIMA, Ebion de – Notícia biobibliográfica sobre a família Montebelo, p. 305-318
- PAYSAC, Henry de – Eugène de Castro et Francis Vielé-Griffin: une amitié symboliste, p. 319-336

**Vol. XXXIX (1984)**

- SANTOS, Maria Emília Madeira – O estudo da hidrografia numa região de civilizações da terra, a África Austral, p. 1-18

- ALMEIDA, A. A. Marques de – Herança e inovação no capitalismo em Portugal (século XIV-XVIII): a escrituração por partidas dobradas, p. 19-40  
Correspondência de Luciano Pereira da Silva para Joaquim de Carvalho, p. 41-90
- GUERREIRO, Inácio – A Sociedade Real Marítima e o exame das cartas hidrográficas. Censura da Carta de Cabo Verde, de Francisco António Cabral (1790), p. 91-142
- RANGLES, W. G. L. – Portuguese and Spanish attempts to measure longitude in the 16th century, p. 143-160
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de – O contributo do jornal «Cerveira nova» para o estudo e divulgação do património cultural cerveirense, p. 161-168
- NAGEL, Rolf – Em tempo de mudança: um conceito activo de arquivo nacional, p. 169-176
- BREMNER, R. W – The construction and origins of two Portulan charts, p. 177-192
- IFLA ; RAPOSO, Maria Emília (trad.) ; MARTINS, Paula Fernandes (nota intr.) – ISBD (G), p. 193-260

### **Vol. XL (1985)**

- LEMOS, Maria Luísa – A literatura autonomista no século XVII, através do Códice 29 da Biblioteca Geral da Universidade, p. 3-94
- CÓDICE 29. Primeira parte. Do grande e aparatoso recebimento que a ... cidade de Évora fez ao duque de Bragança, p. 95-206
- CÓDICE 29. Segunda parte. Composição dramática. Das tribulações que afligiram o Reino de Portugal no ano de 1637, p. 207-359

### **Vol. XLI (1992)**

- COSTA, Mário Alberto Nunes – Em torno da correspondência de Diogo Barbosa Machado, p. 1-104
- LEMOS, Maria Luísa – A literatura autonomista no século XVII: glossário dos textos, p. 105-190
- CARVALHO, Rui Galvão de – O espólio poético do Doutor Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, p. 191-208
- MARQUES, J. J. Dias – Duas notas à margem do «Amor de perdição», p. 209-226

- MATOS, Manuel Cadafaz de – Leopoldo Battistini, um pré-rafaelita italiano na dimensão do seu classicismo, p. 227-248
- MENDES, Dulce Geraldês – Uma carta de Antero de Quental, p. 249-264
- MARIANO, Emília Gouveia (transcr.) – Pharmacopea geral. Segunda parte: Dos medicamentos preparados e compostos, p. 265-348
- IFLA ; GONÇALVES, Maria da Conceição (trad.), RAPOSO, Maria Emília (trad.) – Princípios para a aplicação das ISBDs à descrição das partes componentes, p. 349-406
- MALDONADO, Maria Hermínia – António da Fonseca Soares (Frei António das Chagas). Trinta romances inéditos, p. 407-496
- SOUZA, José Manuel Motta – As publicações em série: passado, presente e perspectivas futuras. Algumas reflexões a propósito da problemática existente, p. 497-514
- CASTRO, Aníbal Pinto de – Relatório ano lectivo 1990-1991, p. 515-534
- CASTRO, Aníbal Pinto de – VII Centenário da Universidade de Coimbra: exposição bibliográfica... Discurso do Director da Biblioteca, p. 535-540

### **Vol. XLII (1994)**

- CALADO, Adelino Almeida – «Livro de Exopo». Edição crítica com introdução e notas, p. 1-100
- COSTA, Mário Alberto Nunes – A «Breve recopilação... da fundação, antiguidades e excelências... de Estremós», p. 101-164
- LOURENÇO, Carlos Rogenmoser – Apontamentos sobre a navegação e a cartografia no dealbar dos descobrimentos marítimos, p. 165-188
- RAMOS, Fernando – A intersubjectividade em Gabriel Marcel, p. 189-212
- SOUZA, Maria Armanda de Almeida e – Campos de Figueiredo, 1895-1965: biografia literária e bibliografia de um valor esquecido, p. 213-252
- GOMES, Saul António – Corregedores da Comarca da Estremadura e suas intervenções no Concelho de Leiria na Idade Média, p. 253-280
- REIS, A. Estácio dos – Old globes in Portugal, p. 281-298
- GOUVEIA, Valdemar Fernando Peça de Araújo – Os livros da Imprensa da Universidade de Coimbra depositados na Biblioteca da Universidade, p. 299-306
- VELOSO, Lúcia – O projecto AIDA no contexto de um serviço nacional de empréstimo interbibliotecas, p. 307-318

- PERICÃO, Maria do Rosário – Informatização e cooperação numa rede de bibliotecas: a propósito do Projecto do SIIB/Centro, p. 319-334
- CASTRO, Aníbal Pinto de – Relatório ano lectivo de 1991-1992, p. 335-458
- CASTRO, Aníbal Pinto de – Relatório ano lectivo de 1992-1993, 359-381
- CASTRO, Aníbal Pinto de – Sessão comemorativa do 1º Centenário do nascimento do Doutor Joaquim de Carvalho... Discurso do Director da Biblioteca, p. 383-398
- COXITO, Amândio – Joaquim de Carvalho: antipositivismo e metafísica, p. 399-409
- CASTRO, Aníbal Pinto de – Inauguração da Sala Belisário Pimenta. Discurso do Director da Biblioteca, p. 411-416
- CASTRO, Aníbal Pinto de – Exposição bibliográfica consagrada ao Doutor Manuel de Paiva Boléo ... Discurso do Director da Biblioteca, p. 417-421
- CASTRO, Aníbal Pinto de – Sessão inaugural da XII Reunião do Grupo de Utilizadores DOBIS/LIBIS. Discurso do Director da Biblioteca, p. 423-428

### **Vol. XLIII (1997)**

- PINTO, Eduardo Vera-Cruz – Para a grafia jurídica medieval: Cambiglioni versus Cambiglioni, p. 1-20
- COSTA, Mário Alberto Nunes – Heurística e historiografia na Academia Real da História Portuguesa, p. 21-66
- COSTA, Jaime Raposo – O liberalismo vintista e o Brasil (1820-1822), p. 67-86
- MATOS, Manuel Cadafaz de – D. Frei Alexandre de Gouveia: da Universidade de Coimbra ao bispado de Pequim, p. 87-112
- SOARES, Teresa Luso; SOARES, Miguel Luso; SOARES, Fernando Luso – «As antiguidades da Lusitânia» de André de Resende: notas de leitura a propósito da Introdução..., p. 113-122
- ALMEIDA, Aníbal – A «Universidade de Coimbra», o «culto do diabo» e uma noção de «caranguejo», p. 123-128
- IFLA ; RAPOSO, Maria Emília (trad.) ; GONÇALVES, Maria da Conceição Osório (trad.) – ISBD(M), p. 129-272
- MACHADO, Ana Mafalda de Sousa – A conversão retrospectiva na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: breves considerações, p. 273-280

FRANÇA, Isabel; DIAS, Leonor Marinho; VELOSO, Lúcia; PERICÃO, Maria do Rosário; CANAS, Noémia; MARTINS, Paula Fernandes – Linhas gerais para uma política de informação na Universidade de Coimbra, p. 281-294  
VIDA DA BIBLIOTECA, p. 295-335

### **Vol. XLIV (2010) – Formato eletrónico**

FIOLHAIS, Carlos – Palavras de apresentação  
O SERVIÇO PÚBLICO da Biblioteca da Universidade: roteiro da Mostra ESTUDANTE, Paulo – Para um maior protagonismo da Universidade de Coimbra perante o seu património musical  
ROSETE, Marta Lopes – Estudo da integração de espólios na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: 1985-1995  
AMARAL, A. E. Maia do ; GOMES, Virgínia – Obra de José Contente (1907-1957) no património da Biblioteca Geral  
PEREIRA, Maria José Otão da Silva – Liber chronicarum ou Crónica de Nuremberga (1493)  
LIMA, Ebion de – Uma fruta para o Grão-Duque: carta do Padre António Vieira a Cosme III  
MORAIS, Carlos Eduardo Mendes de – Guia de fontes primárias sobre académicos esquecidos e renascidos 1724-1759  
NOVO REGULAMENTO da BGUC e do SIBUC  
CARTA AOS MEMBROS do CG da UC pelo Diretor da BGUC e do SIBUC...  
OUTROS TESOUROS da Biblioteca Geral: roteiro da Mostra apresentada ao CG da UC  
RELATÓRIO de atividades: 2008-2009

### **Vol. XLV (2014) – Formato eletrónico**

BERNARDES, José Augusto Cardoso – Uma história para a História das bibliotecas da Universidade  
FERREIRA, Carla – A automatização da(s) Biblioteca(s) da Universidade de Coimbra

(Página deixada propositadamente em branco)

# Catálogo dos Manuscritos e dos Impressos Musicais do Fundo António de Lima Fragoso

O catálogo dos manuscritos e impressos musicais do Fundo António de Lima Fragoso encontra-se organizado nas seguintes categorias:

1. Música manuscrita: 1.1. Música vocal: 1.1.1. Coro *a capella*; 1.1.2. Música vocal com acompanhamento: canto acompanhado (*Lieder*, canções). 1.2. Música instrumental: 1.2.1. Música para orquestra; 1.2.2. Música de câmara; 1.2.3. Música para instrumento solo: 1.2.3.1. Piano; 1.2.3.2. Violino; 1.2.3.3. Violoncelo. 1.3. Música religiosa. 1.4. Exercícios de composição. 1.5. Manuscritos de autoria não determinada.

2. Música impressa: 2.1. Música vocal: 2.1.1. Canto acompanhado (*Lieder*, canções). 2.2. Música instrumental: 2.2.1. Música para orquestra; 2.2.2. Música de câmara; 2.2.3. Música para piano.

3. Impressões e fotocópias: arranjos e orquestrações.

Em cada classe, as referências encontram-se por título em ordem alfabética.

As partes cavas classificam-se junto das respetivas partituras gerais, sempre que estas se encontram disponíveis no Espólio, dentro da mesma categoria, segundo o tipo material; no caso de não dispormos,

na respetiva categoria, da partitura geral, classificaram-se as partes como partituras para instrumento solo.

Cada referência, encabeçada por título uniforme (título / forma da composição, meio de expressão, tonalidade/modalidade), contém os seguintes elementos de descrição<sup>1</sup>: nome (datas) do autor/compositor. Título na fonte. Tipo de recurso. Menção de outras responsabilidades. Local e data de produção ou publicação. Descrição física, extensão e dimensões. Título e conteúdo (forma da composição, instrumentação, tom/modo e tempo de andamento no *incipit* musical, sempre que possível e quando indicados). Observações. Identificador do documento (cota atual na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Portugal).

## 1. Música manuscrita

### 1.1. Música Vocal

#### 1.1.1. Coro *a capella*

##### **CORO DOS PEREGRINOS**

FRAGOSO, ANTÓNIO, (1897-1918). *Coro dos peregrinos* [Música manuscrita]. [1914]. Partitura ms. (1 f.) ; 28,8 x 20,8 cm.

Coro dos peregrinos, SSA, Mi M, largo magestoso, «com boca fechada» Autógrafo, notação a lápis de carvão com marcas a tinta, provavelmente de revisão. Também disponível partitura ms. da transcrição para piano.

##### **ALF M.M. 1.2 (1)**

---

1 Conforme normas NP 405-1, Informação e Documentação – *Referências bibliográficas : documentos impressos*. Monte da Caparica : IPQ., 1994 e NP 405-3, Informação e Documentação – *Referências bibliográficas : documentos não publicados*. Monte da Caparica: IPQ., 2000, complementadas pelas das orientações do RISM (Répertoire International des Sources Musicales) para a descrição e catalogação das fontes musicais.

## 1.1.2. Música Vocal com Acompanhamento: Canções

### CANÇÃO DA FIANDEIRA

(Ver: Canções do sol poente)

### CANÇÕES DO SOL POENTE

FRAGOSO, António, (1897-1918). [*Canções do sol poente*] [Música manuscrita]. [1917-1918]. Partitura ms. [16 f.] ; 35,2 x 27,0 cm.

Canção da fiandeira. Canções, S pf, Fa # M, não muito depressa; expressivo

Embalando o menino. Canções, S pf, Re b M, num ritmo de berço embalando

Modas da serra. Canções, S pf, Fa # m, tristemente; expressivo

A primeira romaria. Canções, S pf, La M, com alegria de festa em dia de romaria; um pouco mais expressivo

A manhã da cerração. Canções, S pf, Do M, lentamente e como numa evocação

O Natal no céu. Canções, S pf, La m, devagar e apaixonadamente; e muito expressivo

A Senhora dos Remédios. Canções, S pf, Re M, vagaroso

Cantigas do lenço. Canções, S pf, Si m, com profunda melancolia / muito expressivo

Música para canto e piano, sobre versos de António Correia de Oliveira.

Cópia; notação e letra muito cuidadas, a tinta preta. Também disponíveis outra partitura ms. apenas das peças «Embalando o menino» e «A manhã de cerração» e a publicação, com revisão de Fernando Lopes-Graça.

ALF M.M. 1.2 (2)

### CANÇÕES DO SOL POENTE

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Embalando o menino ; A manhã de cerração* [Música manuscrita]. [1917-1918]. Partitura ms. [5 p. em duas f. dobr.] ; 28,6 x 21,5 cm.

Embalando o menino. Canções, S pf, Re b M, tempo de Berceuse

A manhã de cerração. Canções, S pf, Do M

Música para canto e piano, sobre versos de António Correia de Oliveira.

Cópia cuidada, a tinta preta, de duas das oito peças do ciclo *Canções*

*do sol poente*. Título e autor na p. de título, a tinta azul, em letra de mão diferente. Pert.: Viriato Fragoso, Pocariça. Também disponíveis: partitura ms. do ciclo completo; publicação, com revisão de Fernando Lopes-Graça (1971).

**ALF M.M. 1.2 (3)**

**CANTIGAS DO LENÇO**

(Ver: Canções do sol poente)

**CHANSON D'AUTOMNE. Canções, Fa # m**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Chanson d'Automne* [Música manuscrita]. [1917]. Partitura ms. (2 p. em 1 f. dobr.) ; 30,0 x 22,8 cm.

Chanson d'Automne. Canções, S pf, Fá # m, modéré  
Autógrafo rasurado e emendado. Notação e letra a lápis. Fernando Lopes-Graça (1971) integrou esta peça no ciclo *Poèmes saturniens*, transposta para Mi menor na publicação. Também disponível o manuscrito da partitura das duas primeiras peças do ciclo *Poèmes saturniens*.

**ALF M.M. 1.2 (4)**

**LES COQUILLAGES. Canções, Lá m**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Les coquillages*; *Triste était mon âme* [Música manuscrita]. [1917]. Partitura ms. [6 p.] ; 30,0 x 22,7 cm.

Les coquillages. Canções, S pf, Lá m  
Triste était mon âme. Canções, S pf, Mi m  
Música para canto e piano sobre poesias de Paul Verlaine. Autógrafo assinado; notação e letra a lápis; incompleto, apenas p. 3-8, faltando as p. iniciais e o final da peça «Triste était mon âme». Também disponível publicação com revisão de Fernando Lopes-Graça (1971); «Triste était mon âme» encontra-se transposto para Ré menor.

**ALF M.M. 1.2 (5)**

**EMBALANDO O MENINO**

(Ver: Canções do sol poente)

**A MANHÃ DE CERRAÇÃO**

(Ver: Canções do sol poente)

**MODAS DA SERRA**

(Ver: Canções do sol poente)

**O NATAL NO CÉU**

(Ver: Canções do sol poente)

**POÈMES SATURNIENS. Canções**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Poèmes saturniens* [Música manuscrita].

1917. Partitura ms. (8 p.) ; 35,0 x 27,0 cm.

Soleils couchants. Canções, S pf, Mi b m, lent, dans une atmosphère de mystère

Sérénade. Canções, S pf, Fa m, modérément animé

Música para canto e piano sobre poesias de Paul Verlaine. Cópia autógrafa(?); notação e letra muito cuidadas, a tinta preta, com rasuras e correções a tinta azul e sublinhados a lápis color vermelho. Pert.: Viriato Frago-so, Pocariça. Também disponível publicação, com revisão de Fernando Lopes-Graça; a peça «Sérénade», encontra-se transposta para Mi b m.

**ALF M.M. 1.2 (6)****A PRIMEIRA ROMARIA**

(Ver: Canções do sol poente)

**A SENHORA DOS REMÉDIOS**

(Ver: Canções do sol poente)

**SÉRÉNADE**

(Ver: Poèmes saturniens)

**SOLEILS COUCHANTS**

(Ver: Poèmes saturniens)

**TRISTE ÉTAIT MON ÂME**

(Ver: Les coquillages)

**VINDIMA. Canções, Mi M**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Vindima* [Música manuscrita] : *poesia de Azul*. [1915?]. Partitura ms. [2 p.] ; 30,0 x 22,8 cm.

Vindima. Canções, A pf, Mi M

Manuscrito a lápis em folha colada no final do rascunho da partitura da *Petite suite* para piano. Data da composição da *Petite suite*. *Incipit* literário: Bem cedo começ'a vindima, o verão correu calmo...

**ALF M.M. 1.2 (22/23)**

**1.2. Música Instrumental****1.2.1. Música para Orquestra****NOTURNOS, orquestra, Mi b M**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Nocturno* [Música manuscrita] : *para orquestra*. Lisboa, 1918. Partitura ms. (25 p.) ; 34,7 x 27,2 cm.

Noturnos, orch (2fl 2ob cor ing 2cl 2fag 4cor harp 2vl vla vlc cb), Mi b M  
Partitura assinada e datada; escrita cuidada a tinta negra, com correções e indicações a lápis de carvão e a lápis color azul, de outra mão; suporte de papel «Prosper Colas – Paris», de 14 pentagramas. Trata-se da partitura geral da versão orquestral do *Nocturno em Ré b M, para piano*. Dedicatória à cabeça da p. de tít.: “Ao meu Mestre Snr. Luiz de Freitas Branco”. Com a anot.: “Tocado pela grande orquestra do maestro Pedro Blanch, em sua festa artística, em 16-3-919 / Tocado pela orquestra sinfónica do maestro Fernandes Fão, no Politeama, a 19-3-1922”. Também disponíveis: partes cavas ms.; parte de harpa ms.; rascunho incompleto da partitura geral; publicação (partitura e partes cavas) com revisão de Jorge Croner de Vasconcelos (1968).

**ALF M.M. 1.1 (f. 228-241)**

**NOTURNOS, orquestra, Mi b M**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Nocturno* [Música manuscrita] : [para orquestra]. [1918]. Partitura ms. (15 p.) ; 22,2 x 29,5 cm.

Noturnos, orch (2fl ob cor ing 2cl em Si b 2fag 4cor em Fá harp 2vl vla vlc cb), Mi b M

Rascunho da partitura geral do *Nocturno em Mi bemol Maior* para orquestra, incompleto, faltando as p. 3-4 e 13-14. Escrita a lápis em suporte de papel «Thomar», de 14 pentagramas. Também disponíveis: partitura geral e partes cavas ms.; parte de harpa ms.; publicação (partitura e partes cavas) com revisão de Jorge Croner de Vasconcelos (1968).

**ALF M.M. 1.2 (7)****NOTURNOS, orquestra, Mi b M**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Nocturno em mib* [Música manuscrita] : [para orquestra]. [1918]. 18 pc ; dim. máx. 25,0 x 32,5 mm.

Noturnos, orch (1fl 2fl 1ob 2ob cor ing 1cl em Si b 2cl em Si b 1fag 2fag 1cor em Fá 2cor em Fá 3cor em Fá 4cor em Fá harp 1vl 2l vla vlc cb), Mi b

Partes cavas ms., a tinta preta com indicações a lápis de carvão. Papel «L.J. & C.ie Basseau», de 14 pentagramas; a parte de harpa em papel de proveniência e dimensões diferentes. Também disponíveis: rascunho da partitura geral, incompleto; partitura geral ms.; parte de harpa ms.; publicação (partitura e partes cavas) com revisão de Jorge Croner de Vasconcelos (1968).

**ALF M.M. 1.2 (8)****NOTURNOS, orquestra, Mi b M**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Nocturno* [Música manuscrita] : harpa. 1918. 1 pc ms. [5 p.] ; 34,6 x 27,0 cm.

Noturnos, orch (harp), Mi b M

Parte de harpa do *Nocturno em Mi b M*, para orquestra. Cópia cuidada, a tinta preta, rubricada no final (rubrica indecifrável), com correções e indicações a tinta vermelha e a lápis de carvão. Suporte de papel «Prosper Colas – Paris», de 12 pentagramas. Também disponíveis: partitura

geral ms. e um rascunho da partitura geral, incompleto; partes cavas ms.; publicação com revisão de Jorge Croner de Vasconcelos (1968).

ALF M.M. 1.1 (f. 242-245)

### 1.2.2. Música de Câmara

#### **DANÇAS, quinteto de cordas, harpa e piano**

FRAGOSO, António, (1897-1918). [*Dança?*] [Música manuscrita] : [*para orquestra de cordas*]. [1917?]. Partitura ms. (2 p. em 1 f. dobr.) ; 35,3 x 27,2 cm.

Dança, orch (vl1 vl2 vla vlc cb pf harp), I: muito lento; II: expressivo e crescendo sempre

Título retirado de obra de referência (Prates, 2014). Possível autógrafo, incompleto; notação cuidada a tinta preta; suporte de papel «Prosper Colas – Paris», de 18 pentagramas. Também disponíveis: partitura ms. a lápis (2 p.) e a tinta (2 p.), inacabada, sem parte de piano, para quinteto de cordas e harpa.

**ALF M.M. 1.2 (9)**

#### **DANÇAS, quinteto de cordas e harpa**

FRAGOSO, António, (1897-1918). [*Dança?*] [Música manuscrita] : [*para orquestra de cordas, com harpa*]. [1917?]. Partitura ms. [4 p. em 1 f. dobr.] ; 35,3 x 27,2 cm.

Dança, orch (vl1 vl2 vla vlc cb harp)

Título retirado de obra de referência (Prates, 2014). Manuscrito a lápis e a tinta, porventura com dois andamentos, ambos inacabados; notação a lápis de carvão (p. 1-2 e 4) e a tinta preta (p. 3); suporte de papel «Prosper Colas – Paris», de 18 pentagramas. Também disponível cópia cuidada, incompleta, da composição para piano (em branco), harpa e orquestra de cordas.

**ALF M.M. 1.2 (10)**

#### **NOTURNOS, piano e harpa, Re b M**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Nocturno* [Música manuscrita]. Outubro 1917. Partitura ms. (5, 2 p.) ; 30,0 x 22,8 cm.

Noturnos, pf, harp, Ré b M, lento e expressivo

Partitura autógrafa a lápis, do *Nocturno em Ré bemol Maior*, para piano e harpa, seguida de rascunho a lápis da mesma peça para harpa, incompleto, com rascunhos de composição. O mesmo caderno contém um manuscrito da partitura para piano, datado de 1917, em letra muito cuidada, incompleto, apenas 37 compassos. Também disponíveis: partitura geral, partes cavas ms. e publicação da versão orquestral, em Mi b M.

**ALF M.M. 1.1 (f. 195-198)**

**SONATAS, piano e violino, RÉ M**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Sonata em ré* [Música manuscrita] : para piano e violino : op.3. Lisboa, 1917. Partitura ms. (16 p.) ; 34,8 x 27,3 cm.

Sonatas. Allegro, pf vl, Ré M, l: magestoso

Cópia autógrafa do primeiro andamento da *Sonata em Ré (Sonata inacabada)*; escrita muito cuidada, a tinta preta nas p. 1-4 (87 compassos) e, a partir da p. 5 (compassos 88 a 277), originalmente a lápis de carvão, passada a tinta azul, possivelmente em época mais recente para melhorar a leitura; segue-se o manuscrito, a lápis, do início do segundo andamento (39 compassos, p. 15-16), inacabado, acrescentado em data posterior. Papel «Prosper Colas – Paris». Contém anotações a lápis e indicações que indiciam revisão e provavelmente a preparação para publicação. Pert.: Viriato Fragoso, Pocariça. Publicada com o título *Allegro da sonata (inacabada) em ré Maior: para violino e piano*, com revisão de Artur Santos e Lídia de Carvalho (1971).

**ALF M.M. 1.2 (11)**

**SUITE PARA VIOLINO E PIANO**

(Ver: Suite romantique)

**SUITE ROMANTIQUE, piano e violino**

FRAGOSO, António, (1897-1918). [*Suite romantique*] [Música manuscrita]. [1916]. 1 pc ms.: (vl) ; 34,9 x 27,2 cm.

Prélude, pf vl, Do M, moderé

Intermezzo, pf vl, Sol m, très passioné

Berceuse, pf vl, Fá M, très modéré

Nocturne, pf vl, Si b m, calme et doucement

Título com base em documentação do Fundo ALF e na publicação. Manuscrito autógrafo apenas da parte de violino da *Suite para violino e piano* (ou *Suite romantique*); notação a tinta negra, com rasuras e anots. ms. a lápis de carvão e a tinta azul, sobre papel «Prosper Colas - Paris». Também disponíveis: transcrição do «Nocturno» para piano (dois manuscritos); publicação do Nocturno, sob o título «Nocturno em Sib menor» (*Composições para piano. 2.º caderno*, 1923); versão (?) para orquestra de cordas por Vasco Mendonça, 2012, em fotocópia.

**ALF M.M. 1.1 (f. 183-184)**

**TRIO, violino, violoncelo e piano, Do # m**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Trio* [Música manuscrita] : op. 2. Lisboa, 1916. 2 pc ms.: (vl, vlc) ; 35,2 x 27,0 cm.

Trio, vl vlc e pf, Do # m, I: Allegro moderato; II: Muito lento; III: Scherzo, muito vivo; IV: Final, allegro vivo.

Manuscritos autógrafos das partes de violino e violoncelo, faltando a parte de piano; notação a tinta negra, com anots. ms. a lápis de carvão; em papel «Prosper Colas – Paris», de 12 pentagramas. Publicação da partitura geral, com revisão de Luís Filipe Pires, também disponível.

**ALF M.M. 1.1 (f. 165-172)**

**1.2.3. Música para Instrumento Solo**

**1.2.3.1. Música para Piano**

**ALVORADA NO CAMPO, piano**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Alvorada no campo* [Música manuscrita]. [191-?]. Partitura ms. (1 f.) ; 21,1 x 28,8 cm.

Alvorada no campo, pf, allegretto

Partitura autógrafa(?) inacabada, ms. a lápis de carvão. Música destinada eventualmente a versos de Bulhão Pato, que aparece mencionado, e

riscado, no canto superior direito da f. Pode ter sido pensada para integrar o ciclo *Toadas da minha aldeia*, composto entre 1913 e 1916.

### **ALF M.M. 1.2 (12)**

#### **ÁRIA**

(Ver: Três peças do século XVIII)

#### **BARCAROLA**

(Ver: Composições)

#### **BERCEUSE**

(Ver: Petite suite)

#### **CANÇÃO DA NOITE**

(Ver: Composições)

#### **CANÇÃO E DANÇA PORTUGUESAS, piano**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Canção e dança portuguesas* [Música manuscrita]. [1916]. Partitura ms. ([7] p. em 3 f. dobr.) ; 29,0 x 21,0 cm.

Canção, pf, Dó m, devagar e expressivo

Dança, pf, Fá M, muito alegre

Cópia a tinta preta, com assinatura indecifrável (Jorge?) no final da «Canção» (p. 3). Data da composição com base em obras de referência. Com indicação «Piano» na p. de título, riscada, e alteração da numeração original das peças, a lápis color lilás e azul. Suporte em papel «P. CAV. os», de 10 pentagramas. A escrita apresenta algumas características do manuscrito *Nocturno para harpa* (1918). Também disponível publicação.

### **ALF M.M. 1.2 (13)**

#### **CANÇÃO POPULAR, piano, Fa M**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Canção popular* [Música manuscrita]. [191-?]. Partitura ms. (1 f.) ; 35,0 x 27,0 cm.

Canção popular, pf, Fa M(?), allegro moderato

Manuscrito autógrafo, a lápis. Trata-se de um exercício de composição inacabado (20 compassos), com o título emendado, anteriormente «Dansa popular». Nos primeiros pentagramas inclui um exercício de composição inutilizado pela sobreposição de dois traços cruzados; à cabeça pode ver-se o título «Canção selvagem», apagado. No verso da f., contém o início de cópia cuidada de exercício(?) para piano, com três compassos a tinta preta e a lápis.

**ALF M.M. 1.2 (14)**

**CAPRICHOS, Valsas**

(Ver: Música para piano)

**COMPOSIÇÕES, piano**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Composições* [Música manuscrita]. [1913?].

Partitura ms. [8 p.] ; 35,0 x 26,9 cm.

Serenata, pf, Sol M, andante

Canção da noite, pf, Fá m

Barcarola, pf, Sol m, andante

Berceuse, pf, Mi b M, moderato, quasi allegretto

Ingénua. Valsas, pf, Ré M

Cópia(?). Escrita muito cuidada, a tinta preta, seguida de rascunhos a lápis de carvão, muito rasurados e emendados a lápis e a tinta; em suporte de papel «Prosper Colas – Paris / Eduardo da Fonseca – Porto», de 10 pentagramas. Data da composição da valsa *Ingénua*.

Inclui: I - Serenata = Serénade = Serenade : op. 1, nº 1 (f. 1-2); II - Canção da noite = Chanson de la nuit : op. 1, nº 2 (f. 2-2 v.); III - Barcarola: op.1, nº 3 (f. 2 v.); Rascunhos: Berceuse (sete compassos, inacabada, f. 3); Valsa [Ingénua] : Introdução (f. 3) Valsa : [Ingénua] (com pequena coda; anteriormente com o título “Recordação”, riscado e substituído por “Valsa” (f. 3v-4v). As três primeiras peças editadas por Margarida Prates (2014) p. 103-108.

**ALF M.M. 1.1 (f. 58-61)**

**CORO DOS PEREGRINOS, piano, Mi M**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Coro dos peregrinos* [Música manuscrita]. [1914]. Partitura ms. (1 f.) ; 28,8 x 21,0 cm.

Coro dos peregrinos, pf, Mi M, largo maestoso

Autógrafo, manuscrito a lápis, da transcrição para piano da partitura original para coro a 3 vozes. Datado com base em documentação disponível no Fundo. No verso da f., os 4 pentagramas iniciais estão apagados e riscados. Marcas de dobras no suporte prejudicam a leitura do 5.º pentagrama. Também disponível partitura original para coro *a capella*.

**ALF M.M. 1.2 (15)****DANÇA, piano, Fá M**

(Ver: Canção e Dança portuguesas)

**DANÇA, piano, Ré m**

(Ver: Petite suite)

**DANÇA POPULAR, piano, Do M**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Dansa popular* [Música manuscrita]. [191-]. Partitura ms. (1 f.) ; 34,8 x 27,0 cm.

Dança popular, pf, Do M, moderato

Autógrafo(?), a lápis de carvão sobre Papel «Prosper Colas – Paris / Eduardo da Fonseca – Porto», de 10 pentagramas. Pequeno exercício com 16 compassos. No verso contém um esboço de composição com 4 compassos, um dos quais rasurado.

**ALF M.M. 1.2 (16)**

DANÇA POPULAR, piano, Mi M

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Dansa popular* [Música manuscrita]. [191-]. Partitura ms. [4 p.] ; 29,2 x 22,0 cm.

Dança popular, pf, Mi M, allegretto com graça

Manuscrito a lápis. Abaixo do título pode ver-se o “n.º 1”, riscado, e, no canto superior direito da f., a indicação: «Impressa». Também disponível

publicação, com ligeira variante na indicação do andamento: «Allegro» em vez de «Alegreto».

**ALF M.M. 1.2 (17)**

**L'EXTASE D'UNE VIÈRGE**

(Ver: Pensées extatiques)

**FUGA DA 1.ª SONATA DE VIOLINO DE BACH, piano, Sol m**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Fuga da 1ª sonata de violino de Bach* [Música manuscrita]. [entre 1917 e 1918]. Partitura ms. [4 p.] ; 30,0 x 22,7 cm.

Fuga da 1ª sonata de violino de Bach, pf, Sol m, allegro

Manuscrito inacabado, a lápis de carvão. Transcrição para piano da Fuga da 1ª Sonata para violino de J. S. Bach. Possivelmente trata-se de um exercício no âmbito da frequência do Curso Superior de Piano (Prates, 2014).

**ALF M.M. 1.1 (f. 246-249)**

**GAVOTTE**

(Ver: Três peças do século XVIII)

**INGÉNUA. Valsas, piano, Ré M**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Ingenua* [Música manuscrita] : *valsa*. [1913]. Partitura ms. (2 f.) ; 32,3 x 25,0 cm.

Ingénua. Valsas, pf, Ré M

Autógrafo. Partitura incompleta, ms. a tinta preta sobre papel «L.J. & C.ie BASSEAU», de 10 pentagramas. Data estimada com base em documentação do Fundo. Também disponível um rascunho completo, com o título «Valsa», ms. a lápis e a tinta, com variantes em alguns compassos, incluído em *Composições*.

**ALF M.M. 1.1 (f. 56-57)**

**INQUIETUDE**

(Ver: Música para piano)

**MAZURCAS, piano**

FRAGOSO, António, (1897-1918). 3 *mazurcas* [Música manuscrita] : op. 2. Pocariza, 1914. Partitura ms. (10 p.) ; 29,0 x 21,0 cm.

Mazurcas. 1, pf, La m, tempo de mazurca

Mazurcas. 2, pf, Si m, com sentimento doloroso

Mazurcas. 3, pf, Fá # m, vivo

Manuscrito assinado e datado de 7 de janeiro de 1914, na p. de título e no canto inferior direito da p. final. Com a informação: "Op. 2", a lápis, riscada (p.1). Dedicatórias: I: ao Tio Pedro de Sá Lima; II: à Sra D. Amélia Carneiro; III: a Eduardo da Fonseca Junior. Supõe-se que tenha pertencido a Maria Henriqueta, tia materna de António Fragoso, conforme indicação a lápis, muito delida, no canto superior esquerdo da p. de título. Capa ornamentada. Também disponível manuscrito a lápis das Mazurcas 1 e 2. Editada por Margarida Prates (2014) p. 109-115.

**ALF M.M. 1.1 (f. 62-67)****MAZURCAS, piano**

FRAGOSO, António, (1897-1918). [3] *mazurcas* [Música manuscrita]. [1914]. Partitura ms. [3 f.] ; 21,0 x 29,0 cm (29,0 x 21,0 cm).

Mazurcas. 1, pf, Lá m

Mazurcas. 2, pf, Si m

Rascunho a lápis de carvão das «Mazurcas» 1 e 2, das 3 *Mazurkas*: op. 2, Pocariza, 1914, faltando a coda na «Mazurca 1» e o compasso final na «Mazurca 2», quando comparado com a partitura a tinta; com eventuais indicações e emendas a tinta preta e vestígios de notação musical apagada. A numeração das peças está emendada: a «Mazurka 1» foi anteriormente n.º 2 e a «Mazurka 2», foi n.º 3. Também disponível partitura autógrafa, muito cuidada, a tinta preta,

**ALF M.M. 1.2 (18/19)****MINUETO**

(Ver: Três peças do século XVIII)

**MÚSICA PARA PIANO**

FRAGOSO, António, (1897-1918). [*Música para piano*] [Música manuscrita]. [191-?]. Partitura ms. (8 p.) ; 28,8 x 21,2 cm.

Música para piano, pf

Inquietude, pf, La m, molto agitato

Capricho. Valsas, pf, La b M

Prelúdios românticos. 1, pf, Si b m

Rascunho a lápis de carvão, incompleto, faltando as p. iniciais. A numeração original das páginas, p. 25 a p. 32, a tinta negra, indicia que o caderno fez parte de um conjunto mais vasto. Inclui: [Música para piano] (p. 25); Inquietude: op. 3, nº 3 (p. 26-27); Valsa capricho (p. 28-31); Prelúdio [n.º 1, dos Prelúdios românticos], incompleto, apenas 15 compassos, faltando o final (p. 32).

Também disponíveis: versão completa do «Prelúdio», em *Prelúdios românticos*; rascunho de uma outra «Valsa – Capricho». A peça «Inquietude» está editada por Margarida Prates (2014), p. 116.

**ALF M.M. 1.1 (f. 204-207)****NOCTURNE, piano, Si b m**

(Ver: Suite romantique)

**NOTURNOS, piano, Ré b Maior**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Nocturno* [Música manuscrita] : *para piano*. Lisboa, Ouct. 1917. Partitura ms. (5 p.) ; 34,7 x 27,3 cm.

Noturnos, pf, Re b M

Cópia autógrafa(?), assinada e datada; escrita muito cuidada, a tinta preta, com anots. ms. a lápis. Dedicatória: ao Mestre Snr. Luiz de Freitas Branco, à cabeça da p. de tít. Também disponíveis: rascunho a lápis, seguido de rascunho para harpa, da mesma peça, incompleto, e rascunhos de composição; cópia manuscrita, cuidada (1917), inacabada; publicação; versão orquestral, em Mi b M.

**ALF M.M. 1.2 (20)**

**NOTURNOS, piano, Ré b Maior**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Nocturno* [Música manuscrita]. 1917. Partitura ms. [2 p.] ; 30,0 x 22,6 cm.

Noturnos, pf, Ré b M, lento e expressivo

Partitura assinada e datada na p. inicial, incompleta, contendo apenas 37 compassos do *Nocturno em Re b maior*; escrita cuidada, a tinta negra. O mesmo caderno contém rascunho a lápis, com variantes, completo, e um rascunho para harpa, incompleto. Também disponíveis: cópia autografada; publicação; versão orquestral, em Mi b M.

**ALF M.M. 1.1 (f. 199-201)****NOTURNOS, piano, Ré b Maior**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Nocturno* [Música manuscrita] : *em Ré b maior*. 1917. Partitura ms. [4p. em 1 f. dobr.] ; 35,0 x 27,0 cm.

Noturnos, pf, Ré b M, lento e expressivo

Cópia cuidada; ms. a tinta negra, apresenta título, assinatura, data e as duas p. finais a lápis de carvão; notação e letra ligeiramente diferentes das do autor, deixando dúvidas quanto à autoria da cópia. Papel «HR» de pauta para piano, com chavetas e claves impressas. o mesmo caderno. Também disponíveis: Partitura ms. a tinta, inacabada (1917), partitura ms. a lápis, seguida de rascunho da mesma peça para harpa, incompleto; cópia autógrafa(?), muito cuidada, datada de outubro 1917; publicação; versão orquestral, em Mi b M.

**ALF M.M. 1.1 (f. 202-203)****NOCTURNOS, piano, Si b m**

(Ver: Suite romantique)

**PAS-DE-QUATRE. Danças, pf**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Pas-de-quatre* [Música manuscrita]. [191-?]. Partitura ms. (1 f.) ; 18,7 x 29,4 cm.

Pas-de-quatre. Danças, pf

Manuscrito a tinta preta. Contém, no v., 11 compassos de melodia não identificada.

**ALF M.M. 1.2 (21)**

**PENSÉES EXTATIQUES, piano**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Pensées extatiques* [Música manuscrita]. [191-?]. Partitura ms. (8 p.) ; 32,1 x 23,9 cm.

Les ruines du temple sacré, pf, Mi b m, lent (dans une grande expression)

L'extase d'une vierge, pf, Ré b m, calme et doucement expressif

La ville endormie, pf

Rascunho a lápis de uma obra em três partes, em que a terceira parte, «La ville endormie», está incompleta e foi rasurada (pelo autor?). Numeração original de p. a lápis, emendada, faltando as p. 9 a 12. Também disponível publicação das duas primeiras partes.

**ALF M.M. 1.1 (f. 190-194)**

**PETITE SUITE, piano**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Petite suite* [Música manuscrita] : *para piano*. Lisboa, jan. 1915. Partitura ms. (14 p.) ; 29,9 x 22,7 cm.

Prelúdio, pf, Si b m, andante lamentoso

Berceuse, pf, Mi b M, andantino

Dança, pf, Re m, um pouco vivo

Autógrafo assinado (p. 2); notação a tinta negra, com indicações e dedicatórias a lápis, provavelmente acrescentadas em data posterior; com a indicação "op. 5" rasurada nas p. de título e p. 2. Dedicatórias: I - Prelúdio: a Emilio Meunier; II - Berceuse: a Lourenço Cid; III - Dança: a Fernando Leitão. Pert.: Viriato Fragoso. Também disponíveis: publicação; orquestração por Joly Braga Santos (1958), em fotocópia.

**ALF M.M. 1.1 (f. 81-88)**

**PETITE SUITE, piano**

FRAGOSO, António, (1897-1918). [*Petite suite*] [Música manuscrita]. [1915]. Partitura ms. [14 p.] ; 30,0 x 22,6 cm.

Prelúdio (Ela lamenta a triste sorte), pf, Si b m, andante lamentoso

Berceuse (dos filhos que adormecem) , pf, Mi b M

Dança, pf, Re m

Vindima. Canções, S pf

Rascunho a lápis, emendado e rasurado, dos três andamentos da *Petite suite para piano* (1915), com títulos diferentes e pequenas variantes de composição. Na «Berceuse» e na «Dança», omissão do *Da capo*, anotando apenas a coda. Inclui, no final: Vindima, poesia de Azul (2 p.). Também disponíveis: partitura autógrafa, datada de jan. 1915, excluindo «Vindima»; cópia autógrafa(?), ms. a tinta preta; cópia cuidada, com o pert. Viriato Fragoso; publicação; orquestração por Joly Braga Santos (1958), em fotocópia.

**ALF M.M. 1.2 (22/23)**

**PETITE SUITE, piano**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Petite suite* [Música manuscrita]. [1915]. Partitura ms. [9 p.] ; 35,0 x 26,6 cm.

Prelúdio, pf, Si b m, andante lamentoso

Berceuse, pf, Mi b M, andantino

Dança, pf, Re m

Cópia cuidada, a tinta preta, com rasuras (raspagem). Data da composição.

Pert.: Viriato Fragoso, Pocariça. Também disponíveis: manuscrito autógrafa, a tinta preta; rascunho a lápis; publicação; arranjo para orquestra, por Joly Braga Santos (1958), em fotocópia.

**ALF M.M. 1.2 (24)**

**POÈME DU SOIR, piano, Mi m**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Poème du soir* [Música manuscrita]. Lisboa, jan. 1915. Partitura ms. (9 p.) ; 22,5 x 30,0 cm.

Poème du soir, pf, Mi m, lento

Autógrafo, com assinatura e data na p. de título; notação a lápis, passada a tinta negra apenas na p. inicial. Dedicatória: "Ao meu primo Carlos Fragoso", à cabeça da p. de título.

**ALF M.M. 1.1 (f. 75-80)**

**PRELÚDIO SOBRE UM TEMA DADO, piano, La m**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Preludio* [Música manuscrita] : *sobre um thema dato*. 1916. Partitura [2 p. em 1 f. dobr.] ; 34,0 x 27,2 cm.

Prelúdio sobre um tema dado, pf, La m, magestoso

Partitura autógrafa, com assinatura e data; notação a tinta preta. Com indicação do tema no canto superior direito da f. inicial e marcas de revisão, a lápis. Suporte de papel de 10 pentagramas com chavetas impressas. Parece tratar-se de um exercício de composição, possivelmente realizado no âmbito das aulas do Curso Superior de Piano.

**ALF M.M. 1.2 (25)****PRELÚDIOS, piano, Do M**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Preludio* [Música manuscrita]. [191-?]. Partitura (2 f.) ; 34,0 x 27,1 cm.

Prelúdios, pf, Dó M, allegretto com vivacidade

Autógrafo; escrita cuidada, a tinta preta na página inicial e a lápis de carvão nas restantes f. Suporte em papel «Beethoven-Papier N°1 – H.R. Kr.» com chavetas e claves impressas. Publicação também disponível.

**ALF M.M. 1.1 (f. 208-209)****PRELÚDIOS, piano**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *7 prelúdios* [Música manuscrita]. 4 nov. 1915. Partitura ms. [10 p.] ; 35,1 x 26,7 cm.

Prelúdios. 1, pf, Sol m, muito vivo

Prelúdios. 2, pf, Si b M e Mi b M, muito lento

Prelúdios. 3 pf, Ré m e Fá M, allegretto com graça

Prelúdios. 4, pf, Ré M, allegretto molto

Prelúdios. 5, pf, Ré b M, calmo

Prelúdios. 6, pf, Sol # m

Prelúdios. 7, pf, Sol M, vivo

Autógrafo assinado e datado, ms. a lápis, No título, o número foi acrescentado posteriormente. Numeração original das peças riscada e emendada; a última f., inumerada, em papel de outra proveniência, «Beethoven-

-Papier N°1, H.R.Kr.»; foi provavelmente acrescentada em data posterior.  
Também disponível publicação.

**ALF M.M. 1.1 (f. 136-140)**

**PRELÚDIOS, piano, Si b M**

(Ver: *Petite suite*)

**PRELÚDIOS ROMÂNTICOS, piano**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Preludios românticos* [Música manuscrita].  
[1914?]. Partitura ms. (13 p.) ; 300 x 227 mm.

Prelúdios românticos. 1, pf, Si b m, lento ; com profunda tristeza

Prelúdios românticos. 2, pf, Fá m, andante expressivo

Prelúdios românticos. 3, pf, Ré b M

Prelúdios românticos. 4, pf, Mi m, vivo

Autógrafo; notação muito cuidada, a tinta negra, com emendas evidenciando revisão, provavelmente em época posterior. Data com base em documentação disponível no Fundo ALF/Ms. Com a indicação «Op. 3» (p. 1) e um compasso no final, riscados. Inclui indicações metronómicas. Também disponíveis rascunhos do 1.º (muito incompleto) e do 4.º andamentos.

**ALF M.M. 1.1 (f. 68-74)**

**PRELÚDIOS ROMÂNTICOS, piano. 1, Si b m**

(Ver: Música para piano)

**PRELÚDIOS ROMÂNTICOS, piano. 4, Mi m**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Preludio 4* [Música manuscrita]. [1914?].  
Partitura ms. (1 f.) ; 29,5 x 21,6 cm

Prelúdios românticos, pf. 4, Mi m, vivo

Rascunho a lápis de carvão. Trata-se da quarta peça dos *Prelúdios românticos*.

Inclui indicação metronómica. Também disponíveis: cópia cuidada da obra completa; rascunho muito incompleto do 1º andamento.

**ALF M.M. 1.2 (26)**

**RAPSÓDIAS, piano**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Rapsodia* nº 1 [Música manuscrita]. [191-?].

Partitura ms. [2 p.] ; 34,9 x 26,8 cm.

Rapsódia, pf, Molto allegro

Autógrafo, ms. a lápis, emendado, incompleto. Contém indicações metronómicas.

**ALF M.M. 1.2 (27)****LES RUINES DU TEMPLE SACRÉ**

(Ver: Pénsees extatiques)

**SERENATA**

(Ver: Composições)

**SONATAS, piano, Mi m**

FRAGOSO, António ((1897-1918)). *Sonata* [Música manuscrita] : *para piano*.

Lisboa, 1915. Partitura ms. (26 p.) ; 34,0 x 26,5 cm.

Sonatas, pf, Mi m, I: Muito agitado, e impetuoso; II: Calmo e cantado com doçura; Final, III: Magestoso

Manuscrito autógrafo(?); notação muito cuidada a tinta negra, com rasuras, emendas e indicações a lápis. Papel «B. C. / Nº 1», de 10 pentagramas. Dedicatória ao Mestre Marcos Garin, à cabeça da p. de título. Também disponíveis: cópia por J. H. Negrão, 1936; publicação, com revisão de Florinda Santos (1971).

**ALF M.M. 1.1 (f. 89-102)****SONATAS, piano, Mi m**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Sonata* [Música manuscrita] : *para piano*

(Lisboa, 1915). Cantanhede, jun. 1936. Cópia, por J. H. Negrão. Partitura ms. (20 p.) ; 35,7 x 26,4 cm.

Sonatas, pf, Mi m; I: Muito agitado e impetuoso; um pouco menos marcado o canto e com muita expressão; II: Calmo e cantado (anteriormente:

cantando) com doçura; Final: III: maestoso; allegro ma non troppo; mais lento e alargando sempre; muito lento

Cópia de composição de António Fragoso, Lisboa, 1915, com dedicatória ao Mestre Marcos Garin. Escrita muito cuidada, a tinta azul de diferentes tons, com correções e anots. a lápis de carvão e revisão(?) a lápis color vermelho. Tem à cabeça da p. de título a anot. ms. a lápis: "2.º caderno". Numeração de f. original a tinta, riscada, substituída por paginação, a lápis. Pert.: Viriato Fragoso, Pocariça. Também disponíveis: partitura autógrafa(?); publicação com revisão de Florinda Santos.

**ALF M.M. 1.2 (28)**

**SUITE ROMANTIQUE, piano. 4, Si b m**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Nocturno* [Música manuscrita] : *da suite para violino e piano*. Transcripto pelo auctor. 1916. Partitura ms. (5 p.) ; 34,9 x 27,2 cm.

Nocturne, pf, Si b m, calmo e numa atmosfera de mistério

Cópia muito cuidada do quarto andamento da *Suite [romantique]*, para violino e piano em suporte de papel «Prosper Colas – Paris», de 12 pentagramas. Também disponíveis: outra transcrição, sem data; parte de violino da *Suite [romantique]*; versão para piano, com o título *Nocturno em Sib menor*; publicação da partitura completa; versão(?) para orquestra de cordas por Vasco Mendonça, 2012, em fotocópias.

**ALF M.M. 1.1 (f. 185-187)**

**SUITE ROMANTIQUE, piano. 4, Si b m**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Nocturno* [Música manuscrita] : *da suite para violino e piano*. 1916. Transcripto pelo auctor. Partitura ms. (5 p.) ; 34,9 x 27,2 cm.

Nocturne, pf, Si b m, calmo e numa atmosfera de mistério

Cópia autógrafa(?), ms. a tinta negra, do quarto andamento da *Suite [romantique]*, para violino e piano. Suporte de papel «Prosper Colas – Paris», de 12 pentagramas. Também disponíveis: outra cópia autógrafa(?), datada; parte de violino da *Suite [romantique]*, para violino e piano; versão para

piano, com o título *Nocturno em Sib menor*; publicação da partitura completa; versão (?) para orquestra de cordas por Vasco Mendonça, 2012.

**ALF M.M. 1.2 (29)**

**TRÊS PEÇAS DO SÉCULO XVIII, piano**

FRAGOSO, António, (1897-1918). [*Três peças do século XVIII*] [Música manuscrita]. [1917]. Partitura ms. [2 f.] ; 29,4 x 22,4 cm (21,9 x 30,0 cm).

Minueto, pf, Dó M, moderato

Ária, pf, Sol m, lento

Gavotte, pf, Sol M

Título da publicação. Datação com base em documentação disponível no Fundo. Rascunhos a lápis de carvão em suporte de papel de proveniências diversas. Também disponível partitura com a melodia da «Ária» na clave de Fá, possivelmente uma transcrição para violoncelo (Prates, 2014).

**ALF M.M. 1.1 (f. 220-221)**

**VALSAS. Capricho, piano, Mi m**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Valsa capricho* [Música manuscrita]. [191-?]. Partitura ms. (1 f.) ; 28,8 x 20,8 mm.

Valsa capricho, pf, Mi m(?), vivo e com graça

Partitura autógrafa(?), ms. a lápis, inacabada. Também disponível um rascunho de outra peça com o mesmo título.

**ALF M.M. 1.2 (30)**

**VALSAS. Capricho, piano, La b m**

(Ver: Música para piano)

**LA VILLE ENDORMIE**

(Ver: Pensées extatiques)

**VOLKSWEISE**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Volksweise* [Música manuscrita] : *canto popular*. [191-?]. Partitura ms. ([1] p. em 1 f. dobr.) ; 27,0 x 30,0 cm.

Volkswiese, pf, Sol m, I: allegretto gracioso; II: quasi andante; III: allegretto;  
IV: quasi adagio

Autógrafo(?), ms. a lápis. Pode tratar-se de um dos primeiros exercícios de composição de António Fragoso (Prates, 2014). Na p. final, encontra-se um apontamento musical (8 compassos) inacabado, não identificado. Também disponível cópia de outra mão, a tinta azul.

**ALF M.M. 1.1 (f. 250-251)**

### **VOLKSWEISE**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Volksweise* [sic] [Música manuscrita] : *canto popular*. [191-?]. Partitura ms. (1 f.) ; 23,3 x 26,0 cm.

Volkswiese, pf, Sol m. I: Allegretto gracioso; II: quasi andante; III: allegretto;  
IV: quasi adagio.

Cópia, ms. a tinta azul. Também disponível autógrafo.

**ALF M.M. 1.2 (31)**

### **1.2.3.2. Violino**

#### **TOADAS DA MINHA ALDEIA, violino**

FRAGOSO, António, (1897-1918). [*Toadas da minha aldeia*] [Música manuscrita]. [191-]. 1 pc : vl ; 21,8 x 29,2 cm.

Cantares. Canções, vl, Re m, andante

Canção perdida. Canções, vl, Re m, andante doloroso

Cantiga do campo. Canções, vl, La m, moderato

Parte de violino de três das cinco peças da obra impressa; tendencialmente duplica a voz mais aguda da versão publicada. Manuscrito a tinta preta, assinado; em suporte de papel «THOMAR», de 10 pentagramas. Publicação também disponível.

**ALF M.M. 1.2 (32)**

### 1.2.3.3. Violoncelo

#### **TRÊS PEÇAS DO SÉCULO XVIII, piano. Ária, violoncelo, fá**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Aria* [Música manuscrita]. [1917?]. Partitura ms. (1 f.) ; 29,9 x 22,8 cm.

Ária, vcl, Fa, lento

Manuscrito a tinta negra, sem assinatura. Parece tratar-se de um exercício de transposição para violoncelo da segunda peça do ciclo para piano *Três peças do século XVIII* (Prates, 2014). Também disponíveis: partitura manuscrita; publicação do ciclo completo.

**ALF M.M. 1.2 (33)**

### 1.3. Música Religiosa

#### **CÂNTICO PARA DEPOIS DA CATEQUESE**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Cantico para depois da catequese* [Música manuscrita]. 1918. Partitura ms. ([3] p. em 1 f. dobr.) ; 30,0 x 22,7 cm.

Cântico para depois da catequese, Ssolo Coro(S) e harmónio, Do M, lento expressivo

Música para versos do Padre Silva Gonçalves. Partitura autógrafa(?) a tinta preta, assinada e datada. Tem junto manuscrito da letra, numerado à cabeça da p. de título: «2». Também disponível rascunho a lápis, com menos dois compassos no final.

**ALF M.M. 1.1 (f. 254-255)**

#### **CÂNTICO PARA DEPOIS DA CATEQUESE**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Cantico para depois da catequese* [Música manuscrita]. [1918]. Partitura ms. [2 p.] ; 30,0 x 22,7 cm.

Cântico para depois da catequese, Ssolo Coro(S) e harmónio, Do M  
Rascunho a lápis de carvão. Também disponível partitura manuscrito a tinta, com dois compassos mais no final.

**ALF M.M. 1.1 (f. 257)**

**HINO DA CATEQUESE**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Hino da catequese* [Música manuscrita] : para a diocese do Porto. 1918. Partitura ms. ([3] p. em 1 f. dobr.) ; 30,0 x 22,7 cm.

Hino da catequese, Ssolo Coro(S) e harmónio, Mi b M, lento, mas não muito Partitura autógrafa(?), assinada e datada na p. de título, com notação e letra a tinta preta. Também disponível rascunho a lápis com ligeiras diferenças na indicação de andamento e no final (falta a coda).

**ALF M.M. 1.1 (f. 252-253)**

**HINO DA CATEQUESE**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Hino da catequese* [Música manuscrita]. [1918]. Partitura ms. [2 p.] ; 30,0 x 22,7 cm.

Hino da catequese, Ssolo Coro(S) e harmónio, Mi b M, lento religioso Rascunho a lápis. Também disponível cópia autógrafa(?) da qual difere pela indicação do andamento «Lento mas não muito» e pelo final, onde acresce uma pequena coda.

**ALF M.M. 1.1 (f. 256)**

**1.4. Exercícios de Composição****EXERCÍCIOS DE COMPOSIÇÃO**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Exercício nº 1 ; nº 2* [Música manuscrita]. [191-?]. Partitura ms. [2 f.] ; 32,2 x 24,0 cm (29,3 x 22,5 cm).

Manuscritos sem assinatura e sem data. Notação a tinta azul com emendas e anots. a lápis e a tinta. São dois exercícios de música de câmara(?), de 13 e de 32 compassos respetivamente, incluindo ambos, no final, um apontamento musical.

**ALF M.M. 1.2 (34)**

**EXERCÍCIOS DE COMPOSIÇÃO**

FRAGOSO, António, (1897-1918). [*Exercícios de composição*] [Música manuscrita]. Maio 1917. Partitura ms. (1 f.) ; 21,8 x 30,0 cm.

Autógrafo. Exercício de música de câmara(?), 20 compassos, a tinta azul, seguido de composição para piano (18 compassos), a lápis de carvão. No final podem ver-se cinco exercícios de assinatura do nome António, a lápis.

**ALF M.M. 1.2 (35)**

**EXERCÍCIOS DE COMPOSIÇÃO**

FRAGOSO, António, (1897-1918). [*Exercício de composição?*] [Música manuscrita]. [1917]. Partitura ms. (1 f.) ; 22,2 x 30,3 cm.

Música para piano. Autógrafo(?), ms. a tinta preta, incompleto, apresentando apenas 15 compassos finais.

**ALF M.M. 1.2 (36)**

**1.5. Manuscritos de Autoria Indeterminada**

**AVÉ MARIA. Hinos**

*Ave Maria n.º 3 ; Ladainha n.º 4 (modificada)* [Música manuscrita]. [S.d.]. Partitura ms. (1 f.) ; 29,6 x 21,4 cm.

Avé Maria, V

Ladainha de Nossa Senhora, V

Notação e letra a tinta azul. Não parece escrita de António Fragoso. O final da ladainha (2 pentagramas) encontra-se a seguir à Avé Maria.

**ALF M.M. 1.2 (37)**

**DANÇAS, flauta**

*Contradanças* [Música manuscrita]. [s.d.]. Partitura ms. (1 f.) ; 21,3 x 29,5 cm.

Manuscrito a tinta preta. No canto superior direito da frente lê-se: «V.S.Fragoso» (Viriato de Sá Fragoso). No verso, uma segunda «Contradança» (apenas o início) foi riscada. Inclui: Contradanças: 1ª a 5ª (frente); Contradanças: 1ª; Visão (valsa) (verso).

**ALF M.M. 1.2 (38)**

**DANÇAS, flauta**

*Sac au dos!* ; *He son*[?] [Música manuscrita]. [s.d.]. Partitura ms. [2 p.] ; 21,7 x 29,5 cm.

Manuscrito a tinta preta, sem assinatura e sem data. Não parece escrita de António Fragoso.

**ALF M.M. 1.2 (39)****DANÇAS, flauta**

*Tango* ; *Contradança* ; *My Enreen*[?] ; *Polka, Rec. de Amizade* [Música manuscrita]. [S.d.]. Partitura ms. [1 f.] ; 21,5 x 29,4 cm.

Manuscrito a tinta preta com múltiplas assinaturas de V.S. Fragoso (Viriato de Sá Fragoso) no canto superior e na margem esquerdos da frente e no canto superior direito do verso (V.S.F.); no canto superior direito da f. contem a indicação «Flauta»; na margem inferior tem: J. G. Gonçalves(?).

**ALF M.M. 1.2 (40)**

## 2. Música Impressa

### 2.1. Música Vocal

#### 2.1.1. Música para Canto e Piano

**CANÇÃO PERDIDA. Canções, Si m**

(Ver: Toadas da minha aldeia)

**CANÇÕES DO SOL POENTE**

FRAGOSO, António, (1897-1918). Canções do sol poente [Música impressa]. Revisão de Fernando Lopes-Graça. In *António Fragoso : obras póstumas*. II. Lisboa : [Valentim de Carvalho], 1971. Partitura (p. 4-23) ; 33 cm.

Música para versos de António Correia de Oliveira: I - Canção da fiandeira (tom original: Fá sust. maior), allegretto (p. 4-5); II - Embalando o menino (tom original) Ré b M, tempo de berceuse (p. 6-7); III - Modas da serra (tom original) Fá sust. menor) tristemente (p. 8); IV - A primeira romaria

(tom original: Lá maior) (p. 9-10); V - A manhã de Serração (tom original: Dó maior) (p. 11-13); VI - O Natal do céu (tom original: Lá menor) (p. 14-17); VII - A Senhora dos Remédios (p. 18-20), Ré menor; Cantigas do lenço (tom original), Si m, com melancolia (p. 21-23).

**ALF M.M. 1.3 (8)**

**CANTARES. Canções, Ré m**

(Ver: Toadas da minha aldeia)

**CANTIGA DO CAMPO. Canções, Lá m**

(Ver: Toadas da minha aldeia)

**CANTIGAS DA NOSSA TERRA**

(Ver: Toadas da minha aldeia)

**CHANSON D'AUTOMNE**

(Ver: Poémes saturniens)

**CONSOLATION. Canções**

FRAGOSO, António, (1897-1918). Consolation [Música impressa].: para piano e canto. Versos de Fernand Grech. *A semana musical*, Ano I, nº 16 (26 abr. 1923), 2-3.

Consolation. Canções, S pf, Sol M, andantino

Publicado com artigo de Oliva Guerra sobre António de Lima Fragoso (p. 8). Data da composição: dez. 1915. A revista inclui: "Elegia, op. 38, nº 6: allegretto semplice", de E. Grieg (p. 4); "Prelúdio, op. 28, nº 18", de Chopin (p. 5); e "Mignon: fox-trot: moderato", de Harold de Bozi (p. 6-7), inutilizadas.

**ALF M.M. 1.1 (f. 52-55)**

**LES COQUILLAGES. Canções, piano, La m**

FRAGOSO, António, (1897-1918). Les coquillages [Música impressa]. Revisão de Fernando Lopes-Graça. In *António Fragoso: obras póstumas*. II. Lisboa : [Valentim de Carvalho], 1971. Partitura (p. 36-38) ; 33 cm.

Les coquillages, S pf, La m

Música para canto e piano sobre versos de Paul Verlaine.

**ALF M.M. 1.3 (8)**

**MORENA. CANÇÕES, Mi m**

(Ver: Toadas da minha aldeia)

**POÈMES SATURNIENS. Canções**

FRAGOSO, António, (1897-1918). Poèmes saturniens» [Música impressa].

Revisão de Fernando Lopes-Graça. In *António Fragoso : obras póstumas*.

II. Lisboa : [Valentim de Carvalho], 1971. Partitura (p. 24-32) ; 33 cm.

Música para voz (S) e piano sobre versos de Paul Verlaine. Inclui: I - Soleils

couchants, Mi b m, lent, dans une atmosphère de mystère (p. 24-27); II

- Sérénade (tom original: Fá menor), modérément animé (p. 28-32); III

- Chanson d'Automne (tom original: Fá sust. menor) modéré (p. 33-35).

**ALF M.M. 1.3 (8)**

**TOADAS DA MINHA ALDEIA. Canções**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Toadas da minha aldeia* [Música impressa]

: *canções a uma e duas vozes : cinco canções portuguesas sobre versos dos nossos poetas*. Lisboa : Valentim de Carvalho, [1916]. Partitura (15

p.) ; 24 cm.

Cantigas da nossa terra, SS pf, Sol M, devagar e indolente

Cantares, S pf, Ré m, lento

Canção perdida, SS pf, Si m, andante

Cantiga do campo, S pf, Lá m, moderato

Conteúdo: I - Cantigas da nossa terra, a duas vozes. Versos de Vicente Arno-

so. Dedicatória: "Às senhoras que primeiro a cantaram em 1 de Janeiro de 1913"; II - Morena, a duas vozes. Versos de Julio Diniz. Dedicada: "À

memória de Julio Diniz"; III - Cantares, a uma voz. Versos de Marcelino Mesquita. Dedicada: "A minhas irmãs"; IV - Canção perdida, a uma e duas

vozes. Versos de Guerra Junqueiro. Dedicada: "A meu tio Dr. António dos Santos Tovim"; V - Cantiga do campo, a uma voz. Versos de Gomes

Leal. Dedicada: "Ao Jorge da Cruz Jorge".

**ALF M.M. 1.1 (f. 31-41).** Com dedicatória autógrafa de António Fragoso aos pais e aos irmãos, datada de 16 maio 1916.

### **TRISTE ÉTAIT MON ÂME. Canções, Mi m**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Triste était mon Âme* [Música impressa].  
Revisão de Fernando Lopes-Graça. In *António Fragoso : obras póstumas*.  
II. Lisboa : [Valentim de Carvalho], 1971. Partitura (p. 39-40) ; 33 cm.

Música para canto e piano sobre versos de Paul Verlaine.

**ALF M.M. 1.3 (8)**

## **2.2. Música Instrumental**

### **2.2.1. Música para Orquestra**

#### **NOTURNOS, Mi b**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Nocturno* [Música impressa]. Revisão e estudo  
[de] Jorge Croner de Vasconcellos. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian,  
1968. Partitura (30 p.) e pc ; 31 cm. (Portugaliae musica. Série C ; 18).

Noturnos, orch (2fl 2ob corn ing 2cl 2fag 4corn 2vl vla vlc cb harp), Mi b  
Chapa nº Pm 1018. Dedicatória: «Ao meu mestre Sr. Luiz de Freitas Branco».  
Edição bilingue em português e francês. Disponível em Manuscritos.

**ALF M.M. 1.3 (5/6)**

### **2.2.2. Música de Câmara**

#### **SONATAS. Allegro, violino e piano, Re M**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Allegro da sonata (inacabada) em ré maior*  
para violino e piano [Música impressa] : «opus 3». Revisão de Artur Santos  
e Lídia de Carvalho (colab). In *António Fragoso : obras póstumas*. III. Lisboa  
: [Valentim de Carvalho], 1971. Partitura (p. 83-100) ; 33 cm.

Sonatas. Allegro, vl pf, Ré M, magestoso / allegro moderato  
Também disponíveis manuscritos.

**ALF M.M. 1.3 (9)**

**SUITE ROMANTIQUE, violino e piano**

FRAGOSO, António, (1897-1918). Suite romantique [Música impressa]. Revisão de Álvaro Cassuto. In *António Fragoso : obras póstumas*. III. Lisboa : [Valentim de Carvalho], 1971. Partitura (p. 3-25) ; 33 cm.

Prélude, vl pf, Dó M, modéré

Intermezzo, vl pf, Sol m, très passioné

Berceuse, vl pf, Fá M, très modéré

Nocturne, vl pf, Si b m, calme et doucement

**ALF M.M. 1.3 (9)**

**TRIO, violino, violoncelo e piano, Dó # m**

FRAGOSO, António, (1897-1918). Trio em Dó sustenido menor para piano, violino e violoncelo [Música impressa] : «opus 2». Revisão de Filipe Pires. In *António Fragoso : obras póstumas*. III. Lisboa : [Valentim de Carvalho], 1971. Partitura (p. 30-82) ; 33 cm.

Trio, vl vlc pf, Dó # m, I - Allegro moderato; II - Muito lento; III - Scherzo: muito vivo; IV - Final: allegro vivo.

**ALF M.M. 1.3 (9)**

**2.2.3. Música para Piano****CANÇÃO E DANÇA PORTUGUESAS, piano**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Canção e dança portuguesas* [Música impressa] : *para piano*. Lisboa : Valentim de Carvalho, [193-?]. Partitura (5 p.) ; 34 cm.

Canção, pf, Dó m, devagar e expressivo

Dança, pf, Fá M, muito alegre

Dedicatória à cabeça da p. inicial: "Para as creanças que tocam piano na minha aldeia".

**ALF M.M. 1.1 (f.49-51)**

**ALF M.M. 1.3 (1)** Exemplar em mau estado de conservação.

**DANÇA POPULAR, piano**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Dança popular* [Música impressa] : para piano. Lisboa : Valentim de Carvalho, [193-?]. Partitura (3 p.) ; 34 cm.

Dança popular, pf, Mi M, allegro com graça

**ALF M.M. 1.1 (f.47-48)**

**ALF M.M. 1.3 (10)**

**ALF M.M. 1.2 (32).** Exemplar muito marcado pelo uso, com anotações ms. na capa

**NOTURNOS, piano, Si b m**

FRAGOSO, António, (1897-1918). Nocturno em Sib menor [Música impressa] : Da suite para violino e piano. In *Composições para piano. 2.º cad.º*. Lisboa : Valentim de Carvalho, [1923]. Partitura (p. 2-6) ; 30 cm.

Noturnos, pf, Si b m, calmo e numa atmosfera de mistério

Transposição para piano de um andamento da «Suite para violino e piano» ou *Suite romantique*.

**ALF M.M. 1.1. (f. 17-29)**

**NOTURNOS, piano, Re b m**

FRAGOSO, António, (1897-1918). Nocturno em Reb maior [Música impressa]. In *Composições para piano. 2.º cad.º*. Lisboa : Valentim de Carvalho, [1923]. Partitura (p. 7-15) ; 30 cm.

Noturnos, pf, Re b M, lento e expressivo

Dedicatória a Luís de Freitas Branco. Disponível em Manuscritos.

**ALF M.M. 1.1. (f. 17-29)**

**PENSÉES EXTATIQUES, piano**

FRAGOSO, António, (1897-1918). Pensées extatiques [Música impressa]. In *Composições para piano. 2.º cad.º*. Lisboa : Valentim de Carvalho, [1923]. Partitura (p. 16-21) ; 30 cm.

Les ruines du temple sacré, pf, com muita expressão  
L'extase d'une vierge, pf, calmo e docemente expressivo

**ALF M.M. 1.1. (f. 17-29)**

PETITE SUITE, piano

FRAGOSO, António, (1897-1918). Petite suite [Música impressa]. In *Composições para piano. 1.º cad.º*. Lisboa : Valentim de Carvalho, [1923]. Partitura (p. 5) ; 30 cm.

Prélude, pf, Si b m, andante lamentoso com muita expressão

Berceuse, pf, Mi b M, andantino

Dança, pf, Re m, um pouco vivo

Dedicatórias a: Emílio Dória Meunier; Lourenço Varela Cid Júnior; Fernando Botelho Leitão.

**ALF M.M. 1.1 (f. 1-16)**

**PRELÚDIOS, piano, Do M**

FRAGOSO, António, (1897-1918). Prelúdio [Música impressa]. In *Composições para piano. 2.º cad.º*. Lisboa : Valentim de Carvalho, [1923]. Partitura (p. 12-15) ; 30 cm.

Prelúdios, pf, Dó M, alegreto com vivacidade

Dedicatória a Maria Luísa Garin.

**ALF M.M. 1.1. (f. 17-29)**

**PRELÚDIOS, piano**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *7 Prelúdios* [Música impressa]. In *Composições para piano. 1.º cad.º*. Lisboa : Valentim de Carvalho, [1923]. Partitura (p. 18-27) ; 30 cm.

Prelúdios. 1, pf, Sol m, muito vivo

Prelúdios. 2, pf, Si b M e Mi b M, muito lento

Prelúdios. 3 pf, Ré m e Fá M, allegretto com graça

Prelúdios. 4, pf, Ré M, allegretto molto

Prelúdios. 5, pf, Ré b M, calmo

Prelúdios. 6, pf, Sol # m, andantino

Prelúdios. 7, pf, Sol M, vivo

**ALF M.M. 1.1 (f. 1-16)**

**SONATAS, piano, Mi menor**

FRAGOSO, António, (1897-1918)

*Sonata em Mi menor para piano* [Música impressa]. *Revisão de Florinda Santos.*

In: *António Fragoso : obras póstumas*.1. Lisboa : Valentim de Carvalho, 1971. Partitura (28 p.) ; 33 cm.

Sonatas, pf, Mi m

**ALF M.M. 1.3 (7)**

**SUITE ROMANTIQUE, piano. Nocturne**

(Ver: Noturnos, piano, Si b m)

**TRÊS PEÇAS DO SÉCULO XVIII, piano**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Três peças do século XVIII* [Música impressa] :

*para piano*. Lisboa : Valentim de Carvalho, [1917]. Partitura (3 p.) ; 34 cm.

Minueto, pf, Dó M, moderato

Ária, pf, Sol m, lento

Gavotte, pf, Sol M, tempo de gavotte

Dedicatória: a Vasco Garin.

**ALF M.M. 1.1 (f. 42-46).** Com dedicatória autógrafa de António Fragoso aos pais, datada de abril de 1917; com rasuras e anotações ms. a lápis de carvão

**ALF M.M. 1.3 (2).** Com dedicatória autógrafa de António Fragoso ao irmão Carlos, datada de abril de 1917

**ALF M.M. 1.3 (3)**

**ALF M.M. 1.3 (4).** Possivelmente impressão mais recente (1960?). Com dedicatória autógrafa de Maria Fernanda (Fragoso Martins Soares) a um neto e anotações ms. a lápis e a tinta; muito manchado pelo manuseamento; com marcas de restauro

### 3. Impressões e Fotocópias: Arranjos e Orquestrações

#### **NOTURNOS, piano, Si b menor. Arranjo**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Nocturno em sib menor* [Música impressa] : versão para orquestra de cordas. Orquestração de Vasco Mendonça. [S. l.] : [s. n.], 2012. Partitura (17 f.) ; 29,7 x 21,0 cm.

Noturnos, pf, Si b m; arr (vl1 vl2 vlc cb)

Cópia da partitura geral da versão orquestral do *Noturno em Sib menor*, para piano. A impressão original ostenta dedicatória autógrafa de Vasco Mendonça a Eduardo Fragoso, na p. de rosto.

#### **ALF M.M. 1.4 (1)**

#### **PETITE SUITE, piano, arranjo**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Pequena suite* [Música manuscrita]. Versão orquestral de Joly Braga Santos. [S. l.] : [s.n.], [1958]. 36 pc ms. ; 36,0 x 27,3 cm.

Petite suite, pf; arr. Pc: 2vl vla vlc cb 1fl 2fl 3fl pic 1ob 2ob cor ing 1cl sib 2cl sib cl baixo sib 1fag 2fag contra-fag 1cor fá 2cor fá 3cor fá 4cor fá 1tr dó 2tr dó 3tr dó 1trb 2trb 3trb tuba bombo pratos caixa triângulo tan-tan timbales 1harp 2harp celesta

Fotocópia (p&b) das partes cavas da versão orquestral, por Joly Braga Santos, da obra de António Fragoso *Petite suite*, para piano, de 1915. Datação do arranjo com base em obras de referência. Os originais ostentam carimbo do timbre: «Emissora Nacional – Arquivo Musical» e «Nº de registo 10852». Algumas partes apresentam assinaturas autógrafas, locais e datas (14-8-1980) (25-9-82) (8-6-87) (23-6-88?), muito provavelmente respeitantes a interpretações: Romero Pai (1ª flauta); António Serafim (Maestro Silva Pereira) (2º oboé); A.Romero (1º clarinete); Álvaro Cunha (1º fagote); Alan Cuil, Jaime Guerreiro, António Costa, Vitorino Marquez (1ª trompa); Madureira (3º trompa); H. Campos, Maestro Silva Pereira (1º trombone); A. Jubilot (2º trombone).

#### **ALF M.M. 1.4 (2)**

**PRELÚDIOS, piano, arranjo**

FRAGOSO, António, (1897-1918). *Três prelúdios* [Música manuscrita]. Versão orquestral de Joly Braga Santos. Porto, 1958. Partitura ms. [8 p.] ; 50,0 x 27,0 cm

Prelúdios, pf; arr (2fl 2cl vl1 vl2 vla vlc cb harp), I: Allegretto molto; II: Calmo; III: Allegretto

Fotocópia. Data do original. O original ostenta carimbos do timbre «Emisora Nacional – Arquivo Musical» e o «Nº de registo: 10851».

**ALF M.M. 1.4 (3)**

## Abreviaturas | Abbreviations

A – alto

anot. – anotação(ções) / annotation(s)

arr – arranjo de / arranged by

autogr. – autógrafo / autograph

B – baixo / bass

b – bemol

c. – circa

cb – contrabaixo / doublr bass

cl – clarinete / clarinet

cor – trompa / horn

cor ing – corne inglês / cor anglais

cx. – caixa / box

EA – estreia absoluta / première

ed. – edição / edition

f. – fólio(s) / folio(s)

fag – fagote / bassoon

fl – flauta / flute

harp – harpa / arp

impr. – impresso / printed

M – Maior / Major

m – menor / minor

Ms./ms. – manuscrito(s) / manuscript(s)

n.º - número / number

ob – oboé / oboe

p. – página(s) / page(s)  
pc – parte(s) cava(s) / part(s)  
pert. – pertences / indications of ownership  
pf – piano / piano  
pic – flautim / piccolo  
r – frente da folha / front  
S – soprano  
sax – saxofone / saxofone  
s. d. – sem data / no date  
s. l. – sine loco / sem lugar / no place  
T – tenor  
tit. – título/ title  
tr – trompete / trumpet  
trad. – tradução / translation  
trb – trombone  
v – verso / back  
vl – violino / violin  
vla – viola de arco / viola  
vlc – violoncelo / cello  
vol. - volume

(Página deixada propositadamente em branco)

# “Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto : o livro do deslumbramento

**Biblioteca Joanina, de março a junho de 2014**  
**Sala do Catálogo da BGUC, janeiro de 2015**

**Séculos XVII e XVIII**

PINTO, Fernão Mendes, 1514?-1583

Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto, em que da conta de muytas e muyto estranhas cousas que vio & ouvio no reyno da China, no da Tartaria , no do Sarnau, que vulgarmente se chama Sião, no do Calaminhan, no de Pegù, no de Martauão, & em outros muytos reynos & senhorios das partes Orientais, de que nestas nossas do Occidente ha muyto pouca ou nenhu[m]a noticia. E tambem da conta de muytos casos particulares que acontecerão assi a elle como a outras pessoas ... Em Lisboa : por Pedro Crasbeeck : a custa de Belchior de Faria, 1614.

V.T.-9-7-1

1-6-22-500

Historia oriental de las peregrinaciones de Fernan Mendes Pinto ... a donde se escriven muchas, y muy estrañas cosas que viò, oyò en los reynos de la China, Tartaria, Sornao, que vulgarmente se llama Siã, Calamiñam, Peguu, Martauan, y otros muchos de aquellas partes Orientales, de que en estas nuestras de Occidente ay muy poca, ò ninguma noticia ... Traducido de portugues en castellano por el Licenciado Francisco de Herrera Maldonado ... Madrid : Tomas Iunti, 1620.

V.T.-9-7-1a

Les voyages aventureux de Fernand Mendez Pinto. Fidèlement traduits de portugais en françois par le sieur Bernard Figuier ... A Paris : chez Arnould Cotinet et chez Jean Roger, 1645.

1-6-21-449

Historia oriental de las peregrinaciones de Fernan Mendez Pinto ... a donde se escriven muchas, y muy estrañas cosas que viò, oyò en los reynos de la China, Tartaria, Sornao, que vulgarmente se llama Siã, Calamiñam, Peguu, Martauan, y otros muchos de aquellas partes Orientales, de que en estas nuestras de Occidente ay muy poca, ò ninguma noticia ... Traducido de portugues en castellano por el Licenciado Francisco de Herrera Maldonado ... [4ª ed. castelhana]. En Madrid : por Melchor Sanchez : a costa de Mateo de la Bastida mercader de libros, vendese en su casa frontero a las grades de San Felipe, 1664.

1-6-22-499

Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto, e por elle escrita que consta de muitas, e muito estranhas cousas que vio & ouuio no reyno da China, no de Tartaria , no de Pegú, no de Martauão, & em outros muytos reynos & senhorios das partes Orientaes, de que nestas nossas do Occidente ha muyto pouca ou nenhu[m]a noticia. E tambem da conta de muytos casos particulares que acontécerão assim a elle como a outras muytas pessoas... Em Lisboa : na officina de Antonio Craesbeeck de Mello ... impressa â sua custa, 1678.

1-6-22-498

Peregrinação de Fernão Mendes Pinto, e por elle escrita que consta de muitas, e muy estranhas cousas que vio, e ouvio no Reyno da China, no da Tartaria, no do Pegú, no de Martavaõ, e em outros muitos reynos, e senhorios das partes orientaes ... e no fim della trata brevemente de algu[m]as noticias e da morte do Santo Padre Mestre Francisco Xavier ... Agora novamente correcta, e emendada. Accrecentada com o Itenerario de Antonio Tenreiro ... e a conquista do reyno de Pegu feita pelos Portuguezes no anno de 1601, ... Lisboa : na officina de Joam de Aquino Bulhoens : á custa de Luiz de Moraes, 1762.

S.P.-Ah-8-14

## Edições completas

PINTO, Fernão Mendes, 1514?-1583

Peregrinação. Edição popular com uma notícia, notas e glossário por J. I. de Brito Rebello. Lisboa : Livraria Ferreira, 1908-1910. (Livros de oiro da literatura português)

9-(4)-1-9-23/26

Peregrinação. Nova edição, conforme a de 1614; precedida de uma notícia bio-bibliográfica por Jordão de Freitas. Vila Nova de Gaia : Cosmópolis, 1930-1931.

9-(4)-2-5-3/4

Peregrinação. Nova edição, conforme a de 1614, preparada e organizada por A. J. da Costa Pimpão e César Pegado. Porto : Portucalense Editora, 1944-1945. (Colecção de memórias e notícias ultramarinas)

9-(4)-3-7-5

910.42(5)“15” PIN

Peregrinaçam: texto primitivo, inteiramente conforme à primeira edição (1614) = Peregrinação: versão integral em português, seguida das suas Cartas. Versão integral em português moderno por Adolfo Casais Monteiro. Lisboa ; Rio de Janeiro : Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-Brasileiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1952-1953.

9-(4)-7-1-10/11

Peregrinação e outras obras. Texto crítico, prefácio, notas e estudo por António José Saraiva. 1ª ed. Lisboa : Sá da Costa, 1961-1962. (Clássicos Sá da Costa)

5-72-4-18/19

Peregrinação. Versão para português actual de Maria Alberta Menéres. [1ª edição]. Lisboa : Ed. Afrodite, 1971. (Clássicos)

6-34-13

5-43-9 (2ª ed. - [Lisboa], 1975-1979)

Peregrinação de Fernão Mendes Pinto. Itinerário de António Tenreiro. Tratado das cousas da China [Gaspar da Cruz]. Conquista do Reino de Pegu [Manuel de Abreu Mouzinho] ; Introdução de Aníbal Pinto de Castro. Porto : Lello & Irmão, 1984. (Tesouros da literatura e da história)  
5-52-47

Peregrinação ; & Cartas. Comentários críticos de Eduardo Lourenço ... [et al.]; versão para português actual e glossário de Maria Alberta Menéres. Lisboa : Afrodite, 1989.  
5-10-66-1/2

Carta del hermano Hernan mendez dela compañía de Iesus dela India para los padres y hermanos dela misma compañía en Portugal. In Copia de unas cartas de algunos padres y hermanos dela compañía de Iesus que escriuieron dela India, Iapon y Brasil a los padres y hermanos dela misma compañía en Portugal ... fuerõ recebidas el año de mil y quinientos y cinquenta y cinco. [Coimbra] : por Ioan Aluarez, 13 Deziember [sic] 1555. f. [7v-12].  
RB-7-7

Fernão Mendes Pinto and the Peregrinação : studies, restored portuguese text, notes and indexes. Edited by Jorge Santos Alves; transl. and proof-reading Kevin Rose and Richard Trewinnard. Lisbon : Imprensa Nacional-Casa da Moeda : Fundação Oriente, 2010. (Biblioteca de autores portugueses)  
10-(1)-5-21-53

## Adaptações

PINTO, Fernão Mendes, 1514?-1583  
Em busca do corsário (Da Peregrinação). Rio de Janeiro : Anuario do Brasil, 1920. (Anthologia Universal)  
7-24-1-23

A ilha dos tesouros (Da peregrinação). Rio de Janeiro : Anuario do Brasil, 1921. (Anthologia Universal)

7-24-1-27

Peregrinação: excertos. Edição organizada por José Tavares. Porto : Lello & Irmão ; Lisboa : Aillaud & Lellos, [1928]. (Colecção Lusitânia ; 64, 65)

9-(11)-23-1-41/42

6-40-16-13/14 (Porto, 1971)

Peregrinação: aventuras extraordinárias dum português no Oriente. Adaptação de Aquilino Ribeiro; Il. de Martins Barata. [1ª ed.]. Lisboa : Livraria Sá da Costa, 1933. (Os grandes Livros da Humanidade ; 3)

5-21-20

Peregrinação : episódio da busca do corsário Coja Acem. Prefácio e notas de António Sérgio. Lisboa, 1938. (Textos Literários. Autores Portugueses)

6-6-22-82

A ilha maravilhosa de Catemplui da "Peregrinação" de Fernão Mendes Pinto. [ed. de Luís de Montalvor] ; Litografias originais e aguarelas de Mily Possoz. Lisboa : Editorial Ática, 1944.

RB-5-5

V.T.-14-7-8

Peregrinação. Selecção, prefácio e notas de Rodrigues Lapa. Lisboa : Gráfica Lisbonense , 1946. (Textos Literários)

5-39-14

No rasto do corsário. Adaptação ao português moderno por Branquinho da Fonseca. Lisboa : Portugalíia Editora, [1962?]. (Biblioteca dos Rapazes ; 46)

5-66-42-12

9-(1)-11-23-36 (1ª ed. fac-simile - Lisboa, 2009)

Peregrinação. Lisboa : Amigos do Livro, [1974?]

5-46-89

A "Peregrinação" de Fernão Mendes Pinto: autobiografia e aventura na literatura de viagens. Apresentação crítica, selecção, resumos, glossário e sugestões para análise literária de João David Pinto Correia. Lisboa : Seara Nova, 1979. (Colecção Textos Literários ; 13)

5-9-42-74

Peregrinação [de] Fernão Mendes Pinto: aventuras de um português ... contadas aos jovens por Adolfo Simões Müller; Il. de José Ruy. Mem Martins : Europa-América, 1980. (Os grandes clássicos juvenis)

6-17-26-3

Nesta caravela me embarquei eu ... adaptação Peregrinação Fernão Mendes Pinto. Projecto e ilustração Ernesto Neves; selecção e adaptação de textos Branca Judith, M. Lalande. [Maia] : Castoliva, 1983. (Portugueses no mundo)

5-17-19-7

E tais pancadas tem a costa da China : peregrinação. Versão de Maria Alberta Menéres. Lisboa : EXPO 98, 1997. (98 mares ; 36)

6-40-17-90

Peregrinação [de] Fernão Mendes Pinto. Narrativa adaptada [por] Fernando Cardoso; il. Pedro Sousa Dias, Cristina Souza. 1ª ed., 1ª tir. Porto : Areal, 1999.

6-66-21-83

Peregrinação [de] Fernão Mendes Pinto. Condensação e adaptação de Teresa Bernardino a partir da selecção de Adolfo Casais Monteiro; il. Luís Anglin. Lisboa : Verbo, imp. 2000. (O prazer de ler. Clássicos juvenis ; 1)

9-1-50-1

Peregrinação de Fernão Mendes Pinto: aventuras extraordinárias de um português no Oriente. Adaptação por Aquilino Ribeiro; il. de André Letria. 14ª ed. Lisboa : Sá da Costa, 2008. (Clássicos da humanidade)

5-72-5-22

Peregrinação de Fernão Mendes Pinto: aventuras extraordinárias de um português no Oriente. Adaptação por Aquilino Ribeiro; il. de Pedro Rosa. Lisboa : Bertrand, 2009.

9-(1)-5-57-31

RIBEIRO, Aquilino, 1885-1963

Portugueses das sete partidas (viajantes, aventureiros, troca-tintas). Il. de João da Câmara Leme. Lisboa : Livraria Bertrand, 1969. (Obras completas de Aquilino Ribeiro).

5-36-8

DOMINGUES, Mário, 1899-1977

Fernão Mendes Pinto. Il. de António Domingues. Porto : [s.n., 19--?]

5-46-42-41

BARROQUEIRO, Deana, 1945-

O corsário dos sete mares: Fernão Mendes Pinto: [romance]. Deana Barroqueiro ; rev. José Eduardo Didier. 1ª ed. Alfragide : Casa das Letras, 2012.

10-(1)-8-17-22

## Traduções

PINTO, Fernão Mendes, 1514?-1583

The voyages and adventures of Ferdinand Mendez Pinto, the Portuguese.

Done into English by Henry Cogan; with an introduction by Arminius Vambergy. An abridged and illustrated edition. London : T. Fisher Unwin, 1891.

9-(5)-3-5-28

Peregrinazione 1537-1558 di Fernão Mendes Pinto. A cura di Giuseppe Carlo Rossi; traduzione di Eriilde Melillo Reali. Milano : Longanesi, 1970. (I

Cento viaggi ; 9)

5-5-23

The travels of Mendes Pinto. Edited and translated by Rebecca D. Catz.  
Chicago ; London : The University of Chicago Press, 1989.

7-75-14-40

9-(11)-28-3-26

Pérégrination: récit de voyage. Traduit du portugais et présenté par Robert  
Viale. Paris : Editions de la Différence, imp. 1991.

7-75-19-44

Pelgrimsreis. Vertaald door Arie Pos. Baarn : de Prom, cop. 1992.

5-4-15

ANGELE, Martin, 1961

Peregrinação oder Die Reisen des Fernão Mendes Pinto. Norderstedt : Books  
on Demand GmbH, 2004.

7-49 A-15-50

## Bibliografia passiva

AIRES, Cristóvão, 1853-1930

Fernão Mendes Pinto : subsidios para a sua biographia e para o estudo da  
sua obra. *História e memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.*  
*2ª classe, Sciencias moraes, politicas e bellas lettras.* Lisboa. 10 : 1 (1905)  
1-127 + 2 mapas.

A-29-34

LE GENTIL, Georges, 1875-1953

Fernão Mendes Pinto: un précurseur de l'exotisme au XVIe siècle. Paris :  
Hermann, 1947. (Les Portugais en Extrême Orient)

869.0.06 Pinto LEG

COLLIS, Maurice, 1889-1973

The Grand peregrination: being the life and adventures of Fernão Mendes  
Pinto. London : Faber and Faber, 1949.

5-43-36

CATZ, Rebecca, 1920-

Fernão Mendes Pinto: Sátira e anti-cruzada na Peregrinação. 1ª ed. Lisboa : Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1981. (Biblioteca Breve ; 57. Série Literatura)

9-(11)-17-1-45

CATZ, Rebecca, 1920-

Fernão Mendes Pinto in foreign literature. Lisboa : Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987. Sep. de “Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo”, Lisboa, 2, 1983. Vol. 2, p. 445-457.

6-10-2-36

LOURENÇO, Eduardo, 1923-

O livro do deslumbramento. *Oceanos*. Itália. N. 7 (Jul. 1991), p. 58-61.

A-26-47

CASTRO, Aníbal Pinto de, 1938-2010

De Montemor-o-Velho às ilhas do Japão : a Peregrinação de Fernão Mendes Pinto e o encontro de culturas = From Montemor-o-Velho to the islands of Japan : the Peregrinação of Fernão Mendes Pinto and the meeting of cultures. Pref. Manuel Viegas Abreu. Coimbra : Comissão de Coordenação da Região Centro, 1993.

5-54-47-93

MORAIS, Venceslau de, 1854-1929

Fernão Mendes Pinto no Japão. Prefácio de Daniel Pires. [3ª ed.]. Lisboa : Vega, 1993. (Mnésis ; 16) (Clássicos da literatura portuguesa)

6-66-17-13

MARQUES, Alfredo Pinheiro, 1956-

Fernão Mendes Pinto, do Mondego ao Japão: escapar da maldição e da miséria, e lavar o epitáfio do Império = Fernão Mendes Pinto, from Mondego to Japan: escaping from curse and misery, and carving the epitaph of Empire. Trad. Diana Helena dos Santos Alves. Montemor-o-Velho : Casa-Museu Infante Dom Pedro [etc.], 2002.

8-(2)-19-39-36

ALMEIDA, Fernando António, 1939-

Fernão Mendes Pinto em terras de Almada. Almada : Câmara Municipal, 2010.

10-(1)-11-21-90

LOUREIRO, Rui, 1955-

Mission impossible: in search of the sources of Fernão Mendes Pinto's Peregrinação. In Fernão Mendes Pinto and the Peregrinação: studies, restored portuguese text, notes and indexes. Edited by Jorge Santos Alves; transl. and proofreading Kevin Rose and Richard Trewinnard. Lisbon : Imprensa Nacional-Casa da Moeda : Fundação Oriente, 2010. (Biblioteca de autores portugueses). Vol. 1, p. 235-255.

10-(1)-5-21-52

## Vida e obra de T. S. Eliot (1888-1965)

Sala do Catálogo da BGUC, de fevereiro a março de 2015

### Obras editadas em português

ELIOT, T. S., 1888-1965

Um poema de T. S. Eliot. Trad. de Fernando Guedes. *Távola Redonda : fascículos de poesia*. Lisboa. 11 (dez. 1951) 4-5.

10-3-14

Marcha triunfal. Marina. Versos para um homem velho. Trad. de Fernando Guedes. *Tempo Presente : revista portuguesa de cultura*. Lisboa. 4 (ago. 1959) 21-24.

10-27 B-2-1

Assassínio na catedral. Trad. e posfácio de José Blanc de Portugal. Lisboa : Delfos, [1961?].

5-66-41-54

Ensaio de doutrina crítica. Trad. com a colaboração de Fernando de Mello Moser ; pref., sel. e notas de J. Monteiro-Grillo. Lisboa : Guimarães, 1962.

5-62-30

Quatro quartetos. Trad. de Maria Amélia Neto. Lisboa : Ática, [1963].

5-4-58-56

Crime na Catedral. Trad. de Maria da Saudade Cortesão; Quatro quartetos.  
Trad. de Oswaldino Marques ; est. intr. de Francis Scarfe ; ilustr. de Carzou.  
Rio de Janeiro : Opera Mundi, 1970.

5-9-40-43

A terra sem vida. Trad. de Maria Amélia Neto. Lisboa : Ática, [1972?]

6-40-58-14

O "Boston evening transcript". Tia Helena. Coriolano. In: Poesia do Século  
XX (De Thomas Hardy a C. V. Cattaneo). Antologia, trad., pref. e notas  
de Jorge de Sena. Porto : Inova, 1978.

5-52-17-16

A terra sem vida. Trad. de Maria Amélia Neto. 2 ed. Lisboa : Ática, [imp. 1984].

6-40-58-62

A canção de amor de J. Alfred Prufrock: edição bilingue do poema e de  
um texto crítico de E. Pound. Pref. e trad. de João Almeida Flor. Lisboa  
: Assírio & Alvim, 1985.

6-42-14-84

Ensaios escolhidos. Selec., trad. e notas de Maria Adelaide Ramos. Lisboa  
: Cotovia, [imp. 1992].

5-14-7-25

O livro dos gatos. Trad. de João Almeida Flor. Lisboa : Caravela, [D.L. 1992].

5-53-15-85

Quarta-feira de cinzas. Trad. João Paulo Feliciano. Ed. bilingue. Lisboa :  
Hiena, [1994].

6-68-2-22

Notas para a definição de cultura. Trad. de Ernesto Sampaio. Lisboa : Século  
XXI, [1996].

6-35-12-103

Ensaio de doutrina crítica. Trad. com a colaboração de Fernando de Mello Moser ; pref., sel. e notas de J. Monteiro-Grillo. 2. ed. Lisboa : Guimarães Ed., [imp. 1997].

5-46-110-24

A terra devastada. Introd. e trad. de Gualter Cunha. [Lisboa : Relógio d'Água, cop. 1999].

6-35-24-53

Prufrock e outras observações. Trad. de João Almeida Flor. Lisboa : Assírio e Alvim, [2005].

8-(2)-26-31-57

### Obras editadas em inglês

ELIOT, T. S., 1888-1965

Homage to John Dryden: three essays on poetry of the seventeenth century. London : Published by Leonard and Virginia Woolf at the Hogarth Press, 1927.

7-67-12-6

After strange gods : a primer of modern heresy : the page-barbour lectures at the University of Virginia, 1933. London : Faber and Faber, 1934.

7-69-19-27

Elizabethan essays. London : Faber & Faber, [1934].

7-69-18-6

The idea of a Christian Society. New York: Harcourt, Brace and Company, [cop. 1940].

7-32-29-24

Points of view. [1st ed.]. London : Faber and Faber, [1941].

7-69-14-41

Little Gidding. London: Faber and Faber, [1942].  
5-38-33

What is a classic? : an adress delivered before the Virgil Society on the 16th  
of October. London : Faber & Faber, [1945].  
7-69-3-18

The confidential clerk. [1st American ed.]. New York : Harcourt, Brace and  
Company, [cop. 1954].  
5-7-16

The waste land. México; Monterrey : Sierra Madre, 1960.  
6-5-26-92

### Obras editadas em francês

ELIOT, T. S., 1888-1965  
Meurtre dans la cathédrale. Trad. de l'anglais et présenté par Henri Fluchère.  
Neuchâtel : Éditions de la Baconnière, [imp. 1943].  
820-2 Eliot ELI

Sommes-nous encore en chrétienté? : the idea of a christian society. Trad.  
et notes de d'Albert Frédéric. Bruxelles : Éditions Universitaires : Les  
Presses de Belgique, [1946].  
261.6"19" ELI

Meurtre dans la cathédrale. Trad. de l'anglais et présenté par Henri Fluchère  
. Paris : Éditions du Seuil, [imp. 1947].  
820-2 Eliot ELI

Essais choisis. Trad. de l'anglais par Henri Fluchere. Paris : Éditions du Seuil,  
[cop. 1950]  
8.06"19" ELI

La cocktail-party : suivi de La réunion de famille et précédé de Les buts du drame poétique. Trad. de l'anglais par Henri Fluchère. Paris : Éditions du Seuil, 1952.

820-2 Eliot ELI

## Introduções, prefácios e notas

SÉNECA, ca. 4 a. C.-65

Seneca : his tenne tragedies. Transl. into English ; edit. by Thomas Newton, anno 1581 ; with an introd. by T. S. Eliot. London : Constable and Co. Ltd ; New York : Alfred A. Knopf, 1927.

5-5-35

VIRGÍLIO, 70-19 a. C

Eneide. Luoghi scelti e tradotti da Filippo Maria Pontani ; con un saggio di T. S. Eliot ; ill. originali di Renato Guttuso. Roma : Edizioni dell'Elefante, [cop. 1979].

RC-72-6

BARNES, Duna, 1892-1982

O bosque da noite. Trad. e notas Francisco Vale e Paula Castro ; introd. T. S. Eliot. Lisboa : Relógio d'Água, [cop. 2010].

10-(1)-5-46-7

## Bibliografia passiva

ANTUNES, Manuel

O teatro poético de T. S. Eliot. *Quatro ventos : revista lusíada de literatura e arte*. Braga. 2 : 4-6 (out. 1954-mar. 1955) 421-428.

10-19-27-3

BUCKLEY, Vincent

Poetry and morality : studies on the criticism of Matthew Arnold, T. S. Eliot and F. R. Leavis; with an introduction by Basil Willey. London: Chatto and Windus, 1968.

7-69-1-34

CARMO, José Palla e, 1923-1995

A poesia de T. S. Eliot. *O tempo e o modo : revista de pensamento e acção*.

Lisboa. 24 (fev. 1965) 210-229; 25-26 (mar.-abr. 1965) 343-359.

9-(11)-5-3-1

CARMO, José Palla e, 1923-1995

Uma trindade : Ezra Pound, T. S. Eliot, Fernando Pessoa. Lisboa : F.C.G. Sep.

de: *Colóquio. Letras*. Lisboa. 95 (jan.-fev. 1987).

5-11-41-91

FEIJÓ, António M.

Eliot converso. *O Independente*. Lisboa. 1 : 31 (16 dez. 1988) III-16.

9-(1 A)-22-21

FERNANDES, Germana Maria

A cidade na poesia de Hart Crane [Texto policopiado] : "For the Marriage of Faustus and Helen" e The Bridge. Coimbra : Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1997.

7-59-14-11

GOMES, José Sousa

T. S. Eliot: entre "The hollow men" e "Ash-Wednesday". Pref. de Joaquim Manuel Magalhães. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.

6-49-7-16

GRILO, J. Monteiro

3 notas sobre a coerência de T. S. Eliot. *Encontro : Jornal dos universitários católicos*. Lisboa. 55 (fev. 1965) 3.

B-51-3-II

JORGE, João Miguel Fernandes

O retrato de T. S. Eliot pintado por Wyndham Lewis. *O Independente*. Lisboa.

1 : 31 (16 dez. 1988) III-17.

9-(1 A)-22-21

LEAVIS, F. R. ; LEAVIS, Q. D.

Lectures in America. London : Chatto and Windus, 1969.

7-69-3-15

LEE, Brian, 1932-

Theory and personality : the significance of T. S. Eliot's criticism. London:  
The Athlone Press, 1979.

6-11-12-20

LIMA, Araújo

T. S. Eliot : no centenário do seu nascimento. Porto : Faculdade de Letras,  
1989. Sep. de: *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e literaturas*. Porto.  
2 : 6 (1989) 207-223.

6-50-42-91

LOEHNDORF, Esther

The master's voices : Robert Browning, the dramatic monologue, and modern  
poetry. Tübingen; Basel : Francke, 1997.

7-20-29-22

NORTH, Michael

The dialect of modernism : race, language, and twentieth-century literature.  
New York : Oxford : Oxford University Press, [cop. 1994].

7-67-19-13

PEDROSA, Inês

T. S. Eliot: o artista enquanto homem. *O Independente*. Lisboa. 1 : 31 (16  
dez. 1988) III-6.

9-(1 A)-22-21

(Página deixada propositadamente em branco)

## Bocage (1765-1805) : 250 anos do seu nascimento

**Sala do Catálogo da BGUC, de 28 de abril a 29 de maio de 2015**

BOCAGE, 1765-1805

Elegia, que o mais ingenuo, e verdadeiro sentimento consagra á deplorável morte do illustrissimo, e excellentissimo senhor D. Jozé Thomaz de Menezes, [...]. Lisboa : Na Offic. de Lino da Silva Godinho, 1790.

Misc. 403 (6463)

Queixumes do pastor Elmano contra a falsidade de pastora Urselina : ecloga. Lisboa : Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1791.

Misc. 1 (27)

Epicedio na sentida morte do [...] Senhor D. Pedro José de Noronha, Marquez de Angeja [...]. Lisboa : Na Impressão Régia, 1804.

V.T.-17-1-11-(23)

Rimas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage. Segunda edição, correcta, e aumentada. Lisboa : na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1800. T. 1.

1-4-9-81

Rimas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage dedicadas à amizade. Lisboa : na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1802. T. 2.

1-4-9-82

Poesias dedicadas à Illm<sup>a</sup>., e Exm<sup>a</sup>. Senhora Condessa de Oyenhausen. Lisboa : na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1804.

1-4-9-83

A saudade materna : idyllio, na prematura, e chorada morte da Senhora Dona Anna Raimunda Lobo [...]. Bocage. Lisboa : Imp. Regia, 1805.

V.T.-5-2-17

A morte de Ignez de Castro: Cantata. In: GOMES JUNIOR, João Baptista – Nova Castro : Tragédia. Nova ed. Paris : Na Livraria Portugueza de J. P. Aillaud, 1838. p. 108-114.

1-(24)-5-339

Poesias satiricas inéditas... 2<sup>a</sup> ed., mais correcta e augmentada. Lisboa : Typ. de A. J. da Rocha, 1840.

5-27-74-16

Poesias de Manuel Maria Barbosa du Bocage colligidas em nova ed. [...] por I. F. da Silva; precedidas de um estudo [...] por L. A. Rebello da Silva. Lisboa : Em Casa do editor A. J. F. Lopes, 1853. Tomo 1 a 6.

5-24-30-16/21

Idyllios, cançonetas e canções. Lisboa : Companhia Nacional Editora, 1889.

7-24-1-36

Poesias inéditas de Bocage : censura das mesmas : defesa pelo auctor. Lisboa : Henrique Zeferino Livreiro Editor, 1896.

5-27-73-65

Sonetos. Lisboa : Editores Santos & Vieira -Empreza Litteraria Fluminense, [1907?].

5-2-1

Odes, elegias e idyllios. Lisboa : Editores Santos & Vieira, [19--?].

6-6-6-24

Poesias eroticas, burlescas e satyricas. Nova ed. Paris : [s.n.], 1908.

V.T. 14-2-20

Olinda e Alzira. Lisboa : Livraria Editora Guimarães, 1915.

5-3-14

Sonetos. Lisboa : Editores Santos & Vieira -Empreza Litteraria Fluminense,  
1915.

6-6-6-23

Sonetos. Lisboa : Emprêsa Literária Fluminense, 1926.

5-3-16

Fabulas de Bocage. Il. e texto desenhados por Julião Machado. 2. ed. Lisboa  
: Parceria António Maria Pereira, imp. 1930.

5-2-10

Sonetos. Lisboa : Livraria Bertrand, [1937?].

5-26-9

Os sonetos. Pref. de Augusto Moreno. Porto : Editora Educação Nacional,  
1937.

869.0-1 Bocage BOC

Poesias várias. Introd., sel. e notas de Vitorino Nemésio. Lisboa : Livraria  
Clássica Editora A. M. Teixeira C<sup>ia</sup>. (Filhos), 1943.

6-6-22-20

Histórias populares de Bocage. Lamego : Edições Jota Eme, 1943.

5-23-41

Poesias. Sel., pref. e notas de Guerreiro Murta. Lisboa : Livraria Sá da Costa,  
1943.

5-72-2-7

Piadas do Bocage. Lisboa : [s. n., s. d.].

5-3-19

Anecdotas do Bocage: mil anedotas para rir. Lisboa : Livraria Barateira, [s. d.].

5-3-19

Opera omnia. Direcção de Hernâni Cidade. Lisboa : Livraria Bertrand, 1969-1973.

6-32-28

Poesias eróticas, burlescas e satíricas. Braga : Publi. Mocho, 1979.

6-7-19-24

Retrato próprio. Il. Vasco. Colares : Colares Editora, D.L. 1993.

6-42-11-58

Palavras de Bocage. Mem Martins : Lyon Edições, 1997.

6-20-7-45

Rimas. Tomo I. 1ª reimpr., facsimil. [Lisboa] : Livro Aberto, 2003.

8-(2)-20-42-7

Poesias eróticas, burlescas & satíricas. 1ª ed. Sintra : Zéfiro, 2012.

9-(1)-3-56-89

## **Bibliografia passiva**

AMARAL, Eloy do

Bocage : fragmento de um estudo autobiográfico. Lisboa : Ulisseia, imp. 1965.

5-52-14-70

ÁVILA, Artur Lobo de ; MENDES, Fernando

A verdadeira paixão de Bocage. Lisboa : Secção Editorial de O Século, 1926.

5-3-32

BORREGANA, António Afonso

Poesia barroca ; Padre António Vieira ; Neoclassicismo ; Bocage: análise da obra. 4. ed. Lisboa : Texto, 2001.

6-72-7-38

BENTO, Maria Eunice de Sousa

Bocage e o fim de um século : homenagem ao poeta no 2º centenário do seu nascimento. [Castelo Branco] : Estudos Castelo Branco, 1966. Sep. de: *Estudos de Castelo Branco : revista de história e cultura*. 24 (1966).

5-12-28-233

BRAGA, Teófilo

Bocage: sua vida e época litteraria. Porto : Livraria Chardron, 1902.

9-(4)-5-2-25

CARDOSO, Fernando

Bocage, ele mesmo! Lisboa : Portugalmundo, 1999.

6-37-16-51

CIDADE, Hernâni

Bocage: com cinco retratos. Porto : Livraria Lello e Irmão, 1936.

92 (Bocage) CID

CIDADE, Hernâni

Bocage. 2. ed. Lisboa : Arcádia, [1968?].

5-62-7

CORREIA, Romeu

Bocage : crónica dramática e grotesca em duas partes e um prólogo. [Barcelona] : Ulisseia, imp. 1965.

5-8-56-66

DANTAS, Luís

Bocage no seu tempo. [S. l.] : Edições Ceres, D.L. 2000.

5-11 A-10-6

DOMINGUES, Mário

Bocage: a sua vida e a sua época: evocação histórica. Lisboa : Livraria Romano Torres, 1962.

5-34-4-12

FERREIRA, Joaquim

Líricas e sátiras de Bocage: introdução e notas. Porto : Editorial Domingos Barreira, [1966?].

5-44-22

FREITAS, Marina da Silva

Rimas: Segundo a edição de 1794. [Braga] : Oficinas Gráficas, 1966.

5-1-81-114

GONÇALVES, Adelto

Bocage: o perfil perdido. Lisboa : Caminho, 2003.

8-(2)-21-33-1

LETRIA, José Jorge

Já Bocage não sou : romance. Mem Martins : Europa-América, 2002.

6-49-3-42

MACEDO, José Agostinho de

Considerações mansas sobre o quarto tomo das obras métricas de Manuel Bocage, acrescentadas com a vida do mesmo. Lisboa : Na Impressão Régia, 1813.

Misc. 769 (12.969)

MACHADO, Herlander Alves

Bocage o homem que destruía o amor. Lisboa : Parceria A.M. Pereira, 1966.

6-3-3-17

MARTINS, J. Cândido

Para uma leitura da poesia de Bocage. Lisboa : Presença, 1999.

6-49-15-81

MENESES, Carlos José de, pseud.

Bocage : sua vida histórica e anedótica. Lisboa : Guimarães Editores, 1965.  
5-12-30-100

MONTEIRO, Gomes

Bocage, esse desconhecido [...]. Lisboa : Romano Tôrres, [1942?].  
5-32-23

MURAT, Luís, 1861-1929

Centenario de Bocage : discurso proferido na sessão solenne do Retiro  
Literario Portuguez, no dia 21 de Dezembro de 1905. Rio de Janeiro :  
Typ. do Jornal do Commercio, 1905.

IC-17-3-5-88

NEMÉSIO, Vitorino, 1901-1978

Bocage. Lisboa : Livraria Clássica Editora, 1943.  
9-(4)-8-14-17

PEREIRA, Maria Helena da Rocha, 1925-2017

Bocage e o legado clássico. Coimbra : [s.n.], 1968. Sep. de: *Humanitas*.  
Coimbra. 19-20 (1968) 267-302.

5-11-48-64

(Página deixada propositadamente em branco)

## VI Centenário da Tomada de Ceuta em 21 de Agosto de 1415

**Sala do Catálogo da BGUC, 22 de julho a 4 de setembro de  
2015**

ALEXANDRINO, Elvira Amélia Bizarro

A “Crónica da tomada de Ceuta” : sua discordância da “Crónica do Condestabre” : subsídios para a resolução do problema. Coimbra : Ed. do A., 1970.  
5-24-61-10

BAEZA HERRAZTI, Alberto

Bulas de cruzada en la reconquista de Ceuta. Ceuta : Caja de Ahorros y Monte de Piedad de Ceuta, 1987.  
5-22-41-71

BAEZA HERRAZTI, Alberto, ed. lit.

Ceuta hispano portuguesa : libro colectivo en conmemoración del 575 aniversario de la reconquista de Ceuta por Portugal (21 Agosto 1415) e del 350 aniversario de la Restauración de la monarquía portuguesa (1 Diciembre 1640) en su relación con Ceuta. Ceuta : Instituto de Estudios Ceutíes, 1993.  
348 p. (Publicaciones del Instituto de Estudios Ceutíes. Nueva época ; 2).  
7-61-20 19

BOCAGE, Carlos Roma du, 1853-1918

Étude préliminaire sur la prise de Ceuta par les portugais : le 21 Aout 1415.  
Lisboa : Typographia da Cooperativa Militar, 1912.  
946.9(64)“14” BOC

CALADO, Adelino de Almeida, 1930-

O infante D. Fernando e a restituição de Ceuta. Coimbra : Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1962. Sep. de: *Revista Portuguesa de História*. 10.

5-68-43-101

CARRIAZO, Juan de Mata, 1899-1989

La conquista de Ceuta en la Crónica de Juan II de Castilla de Alvar Garcia de Santa Maria. Lisboa : Academia Portuguesa da História, 1982.

6-42-15-115

COSTA, João Paulo Oliveira e ; RODRIGUES, José Damião ; OLIVEIRA, Pedro Aires

História da Expansão e do Império Português. Lisboa : A Esfera dos Livros, 2014.

Coleção particular

DORNELAS, Afonso de, 1880-1944

As armas de Ceuta. Lisboa : Casa Portuguesa, 1925.

5-4-20

DORNELAS, Afonso de, 1880-1944

De Ceuta a Alcácer Kibir em 1923. Lisboa : Casa Portuguesa, 1925.

5-4-21

DORNELAS, Afonso de, 1880-1944

Uma planta de Ceuta. Lisboa : Livraria Ferin, 1913.

IC-18-2-4-110

FARMHOUSE, J.

Subsídio bibliográfico para a história da conquista de Ceuta. Lisboa : Tipografia Universal, 1915.

016:946.9(64)"15" FAR

FERREIRA, Marino da Cunha Sanches

O sentido europeu e cristão da conquista de Ceuta. Braga : [s.n.], 1958. Sep.  
de: *Revista de Cultura Lusíada da Sociedade Histórica da Independência  
de Portugal*. 18.

5-50-61-74

FREIRE, Anselmo Braamcamp, 1849-1921

Um aventureiro na empresa de Ceuta. Lisboa : Livraria Ferin, 1913.

6-4-9-61

GARCÊS

A Conquista de Ceuta. *Cavaleiro Andante*. Lisboa. 104 (26 dez. 1953) [3].

10-27-14

LIVERMORE, H. V., 1914-2010

On the conquest of Ceuta. [S.l.] : University of Wisconsin Press, 1965.

5-33-42-27

LOBATO, Alexandre, 1915-1985

Ainda em torno da conquista de Ceuta. [S.l. : s.n., D.L. 1986] (Lisboa : Tip.  
Silvas).

5-26-15-176

LOPES, Fernão, 1380?-1460

Crónica de D. João I. Int. de Humberto Baquero Moreno; pref. de António  
Sérgio. [S. l.] : Livraria Civilização, imp. 1983. 2 v.

5-22-10-81/82

MASCARENHAS, Jerónimo de

História de la Ciudad de Ceuta : sus sucessos militares y politicos memorias  
de sus santos [...] escrita em 1648. Pub. sob a dir. de Afonso de Dornelas.  
Lisboa : Academia das Ciências de Lisboa, 1918.

9-(4)-3-11-15

MONTEIRO, João Gouveia, 1958- ; COSTA, António Martins, 1964-  
1415 : A conquista de Ceuta : O relato empolgante da última grande vitória  
de D. João I. Lisboa : Manuscrito, 2015.

Coleção particular

OOM, Ana

À conquista de Ceuta. II. André Letria ; rev. técnica Associação de Profes-  
sores de História. Lisboa : Zero a Oito, 2008.

9-(1)-4-21-31

OSÓRIO, Baltasar

Ceuta e a capitania de D. Pedro de Meneses : 1415-1437. Lisboa : Academia  
das Ciências de Lisboa, 1933.

9-(4)-3-11-6

PERES, Damião, 1889-1976

Ceuta cercada : um problema cronológico. Coimbra : Instituto de Estudos  
Dr. António de Vasconcelos da Faculdade de Letras da Universidade de  
Coimbra, 1969. Sep. de: *Revista Portuguesa de História*. 12 (1969) 293-299.

5-7-34-33

PIMENTA, Alfredo, 1882-1950

Crónica da Tomada de Ceuta. 2. ed. Lisboa : Livraria Clássica Editora, 1964.

5-62-28

PISANO, Mateus de, 1385-14--

Livro da guerra de Ceuta. Vertido em português por Roberto Corrêa Pinto.  
Lisboa : Academia das Ciências de Lisboa, 1915.

9-(4)-3-11-14

RELAÇÃO do sítio que os mouros puseram à Praça de Ceuta. Em cujo sítio  
empenharão todas as suas forças mas finalmente foram obrigados a se  
retirarem, com grande glória dos Valerosos habitantes que a defendiam.  
Lisboa : [s.n.], 1757.

V.T.-6-6-25

ROSA, Maria de Lurdes Pereira, 1965-  
Longas guerras, longos sonhos africanos : da tomada de Ceuta ao fim do  
Império. 1. ed. Porto : Fio da Palavra, 2010.

10-(1)-7-30-4

SALAS, Javier de

Dos cartas sobre la expedicion a Ceuta en 1415. Coimbra : Imprensa da  
Universidade, 1931. Sep. de: *O Instituto*. 81 : 3 (1931).

IC-1-3-8-195

SANCEAU, Elaine, 1896-1978

Os portugueses na empresa de Ceuta. Porto : Edições Marânus, 1962. Sep.  
de: *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Porto. 25 : 3/4 (1962).

5-6-59-112

SANTOS, José Loureiro dos

Ceuta : 1415 : a conquista. Lisboa : Prefácio, D.L. 2002.

5-57-43

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, 1925-

A conquista de Ceuta no Diário veneziano de António Morosini. In: *Actas [do]  
Congresso Internacional de História dos Descobrimentos*. Lisboa : Comissão  
Executiva das Comemorações do V Centenário da morte do Infante D.  
Henrique, 1961. p. 543-550.

5-68-16

VELOSO, João

A armada de D. João I para a conquista de Ceuta. *Cadernos Históricos*. Lagos.  
4 (ago. 1993) 89-97.

A-18-26-1

ZURARA, Gomes Eanes de, ca. 1410-ca. 1474

Crónica da Tomada de Ceuta. Intr. e notas de Reis Brasil. Mem Martins :  
Publicações Europa-América, D.L. 1992.

6-12-69-34

(Página deixada propositadamente em branco)

## **Fernando Pessoa (1888-1935) : os rostos plurais**

**Sala do Catálogo, de 28 de setembro a 4 de dezembro de  
2015**

**Biblioteca Joanina, de 15 de dezembro de 2015 a 31 de ja-  
neiro de 2016**

PESSOA, Fernando, 1888-1935

Antinous: a poem. Lisbon : Monteiro & C., 1918.

RB-3-35

35 sonnets. Lisbon : Monteiro & C., 1918.

RB-3-34

English poems. Lisbon : Olisipo, 1921.

RB-3-35 A

O interregno: defeza e justificação da ditadura militar em Portugal. Lisboa  
: Núcleo de Acção Nacional, 1928.

5-46-7

Poesias. [Nota explicativa de João Gaspar Simões, Luiz de Montalvor]. 2ª  
ed. Lisboa : Ática, 1942.

5-33-29

Páginas de doutrina estética. Selecção, pref. e notas de Jorge de Sena.  
Lisboa : Inquérito, imp. 1946.

5-40-23

O preconceito da ordem; com uma nota de Álvaro Bordalo. Porto : [s. n.], [1950?].

5-43-29

Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa : Ática, 1951.

5-44-33

Análise da vida mental portuguesa : ensaios críticos. 1ª ed. Porto : Edições Cultura, [D. L. 1951?].

5-45-3

Apreciações literárias : bosquejos e esquemas críticos. Porto : Editorial Cultura, [1951?].

5-45-3

A nossa crise: seus aspectos político, moral e intelectual; com uma nota de Álvaro Bordalo. Porto : [s. n.], [1951?].

5-44-5

Ultimatum de Álvaro de Campos sensacionista. Porto : Editorial Cultura, [1951?].

5-45-22

Crónicas intemporais. Selecção e comentários de Petrus. [S. l.] : Centro Editorial Português, [1952?].

5-42-13

Poemas de Alberto Caeiro. 2ª ed. Lisboa : Edições Ática, 1952.

5-46-18

Poemas dramáticos. Lisboa : Ática, 1952.

5-45-21

Poemas ocultistas. Sel. e glosa de Petrus ; [des. de Manuel Lapa]. [S.l. : s.n., D.L. 1952].

5-46-2

Regresso ao sebastianismo : Fernando Pessoa e outros. Porto : [s.n., 1952?].  
5-46-2

Elogio da indisciplina ; [Poemas insubmissos]. [Porto] : Centro Editorial Português, [1953?] (Porto : Tip. J. R. Gonçalves).  
5-46-32

Poemas inéditos destinados ao nº 3 do "Orpheu" ; Pref. de Adolfo Casais Monteiro ; [retrato inédito de Rodríguez Castañé]. Lisboa : Inquérito, 1953.

Ex. nº 60 de uma tir. esp. de 60 exs., numerados e rubricados pelo prefaciador .  
5-48-17

Ensaio políticos : ideias para a reforma da política portuguesa. Porto : C. E. P., [1954?].  
5-10-19

Poesias inéditas : 1930-1935. Lisboa : Ática, imp. 1955.  
5-39-3

Distância constelada : [álbum de poesias esparsas]. Porto : Parnaso, [1955?].  
5-44-5

Poesias inéditas : 1919-1930. Lisboa : Ática, imp. 1956.  
5-54-3-30

Exórdio em prol da filantropia e da educação física: páginas desconhecidas. [Des. de Manuel Lapa]. Porto : Editorial Cultura, [1956?].  
5-23-37

Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões. Int., apêndice e notas do destinatário. Lisboa: Publicações Europa-América, imp. 1957.  
5-50-49-24

Fernando Pessoa : poesia . [Apresent.] por Adolfo Casais Monteiro. Rio de Janeiro : Livraria Agir, 1957.

5-66-23

Apologia do paganismo. Porto : Editorial Cultura, [1957?].

5-52-25-28

A nova poesia portuguesa. Pref. de Álvaro Ribeiro. 2ª ed. Lisboa : Inquérito, [1960?].

5-44-59

O banqueiro anarquista e outros contos de raciocínio. Antologia organizada e prefaciada por Fernando Luso Soares. Lisboa : Editora Lux, 1964.

5-42-22

Almas e estrelas : Horas espirituais. Porto : Arte e Cultura, [1966?].

5-30-7

O banqueiro anarquista. Porto : Arte & Cultura, 1966.

5-12-35-210

Páginas de estética e de teoria e crítica literárias. Textos estabelecidos e pref. por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho ; trad. dos textos ingleses por Jorge Rosa. Lisboa : Ática, [1967?].

5-47-1

Textos para dirigentes de empresas. Lisboa : Cinevoz, 1969.

5-7-31-60

35 sonnets : English poems = 35 sonetos : poemas ingleses. Versão portuguesa de Fernando Dias. Lisboa : F. Dias, 1975.

5-33-40-40

Barbearias. Fot. Alexandre Delgado O'Neill. 1ª ed. Lisboa : Rolim, 1986.

5-11-41-71

Antinoo. Trad. Luís Nogueira. Lisboa : Fenda, imp. 1988.

6-40-34-164

Antologia: a maçonaria vista por Fernando Pessoa e Norton de Matos. 1ª reimp. fac-simil. [S. l.] : José Ribeiro, 1988.

5-33-74-121

A hora do diabo. Posfácio, pesquisa, transcrição e organização de texto de Teresa Rita Lopes. Lisboa : Rolim, 1988.

6-47-33-52

O guardador de rebanhos. II. Pedro Proença. Colares : Colares Editora, D.L. 1992.

6-42-17-39

Poesias de Álvaro de Campos. Mem Martins : Publicações Europa-América, 1997.

6-47-28-39

Como organizar Portugal. Lisboa : Nova Ática, imp. 2006.

10-(1)-10-8-4

A essência do comércio e outros textos de teoria económica. Lisboa : Nova Ática, D.L. 2006.

10-(1)-1-1-53

Aviso por causa da moral e outros textos de intervenção de Álvaro de Campos. Lisboa : Nova Ática, D.L. 2007.

9-(1)-9-20-75

Mensagem. Ed. facsímil. [S.l. : s.n.], D.L. 2007.

9-(1)-4-48-59

Um grande português ou a origem do conto do vigário. Lisboa : Nova Ática, imp. 2007.

10-(1)-10-8-2

A imortalidade. Coimbra : Alma Azul, 2009.

6-38-9-59

A demonstração do indemonstrável. Ed., posf. e notas Jorge Uribe ; trad.

Pedro Sepúlveda ; rev. filológica Jerónimo Pizarro. Lisboa : Ática, 2011.

10-(1)-4-2-15

### Colaboração em publicações periódicas

PESSOA, Fernando, 1888-1935

A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada. *A Águia*. Porto.

2 : 4 (abr. 1912) 101-107.

9-(3)-20-36

Impressões do crepúsculo. *A Renascença*. Lisboa. 1 (fev. 1914) 11.

10-11-7-7

O marinheiro: drama estático em um quadro. *Orpheu*. Reedição. Lisboa. 1

: 1 (jan./mar. 1915) 33-53.

10-17-18-7

O banqueiro anarquista. *Contemporanea*. Ed. fac-simil. Lisboa. 1 : 1/3 (maio/  
jul. 1922) 5-21.

10-9-18

Athena. *Athena : revista de arte*. Ed. fac-simil. Lisboa. 1 : 1 (out. 1924) 5-8.

10-1-15-9

A essência do comércio. *Revista de Comércio e Contabilidade*. Lisboa. V1 :

1 (jan. 1926) 7-11.

10-1-15-2

Do Livro do Desassossego, composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. *Presença*. Ed. fac-simil. Lisboa. 2 : 34 (nov./fev. 1931/1932) 8.

10-3-18-10

### **Bibliografia passiva**

LANCASTRE, Maria José de

Fernando Pessoa: immagini della su vita. Milano : Adelphi, imp. 1988.

7-75-14-39

Fernando Pessoa : uma fotobiografia. Lisboa : Quetzal, 1996.

5-56-30-9

Fernando Pessoa: uma fotobiografia. 3ª ed. Lisboa : INMC, Centro de Estudos Pessoaanos, imp. 1984.

5-22-29-30

NOGUEIRA, Manuela

Fernando Pessoa: imagens de uma vida. 2ª ed. Lisboa : Assírio e Alvim, 2005.

8-(2)-25-15-56

ZENITH, Richard

Fotobiografias século XX : Fernando Pessoa. Lisboa : Círculo de Leitores, D.L. 2008.

8-(2)-26-30-34

(Página deixada propositadamente em branco)

# William Shakespeare (1564-1616)

## Sala do Catálogo da BGUC, Maio de 2016

SHAKESPEARE, William, 1564-1616

As alegres comadres de Windsor : Impressas pela primeira vez em 1602, definitivamente em 1623, representadas talvez em 1601. Trad. de Domingos Ramos. Porto : Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1913.

7-40-12-4

Amansia de uma fúria : Comédia em 5 actos. Trad. direta da edição de Collins por Henrique Braga. Porto : Lello & Irmão, 1955.

5-42-33

António e Cleopatra : Tragédia : Traduzida diretamente da edição de Collins, a mais conforme à coleção Shakespeariana de Cambridge por Henrique Braga. Porto : Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1914.

6-6-6-31

Bem está o que bem acaba : Comédia em 5 actos. Tradução directa da edição de Collins por Henrique Braga. Porto : Livraria Lello & Irmão; Lisboa : Aillaud & Lellos, 1948.

5-40-2

A buen fin no hay mal principio : Trabajos de amor perdido. Buenos Aires : Espasa-Calpe Argentina, cop. 1946.

6-2-7-635

Canseiras de amor baldadas : Comédia em 5 actos. Tradução directa da edição de Collins por Henrique Braga. Porto : Livraria Lello & Irmão; Lisboa : Aillaud & Lellos, 1948.

5-40-2

A comédia dos equívocos : Comédia em 5 actos. Traduzida directamente do original inglês por Henrique Braga. Porto : Lello & Irmão, 1955.

5-42-33

Como lhe aprouver : Drama em 5 actos. Tradução de Henrique Braga. Porto : Lello & Irmão, 1955.

5-24-8

Conto de Inverno : Comédia-Drama em 5 actos. Traduzida directamente da edição de Collins, a mais conforme com a célebre "Cambridge Shakespeare" por Henrique Braga. Porto : Lello & Irmão, 1955.

5-41-32

Cymbeline : Drama romântico em 5 actos. Traduzido da edição de Collins por Henrique Braga. Porto : Lello & Irmão, 1955.

5-42-33

Os dois cavalheiros de Verona : Comédia. Tradução directa da edição de Collins por Henrique Braga. Porto : Livraria Chardron, Lello & Irmão, 1914.

7-38-31-94

El-rei Henrique IV : Drama em 5 actos. Traduzida directamente da edição de Collins, a mais conforme com a célebre "Cambridge Shakespeare" por Henrique Braga. Porto : Livraria Lello & Irmão; Lisboa : Aillaud & Lellos, [1950?].

5-44-3

El-rei João : King John : Tragédia em 5 actos. Traduzida directamente da edição de Collins, a mais conforme com a célebre "Cambridge Shakespeare" por Henrique Braga. Porto : Lello & Irmão, 1955.

5-42-33

Hamlet : Drama em cinco actos. Tradução portuguesa [por el-rei D. Luís.  
Lisboa : Imprensa Nacional, 1877.

7-42-12-22

Hamlet : Drama em cinco actos. Traduzido para português por D. Luis de  
Bragança. Porto : Lello & Irmão, 1956.

5-24-31

Hamlet : Publicado pela primeira vez em 1603 e definitivamente em 1604.  
Data da representação é incerta. Tradução de Domingos Ramos. Porto  
: Livraria Chardron, 1911.

6-1-12

Hamlet : Tragédia em 5 actos. Versão de Santos Quintella. 2ª ed. Porto :  
Escriptorio de Publicações de J. Ferreira dos Santos, 1913.

6-6-6-34

Henrique IV. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo : Editôra Cultura  
Popular, 1950.

5-43-32

Júlio César. Impresso pela primeira vez no in-folio de 1623, representado  
provavelmente entre 1600, 1603 ou 1607. Trad. de Domingos Ramos.  
Porto : Livraria Chardron, 1913.

7-36-30-50

Macbeth : tragedia de Guilherme Shakespeare. Adaptada ao theatro mo-  
derno por Julio Carcano. Rio de Janeiro : [s.n.], 1871.

5-3-1

Macbeth. Trad. e enc. de António Pedro. [Porto] : Edição do Círculo de  
Cultura Teatral, imp. 1956.

5-34-25

Medida por medida : Trágico comédia em 5 actos. Tradução de Henrique Braga. Porto : Lello & Irmão, 1955.

5-24-8

O mercador de Veneza. : Drama em cinco actos. Tradução livre. Lisboa : Imprensa Nacional, 1879.

R-36-42

O mercador de Veneza. Tradução por Bulhão Pato. Lisboa : [s.n.], 1881.

7-44-18-28.

O mercador de Veneza. Rio de Janeiro : Anuario do Brasil, [1921].

5-2-1

Muito barulho por nada : Comédia em 5 actos. Traduzida directamente da edição inglesa de Collins, da mais conforme com a célebre edição de Canterbury por Henrique Braga; revista por João Grave Porto : Livraria Chardron; Lisboa : Aillaud & Bertrand, 1926.

5-26-16

Obras completas de William Shakespeare : Estudio preliminar, traduccion y notas por Luis Astrana Marin. Primera version integra del ingles, única edicion completa en lengua castellana. 4ª ed. Madrid : M. Aguilar, 1941.

5-15-18-32

Oeuvres complètes de W. Shakespeare. Trad. François Victor Hugo. 2nd ed. Paris : Pagnerre, Libraire Éditeur, 1865-1866.

7-44-24-1/18

Othello. Impresso pela primeira vez em 1622, representado em 1604. Tradução de Domingos Ramos. Porto : Livraria Chardron, 1911.

7-36-34-51

Othello : Impresso pela primeira vez em 1862, representada em 1604. Trad. Domingos Ramos. 3ª ed. largamente emendada. Porto : Livraria Chardron, Lélo & Irmão, 1925.

6-1-12

Othello de Shakespeare. Tradution de F.V.-Hugo entièrement refondue par Christine et René Lalou ; mise en scène et commentaires de Constantin Stanislavski ; traduits du russe par Nina Gourfinkel ; préface de Pierre-Aimé Touchard. Paris : Éditions du Seul, cop. 1948.

820-2 Shakespeare

Othello ou O mouro de Veneza : tragédia em 5 actos. Tradução de José António de Freitas. Lisboa : Avelino Fernandes Editores, 1882.

V.T.-18-1-6

Péricles, Príncipe de Tiro : drama romântico. Traduzida directamente da edição inglesa de William Collins, a mais conforme com a célebre "Cambridge Shakespeare" e revisto por João Grave. Porto : Livraria Chardron, Lélo & Irmão, 1918.

820-2 Shakespeare SHA

The plays of William Shakspeare : in six volumes. London : printed for T. Longman, B. Law, C. Dilly ... [et al.], 1797. 6 vol.

1-4-6-354 / 1-4-6-359

O Rei Henrique V : Tragédia histórica em 5 actos. Tradução directa do inglês por Henrique Braga. Porto : Lello & Irmão, 1955.

5-42-33

O Rei Henrique VI : Terceira parte : Tragédia em 5 actos. Traduzida directamente da edição de Collins, a mais conforme com a célebre "Cambridge Shakespeare" por Henrique Braga. Porto : Lello & Irmão, 1955.

5-42-33

O Rei Henrique VIII : Tragédia em 5 actos. Tradução da edição Cassell por Henrique Braga. Porto : Lello & Irmão, 1955.

5-42-33

O Rei Lear. Tradução segundo o texto da edição inglesa The Arden Shakespeare de 1936. Introdução e notas de Manuel Vieira. [S.l.] : Editorial Saber, imp. 1943.

5-30-8

O Rei Ricardo III. Tradução directa do inglês por Henrique Braga. Porto : Lello & Irmão, 1955.

5-24-8

Ricardo III : Drama histórico em cinco actos. Lisboa : Imprensa Nacional, 1880.

7-42-12-1

Romeu e Julieta. Impresso pela primeira vez em 1597, data provável da representação 1596. Tradução de Domingos Ramos. Porto : Livraria Chardron, 1911.

6-1-12

Roméo et Juliette ; Hamlet. Traduction de François Victor Hugo ; entièrement revue et annotée par Christine et René Lalou. Paris : Éditions de Cluny, imp. 1939.

820-2 Shakespeare SHA

Romeu e Julieta. Tradução de Maria José Martins. Lisboa : Publicações Europa-América, imp. 1955.

5-49-11

The taming of the shrew. Introduction by Robert Atkins ; Designs by May Néama. [London] : The Folio Society, 1960.

RC-21-11

Tímon de Atenas : Tragédia. Tradução directa da edição de Collins por Henrique Braga. Porto : Livraria Chardron, de Lelo & Irmão, 1913.

6-6-6-32

Tito Andronico : Tragédia em 5 actos. Trad. de Henrique Braga. Porto : Lello & Irmão, 1955.

5-24-8

A tragédia de Julio César = The tragedy of Julius Caesar. Tradução em verso e prosa, conforme o original, introdução e anotações por Luíz Cardim. 2ª ed. rev. Lisboa : Papelaria Fernandes - Livraria, [S.d.].

5-42-9

Tróilo e Créssida : tragicomédia. Traduzida directamente da edição de Collins por Henrique Braga. Porto : Lello & Irmão, 1955.

5-24-8

Venus & Adonis. Designed and drawn by Peter Rudland. London : W. H. Allen, 1948.

5-22-13-87

Vida e morte d'el-rei Ricardo II : Tragédia. Traduzida directamente da edição inglesa de William Collins, a mais conforme com a célebre "Cambridge Shakespeare" por Henrique Braga. Porto : Livraria Chardron, 1915.

6-6-6-33

## **Bibliografia passiva**

ASOCIACION de Estudiantes de Arquitectura del Tecnológico de Monterrey. Los sonetos de Shakespeare. Monterrey : Sierra Madre, 1959.

IC-16-1-2-80

AVELAR, Mário, 1956-

O essencial sobre William Shakespeare. 1ª ed. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, imp. 2012.

6-46-14-120

BALLESTER ESCALAS, Rafael

El historiador William Shakespeare : (ensayo sobre el espíritu del siglo XVI).

Tarragona : Editorial R. Ballester, 1945.

820.06 Shakespeare BAL

BERTHELOT, René, 1872-

La sagesse de Shakespeare et de Goethe. 3ª ed. Paris : Librairie Gallimard-

Nouvelle Revue Française, 1930.

820.06 Shakespeare BER

BROWER, Reuben Arthur

Hero and saint : Shakespeare and the Graeco-Roman heroic tradition. Ox-

ford : Clarendon Press, 1971.

5-11-73-108

BRYSON, Bill, 1951-

Shakespeare. Trad. Vítor Antunes. Lisboa : Bertrand, 2008.

9-(1)-11-14-3

BRUNEL, Pierre

Claudel et Shakespeare. Paris : Librairie Armand Colin, 1971.

5-46-74-20

CARDIM, Luís, 1879-1958

Shakespeare e o drama inglês. Porto : Faculdade de Letras, 1931.

IC-18-2-5-49

CAZAMIAN, Louis François , 1877-1965

L'humour de Shakespeare. Paris : Aubier-Éditions Montaigne, imp. 1945.

820.06 Shakespeare CAZ

CECIL, David, 1902-1986

Antony and Cleopatra : the fourth W.P. Ker Memorial Lecture delivered

in the University of Glasgow, 4th May 1943. Glasgow : Jackson, 1944.

5-23-38

CHAMBERS, E. K., Sir

Sources for a biography of Shakespeare. Oxford : Clarendon Press, [imp. 1970].

5-39-59-17

COLÓQUIO sobre Shakespeare, Lisboa ; FLOR, João Almeida, ed. lit. - Colóquio sobre Shakespeare. Lisboa : F.C.G., Acarte, 1990.

6-8-22-13

COLÓQUIO Shakespeare Entre Nós, Lisboa ; SERÔDIO, Maria Helena, ed. lit. Shakespeare entre nós. 1ª ed. Lisboa : CEAUL : CET, 2009.

10-(1)-1-4-61

DANTAS, Júlio, 1876-1962

Rei Lear : Adaptação em 7 quadros e em verso da tragédia em 28 cenas e em prosa, de Shakespeare. 2. ed. Lisboa : Portugal – Brasil, [192-?].

5-3-26

DEELMAN, Christian

The great Shakespeare Jubilee. London : Michael Joseph, cop. 1964.

6-11-21-33

DEMBLON, Célestin, 1859-1924

Lord Rutland est Shakespeare : le plus grand des mystères dévoilé Shaxper de Stratford hors cause. Paris : Paul Ferdinando, 1913.

8-(2)-15-2-1

FALCONER, Alexander Frederick

Shakespeare and the sea. London : Constable, 1964.

6-11-13-9

FORJAZ, António Pereira, 1893-1972

Presença de Shakespeare : discurso... Lisboa : Academia das Ciências de Lisboa, 1964.

5-12-17-96

FOX, Levi

The Shakespeare anniversary book. Norwich : Jarrold and Sons, [1964?]  
7-69-8-24

FROST, David Leonard, 1939-

The school of Shakespeare : the influence of Shakespeare on English drama  
: 1600-42. Cambridge : University Press, 1968.  
6-11-21-8

GRILO, Monteiro

A modernidade de Shakespeare. Lisboa : Edições Brotéria, 1965.  
5-47-23-114

HALLIDAY, F. E.

The life of Shakespeare. London : Geral Duckworth, cop. 1961.  
6-11-13-23

HARRISON, G. B.

Shakespeare. London : Ernest Benn Lda, imp. 1938.  
7-77-5-19

HARTNOLL, Phyllis

Shakespeare in music. London [etc.] : Macmillan ; New York : St. Martin's  
Press, 1966.  
MI-1-5-39

HAWKINS, Harriett

The devil's party : critical counter-interpretations of Shakespearian drama.  
Oxford : Clarendon Press, 1985.  
5-22-38-43

HINMAN, Charlton.

The printing and proof-reading first folio of Shakespeare. Oxford : At the  
Clarendon Press, 1963.  
5-10 B-4-11

HOLLAND, Norman N. ; HOMAN, Sidney ; PARIS, Bernard J.  
Shakespeare's personality. Berkeley, [etc.] : University of California Press,  
1989.

7-61-7-37

INTERPRETATIONS of Shakespeare : British Academy Shakespeare Lectures.  
Select. by Kenneth Muir. Oxford : Clarendon Press, 1985.

5-22-38-10

JAY, Roni

Shakespeare. Trad. Luiza Mascarenhas. Mem Martins : Europa-América,  
imp. 2003.

6-48-2-28

JOSEPH, Miriam, Sister

"Hamlet", a Christian tragedy. Sep. de: *Studies in Philology*. 59 : 2 (Apr. 1962)  
119-140.

5-6-73-155

KNIGHT, George Wilson, 1897-

Shakespearian production : with especial reference to the tragedies. London  
: Routledge and Kegan Paul, [1968].

5-46-71-1

LAMB, Charles, 1775-1834 ; LAMB, Mary, 1764-1847

Tales from Shakespeare : selected for use in schools. New edition reset.  
London : G. Bell and Sons, 1918.

820-32 Lamb LAM

LOWERS, James K.

Hamlet [de] Shakespeare. Trad. Mário Matos. Mem Martins : Publicações  
Europa-América, D.L. 1991.

6-48-7-101

MOUTINHO, José Viale, 1945-

A história de William : a possível infância de Shakespeare. II. José Emídio.

1ª ed. Porto : Campo das Letras, 2005.

9-71-1-115

NOBLE, Richmond

Shakespeare's : use of song with the text of the principal songs. Oxford :

Clarendon Press, prt. 1967.

5-38-2

SCOTT-GILES, Charles

Wilfrid Shakespeare's heraldry. London : J. M. Dent and Sons Ltd., prt. 1950.

V.T.-8-1-15

SERÔDIO, Maria Helena

William Shakespeare : a sedução dos sentidos. 1ª ed. Lisboa : Cosmos, 1996.

6-49-7-4

SHOENBAUM, Samuel

Shakespeare's lives. New ed. Oxford : Clarendon Press, 1991.

7-63-9-36

SISSON, C. J.

Shakespeare. London : Published for the British Council, [1955].

7-40-2-105

SPENCER, T. J. B., 1915-1978

William Shakespeare : the roman plays. London : Published for the British

Council, 1963.

IC-18-4-4-31

SPURGEON, Caroline Frances Eleanor, 1869-1942

Keats's : Shakespeare : a descriptive study. Oxford : At the Clarendon Press,

prt. 1968.

5-20-21

STENDHAL, pseud.

Molière : Shakspeare : la comédie et le rire. Paris : Le Divan, 1930.

840.06 Molière STE

THALER, Alwin, 1981-

Shakespeare and Sir Philip Sidney : the influence of 'The Defense of Poesy'.

Cambridge, Mass. : Harvard University Press, 1947.

5-40-18

VIGLIONE, Anna G.

Shakespeare's Antony. Genova : Accademia Ligure di Scienze e Lettere, 1985.

7-49 A-6-21

WILLIAM Shakespeare. [Versão portuguesa de Ricardo Alberty]. [Lisboa] :

Editorial Verbo, cop. 1972.

5-58-33-11

WILLIAM Shakespeare : an exhibition of his work, with critical commentaries

thereon and translations of the plays in the Library of the University of

Coimbra. 12th- 17th May 1947. [S.l. : s.n.], 1947.

5-10 B-12-4-55

WINTER, Oswald, 1931-

Le Shakespeare na Europa. Trad. Isabel Veríssimo. Mem Martins : Europa-

-América, D.L. 2003.

6-46-1-81

(Página deixada propositadamente em branco)

## Mário de Sá-Carneiro (1890-1916)

### Sala do Catálogo, de 12 de setembro a 28 de outubro de 2016

CARNEIRO, Mário de Sá, 1890-1916

Céu em fogo: oito novelas. Lisboa : Livraria Brasileira Monteiro & Comp<sup>a</sup>., 1915.

RB-38-45

Princípio : novelas originais. Lisboa : Livraria Ferreira-Ferreira, 1912.

RB-6-13 A

A confissão de Lúcio : narrativa. Lisboa : Ed. do Autor, 1914.

869.0-31 Carneiro CAR

Dispersão : 12 poesias. [capa desenhada por José Pacheco]. Lisboa : Em casa do Autor, 1914.

RB-25-42

Indícios de ouro. Porto : Presença, 1937.

869.0-1 Carneiro CAR

Dispersão : doze poesias. 2<sup>a</sup> ed. Coimbra : Presença, 1939.

5-25-46-2

Zagoriansky. [Apresentação de Jorge de Sena]. Porto : [s.n.], imp. 1952.

RC-98-22

Cartas a Fernando Pessoa. Lisboa : Ática, imp. 1958. 2 vol.  
5-52-23-9/9 A

A grande sombra. Porto : Arte e Cultura, 1958.  
5-62-37-9

Mário de Sá Carneiro : poesia. [Apres.] por Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro : Agir Ed., 1958.  
5-66-23

Além : sonhos. Porto : Arte e cultura, 1961.  
5-32-2-25 A

Cartas de Mário de Sá Carneiro a Luis de Montalvor, Cândida Ramos, Alfredo Guisado, José Pacheco. Leitura, selecção e notas de Arnaldo Saraiva. Porto : Limiar, 1977.  
7 B-8-2-22

Obra poética de Mário de Sá-Carneiro. [Ed. lit.] Maria Estela Guedes. Lisboa : Presença, [cop. 1985].  
5-11-35-12

Poemas juvenis (1903-1908) : inéditos. Introd. e notas de François Castex. Porto : Centro de Estudos Pessoaanos, 1986.  
5-40-37-58

Cartas a Maria e outra correspondência inédita. Leitura, fixação e notas de François Castex, Marina Tavares Dias. Lisboa : Quimera Editores, D.L. 1992.  
5-53-7-45

Dispersão. Fot. André Gomes. Sintra : Colares, [D.L. 1993]  
6-23-41-6

Primeiros contos. Edição [de] Fernando Cabral Martins. Lisboa : Assírio & Alvim, 1998.  
6-35-38-8

Céu em fogo : oito novelas. Ed. Fernando Cabral Martins. Lisboa : Assírio & Alvim, D.L. 1999.

6-35-38-22

Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa. Ed. Manuela Parreira da Silva. Lisboa : Assírio & Alvim, 2001.

5-57-34-46

A estranha morte do Prof. Antena. Coimbra : Alma Azul, 2003.

8-(2)-21-16-22

Manucure : diários. Coimbra ; Castelo Branco : Alma Azul, 2005.

8-(2)-26-21-25

CABREIRA JÚNIOR, Tomás, 1891?-1911 ; CARNEIRO, Mário de Sá, 1890-1916  
Amizade : peça original em 3 actos. [1ª ed.]. Lisboa : Arnaldo Bordalo, 1912.

RB-34-50

PESSOA, Fernando, 1888-1935 ; CARNEIRO, Mário de Sá, 1890-1916

O mais belo livro português dos últimos trinta anos : 1884-1914. Porto :  
[s.n.], imp. 1951.

RC-98-21

### Colaboração em publicações periódicas

CARNEIRO, Mário de Sá, 1890-1916

Além: de Petrus Ivanovitch Zagoriansky (fragmento). *A Renascença*. Lisboa.  
1 (fev. 1914) 3-5.

10-11-7-7

A Batalha do Marne. *Ilustração Portuguesa*. Lisboa. 2 : 513 (20 dez. 1915)  
794-795.

10-1-21

Para os "Índícios de Oiro". *Orpheu*. Lisboa. 1 : 1 (jan./mar. 1915) [7]-17.

RB-29-30

Poemas sem suporte. *Orpheu*. Lisboa. 1 : 2 (abr./jun. 1915) [95]-107.  
RB-29-30

### Obras pertencentes a Mário de Sá Carneiro

CASTELO BRANCO, Camilo, 1825-1890

Duas horas de leitura. 4ª ed. Lisboa : Parceria António Maria Pereira, 1903.  
Pertenceu a Mário de Sá Carneiro. Assinatura autógrafa e data no rosto:  
"Mario de Sá Carneiro em 9-II-04.

RB-7-52

LA LANDELLE, Guillaume Joseph Gabriel, 1812-1886

A vingança do sargento : romance marítimo. Versão de M. Pinheiro Chagas.  
Lisboa : Empreza da Historia de Portugal, 1903. 4 pt. em 2 vol.

Assinatura autógrafa e data no rosto: "Mário de Sá Carneiro em 12-II-04".

RB-7-48 /49

CHÈZE, João

Selecta de autores franceses : prosa e poesia. Acompanhada de notas por  
A.-R. Gonçalves Vianna. Paris ; Lisboa : Guillard, Aillaud, 1897.

Pertenceu a Mário de Sá Carneiro. "Pertence a Mario de Sá Carneiro n. 121  
da 3ª turma do 4º anno". Carimbo com o nome e morada: Mario de Sa  
Carneiro T. do Carmo N. 1 2. D. Assinatura autógrafa de Mário de Sá  
Carneiro.

RB-7-50

FOULCHÉ-DELBOSC, Raymond, 1864-1929.

Grammatica franceza : ensino secundario official. A.-R. Gonçalves Vianna.

Paris ; Lisboa : Guillard, Aillaud & C.ª, Casa Editora e de Comissão, 1899.

Manual usado por Mário de Sá Carneiro em 1913. Pertenceu a Mário de Sá  
Carneiro. No verso do rosto nota ms.: "Este livro pertence a Mario de Sá  
Carneiro alumno nº .... da .... turma do 4º anno". Contém no verso da p.  
de antetitulo ms. a lápiz uma oitava do poema "Chanson de la Palisse"  
de Bernard de la Monnoye.

RB-7-55

LÍVIO, Tito, ca. 59 a.C.-17.

T. Livii Ab urbe condita libri I, II, XXI, XXII : in usum scholarum. Olisipone : Ex Typographia Nationali, 1899.

Pertenceu a Mário de Sá Carneiro. Pertence ms. na p. de antetítulo: "Este livro pertence a Mário de Sá Carneiro alumno nº 121 da 3ª turma do 4º ano". Carimbo com o nome e morada "Mario de Sa Carneiro. T. do Carmo N.º 1 2. D". - Assinatura autógrafa de Mario de Sá Carneiro em várias p. da obra. Nas p. 201 a 203 tradução interlinear do texto a lápiz negro e a tinta vermelha. Anotações, desenhos (caricatura) e poema de Mário de Sá Carneiro: Contém no reto da última folha e no reto da contracapa ms. a lápiz o esboço do poema "Quadras para a desconhecida".

RB-7-53

MOREIRA, João M.

Grammatica latina : ensino secundario official : 3ª, 4ª, 5ª, 6ª e 7ª classe. Braga : Livraria Académica, 1896.

Pertenceu a Mário de Sá Carneiro. Vários fólhos contêm a assinatura autógrafa de Mário de Sá Carneiro. Tem ms. na p. de antetítulo "Pertence a Mario de S. Carneiro alumno nº 121 da 3ª turma do 4º ano".

RB-7-51

ROUTLEDGE'S British spelling book : illustrated with three hundred engravings. London ; New York : George Routledge and Sons, [1865].

Pertenceu a Mário de Sá Carneiro. Na folha da guarda inicial uma nota manuscrita: "O 1º. Livro que se comprou para o Mario. 1895".

RB-7-54

## Bibliografia passiva

### Monografias

ABREU, Manuel Viegas, 1936-

Mário de Sá-Carneiro [Texto policopiado] : esboço de uma biografia interior. Coimbra : M.A.V. Abreu, 1961.

9-(1)-1-34-11

ABREU, Manuel Viegas, 1936-

Mário de Sá-Carneiro na Universidade de Coimbra : 1º centenário do nascimento de Mário de Sá Carneiro, 7º centenário da Universidade de Coimbra. Porto : Fundação Eng. António de Almeida, D.L. 1991.

5-53-10-8

BACARISSE, Pamela

A alma amortalhada : Mário de Sá-Carneiro's use of metaphor and image. London : Tamesis Books, 1984.

5-26-19-68

BASÍLIO, Rita, 1972-

Mário de Sá-Carneiro : um instante de suspensão. Lisboa : Vendaval, cop. 2003.

8-(2)-21-35-5

CARPINTEIRO, Maria da Graça

A novela poética de Mário de Sá Carneiro. Lisboa : Instituto de Alta Cultura, 1960.

5-52-44-51

CASTEX, François, 1928-

Un conte inédit de Mário de Sá-Carneiro : biographie ou autoportrait?. Coimbra : [s.n.], 1984 (Coimbra : Of. Coimbra Editora). Sep. de: *Revista da Universidade de Coimbra*. Coimbra. 31 (1984).

9-(11)-11-3-177

CASTEX, François, 1928-

Mário de Sá-Carneiro : Lisbonne 1890 - Paris 1916. Paris : Centre Culturel C. Gulbenkian, 1999.

9-(1)-2-7-9

CASTEX, François, 1928-

Le premier poème de Sá-Carneiro?. Lisbonne : Institut Français au Portugal, 1964.

Sep. de: *Bulletin des études portugaises*. 25 (1964).

5-12-17-165

CASTEX, François, 1928-

Três cartas inéditas de Mário de Sá-Carneiro. Sep. de: *Vértice*. Coimbra. 268 (1966).

5-68-44-127

COELHO, Joaquim Francisco, 1938-

Do Esfinge Gorda e suas esfinges. Sep. de: *Colóquio. Letras*. 117/118 (1990).

6-23-32-14

DE MARCHIS, Giorgio

O silêncio do Dândi e a morte da esfinge : edição crítico-genética de *Dispersão*. Trad. de Fátima Taborda. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

9-(1)-5-28-23

DIAS, Marina Tavares

Mário de Sá-Carneiro: Fotobiografia. Lisboa, Quimera, cop. 1988.

Col. Particular

FIGUEIREDO, João Pinto de, 1917-1984

A morte de Mário de Sá Carneiro. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1983.

6-44-1-65

GALHOZ, Maria Aliete, 1929-

Mário de Sá-Carneiro. Lisboa : Presença, 1963.

5-24-22-57

GARCEZ, Maria Helena Nery, 1943-

Trilhas em Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro : colectâneas de artigos e ensaios. 1ª ed. São Paulo : Moraes : Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

7 B-8-1-48

GOMES, Fátima Inácio

O imaginário sexual na obra de Mário de Sá-Carneiro. Apresent. Urbano Tavares Rodrigues ; [rev. Levi Condinho]. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

8-(2)-27-29-34

LANCASTRE, Maria José de, 1946-

O eu e o outro : para uma análise psicanalítica da obra de Mário de Sá-Carneiro. Lisboa : Quetzal, 1992.

6-23-38-87

LOUREIRO, Maria de la Salette da Costa

A cidade em autores do primeiro modernismo : Pessoa, Almada e Sá-Carneiro. 1ª ed. Lisboa : Editorial Estampa, 1996.

6-49-17-56

MACEDO, Vera Lúcia Viana de

Metáforas psicanalíticas na obra de Mário de Sá-Carneiro: Uma hermenêutica da morte em vida. Coimbra : F.L.U.C., 2011.

Tese de doutoramento em Literatura Portuguesa (Investigação e Ensino) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

9-(1)-12-39-24

MARTINHO, Fernando J. B., 1938-

Mário de Sá-Carneiro e o(s) outro(s). Lisboa : Hiena, 1990.

5-10-66-81

MARTINS, Fernando Cabral, 1950-

Mário de Sá-Carneiro e o modernismo [texto policopiado]. Lisboa : [s.n.], 1992.

Tese de doutoramento em Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

7-71-4-20

MARTINS, Fernando Cabral, 1950-

O modernismo em Mário de Sá-Carneiro. Lisboa : Estampa, 1997.

5-24-3-55

MONTEIRO, Adolfo Casais, 1908-1972.

Mário de Sá Carneiro. In: *Considerações pessoais*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1933, p. 109-150.

5-3-10

PORTUGAL. Biblioteca Nacional.

Mário de Sá Carneiro, 1890-1916. Lisboa : B.N., 1990.

5-10 B-4-7-41

POST, H. Houwens, 1904-1986.

Cinetism in the imagery of Mário de Sá-Carneiro's modernista poetry. Lisboa : Ocidente, 1973. Sep. de: *Ocidente*. Lisboa. 84 (1973) 161-168.

6-5-16-82

POST, H. Houwens, 1904-1986.

Mário de Sá-Carneiro (1890-1916) : precursor do Surrealismo Português. Lisboa : [s.n.], 1968. Sep. de: *Ocidente*. Lisboa. 74 (1968) 65-79.

5-33-37-251

QUADROS, António, 1923-1993.

O primeiro modernismo português : vanguarda e tradição. Mem Martins : Europa-América, cop. 1989.

6-44-22-244

REBELO, Luís Francisco, 1924-2011.

Uma peça inédita de Mário de Sá-Carneiro e um dramaturgo ignorado António Ponce de Leão. Lisboa : Academia das Ciências, 1977. Sep. de: *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de letras*. Lisboa. 18 (1977) 169-179.

5-33-69-18

REIS, Carlos ; LOURENÇO, Apolinário

História crítica da literatura portuguesa. [Lisboa] : Editorial Verbo, 2015.

(O Modernismo; vol. 8)

6-34-1

ROCHA, Clara

O essencial sobre Mário e Sá-Carneiro. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, imp. 1995.

6-46-15-8

SEMANA de Estudos Sá-Carneiro, Belo Horizonte, 1994.

80 anos de "Dispersão" e de "A confissão de Lúcio" : [semana de estudos

Sá-Carneiro : anais. Coord. Lélia Parreira Duarte]. Belo Horizonte : Centro de Estudos Portugueses da FALE, UFMG, 1994.

6-47-15-26

SEQUEIRA, Maria Antónia Cardoso de

Subsídios para um estudo caracteriológico de Mário de Sá Carneiro [Texto policopiado]. Coimbra : M.A.C. Sequeira, 1961.

9-(1)-1-36-70

TORIELLO, Fernanda

La ricerca infinita : omaggio a Mario de Sá Carneiro. Bari : Lusitania/Libri, cop. 1987.

7-63-8-18

VILA MAIOR, Dionísio, 1966-

O sujeito modernista : Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada

Negreiros e António Ferro : crise e superação do sujeito. Lisboa : Universidade Aberta, 2003.

8-(2)-20-2-1

WOLL, Dieter, 1933-

Realidade e idealidade na lírica de Sá-Carneiro. [Trad. directa do alemão por Maria Manuela Gouveia Delille]. Lisboa : Delfos, 1968.

7 B-6-3-61

WOLL, Dieter, 1933-

Wirklichkeit un idealität in der lyrik Mário de Sá-Carneiros. Bonn : Universität Bonn, 1960.

5-50-41-46

### Publicações periódicas

Número duplo de homenagem a Mário de Sá Carneiro – centenário do nascimento. *Colóquio. Letras*. Lisboa. 117-118 (set.-dez. 1990).

A-26-31

Figuras e factos [notícia do falecimento]. *Ilustração Portuguesa*. Lisboa. 2 : 533 (8 maio 1916) 562.

10-1-21

### Documentos do Arquivo da Universidade de Coimbra

Certidão de batismo redigida em Lisboa, em 27 de outubro de 1911, pelo ajudante do conservador do Registo Civil do Segundo Bairro de Lisboa. Este documento foi entregue quando efetuou a sua matrícula na Universidade, no 1.º ano de Direito, e tem a seguinte referência documental: Universidade de Coimbra (F); Certidões de idade (SR), cx. 20 (1901-1925) Cota AUC – IV-1.ªD-5-3-20

Petição de matrícula, no 1.º ano de Direito, redigida por Mário de Sá Carneiro, em 26 de outubro de 1911.

Esta petição está acompanhada pela certidão de conclusão do Curso Complementar de Letras, no Liceu Camões, em Lisboa, em 6 de julho de 1911. A certidão foi redigida na secretaria do Liceu, em 12 de setembro de 1911 e está autenticada com o selo branco do mesmo Liceu.

Referência documental:

Universidade de Coimbra (F); Petições de matrícula - Faculdade de Direito (SR); cx. 1.º ano 1911-1912

Cota AUC – IV-1.ªD – 10-5-30

Inscrição de Mário de Sá Carneiro no 1.º ano de Direito, em 31 de outubro de 1911, apresentando a sua assinatura, aposta nos selos fiscais de pagamento da inscrição em cada cadeira.

Referência documental:

Universidade de Coimbra (F); Livros de inscrições – Faculdade de Direito (SR); 1911-1915, fl. 30v

Cota AUC – IV-2.ªD-3-4-45

# Gravuras de Coimbra

**Biblioteca Joanina, de 26 de março a 15 de maio de 2015**

## Mapas e plantas

CHIQUET, Jacques, 1673?-1721

Le royaume de Portugal et partie d'Espagne tiré d'Alphonse de a Costa et de Ferdinand Teyxera Geographe Portuguais. Escala 1 : 2 400 000. A Paris : Jacques Chiquet, 1704. 1 mapa : gravura col. ; 40 x 50,8 cm.

Inv. 51

REILLY, Franz Johann Joseph von, 1766 – 1820

Die Landschaft Beira. Escala [ca 1:970 000]. [Wien : s.n., 1791]. 1 mapa : gravura p&b ; 22,4 x 24,8 cm.

Inv. 319

MAGNE, José Carlos, fl. 1779-179-?

Mappa topografico do Bispado de Coimbra com todas as vilas, parochias e lugares feito no anno de 1797. Escala 1:160 000. [s.l. : s.n.], 1797. 1 mapa : grav. color. ; 28,7 x 32,2 cm.

Inv. 744

COIMBRA

Coimbra. Escala 1:8000. [S.l. : s.n., 19--?]. 1 mapa : gravura col. ; 10,5 x 16,7 cm.

Inv. 1433

WAGNER, Heinrich, 1846-1921

Coimbra. Escala 1:9000. Leipzig : Wagner & Debes, [1908?]. 1 mapa : gravura col. ; 9,7 x 14,6 cm.

Inv. 357

## Gravuras

BRAUN, George, 1541-1622

Illustris civitatis Conimbriae in Lusitania ad flumen Illundam effigies. [Coloniae Agrippinae : Georgius Braunius, ca 1580]. 1 vista : gravura sobre cobre color. ; 28,5 x 45,7 cm.

Inv. 745

MEISNER, Daniel, 1585?-1625

Conimbria : meÿd nÄuhr die that, Lügen findt Raht. [Nuremberg : Paul Fürst, 1638]. 1 vista : gravura p&b ; 9,7 x 14,6 cm.

Inv. 783

VALCKENIER, Gillis Jansz, 1655-1664

Conimbriae. Amstelodami : apud Aegidium IanSonium Valckenier, 1656. 1 vista : gravura p&b ; 10,9 x 13,1 cm.

Inv. 957

AA, Pieter van der, 1659-1733

Vue de la Ville de Coimbre. Leiden : [s.n., 1707]. 1 vista : gravura p&b ; 12,3 x 15,7 cm.

Inv. 782

VISTA PANORÂMICA DE COIMBRA

Vista panorâmica de Coimbra. [S.l. : s.n., 180-?]. 1 desenho : color. ; 19,7 x 31,9 cm.

Ms. 3497

GOODALL, Edward, 1794-1870

Coimbra in Portugal. [S.l. : s.n., ca. 1830]. 1 vista : gravura color. ; 10 x 15,3 cm.

Inv. 956

CARTER, James, 1798-1855

Sé Velha, or Old Cathedral Coimbra. Londres : Robert Jennings, 1838. 1  
vista : gravura color. ; 14,1 x 9,9 cm.

Inv. 777

VIVIAN, George, 1798-1873

Coimbra : from the East. London : [s.n.], 1839. 1 vista : gravura color. ; 28,2  
x 41,9 cm.

Inv. 834

VIVIAN, George, 1798-1873

Coimbra : looking over the gardens of Santa Cruz. London : [s.n.], 1839. 1  
vista : gravura color. ; 27,5 x 38 cm.

Inv. 835

VIVIAN, George, 1798-1873

Coimbra. London : [s.n.], 1839. 1 vista : gravura color. ; 25,7 x 39,8 cm.

Inv. 836

CIDADE DE COIMBRA

Cidade de Coimbra. 1 vista : gravura p&b ; 22,8 x 33 cm.

Extraído de: "A Ilustração Luso-Brazileira". Lisboa. Vol. 3, nº 12 (26 mar.  
1859), p. 93.

Inv. 794

CIDADE DE COIMBRA

Cidade de Coimbra. 1 vista : gravura p&b ; 23 x 32,8 cm.

Extraído de: "A Ilustração Luso-Brazileira". Lisboa. Vol. 3, nº 13 (2 abr. 1859),  
p. 101.

Inv. 795

VISTA DO EDIFÍCIO DE SANTA CRUZ

Vista do edifício de Santa Cruz em Coimbra. 1 vista : gravura p&b ; 14,5 x 20 cm.

Extraído de: "A Ilustração Luso-Brazileira". Lisboa. Vol. 3, nº 43 (29 out.  
1859), p. 341.

Inv. 964

## OBSERVATÓRIO DE COIMBRA

Observatório de Coimbra. 1 vista : gravura p&b ; 14,7 x 23,5 cm.

Extraído de: *A Ilustração Luso-Brasileira*. Lisboa. 3 : 14 (9 abr. 1859) 108.

Inv. 965

## COIMBRA

Coimbra. [Paris : Librairie Hachette, 1876?]. 1 vista : gravura color. ; 11,3 x 12,7 cm.

Inv. 1275

## COIMBRA

Coimbra. In: Reclus, Élisée – *Nouvelle Géographie Universelle: La terre et les homes*. Paris : Librairie Hachette, 1876. 1 vista : gravura p&b ; 13 x 19 cm.

7-73-12

## HENRIQUES, Pinho

Cidade de Coimbra. Lisboa : Guimarães Libânio & Comp. Editores, [19--?].

1 vista : gravura color. ; 30 x 40,4 cm.

Inv. 654

### Gravuras incluídas em livros e em publicações periódicas

CONIMBRIAE. [S. l. : s.n., s.d.]. 1 vista : gravura p&b. In: ZEILLER, Martin – *Hispaniae et lusitaniae itinerarium, nova et accurata descriptione, iconibusque novis et elegantibus loca earundem praecipua illustrans*. Amstelodami : apud Aegidium Janssonium Valckenier, 1656.

1-6-9-65

A VIEW of city and university of Coimbra. [S. l. : s.n., s.d.]. 1 vista : gravura p&b. In: MURPHY, James – *A general view of the state of Portugal ...*. London : T. Cadell Junior : W. Davies, 1798.

V.T.-6-8-8

COIMBRA. [S. l. : s.n., s.d.]. 1 vista : gravura p&b. In: HARRISON, W. H. – *The tourist in Portugal. Illustrated from painting by James Holland*. London : Robert Jennings, 1839.

RB-2-8

THE UNIVERSITY OF COIMBRA. [S. l. : s.n., s.d.]. 1 vista : gravura p&b. In: KINSEY, William Morgan – Portugal illustrated : in a series of letters. London : Trenttel, Wurtz, and Richter, 1828.

V.T.-1-7-20

VISTA DE COIMBRA. 1 vista : gravura p&b. *O Panorama*. Lisboa : Na Typographia da Sociedade, 1838.

9-(3)-10-1

CIDADE DE COIMBRA. 1 vista : gravura p&b. *Universo Pittoresco*. Lisboa : Na Imprensa Nacional, 1839-1844.

9-(3)-20-1

SÉ VELHA DE COIMBRA. 1 vista : gravura p&b. *Universo Pittoresco*. Lisboa : Na Imprensa Nacional, 1839-1844.

9-(3)-20-1

CIDADE DE COIMBRA. 1 vista : gravura p&b. *A ilustração Luso-Brazileira*. Lisboa : Typographia de A.J.F.Lopes, 1856-1859. Vol. 3.

1-5-24-13

COIMBRA. 1 vista : gravura p&b. *Archivo Pittoresco*. Lisboa : Typ. de Castro & Irmão, 1857-1868.

9-(3)-2-2

COIMBRA VISTA do lado da ponte. 1 vista : gravura p&b. *Almanak de Coimbra para 1858*. Coimbra : Typ. de J. T. A. Pacheco, 1857.

9-(3)-20-46

EDIFÍCIO DA UNIVERSIDADE de Coimbra. 1 vista : gravura p&b. *Almanak de Coimbra para 1859*. Coimbra : Typ. de J. T. A. Pacheco, 1858.

9-(3)-20-46

[VISTA DE COIMBRA]. 1 vista : gravura p&b. *Literatura Ilustrada*. Coimbra : Imprensa Literaria, 1860.

10-9-7

COIMBRA. 1 vista : gravura p&b. *Ilustração Popular*. Lisboa : [s.n.], 1866.  
9-(3)-2-4

IGREJA DE STa. JUSTA. 1 vista : gravura p&b. *O Zephyro*. Coimbra : [s.n.], 1872.  
RP-8-10

COIMBRE: vue générale. 1 vista : gravura p&b. In: RECLUS, Élisée - Nouvelle  
Géographie Universelle : La terre et les hommes. Paris : Hachette, 1876.  
7-73-12

PARTE PRINCIPAL da vista de Coimbra. 1 vista : gravura p&b. *Almanach  
auxiliar para 1897*. Coimbra : Typ. Auxiliar d' Escripatorio, 1897.  
8-126-22

BALDI, Pier Maria - [Vista da cidade de Coimbra]. 1 vista : gravura p&b.  
In: MAGALOTTI, Lorenzo – Viaje de Cosme de Médicis por España y  
Portugal : 1668-1669. Ed. y notas por Angel Sanchez Rivero y Angela  
Mariutti de Sanchez Rivero ; [aguarelas de Pier Maria Baldi]. Madrid :  
Junta para Ampliacion de Estudios e Investigaciones Científicas, Centro  
de Estudios Históricos, [1933?].  
V.T.-10-4-10

CIDADE DE COIMBRA. 1 vista : gravura p&b. In: DENIS, M. Ferdinand – Por-  
tugal pitoresco ou Descrição histórica deste Reino. Lisboa : Typ. de L.  
C. da Cunha, 1946-1948.  
7-42-14-40

COIMBRA : PONTE de Ferro sobre o Mondego. 1 vista : gravura p&b. *O  
Occidente*. Lisboa : [s.n.], 1878-1915.  
9-(3)-26-1

## 400 anos da morte de Miguel de Cervantes (1547-1616)

**Biblioteca Joanina, de 5 de abril a 31 de maio de 2016**

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de, 1547-1616

Novela famosa, y entretenida, Rinconete y Cortadillo. Sevilha : Imprenta Castellana y Latina de Joseph Antonio de Hermosilla, [16--?].

V.T.-15-7-36 (1)

Novelas exemplares de Miguel de Ceruantes Saauedra ... Em Lisboa : Por Antonio Alvarez, 1617.

V.T.-15-6-34

Los Trabajos de Persiles y Sigismunda : Historia setentrional. Em Lisboa : Por Jorge Rodriguez, 1617.

V.T.-15-7-5

La discreta Galatea. Diuidida em seys libros. Lisboa : Por Antonio Alvarez, 1618.

R-24-22

Novelas exemplares... Madrid : Iuan de San Vicente, 1664.

R-71-27

Novelas exemplares de Miguel de Cervantes, anadido un índice de libros de novelas, patranas, cuentos, historias, y casos tragicos, y de otros

entretenimientos para divertir la ociosidade, hecho por un curioso. En Madrid : a costa de D. Pedro Joseph Alonso Y Padilla, 1732.

4-4-19-10

Vida y hechos del ingenioso hidalgo Don Quixote de la mancha. Haia : P. Gosse : A. Moetjens, 1744. 4 vol.

R-14-30/33

Vida, y hechos del ingenioso cavallero Don Quixote de la Mancha. Nueva ediccion, corregida, ilustrada y añadida con quarenta y quatro laminas muy apropiadas à la materia. En Madrid : A costa de Don Pedro Alonso y Padilla, 1750. 2 vol.

J.F.-51-4-21/22

Histoire de l'admirable Don Quichote de la Manche, en VI volumes. Nouvelle édition, revue, corrigée et augmentée. A La Haye : et se vend chez Bassomperre, Pere et Van Den Berghen, 1773. 6 vol.

1-17-13-79/84

El ingenioso hidalgo Don Quixote de la Mancha. Nueva ed. corregida / por la Real Academia Española. Madrid : Joachim Ibarra, 1780. 4 vol.

R-54-32/35

Novelas exemplares. Nueva impresion corregida y adornada con laminas. En Madrid : por Don Antonio de Sancha : Se hallará en su Libreria en la Aduana Vieja, 1783. 2 vol.

1-4-11-221/222

Los seis libros de Galatea. Dividida en dos tomos. Corregida e ilustrada con laminas finas. En Madrid : por Don Antonio de Sancha : Se hallará en su librería, en la Aduana Vieja, 1784. 2 vol.

1-4-11-217

Viage al Parnaso. Publicanse ahora de nuevo una tragedia y una comedia ineditas del mismo Cervantes, aquella intitulada La Numancia, esta El

trato de Argel. En Madrid : por Don Antonio de Sancha : Se hallará en su Librería, en la Aduana Vieja, 1784.

1-4-11-223

Historia do amante liberal : ofrecida a illustrissima ... Senhora ... Lisboa : Na Offic. de Antonio Gomes, 1788.

5-(4)-1-13-9

Trabajos de Persiles y Sigismunda : historia setentrional. Madrid : en la imprenta de Sancha : Se hallará en su Librería, calle del Lobo, 1802.

1-4-11-219/220

Vida y hechos del ingenioso caballero Don Quijote de La Mancha. Nueva ed, repartida en quatro tomos. Madrid : Viuda de Barco López, 1808. [4] t.

9-(5)-3-3-51

O Engenhoso fidalgo D. Quichote de la Mancha. Tradução do Visconde de Benalcanfor .... Auxiliado para mais fácil interpretação do texto por D. Luís Breton Y Vedra; Desenhos de Manuel de Macedo; Gravuras de D. José Severini. Lisboa: Francisco Arthur da Silva, 1877-78. 2 vol.

1-(24)-31-1506/1507

El ingenioso hidalgo Don Quixote de la Mancha. Ed. facsimilada. [Nova York] : The Hispanic Society of America, [19--].

5-21-4

As melhores aventuras de Don Quixote de la Mancha. Edição popular e coordenada da célebre obra hespanhola. Lisboa; Porto : Empreza Literária Universal, 1918.

7-36-31-31

Don Kichote de la Mantzscha, das ist : Juncker Harnisch auss Fleckenland, auss hispanischer Spraach in hochteusche ubersetzt. Hamburg : Friederichsen de Gruyter, 1928.

5-11-52-20

El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha. Adornada con 356 grabados de Gustavo Doré ; enteramente comentada por Clemencín ; y precedida de un estudio crítico de Luis Astrana Marín ; más un índice resumen de los ilustradores y comentadores del Quijote por Justo García Morales. Ed. IV centenario. Madrid ; Ediciones Castilla, [1947?].

9-(4)-8-12-21

El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha. Nueva ed. crítica ... dispuestas por Francisco Rodriguez Marín. Madrid : Ediciones Atlas, 1947  
860-31 Cervantes CER

O engenheiro fidalgo de Dom Quixote de la Mancha. Tradutores Viscondes de Castilho e de Azevedo; Com desenhos de Gustavo Doré; Gravados por H. Pisan. Porto : Lello & Irmão, 1962.

5-54-42-92

O velho ciumento. Versão livre de Tomás Ribas. Capa de Homero Amaro. [Lisboa] : Publ. Dom Quixote, 1965.

5-12-22-49

Entremeses. Edición introducción y notas de Eugenio Asensio. Madrid : Editorial Castalia, D. L. 1971.

9-(4)-8-1-38

O engenheiro fidalgo Dom Quixote da Mancha. Tradução de Daniel Augusto Gonçalves. [Lisboa] : Livraria Civilização Editora, 1978.

6-42-29-5

A espanhola inglesa. Pref., introd., notas Guilherme G. de Oliveira Santos. Lisboa : [Ed. de Guilherme G. de Oliveira Santos], 1993.

Reprodução da 1ª tradução portuguesa.

5-43-54-77

Dom Quixote de la Mancha. Rev. de Clara Boléo ; trad. e notas Miguel Serras Pereira ; textos introd. Maria Fernanda de Abreu ... [et al] ; ilustrações Salvador Dalí. 1ª ed. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 2005.

RC-65-29

Dom Quixote de La Mancha. Imagens Júlio Pomar ; design Henrique Cayatte ; trad. Miguel Serras Pereira. 1ª ed. Lisboa : Expresso, 2005. 10 vol.

8-(2)-27-43-14

Dom Quixote de la Mancha. Tradução e notas Miguel Serras Pereira ; texto introdutório Maria Fernanda de Abreu. 1ª ed. Alfragide : D. Quixote, 2015.

10-(1)-19-39-1

### **Bibliografia passiva**

ABREU, Maria Fernanda de

Românticos portugueses por caminhos de Dom Quixote : Garrett e Camilo : Cavaleiros andantes, manuscritos encontrados e gargalhadas moralíssimas. Lisboa : [s.n.], 1992.

7-71-5-9

ALBADEJO MARTÍNEZ, Juan Antonio [et al.]

Don Quijote en su periplo universal : aspectos de la recepción internacional de la novela cervantina. Cuenca : Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2011.

6-(1)-7-3-15

APRAIZ Y SÁENZ DEL BURGO, Julián de

Juicio de "La Tía Fingida" ... : bibliografía razonada de la misma y elenco de voces y frases que hay en ella ... Madrid : Imprenta de los Sucesores de Hernando, 1906.

860.06 Cervantes APR

AZAÑA, Manuel

La invención del "Quijote" y otros ensayos. Bilbao; Madrid; Barcelona : Espasa-Calpe, cop. 1934.

860.06 AZA

BICKERMANN, Joseph

Don Quijote y Fausto : los heroes y las obras. Con prologo del P. Félix García. 1ª ed. española. Barcelona : Editorial Araluce, 1932.

860.06 Cervantes BIC

CALDAS, Pereira, 1818-1903.

Paralelo entre Camões e Cervantes ... Braga : Typographia Camões, 1886.

869.0.06 Camões Cal

CARDOSO JÚNIOR, F. J.

As aventuras de D. Quixote : contadas às crianças. Ilustrações de Laura Costa. Porto : Lello & Irmão Editores, 1974.

6-40-16-44

CASALDUERO, Joaquín

Sentido y forma del Quijote : (1605-1615). [Madrid] : Ediciones Insula, 1949.

860.06 Cervantes CAS

CASTRO, Américo

Cervantès. Paris : Les Éditions Rieder, imp. 1931.

92 (Cervantes) CAS

FERNANDEZ DE AVELLANEDA, Alonso.

Segunda parte de El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha. Barcelona : Biblioteca "Pluma y Lapiz", 1902.

860-31 Fernandez FER

GIVANEL MAS, Juan; Gaziel

Historia gráfica de Cervantes y del Quijote. Madrid : Editorial Plus-Ultra, 1946.

5-20-16

HATZFELD, Helmut.

El "Quijote" como obra de arte del lenguaje. Traducción de M. C. de I. Madrid : Patronato del IV Centenario del Nacimiento de Cervantes, 1949.  
860.06 Cervantes HAT

KRAUSS, Werner

Miguel de Cervantes: Leben und werk. Berlin West : Luchterund, cop. 1966.  
IC-18-1-7-98

LAFUENTE FERRARI, Enrique

La novella exemplar de los retratos de Cervantes. Madrid : Editorial Dossat, 1948.

7.041.5 Cervantes LAF

MADARIAGA, Salvador de

Guía del lector del "Quijote" : ensayo psicológico sobre el "Quijote". 2ª ed. Buenos Aires : Editorial Sudamericana, 1943.

860.06 Cervantes MAD

MAEZTU, Ramiro de

Don Quijote, Don Juan y La Celestina : Ensayos en simpatia. 2ª ed. Madrid : Espasa-Calpe, 1939.

860.06 MAE

MALPIQUE, Cruz

Cervantes, cidadão do mundo. Porto : Livraria Divulgação, 1964.

5-14-22-58

MENÉNDEZ Y PELAYO, Marcelino

San Isidoro, Cervantes y otros estudios. Madrid : Espasa-Calpe, imp. 1941.

860.06 MEN

MIGUEL de Cervantes. [Versão portuguesa de Virgílio Godinho]. [Lisboa] :

Editorial Verbo, cop. 1972.

5-58-33-9

MILLÉ Y GIMÉNEZ, Juan.

Sobre la génesis del Quijote ... 1ª ed. Barcelona : Casa Editorial Araluce, imp. 1930.

860.06 Cervantes MIL

MÜLLER, Adolfo Simões, 1909-1989.

O fidalgo engenhoso : história de Cervantes e do "D. Quixote". Ilustrações de Luís Osório 2ª ed. Porto : Livraria Tavares Martins, 1969.

5-62-9

PEIXOTO, Jorge

Bibliografia das edições e traduções do D. Quixote publicadas em Portugal.

Lisboa : Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, 1961.

Sep. de: *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*. Lisboa. 2 : 4 (1961) 597-622.

9-(6)-2-237

RILEY, Edward Calverley.

Cervantes's theory of the novel. Oxford : Clarendon Press, [1968]

5-39-56-90

RIQUER, Martín de

Aproximación al Quijote. Prólogo de Dámaso Alonso. [S.l.] : Salvat Editores, 1970.

6-47-3-77

ROSALES, Luis.

Cervantes y la libertad. Madrid : Ediciones Cultura Hispanica, Instituto de Cooperacion Iberoamericana, D.L. 1985.

7-63-15-6

SILVA, Luís de Oliveira e

Os Lusíadas e El Quijote : identidade e metamorfose. 1ª ed. Lisboa : Chiado Editora, 2014.

10-(1)-17-35-33

TORIBIO MEDINA, José

Cervantes en Portugal. Santiago do Chile : Editorial Nascimento, 1926.

IC-18-3-5-37

UNAMUNO, Miguel de

Vida de Don Quijote y Sancho : según Miguel de Cervantes Saavedra /  
explicada y comentada por Miguel de Unamuno. 6ª ed. Buenos Aires;

México : Espasa-Calpe Argentina, 1945.

860.06 Cervantes UNA

(Página deixada propositadamente em branco)

# A Conimbriga Urbe ad Orbem De Coimbra para o Mundo

**Biblioteca Joanina, 7 de julho a 30 de outubro de 2016**

Em 1540, chegaram a Portugal os primeiros padres da Companhia de Jesus. A sua vinda correspondia a um pedido que o rei D. João III fez a Inácio de Loyola no sentido de este lhe enviar sacerdotes para a missão da Índia. O grupo era constituído pelo italiano Paulo Camerte (*Micer Paulo*), pelo navarro Francisco Xavier e pelo português Simão Rodrigues. Este permaneceu no Reino, lançando as bases da Província portuguesa da Ordem, enquanto Paulo e Xavier partiram para o Oriente.

Em 1542, a Companhia criou um Colégio em Coimbra, o primeiro de uma rede de instituições semelhantes, que cobriram todo o mundo. O Colégio ficou vocacionado para a formação de missionários, como convinha a Portugal, que tinha obtido da Santa Sé o direito exclusivo da organização e financiamento de todas as atividades religiosas nos domínios e terras descobertas pela Coroa, o chamado *Padroado Português do Oriente*.

Nesta mostra, lembramos alguns dos milhares de Irmãos e Padres que, formados, ou apenas tendo passado por Coimbra, daqui se espalharam por todo o mundo. O Colégio de Coimbra foi um ponto de irradiação de “Cultura, Ciência e Culto” para fora da Europa.

## Índia

Mal chegou à Índia, Francisco Xavier fundou um colégio para alunos externos (1543). O principal colégio jesuíta na Índia, Colégio de S. Paulo, anexo ao Seminário da Santa Fé de Goa, foi fundado só em 1548. Segundo o padre Simão Rodrigues, este *“debía transformar-se en un segundo Coimbra, en una universidad de la Orden para filosofía e teología”*.

Na Índia, os jesuítas criaram a Província do Norte, Goa, e a do Sul, Malabar. Depois de 1526, tinha crescido, ao norte da Índia, o Império muçulmano dos Akbhar, relativamente tolerante às diversas religiões. Os jesuítas puderam também instalar-se em Agra, então a capital deste Império Mogol.

São **Francisco Xavier**, 1506-1552

Apesar da naturalidade espanhola, trabalhou sob a autoridade do *Padroado* e foi em português que foi escrita esta primeira biografia do “Apóstolo das Índias”, ainda não canonizado nesta data.

João de Lucena, 1550-1600

*Historia da vida do Padre Francisco de Xavier e do que fizeram na India os mais religiosos da Companhia de Jesu*. Em Lisboa : per Pedro Crasbeek, 1600.

BGUC RB-37-9

**Jasper Bartzoen**, 1515-1553

O holandês Barzeus foi reitor do Colégio de S. Paulo de Goa, onde privilegiava alunos indianos e onde introduziu o estudo e a prática da música ocidental.

Giovanni Pietro Maffei, 1533-1603, S.J.

*Historiarvm Indicarvm libri XVI : Selectarvm item ex India epistolarum...*

Florentiae : apud Philippum Junctam, 1588.

BGUC S.P.-Z-14-3

Protomártir **Antonio Criminale**, 1520-1549

Nascido em Parma e ordenado em Coimbra, foi Superior das missões da Costa das Pescarias e o primeiro mártir da Índia.

Daniello Bartoli, 1608-1685

*Dell' Historia della compagnia di Giesv L'Asia.*

In Roma : nella stamperia d'Ignatio de' Lazzeri, 1653.

BGUC 1-11-11-307

Beato **António Francisco**, 1553-1583

Ao que chamaram os católicos "martírio de Salsete", chamaram os indianos "revolta de Cuncolim". Foi considerada a primeira ação de resistência indiana à dominação portuguesa, no século XVI e nela foi morto António Francisco, de Coimbra, com 4 companheiros.

Daniello Bartoli, 1608-1685

*Missione al Gran Mogor del Padre Ridolfo [sic] Aquaviva della Compagnia de Giesu : sua vita e morte, e d'altri quattro compagni uccisi in odio della Fede in Salsete di Goa.*

Roma : Dalla Stamperia di Gio. Maria Salvioni, 1714.

BGUC R-74-37

Mártir **Vicente Álvares**, 1579-1606

Tinha começado os seus estudos em Coimbra, mas viria a cursar Artes no Colégio de S. Paulo de Goa. Foi Professor de Gramática em Baçaim e martirizado, aos 27 anos.

Bartolomeu Guerreiro, 1564-1642

*Gloriosa coroa d'esforçados religiosos da Companhia de Iesu mortos polla fe catholica...*

Em Lisboa : por Antonio Alvarez, 1642.

BGUC R-40-8

São **João de Brito** (*Arul Anandar*), 1647-1693

Depois de ter feito o Noviciado em Lisboa, onde nasceu, e de ter estudado em Évora, veio completar Filosofia em Coimbra, onde lhe nasceu a vocação missionária, que cumpriu no Madurai, até ao martírio.

Jean Marie Prat, 1809-1891

*Historia de la vida y martirio del beato Juan de Britto ... muerto en odio de la fe en el reino de Marava, escrito en francés.*

Madrid : Imprenta, Fundaci y Librería de D. Eusebio Aguado, 1854.

BGUC 7-40-2-115

**Manuel de Figueiredo**, 1688- ?

Partiu de Coimbra para o Mogor, onde foi muitos anos reitor de Agra e Procurador da Província de Goa, de 1756 até à expulsão dos jesuítas, em 1759. Publicou alguns sermões, em Lisboa.

Manuel de Figueiredo, 1688- ?, S.J.

*Sermam de acçam de graças pela victoria q. alcançou o ... vice-rey e capitam general da India do Bonsulo, inimigo do estado, em 5 de mayo de 1746.*

Lisboa : off. de Francisco da Silva, 1747.

BGUC Misc. 270, N° 4491

**Manuel de Sá**, 1658-1728

Deu apoio aos Vice-reis em sensíveis matérias diplomáticas, na Índia e no Ceilão. Foi nomeado correspondente da Academia Real de História Portuguesa, logo que esta foi criada (1720).

Manuel Caetano de Sousa, 1658-1734

Elogio funebre do ... Padre Manoel de Sá, da Companhia de Jesu...

“Collecçam dos documentos, estatutos, e memorias da Academia Real da Historia Portuguesa”. Lisboa, Vol. XIII (1728), Num. XIII.

BGUC S.P.-Ab-7-9

## Cochinchina

Desde o século XVI que os portugueses frequentavam o território que chamaram Cochinchina, constituído pelo Vietname, Camboja, Sião (atual Tailândia) e Pegú (atual Myanmar).

Por lá peregrinou Fernão Mendes Pinto e ali naufragou Luís de Camões. Mas a missionaçãõ jesuíta da regiãõ só começõu em 1615 com a criaçãõ das missões do Cambodja e do Tonquim (norte do atual Vietname), a partir dos recursos desviados da perseguida missãõ do Japãõ pelo Visitador André Palmeiro.

Beato **Diogo Carvalho**, 1578-1624

Porque tinha estado no Japãõ e conhecia bem a língua, este conimbricense foi um dos primeiros jesuítas enviados à Cochinchina para assistir aos cristãõs nipõnicos que aí se tinham refugiado.

Manuel Ferreira, 1630-1699, S.J.

*Noticias summarias das perseguições da missam de Cochinchina, principiada, & continuada pelos padres da Companhia de Jesu.*

Em Lisboa : na Officina de Miguel Manescal, impressor do Santo Officio : impresso à sua custa, 1700.

BGUC V.T.-8-1-8

**Francisco de Pina**, 1585?-1625

Ofuscado pelo seu aluno Alexandre de Rhodes, foi ele o iniciador da romanizaçãõ da língua vietnamita, como recentemente estabeleceu, em sólidas bases documentais e filológicas, Jacques Roland.

Alexandre de Rhodes, 1591-1660, S.J.

*Tvnchinensis historiae... altero mirables evangelicae predicationis progressus referentur...*

Lugduni : Ioan. Bapt. Devenet, 1652.

BGUC 1-(1)-11-4

**Christoforo Borri, 1583-1632**

Matemático milanês, foi para o Vietname, onde missionou cinco anos e fez observações dos cometas de 1618. Regressado à Europa, voltou a ensinar, em Coimbra (1626/1627) e em Lisboa (1627/1628). Introduziu em Portugal o sistema ticónico.

Cristoforo Borri, 1583-1632

*Collecta astronomica, ex doctrina P. Christophori Borri, Mediolanensis, ex Societate Iesu. De tribus caelis, Aereo, Sydereo, Empyreo. Iussu, et studio...*

Ulyssipone : apud Matthiam Rodrigues, 1631 (Em Lisboa : por Matias Rodrigues, 1629).

BGUC RB-34-10

**João de Loureiro, 1710?-1791**

João de Loureiro, botânico e matemático atuando como médico no Vietname, fez estes registos astronómicos entre 1758 e 1774, à latitude de 16° 30' N (Hué).

João de Loureiro, S.J., 1710?-1791

Observationes astronomicae.

“Memorias de Mathematica e Physica da Acad. das Sciencias de Lisboa”. Lisboa, t. 3, 2ª parte (1814), p. 1-6.

BGUC A-29-31

**China e Tibete**

O número de jesuítas na China nunca terá sido tão grande como na Índia ou no Malabar, mas a sua qualidade foi certamente superior. Eram escolhidos pelas suas capacidades científicas e praticamente todos eles passaram por Coimbra.

O Padroado Português protegeu de alguma forma a penetração dos jesuítas na China, via Macau, percebendo que a abordagem da Companhia, usando o passaporte da ciência e da tecnologia ocidentais, garantia acesso ao Imperador e às classes dirigentes chinesas

e funcionava como proteção às Missões instaladas no restante território chinês.

Esta solução funcionou bem até que outras Ordens e outros países, que ambicionavam um acesso direto à China, intrigaram para que o Papa condenasse a *accommodatio* e a *imitatio* jesuítas, suscitando a chamada *Questão dos Ritos*.

**Matteo Ricci** (*Li Madou*), 1552-1610

É o mais famoso dos missionários europeus na China, onde recebeu o título honorífico de “Grande Sábio Ocidental” (*Taixī Dà Rú*), pelos seus conhecimentos matemáticos e astronómicos, pela sua prodigiosa memória e pela sua habilidade artística.

Matteo Ricci, 1552-1610, S.J.

*De christiana expeditione apud Sinas suscepta ab Societate Iesu ... libri V ...*  
Lugduni : sumptibus Horatii Cardon : [ex typographeio Ioannis Iullieron],  
1616.

BGUC 1-8-3-206

**António de Gouveia** (*He Dahua*), 1592?-1677

Na qualidade de vice-provincial da China, Gouveia esteve preso seis anos em Cantão (1665-1671). Quando foi libertado, compilou esta *Innocentia victrix*, impressa na China.

António de Gouveia, 1592?-1677, S.J.

*Innocentia victrix sive Sententia Comitiorum Imperii Sinici Pro innocentia Christianae religionis lata juridicè per annum 1669.*

In Quam Cheu metropoli provinciae Quam tum in Regno Sinarum [i.e. Guang-zhou] : [s.n.], 1671. Encadern. chinesa em seda lavrada.

BGUC Cofre 38

**Gabriel de Magalhães** (*An Wensi*), 1609-1677

Depois de missionar em diversos locais, foi preso, torturado, condenado à morte e, finalmente, amnistiado e solto (1664-1665). Veio a fixar-se em Pequim, onde construiu autómatos e relógios para diversão do Imperador Kangxi.

Gabriel de Magalhães, 1609-1677, S.J.

*Nouvelle relation de la Chine contenant la description des particularités les plus considérables de ce grand empire.*

Paris : Claude Barbin, 1688.

BGUC V.T.-7-6-20

**Ferdinand Verbiest** (*Nan Huairen*), 1623-1688

Um dos mais prestigiados astrónomos jesuítas de Pequim foi encarregado pelo Imperador de reformar e de equipar com máquinas europeias um novo Observatório. Ele próprio foi construtor de vários dos instrumentos científicos.

Antoine Thomas, 1644-1709, S.J.

Carta acerca de la muerte del Padre Fernando Verbiest...

In: Phillipe Couplet, 1624-1693 - *Historia de vna gran señora, christiana de la China, llamada doña Candida Hiù...* En Madrid : En la Imprenta de Antonio Roman, 1691. P. 216-246.

BGUC 4-2-24-3

**Tomás** (ou Tomé) **Pereira** (*Xu Risheng* ou *Xu Moude*), 1645-1708

Foi professor do Imperador Kangxi e o introdutor da música europeia na China. Para além disso, este trecho sobre a vida de Buda condensa uma informação mais extensa por ele enviada de Pequim a Fernão de Queirós, que outrora conhecera em Goa.

Fernão de Queirós, 1617-1688, S.J.

*Conquista temporal e espiritual de Ceylão.*

1ª ed. Colombo : H. C. Cottle, 1916.

BGUC 9-(4)-3-5-1

**Martino Martini** (*Wei Kuangguo*), 1614-1661

Um jesuíta completo: historiador, teólogo, matemático, geógrafo e publicista da Companhia. Concebido a partir de fontes chinesas e jesuítas, o seu *Novus atlas Sinensis* foi o primeiro atlas da China publicado na Europa.

Martino Martini, 1614-1661, S.J.

*Atlas nuevo de la extrema Asia, o Descripcion geographica del Imperio de los Chinas* [Material cartográfico].

A Amsterdam : en costa y en casa de Juan Blaeu, 1659.

BGUC 4 A-20-10-7

**Antoine Thomas** (*Anduo Pingshi*), 1644-1709

Matemático belga que, em 1702, mediu na China o comprimento de um grau de longitude. Em 1705, mapeou a região de Pequim.

Defendeu que a liturgia pudesse celebrar-se em língua clássica chinesa.

*Longitvdes d'Avignon et de Conimbre déterminées sur les observations faites...*

«Journal des Sçavants». Paris (1679), p. 30-31.

BGUC 10-46-1

**José Soares** (*Su Lin*), 1656-1736

Fluente em português, em latim e em chinês. Traduziu diretamente do chinês para o português este “Édito da Tolerância” (1692) do Imperador Kangxi.

José Soares, 1656-1736, S.J.

*La libertad de la ley de Dios, en el Imperio de la China.*

Lisboa : off. de Miguel Deslandes, 1696.

BGUC 1-11-13-68

**António de Andrade**, 1580-1634

Superior da Missão de Agra, no Império Mogol, ouviu falar de vestígios de Cristianismo no longínquo Tibete. Empreendeu, então, a viagem a pé, sendo o primeiro europeu a atravessar os Himalaias, em 1624. Voltou no ano seguinte, acompanhado de Manuel da Veiga, autor deste relato.

Manuel da Veiga, S.J.

*Relaçam geral do estado da christandade de Ethiopia ... & do que de nouo socedeo no descobrime[n]to do Thybet, a que chamam, gram Catayo.*

Em Lisboa : por Mattheus Pinheiro, 1628.

BGUC R-1-8

## Japão

Em Macau, por 1589, escrevia-se sobre os jesuítas no Japão: “Sabemos que o nome da cidade de Coimbra (...) aparece com frequência nas conversas dos padres da Companhia de Jesus e que a saudade gostosa e a memória do Colégio Conimbricense, no qual muitos deles foram educados, se renovam repetidamente”<sup>1</sup>.

De Coimbra partiram os primeiros missionários para o Japão. E para a cidade do Mondego veio estudar Bernardo de Kagoshima (? -1557), o primeiro japonês a pisar solo europeu, em 1553. Também em Coimbra se imprimiram pela primeira vez na Europa caracteres de um texto em japonês. No regresso de Roma, a Embaixada dos Daimyôs passou por Coimbra. Daqui foi a primeira biblioteca europeia e, talvez, a primeira prensa tipográfica ocidental que imprimiu no país do Sol Nascente.

**Melchior** (ou Belchior) **Nunes Barreto** (*Ba Laiduo*), ca. 1520-1571

Doutor pela Universidade, foi “um homem de prodigiosa cultura”, que levou de Coimbra para o Japão a primeira biblioteca europeia digna desse nome. Acompanhou-o na viagem o aventureiro Fernão Mendes Pinto.

Fernão Mendes Pinto, 1514?-1583

*Peregrinaçam ...*

Em Lisboa : por Pedro Crasbeeck : a custa de Belchior de Faria, 1614.

BGUC 1-6-22-500

**João Rodrigues Girão**, 1558?-1629

Missionário natural de Alcochete, foi coautor das Cartas Anuas do Japão dos anos de 1604-1605, de 1606-1607 (que aqui se mostram), de 1609-

1 “*Vrbis Conimbricae nomen (...) crebris usurpatum sermonibus a patribus Societatis, scimus, collegique Conimbricensis, in quo multi ex illis educati sunt, iucundum saepe desiderium memoriamque renouari.*”

(Duarte de Sande – *De missione...* Colloquvium trigesimum primum, 1589).

1610 e de outras. Faleceu em Macau, a 15 de outubro de 1629 e não em 1633, como trazem muitos catálogos.

João Rodrigues Girão, 1558?-1629, e outro

*Litterae Iaponicae anni MDCVI Chinenses anni MDCVI & MDCVII...*

Antuerpiae : Ex Officina Plantiniana : apud Viduam et Filios Io. Moreti, 1611.

BGUC R-72-4

Mártir **Sebastião Vieira** (*Wei Aila*), 1572-1634

Foi procurador da Província de Macau, missionou nas Filipinas (1614) e foi eleito para ir a Roma (1623) como procurador da Província Japonesa.

Em 1629, voltou ao Oriente, levando 23 jesuítas de várias nacionalidades.

Bartolomeu Guerreiro, 1564-1642

*Gloriosa coroa d'esforçados religiosos da Companhia de Iesu mortos polla fe catholica...*

Em Lisboa : por Antonio Alvarez, 1642.

BGUC V.T.-8-9-4

Mártir **Francisco Borges Pacheco**, 1565-1626

Ainda em jovem, conheceu a história do seu tio, o Pe. Diogo de Mesquita, martirizado no Japão. Nomeado Provincial, em 1621, acabou por ser preso em Kuchinotsu, torturado em Arima e, finalmente, queimado vivo em Nagasaki.

Bartolomeu Pereira, 1588-1650, S.J.

*Paciecidos : libri duodecim ...*

Conimbricæ : expensis Emmanuelis de Carvalho, 1640

BGUC 4 A-16-36-12

Beato **João Batista Machado**, 1582-1617

Esta gravura em água-forte foi aberta por Pietro Miotte (fl. 1637-1656), em Roma, quase 30 anos depois de o Beato João Batista Machado ter sido martirizado no Japão, a 27 de maio de 1617.

António Francisco Cardim, 1596-1659, S.J.

*Fasciculus e lapponicis floribus, suo adhuc madentibus sanguine.*

Romae : Typis Heredum Corbelletti, 1646.

BGUC RB-37-35

## África

Desde o século XII, que o mito de um Reino cristão, governado pelo Preste João, atravessava a Europa e fascinava também os portugueses, desde o início da expansão. A Abissínia (atual Etiópia) foi atingida por terra pelo português Pero da Covilhã, entre 1491 e 1493.

As missões jesuítas àquele país, tentando converter o Negus, começaram em 1555, quando as diferenças entre o Cristianismo de Roma e a fé etíope já eram evidentes.

O esforço missionário jesuíta chegou também às praças portuguesas de Marrocos, aos reinos de Angola e do Congo, a Ormuz (atual Irão), a Moçambique e ao Monomotapa (atual Zimbábwe).

Dom **Gonçalo da Silveira**, 1521 ou 1523-1561

Filho do 1º Conde da Sortelha, foi para a Índia, em 1556, como Provincial.

Depois, para África, impulsionando as missões jesuítas em Gamba, Tongue, Inhambane e Monomotapa (Zimbábwe). Luís de Camões dedicou-lhe o Soneto 37 das “Rimas”.

Luís de Camões , 1524?-1580

*Rimas*. Acrescentadas nesta segunda impressão...

Em Lisboa : por Pedro Crasbeeck : a custa de Esteuão Lopez, 1598.

BGUC R-2-12

**Diogo de Matos**, 1588-1633?

Nasceu em Barcouço, perto de Coimbra, embarcou para a Índia em 1607 e passou à Etiópia, em 1620. Durante 7 anos, acompanhou o Rei Sūsenyōs

nas suas campanhas, mas foi preso e deportado para Goa, quando ele morreu.

Diogo de Matos, 1588-1633?, S.J.

Copia de huma Carta em que dà conta dos successos da jornada do Emperador da Etiopia contra os villoens de hasta.

In: Baltasar Teles, S.J., 1596-1675 - *Historia geral de Ethiopia a Alta, ou Preste Joam e do que nella obraram os Padres da Companhia de Iesus*. Em Coimbra : na Offic. de Manoel Dias, 1660. P. 475-477.

BGUC V.T.-8-8-5

Mestre **Andrés de Oviedo**, 1518?-1577

É lembrado como conselheiro espiritual de Francisco de Borja, que trouxe para a Companhia. Foi para a Etiópia como coadjutor do Arcebispo João Nunes Barreto. Sucedeu-lhe no cargo e foi Bispo titular de Hierápolis (Síria).

Nicolau Godinho, 1561?-1616, S.J.

*De abassinorvm rebvs, deque Aethiopiae Patriarchis Ioanne Nonio Barreto et Andrea Oviedo, libri tres*. Nunc primùm in lucem emissi. Lugduni : Sumptibus Horatij Cardon, 1615.

BGUC R-74-28

**Andrés Galdámez** (ou Galdames), 1517-1562

Tradutor de vários livros, Andrés Galdames, como era conhecido entre os portugueses, foi natural de Xerez de la Frontera (Espanha) e o primeiro jesuíta mártir da Etiópia, morto pelos turcos, no Mar Vermelho.

Francisco de Sousa, 1649-1712, S.J.

*Oriente conquistado a Jesu Christo pelos Padres da Companhia de Jesus da Provincia de Goa...*

Lisboa : na Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1710. 2 vol.

BGUC V.T.-10-7-9/10

## Brasil

A importância dos jesuítas para o Brasil foi enorme. Basta pensar-mos que a sua atividade missionária andou a par com a colonização, a urbanização e a sedentarização das tribos. Os seguidores de Santo Inácio ficaram ligados à fundação das cidades de Salvador (Juan de Azpilikueta), S. Paulo (José de Anchieta), Rio de Janeiro (Manuel da Nóbrega) e outras.

No vasto espaço brasileiro, também foram os jesuítas que conseguiram estabelecer uma língua indígena de comunicação, a “língua comum”, de que foram os gramáticos e os primeiros dicionaristas.

Até ao decreto de expulsão, o ensino na colónia brasileira dependeu quase exclusivamente dos Inacianos.

### **Manuel da Nóbrega**, 1519-1570

Nascido nas ilhas Canárias, obteve em Coimbra equivalência a bacharel em Cânones e Filosofia, em 1541, depois de ter frequentado 5 anos em Salamanca. Chefiou a primeira missão jesuíta ao Brasil.

Simão de Vasconcelos, 1597-1671, S.J.

*Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil e do que obrarão seus filhos nesta parte do novo mundo ...*

Lisboa : Na Officina de Henrique Valente de Oliueira, 1663.

BGUC V.T.-14-9-9

### Beato **Inácio de Azevedo**, ca. 1526-1570

Foi Visitador e depois Provincial da Companhia de Jesus no Brasil e o superior de um grupo que foi martirizado por corsários franceses, em julho de 1570, junto à ilha da Palma (Canárias).

[Duas cartas sobre a morte do padre Inácio de Azevedo].

In: Giovanni Pietro Maffei, 1533-1603, S.J. - ...*Historiarvm Indicarvm libri XVI : Selectarvm item ex India epistolarum...* Florentiae : apud Philippum Junc-tam, 1588.

BGUC 4 A-2-4-8

São **José de Anchieta**, 1534-1597

Natural de Tenerife, foi, ainda noviço, na armada de Duarte Góis para o Brasil. Foi o autor da primeira gramática da língua tupi. Foi recentemente santificado pelo Papa Francisco, em 2014.

José de Anchieta, S.J., 1534-1597

*Arte de gramatica da língua mais usada na costa do Brasil.*

Ed. facsimilar. São Paulo : Editora Anchieta, 1946.

BGUC 5-41-12

**Pedro Dias**, 1621-1700

Para a catequização dos escravos de etnia bantu de Salvador (Baía), os jesuítas tiveram de escolher (e de aprender) uma língua africana, o Kimbundu.

Pedro Dias, 1621-1700, S.J.

*Arte da lingua de Angola...*

Lisboa : na officina de Miguel Deslandes, 1697.

BGUC R-17-37

**Simão Marques**, 1684-1766

Chegou ao Brasil em 1702, foi Reitor do Colégio do Rio de Janeiro e aí ensinou Belas-Letras, Filosofia e Teologia. Este padre natural de Coimbra viria a ser preso e deportado para Itália, tendo morrido em Roma.

Simão Marques, 1684-1766, S.J.

*Sermaõ das Santas onze mil Virgens... prégado no real Collegio da Companhia de Jesu da Cidade do Rio de Janeyro...*

Lisboa Occidental: Off. de Miguel Rodrigues, 1733.

BGUC Misc. 237, N° 3957

